

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ANDRÉ AUGUSTO ANDRADE

FÉLIX D'ÁVILA E O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM SERGIPE (1958-1979)

ARACAJU – 2014

FÉLIX D'ÁVILA E O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM SERGIPE (1958-1979)

ANDRÉ AUGUSTO ANDRADE

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

PROF.^a DR.^a RAYLANE ANDREZA DIAS NAVARRO BARRETO

ARACAJU – 2014

FÉLIX D'ÁVILA E O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM SERGIPE (1958-1979)

ANDRÉ AUGUSTO ANDRADE

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira

Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento

ARACAJU – 2014

553f Andrade, André Augusto

Félix d'Ávila e o campo da Educação Física em Sergipe, (1958-1959) / André Augusto Andrade;
orientação [de] Profa. Dr.^a. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto – Aracaju - Se; 2014
196 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) – Diretoria de Pesquisa e Extensão,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes, 2013.

1. Educação Física. 2. História da Educação. 3. Educação. 4. Félix d'Ávila 5. Sergipe
I. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto [orientadora].
II. Universidade Tiradentes.

CDU:

37(813.7)(091)

Bibliotecária Alda Teresa Nunes de Freitas CRB-

5/1279

A José Luiz Andrade e Maria José da
Conceição Andrade, amorosos e
dedicados pais que sempre procuram
educar seus filhos por meio de
preciosas virtudes.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais José Luiz Andrade e Maria José da Conceição Andrade, que contribuíram profundamente em minha vida e em especial nos meus estudos. Eu acredito que sem vocês por perto esta etapa de minha vida dificilmente se concretizaria.

À Yasmin Rocha por me propiciar o constante aprendizado, mesmo ainda sem ter noção alguma, daquilo que considero o ser Pai.

Aos meus irmãos de sangue: Alberto Andrade, Adriano Andrade, Andrade Júnior. Tento muito me inspirar no melhor de cada um de vocês para continuar meus estudos.

À Elisângela Rocha Andrade que possui um dos graus mais elevados de paciência já vistos em um ser humano. Sem seus estímulos e suas virtudes este “rito de passagem” ficaria muitíssimo limitado. Obrigado por ser esta pessoa maravilhosa que vem me aturando nesta nossa curta passagem terrestre.

À Universidade Tiradentes que com seu Programa de Qualificação Docente procura investir no seu quadro de funcionários por meio de bolsas de estudos.

Ao professor Dr. Miguel André Berger pela esperança que depositou em mim. Obrigado pela oportunidade, querido Professor.

Meus respeitosos agradecimentos à banca qualificadora composta pelos Professores Dr. Cristiano de Jesus Ferronato e Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira cujas contribuições teóricas e metodológicas foram de suma importância para este trabalho.

A todos que compõem o Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura. Em especial agradeço a Alda Teresa, Cristina Cordeiro e Katherinne Santos pela alegria e presteza no atendimento aos pesquisadores. O ambiente acolhedor que vocês proporcionaram foi muito importante para a produção de minha pesquisa.

A todos os colegas do Curso de Educação Física da Universidade Tiradentes pelo incentivo dado nessa etapa de minha vida, como também pela compreensão nos momentos que não pude me dedicar por inteiro ao Curso.

À Maria de Fátima, colaboradora dedicada da Universidade Tiradentes pela presteza de seus serviços indispensáveis na manutenção e limpeza do bloco E do campus Farolândia. Obrigado, Dona Fátima, por sempre se mostrar tão solícita.

Aos meus queridos professores do Colégio de Aplicação – UFS. Todos vocês contribuíram de algum modo para que eu pudesse acreditar em meus sonhos.

Aos meus “escolhidos” irmãos: Jáder Soares, Ricardo Manoel, Fernando Ferreira, Elmar Aragão, Luiz Eduardo, João Augusto e Germano Araújo que nas noites de quarta-feira proporcionam momentos de lazer, música e reflexão acerca da vida.

Aos colegas do Mestrado, em especial ao “Professor” Augusto e Ana Nascimento por me darem apoio nestes primeiros passos trilhados no âmbito da História da Educação.

Ao professor José Américo Santos Menezes por ter disponibilizado no anexo de sua pesquisa as entrevistas concedidas, transcritas na íntegra. Sem dúvida alguma ali estão informações de suma importância que compõem um “pedaço” da História da Educação Física em Sergipe.

À Tereza Cristina Cerqueira da Graça pela simpatia ao me ajudar enviando um dos seus livros por e-mail, que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao professor Néviton Felipe por ter cedido seus arquivos em formato eletrônico contendo as transcrições das entrevistas feitas com Félix d’Ávila no ano de 2008. Sua pesquisa foi fundamental para meu trabalho.

A todos os entrevistados pela paciência de atender um pesquisador em formação.

À Maria Ieda Rosa dos Santos pela generosidade em se dispor a fornecer importantes detalhes acerca de seus serviços no Centro de Civismo Educação Física e Desporto da UFS.

À Melanie d’Ávila por intermediar de forma bastante cordial o encontro com seu pai.

Ao Professor Félix d’Ávila pela generosidade com a qual me recebeu em sua residência em São Paulo, por confiar em mim para contar trechos de sua vida e por me ensinar muito a respeito da Educação Física em Sergipe. Ouvi-lo foi um grande privilégio!

À professora Dr.^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto pela presteza, simpatia, delicadeza e orientações que foram de suma importância para o desenvolvimento dessa pesquisa. Sua inteligência e experiência acadêmica me proporcionaram momentos de reflexão e inspiração bastante enriquecedores, tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Obrigado por acreditar que eu poderia ir para muito além daquilo que eu achava ser possível. Espero poder ter condições de lhe retribuir algum dia todo este “crédito”.



Veja bem, eu acho eles estão muito certos quando dizem que eu fui autoritário. Não só fui como dentro da concepção do que seja uma pessoa autoritária eu continuo sendo, até hoje. Nunca deixei o poder decisório que me foi dado para outro decidir. Eu nunca transferi para ninguém a minha responsabilidade. E para arcar com essa responsabilidade eu sempre tive um pulso administrativo. Sempre fui autoritário. Se eu não fosse assim, eu não tinha conseguido o que foi feito. Se eu fosse um indivíduo que não soubesse dizer não e dizer sim, eu não teria feito nada em minha vida (FÉLIX D'ÁVILA, 1996).

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por este mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBSEBAWM, 1995, p.13).

RESUMO

Este trabalho de investigação teve como objetivo compreender a contribuição do professor Félix d'Ávila para o Campo da Educação Física em Sergipe, em meados do século XX. Para tanto, elegi como objetivos específicos: analisar a trajetória de vida de Félix d'Ávila e sua implicação na composição do Campo da Educação Física em Sergipe e interpretar os mecanismos de ação e produção de Félix d'Ávila para a consolidação desse Campo. Apoiando-me metodologicamente na pesquisa biobibliográfica, documental e na metodologia da história oral procurei analisar e interpretar Félix d'Ávila no Campo da Educação da Educação Física em Sergipe à luz dos conceitos de experiência de Thompson (1981), *habitus*, capital cultural, capital simbólico, campo e poder simbólico de Bourdieu (2004; 2012). Félix d'Ávila realizou seu curso superior de Educação Física na Universidade do Brasil entre 1955-1958, na condição de bolsista do governo estadual de Leandro Maynard Maciel. De volta a Sergipe, além de ter lecionado nos colégios Atheneu, Tiradentes, Pio Décimo, Jackson de Figueiredo e Salesiano Dom Bosco, atuou como cronista esportivo no jornal católico “A Cruzada”. Em 1961 Félix começou a trabalhar como Inspetor de Ensino, vinculado ao MEC, mas em 1963 foi transferido para Niterói. Além de agir como professor e inspetor, Félix passou a organizar competições esportivas na Guanabara e em 1969 coordenou os primeiros Jogos Estudantis Brasileiros. Ele também ministrou aulas nos Cursos Básicos de Atualização em Educação Física pelo Brasil, chegando a ser “Chefe da Seção de Estudos e Aperfeiçoamento da Divisão de Educação Física” do MEC, e em 1970 volta a Sergipe para atuar como diretor do Centro de Educação Física e Desporto, órgão suplementar da Universidade Federal de Sergipe. Nestes espaços sociais Félix d'Ávila não somente adquiriu capital cultural e experiência, que compuseram o seu *habitus*, como também poder simbólico, este último decisivo nos “tensionamentos” desencadeados com vistas a consolidar e legitimar o Campo da Educação Física em Sergipe.

Palavras-chave: Educação Física. Felix d'Ávila. Jogos Estudantis Brasileiros. Sergipe.

ABSTRACT

This research aimed to understand the contribution of Professor Félix d'Ávila for the Field of Physical Education in Sergipe, in the mid-twentieth century. For this, I chose specific objectives: to analyze the life trajectory of Félix d'Ávila and its implication in the composition of the Field of Physical Education in Sergipe and interpret the mechanisms of action and production of Félix d'Ávila to the consolidation of this field. Supporting me in biobibliografica methodologically, documentary research and methodology of oral history have tried to analyze and interpret Félix d'Ávila Field in the light of the concepts of experience Thompson (1981), habitus, cultural capital, symbolic capital, field and symbolic power Bourdieu (2004, 2012). Felix d'Avila studied Physical Education at the University of Brazil between 1955-1958, provided the government scholar Maynard Leandro Maciel. Back in Sergipe, and has taught in colleges Atheneu, Tiradentes, Pio Décimo, Jackson de Figueiredo and Salesiano Dom Bosco, he worked as a sportswriter in the Catholic newspaper "The Crusade". In 1961 Felix began working as a school inspector, linked to the MEC, but in 1963 was moved to Niterói. In addition to acting as a teacher and inspector, Félix began organizing sports competitions in Guanabara in 1969 and coordinated the first Brazilian Student Games. He also taught Basic Refresher Courses in Physical Education in Brazil, reaching the position of "Head Section for the Study and Improvement of Physical Education Division" of MEC and in 1970 back to Sergipe to act as director of the Center for Physical Education and Sport, supplementary service of the Federal University of Sergipe. In these social spaces Félix d'Ávila not only acquired cultural capital and experience, who composed his habitus, but also symbolic power, the latter turning in "tensions" triggered in order to consolidate and legitimize the field of Physical Education in Sergipe.

Keywords: Physical Education. Felix d'Avila. Brazilian Student Games. Sergipe

SUMÁRIO

Introdução – TÊNIS NO PÉ, CAMISETA E CALÇÃO – É HORA DO JOGO!.....	14
Capítulo um – DA EXPERIÊNCIA DE ATLETA NASCE UM PROFESSOR	35
1.1 Os pais do jogador	37
1.2 Experiências de atleta no tempo de estudante	47
1.3 Na ENEFD Félix começa a ensaiar suas jogadas	61
1.4 O Professor começa jogando bem	70
1.5 Félix d’Ávila e os Jogos Estudantis Brasileiros	93
Capítulo dois – AS “JOGADAS” DO MESTRE EM CAMPO	101
2.1 O Mestre retornou para Sergipe	105
2.2 Por que Félix foi escolhido?	111
2.3 O poder simbólico do Mestre	115
2.4 A equipe e os leigos no Campo	118
2.5 Félix e seus tensionamentos no Campo.....	126
2.6 Félix, o FASC e as federações esportivas	134
2.7 Félix e seu relacionamento com o poder	138
2.8 Tensionamentos no espaço social que afetaram o geográfico	145
Considerações finais – FÉLIX D’ÁVILA DEIXOU O CAMPO.....	155
REFERÊNCIAS	167
ANEXOS.....	183

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Luiz José da Costa Filho	38
Figura 2 – Alice Ferreira Cardoso.	38
Figura 3 – Acadêmicos da Federação das Academias de Letras do Brasil.	46
Figura 4 – Colégios chamados à inspetoria de Tiros de Guerra.	54
Figura 5 – Comissão de visita dos alunos da ENEFD.	66
Figura 6 – Notícia – Em Pé-de-guerra os alunos da Escola de Educação Física.	67
Figura 7 – Inauguração da sede do Vasco Esporte Clube em Aracaju, 1958.	78
Figura 8 – III Jogos Universitários Norte Nordeste. Acendimento tocha olímpica, 1961	90
Figura 9 – Encerramento do curso de voleibol.....	139
Figura 10 – Diretoria 1977 - 1979 da APEFES.....	153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEFES – Associação de Professores de Educação Física do Estado de Sergipe
CBD – Confederação Brasileira de Desportos
CCBS – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCEFD – Centro de Civismo, Educação Física e Desporto
CEFD – Centro de Educação Física e Desporto
CEMAS – Centro de Memória do Ateneu Sergipense
CMB – Colégio Militar de Brasília
CRUTAC – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária
DEF – Divisão de Educação Física
ENEFD – Escola Nacional de Educação e Desportos
FEB – Força Expedicionária Brasileira
F.S.D – Federação Sergipana de Desportos
F.S.H – Federação Sergipana de Handbol
F.S.V - Federação Sergipana de Voleibol
GA – Ginásio de Aplicação
GENNSP - Ginásio Escola Normal Nossa Senhora da Piedade
IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
JEB's – Jogos Estudantis Brasileiros
JUB's – Jogos Universitários Brasileiros
LSEA – Liga Sergipana de Esportes Athleticos
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PUC – Pontifícia Universidade Católica
SEC – Secretaria da Educação e Cultura
TAF – Testes de Aptidão Física
TG – Tiro de Guerra
UB – Universidade do Brasil
UFS – Universidade Federal de Sergipe

Introdução

TÊNIS NO PÉ, CAMISETA E CALÇÃO – É HORA DO JOGO!

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe (BOURDIEU, 2012, p. 188).

Disputas, brigas pelo poder, intrigas, oposições. Essas são algumas das palavras com as quais precisarei lidar constantemente neste trabalho acadêmico e confesso que essa não era minha intenção inicial. No entanto, parece que os caminhos trilhados na vida e nesta pesquisa me impeliram a isso. Na minha infância, quase sempre que brincava com meus primos, eu direcionava as atividades do mundo da fantasia de modo que eles se subordinavam a mim, então eu escolhia inicialmente as personagens dos desenhos animados da época, as quais imitávamos, para depois meus primos digladiarem. Possivelmente esta espécie de poder conseguido vinha de certa vantagem corporal e força física às quais eu, enquanto uma criança tosca, inexoravelmente e instintivamente recorria. Era uma luta pelo domínio da atividade pueril, constituída num espaço entre dominantes e dominados. Mal sabia eu que ali já se apresentava um dos principais conceitos que iria abordar nessa pesquisa, o de Campo.

Antes de tentar explicá-lo amiúde faz-se necessário puxar pela memória e trazer à tona como ocorreram minhas primeiras aproximações com a Educação Física, enquanto área, e de que maneira foi dado “o pontapé” inicial de investigação acerca do professor Félix d’Ávila com o Campo dessa área. Afinal a memória é, de fato, mais que um mero registro, pois ela objetiva-se “numa narrativa coerente que, em retrospectiva, domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos do real passado quando este foi presente, atuando como se, no caminho, não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento.” (ABRAHÃO, 2004, p. 15). Assim, a memória do narrador, como sendo reconstrutiva da significação de suas vivências, e os seus instrumentos de análise e interpretação são elementos que se imbricam e complementam para melhor compreensão de dimensões da realidade pesquisada, tanto na perspectiva pessoal/social do narrador, como na perspectiva contextual da qual esta individualidade é produto/produtora.

Minhas lembranças mais antigas relacionadas à Educação Física têm profunda relação com o meu pai, José Luiz Andrade¹, militar formado pela Escola de Sargentos das Armas, também graduado em Educação Física. Lembro-me, em meados da década de 1980, de ter participado de uma competição esportiva escolar, em atletismo, numa prova de arremesso de

¹ Há indícios de que José Luiz Andrade seja um dos primeiros professores de Educação Física com curso superior que chegou à cidade de Lagarto – SE, no início da década de 1980. Formou-se pela Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX), em 1973.

peso, e meu pai foi quem me ensinou as principais regras, além de ter me treinado técnica e fisicamente para a peleja. Fazíamos os treinos nas instalações de seu local de trabalho – o Tiro de Guerra 06/015², do município de Lagarto - SE – onde havia uma pequena estrutura física destinada às atividades físicas dos soldados, que por vezes era cedida também para a realização de eventos esportivos na cidade.

Outras experiências mais efetivas no âmbito da Educação Física começaram a acontecer no início da década de 1990, quando meu pai foi transferido para a cidade de Brasília - DF. Isso porque ser militar do Exército brasileiro propiciava, de tempos em tempos, mudanças, algumas vezes radicais na vida familiar. Foi assim quando tivemos que sair da cidade de Lagarto, interior de Sergipe, para morar na capital do País. Nestes casos de transferência de servidores públicos federais a lei permite que os filhos dos mesmos possam se matricular nos colégios militares sem a prestação de concurso, o que ainda hoje é obrigatório para os demais candidatos. Foi por isso que entrei para o Colégio Militar de Brasília (CMB).

Estudar no Colégio Militar naquela época foi uma experiência ímpar, algo completamente novo para mim. Pois minha família dificilmente saía da cidade e por conta disso eu vinha de “um mundo pequeno”, que permitia ir à escola a pé, cuja realidade interiorana vivenciada numa unidade escolar denominada “Ginásio Escola Normal Nossa Senhora da Piedade” (GENNSP) que apesar de ser, na época, a maior escola da rede particular do ensino na cidade de Lagarto, estava muito aquém dos diversos aspectos estruturais de um Colégio Militar, principalmente em um grande centro urbano, como era o de Brasília.

Sem dúvida uma parte de minha vida e consequentemente formação e memória foi composta no GENNSP. Minhas lembranças deste colégio incluem a rotineira iniciação das atividades escolares baseadas na padronização e formação por fileiras/colunas de todos os alunos no início da manhã, acompanhada pela preleção inicial da diretora, geralmente seguida por cantos, sermões e, por fim, preces. Após isso seguíamos enfileirados para a sala de aula e era severamente chamada a atenção de quem conversasse ou brincasse no meio do caminho. Já com relação às aulas de Educação Física, que na época não me agradavam, é impossível não lembrar novamente do senhor José Luiz Andrade, pois como ele possuía um segundo

² Os Tiros de Guerra (TG) são órgãos de formação de reserva que possibilitam aos convocados prestar o serviço militar inicial nos municípios onde estão residindo. Deste modo, os jovens convocados recebem instrução, conciliando-a com o trabalho e estudo. No Tiro de Guerra, o soldado deve permanecer por um período de 6 a 10 meses participando de atividades específicas das Forças Armadas. Ao término do período, o munícipe é classificado para o Exército Brasileiro como sendo reservista de 2ª Categoria (Combatente Básico de Força Territorial), apto a desempenhar tarefas limitadas.

vínculo empregatício na função de professor de Educação Física, neste mesmo estabelecimento, sempre procurava me incentivar além de mostrar como deveria ser realizado algum gesto motor adequado aos fundamentos das modalidades esportivas. Eu começava perceber que existia uma relação mútua estabelecida entre o contexto social vivido no cotidiano e as experiências singulares adquiridas por um indivíduo (VIEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Romper o cordão que me ligava à cidade de Lagarto, aos meus amigos de infância e ao colégio foi bastante difícil para um garoto nordestino do interior de Sergipe. Repentinamente, vi-me morando na capital do País, sem amigos, tendo que usar transporte coletivo para estudar no CMB, cuja área é de aproximadamente duzentos e quarenta mil metros quadrados, sendo considerado, neste quesito, o maior colégio do Brasil. Claro que um colégio deste porte tem um contingente educacional também elevado. Para ter uma pequena noção disso, lembro que somente na sétima série ginásial havia doze turmas nas quais o número de alunos, em cada uma delas, aproximava-se de trinta. Se por um lado eu tinha medo da magnitude da situação pela qual passava, por outro, começava a perceber a importância de trocar experiência com colegas, cujos pais também tinham sido transferidos de diferentes regiões do País, o que me propiciava uma aproximação maior com outras culturas e saberes.

Um colégio com estas dimensões geográficas e populacionais precisava agregar instalações compatíveis para as aulas de Educação Física. Neste sentido, o quadro de professores desta área, composto por civis e militares, tinha à disposição: campo de futebol com dimensões oficiais, pista de atletismo, piscinas com blocos de partida e demarcação de raias agregadas, mais de dez quadras poliesportivas, sala de esgrima, sala de judô, fatura de materiais esportivos, além de vestuários masculino e feminino para banhos e troca de uniformes. Se as instalações já me impressionavam bastante, as atividades por lá praticadas me fizeram experimentar uma nova maneira de perceber o corpo humano, pois todos os alunos eram obrigados a fazer testes de aptidão física (TAF's) que mensuravam nossa condição física geral por meio de provas de corrida de 12 minutos em percurso de 2400m, teste de resistência na barra fixa, teste de força com utilização de dinamômetro, execução de abdominais em tempo cronometrado, corrida de obstáculos, dentre outras atividades.

Além dos TAF's, outras vivências no Colégio Militar de Brasília me aproximaram ainda mais da Educação Física. Vêm à mente com mais clareza três destas experiências adquiridas naquele espaço social: 1– a vivência das aulas, pois naquela época havia uma espécie de rodízio das turmas de uma mesma série no qual os alunos experimentavam

diferentes modalidades esportivas, a exemplo de basquetebol, voleibol, futebol de campo, natação, tênis de campo, atletismo e até o “futebol americano” tive oportunidade de conhecer e jogar; 2 – a gestão dos eventos esportivos dentro do colégio também empolgava, já que anualmente o colégio desenvolvia seus jogos internos e era preciso organizar um grande número de alunos para competirem em diferentes modalidades esportivas; 3 – ter sido um aluno participativo nas competições escolares propiciou em algumas modalidades, a exemplo do voleibol, natação e atletismo, uma ampliação de minhas vivências motoras, além de compreender, na prática: as exigências técnicas das regras dos desportos, a vontade de vencer nestas pelepas, o sabor doce da vitória e a amarga tristeza da derrota. Eu começava a sentir na pele que na vida nem sempre é possível vencer e que o importante era continuar entrando “em campo” de cabeça erguida. Haja vista que “[...] não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade” (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Após dois anos morando em Brasília - DF, uma nova transferência de meu pai possibilitou o retorno de nossa família a Sergipe. No entanto, dessa vez, fixamos residência na cidade de Aracaju e eu passei a estudar no Colégio de Aplicação, localizado no município de São Cristóvão, dentro da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Como na época não havia ainda sede própria para o Colégio de Aplicação, as aulas eram realizadas no primeiro andar do prédio da didática III da aludida universidade. Já as aulas de Educação Física eram realizadas em suas dependências esportivas no contraturno, ou seja, para quem estudava pela manhã, a Educação Física acontecia no turno vespertino e vice-versa. Este fato implicava numa espécie de “turno integral informal” do colégio, pois a distância entre as cidades, a difícil mobilidade urbana e a falta de recursos financeiros compelia os alunos a esta dupla jornada precoce universitária. Esta rotina diária, vivida e sentida, dava origem continuamente à “experiência” na medida em que essa compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (THOMPSON, 1981a).

Os quatro últimos anos de minha formação básica, o que inclui o científico, foram no Colégio de Aplicação. Lembro-me das aulas de Educação Física com certa ledice, pois elas foram relativamente fáceis pra mim, já que minhas vivências anteriores no CMB haviam propiciado experiências motoras ampliadas em diferentes esportes. Este fato, inclusive, promovia pequeno destaque, tanto nas aulas de Educação Física, pois o professor desta disciplina, à época, utilizava alguns de meus gestos corporais para servirem como uma

espécie de modelo para que meus colegas de classe observassem e executassem, quanto em eventos esportivos locais, a exemplo dos Jogos Escolares do Colégio de Aplicação e dos Jogos da Primavera do Estado de Sergipe, evento esse regrado por toda uma simbologia a exemplo de: cerimônias de abertura, por vezes realizadas no estádio Lourival Batista; premiações com entrega de medalhas e encerramento identificando os colégios campeões no quadro geral de pontuação. Apesar de desconhecer as origens e seus idealizadores, minhas experiências de participação nesses jogos ajudaram a compor um pedaço importante de minha vida na medida em que me possibilitaram aprender mais sobre as modalidades esportivas, me estimularam a ser mais cooperativo através dos jogos coletivos e evidenciaram para mim a relevância do esporte enquanto fenômeno cultural da humanidade.

Apesar da experiência atlética no âmbito da Educação Física e com um pai com formação exemplar na área, meu primeiro vestibular prestado em 1996 foi para o curso de Ciências Contábeis. Acredito que os motivos que me levaram a esta fatídica escolha perpassam pelo fato de que um dos meus irmãos já fazia esse curso e, salvo engano, se tivesse escolhido prestar vestibular para a licenciatura plena em Educação Física, seria o único aluno do Colégio de Aplicação dentre as duas turmas de terceiro ano a optar por esta área. Não me imaginava atuando enquanto professor, ainda mais de Educação Física, pois minha relação com as atividades físicas esteve muito mais próxima do “fazer” que do “ensinar”. Talvez até eu já conseguisse perceber, em conversas informais com colegas e professores de outras áreas, alguns aspectos negativos de desvalorização profissional que pairam nestes Campos de atuação, a exemplo das perspectivas salariais, embora eu conseguisse identificar na docência traços de uma carreira marcada pelo conhecimento e intelectualidade.

O fracasso no primeiro vestibular me fez experimentar amargurados momentos de tristezas que ainda hoje machucam quando rememoro. No entanto, lembro-me que esses mesmos momentos propiciaram uma longa reflexão e muitas conversas em família nas quais eu procurei seguir um velho e sábio conselho de meu pai, qual seja: “Filho! Faça algo que você goste!”. Foi desta forma que surgiu minha opção pelo curso de Licenciatura em Educação Física para o vestibular da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1997. Minha graduação, porém, foi compartilhada entre o sistema público e o privado de ensino, pois após aprovação eu permaneci estudando lá até o primeiro semestre de 2002, quando passei em concurso público no Banco do Brasil e optei por assumir o cargo de técnico bancário, o que me impediu de participar das aulas, pois eram diurnas. Foi então que, por meio de transferência externa, adentrei na Universidade Tiradentes em 2003, pois oferecia o ensino

noturno, e concluí o curso no ano de 2005. O tempo total de oito anos na graduação e de experiência profissional avinagrada naquela instituição financeira me possibilitou, dentre outras coisas, o desejo pujante de ser professor e a necessidade de uma constante formação continuada. Por isso, não parei. Em 2006 concluí o curso de especialização *lato sensu* em Magistério Superior pela Universidade Tiradentes e no ano de 2009, outra especialização *lato sensu* em Metodologias do Ensino para Educação Básica pela Universidade Federal de Sergipe, experiências que, por certo, acompanham o docente em qualquer nível ou área de atuação.

No ano de 2011 decidi dar mais um passo na vida acadêmica e concorri a uma das vagas como aluno especial, no primeiro semestre daquele ano, na disciplina História da Educação, ministrada em parceria, à época, pelos professores Doutores Miguel André Berger e Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, e fui aprovado. No transcorrer dessa disciplina, entre muitas leituras semanais de livros elencados no conteúdo programático, orientações sobre artigos científicos, orientações sobre projetos de pesquisa, ouvi pela primeira vez o nome do professor de Educação Física “Félix d’Ávila”. A professora Raylane Navarro havia comentado com o intelectual, jornalista e historiador sergipano, Luiz Antônio Barreto, sobre um aluno dela que procurava uma temática para estudar e desenvolver seu projeto na linha de pesquisa “Educação e Formação Docente” no âmbito da Educação Física em Sergipe. Luiz Antônio Barreto sugeriu então o nome de Félix d’Ávila, por ser um professor ainda pouco estudado e que havia contribuído de maneira consistente para o cenário brasileiro e sergipano da área de Educação Física, haja vista, ter sido ele um dos primeiros professores desta área com nível superior no Estado, de ter participado ativamente da fundação do primeiro curso de formação de professores de Educação Física em Sergipe, além de ter sido também cronista esportivo.

Fiquei curioso e intrigado para entender: Porque eu, enquanto um ex-aluno do curso de Educação Física da UFS, não se lembrava de ter ouvido o nome do professor Félix d’Ávila no período de tempo no qual lá estudei? Com esta ideia em mente concorri e fui aprovado em 2012 no processo seletivo do Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT) na linha de pesquisa Educação e Formação Docente. Após anos “treinando” por meio de experiências docentes, seminários, congressos e cursos, eu finalmente sentia que estava preparado para entrar no “Campo” do *stricto sensu*. “Tênis no pé, camiseta e calção – É Hora do jogo!”. Foi então que, sob as orientações do professor Dr. Miguel André Berger, eu passei a levantar informações com maior precisão sobre o professor Félix d’Ávila em Sergipe, e após

o falecimento do historiador Luiz Antônio Barreto em abril de 2012, patrono da ideia, eu senti necessidade de honrar sua indicação, tentando prestar uma espécie de homenagem póstuma a este ilustre filho da cidade de Lagarto. Minha dissertação agora precisava de Félix d'Ávila e para isso eu devia compreendê-lo.

A partir desse momento e com o aval do professor orientador Dr. Miguel André Berger e depois da professora Dr.^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto³ eu estipulei dois protocolos iniciais, os quais fariam me aproximar mais da temática escolhida: 1 – localizar o professor Félix d'Ávila e alguns dos seus colegas contemporâneos, na tentativa de conseguir registrar entrevistas que pudessem subsidiar a pesquisa; 2 – catalogar fontes impressas que foram escritas pelo próprio Félix, ou trabalhos científicos que o mencionavam como forma de encontrar seus “rastros” no Campo. Localizá-lo não foi tarefa das mais simples. Percorri o departamento de Educação Física e o setor de recursos humanos da UFS, Federações Sergipanas de diferentes modalidades esportivas, mas somente fui conseguir um contato com o professor Félix d'Ávila através do Conselho Regional de Educação Física por intermédio do professor Gilson Dória, atual presidente da entidade.

Com relação ao primeiro protocolo, faz-se necessário ressaltar que foram realizados dois expedientes de entrevista⁴ nos dias 24 e 25 de outubro 2012 com o professor Félix d'Ávila em sua residência na cidade de São Paulo. Apesar do seu estado de saúde encontrar-se um pouco debilitado, ocasionado por uma fratura no fêmur, ele se dispôs, cordialmente, a me receber. Além do professor Félix, entrevistei⁵ também: Maria Ieda Rosa dos Santos, secretária da UFS na década de 1970; Antonio Gonçalves Lima, professor de Educação Física não graduado da década de 1960; Jairo Andrade Macedo, aluno do Curso Básico de Atualização de Educação Física no ano de 1974; Eurípedes Felizola, colega de escola de Félix d'Ávila na década de 1940 e proprietário do primeiro estabelecimento comercial a prestar serviços de condicionamento físico em Sergipe na década de 1960; Maria Edma de Barros, professora de Educação Física formada na década de 1960 e que compôs o primeiro quadro de docentes desta área na UFS; Sérgio Giansante, professor de Educação Física diplomado no final da década de 1950, que trabalhou com Félix por quase uma década em Sergipe; e o

³ No decorrer desta pesquisa o professor Dr. Miguel André Berger desligou-se do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes e por conta disso as orientações dessa pesquisa ficaram sob os auspícios da professora Dr.^a Raylane Navarro Barreto.

⁴ As gravações foram feitas com três equipamentos simultaneamente: Digital Voice Recorder da marca Polaroid, modelo PDR302; Câmera fotográfica da marca Sony, Cyber-shot modelo DSC-W570; e HandyCam da marca Sony, modelo DCR-SR45.

⁵ Todos os expedientes de entrevistas foram agendados antecipadamente, marcados em locais e horários que melhor conviessem aos entrevistados.

professor Jouberto Uchoa de Mendonça, atual reitor da Universidade Tiradentes, que conheceu Félix quando os dois trabalharam juntos, em Aracaju, no Colégio Pio X.

No tocante ao segundo protocolo, consegui localizar, inicialmente, três impressos que serviram de fonte para esta pesquisa, quais sejam: jornais que circularam em Sergipe entre 1958 a 1959, nos quais o professor Félix era articulista na seção esportiva no periódico católico denominado “A Cruzada”; a dissertação de mestrado em Educação da UFS, defendida em 1997, escrita pelo professor de Educação Física José Américo Santos Menezes, intitulada “Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história”, cujos anexos trazem depoimentos transcritos sob forma de entrevista de professores pioneiros na constituição deste curso; e a revista número 38/2009 do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na qual o professor Néviton Felipe da Silva desenvolve um artigo cujo título é “Professor Félix d’Ávila: 80 anos de uma história de poder a serviço da educação física”⁶.

“O Esporte em Marcha” era o título da seção assinada por Félix no jornal católico “A Cruzada”, cujas matérias localizadas foram impressas entre 24 de dezembro de 1958 e 26 de setembro de 1959. Logo no primeiro artigo ele informa que aquele espaço era destinado à emissão de seu ponto de vista ao focalizar os fatos relacionados ao esporte. Os temas tratados em seus textos englobavam assuntos relacionados aos esportes praticados em Sergipe, como por exemplo: o futebol, o basquetebol e o voleibol, e suas respectivas entidades federativas. Foi instigador perceber, logo nas primeiras leituras do jornal, que sua diagramação traz uma inovação imagética importante para a área da Educação Física, pois seu símbolo, a imagem do Discóbolo de Mirón⁷, passa a ser impresso identificando não somente os artigos de Félix d’Ávila no jornal, como também a seção denominada “Cruzada esportiva”. Este fato despertou-me interesse, pois até então essa imagem não se fazia presente nas edições anteriores do periódico, portanto havia uma clara intenção, por parte deste professor, de apresentar, iconograficamente, a área da Educação Física à sociedade sergipense.

O artigo do professor Néviton Felipe, publicado na revista 38/2009 do IHGSE, confeccionado como parte do processo avaliativo de uma das disciplinas do Programa de

⁶ A revista do IHGSE publicada em 2009 não disponibiliza, em seus anexos, os depoimentos do professor Félix d’Ávila concedidos em janeiro de 2008. Em contato com o autor do artigo publicado, ele gentilmente cedeu suas transcrições para o desenvolvimento desta pesquisa, as quais estarão disponíveis na íntegra neste trabalho.

⁷ Estátua do escultor grego Míron que representa um atleta momentos antes de lançar um disco. Apesar do Conselho Federal de Educação Física criar uma resolução apenas no ano de 2002, que normatizou a imagem como símbolo oficial da área no Brasil, a associação do discóbolo com a Educação Física antecede esta normatização e remete-se às olimpíadas na Grécia, haja vista que a estátua representa uma das modalidades esportivas mais conhecidas na antiguidade: o lançamento de disco.

Mestrado em Educação na UFS, também contribui para ampliar a quantidade de informações sobre o professor Félix, já que o entrevistador abordou aspectos gerais, tais como: infância; experiências com Educação Física na escola; e a escolha pelo curso superior de Educação Física. Apesar da abrangência, ou talvez por conta dela, sua pesquisa não abordou, com maior riqueza de detalhes, o início da trajetória profissional de Félix a partir de 1958. Exemplo disso é que as crônicas esportivas do jornal católico “A Cruzada” não são mencionadas em seu artigo, o que por certo também serve para melhor conhecer sua forma de perceber e atuar no Campo da Educação Física no Estado.

Néviton Felipe afirma que um dos motivos relacionados ao desenvolvimento de sua pesquisa reside no fato de que ele, enquanto estudante de graduação da UFS, havia escutado histórias e relatos, dos professores do Departamento de Educação Física, nos quais Félix d’Ávila era um nome frequentemente lembrado em diversas situações. No entanto, nestas lembranças, parecia haver alguns aspectos nos quais os docentes insistiam em não trazer à tona, a exemplo da afirmação: “Ele se considerava o dono do curso”. O pesquisador afirma que, de tanto ouvir histórias a respeito de Félix d’Ávila, havia criado uma “imagem” temerosa deste professor e por isso ele conta que sentiu receio ao tentar contatá-lo para realizar os expedientes de entrevista. Este “temor” e a “ojeriza” dos docentes deixaram-me em sinal de alerta, pois comecei a ficar intrigado também com as representatividades de Félix d’Ávila dentro da própria área da Educação Física. Aos poucos eu passei a construir meu objeto de pesquisa, que segundo Bourdieu (2012, p. 27) não é coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato inaugural, é, de fato, um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridas por o que se chama o ofício, quer dizer, este conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas.

Outro material que contém informações sobre Félix d’Ávila, já anunciado anteriormente, é a dissertação do Professor José Américo dos Santos Menezes (1997) cuja prudência de disponibilizar, em anexo, as entrevistas concedidas e transcritas na íntegra se consubstanciaram em documento que retrata um importante pedaço da história da Educação Física sergipana. Das 13 entrevistas contidas na pesquisa, aquela transcrita em maior número de páginas foi realizada com o professor Félix, e todas as demais referenciam seu nome, revelando-o deste modo como uma “peça central” no contexto referente à constituição do primeiro curso superior de Educação Física de Sergipe, para além da constituição do Campo. Nesse sentido, Félix d’Ávila representou um sergipano cuja atuação foi significativa para o

delineamento da Educação Física no Estado e a compreensão de sua trajetória profissional pode contribuir para a historiografia local.

Na análise e interpretação dos depoimentos concedidos para sua pesquisa, Menezes (1997) afirma que constatou “[...] uma profunda dissociação entre o reconhecimento da grande contribuição de Félix d’Ávila e o descontentamento de alguns professores com a sua forma autoritária de administrar [...]”. Segundo ele, os depoimentos evidenciam veementemente o exercício da autoridade nos primeiros anos de vida do curso de formação de professores de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. O pesquisador inclusive, ao contextualizar uma de suas perguntas acerca da administração do curso, expõe o seguinte: “Alguns professores afirmam que naquele momento vivia-se a dinastia de Félix d’Ávila [...]”. Estes fatos se tornaram relevantes, pois caracterizam uma espécie de *fides*, uma *auctoritas* à luz de Bourdieu (2012), um poder incorporado e exercido pelo professor Félix, o que me levou às seguintes indagações: De onde viria o poder e a autoridade de Félix d’Ávila no Campo da Educação Física em Sergipe? Estariam associados com sua trajetória de vida ou as posições que ocupou na carreira profissional ou mesmo de seu capital cultural? Tais indagações se tornaram, por certo, a problemática do meu processo de investigação.

Para compor o perfil biográfico de Félix d’Ávila eu precisei levar em consideração que

[...] a construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em consideração a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações [...] (BOURDIEU, 2006, p. 189-190).

Foi perspectivando acerca desta matriz de relações objetivas que, além das fontes supramencionadas, eu tentei aproximar-me um pouco mais da trajetória do professor Félix d’Ávila engendrando por outro viés. Para melhor compreendê-lo, passei a procurar trabalhos científicos que apesar de não fazerem alusão a ele, estavam relacionados (in) diretamente. Por exemplo, sua graduação superior se deu na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), então eu busquei dissertações/teses que trouxessem à tona esta temática. Sabendo que ele atuou como professor no colégio Atheneu Sergipense, procurei ler mais sobre esse colégio. Ele também foi professor do colégio Tiradentes, assim eu passei a investigar um

pouco mais sobre alguns aspectos históricos desta instituição. Todo este “garimpo” por informações foi importante para que eu pudesse ampliar minhas possibilidades de análises sobre a trajetória de vida de Félix d’Ávila a partir de suas experiências, dos contextos histórico-culturais e dos locais por onde passou e conseqüentemente se compôs. Isso porque:

[...] esses acontecimentos, se estão dentro do “ser social”, com freqüência parecem chocar-se, lançar-se sobre, romper-se contra a consciência social existente. Propõem novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à experiência – uma categoria que por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (THOMPSON, 1981a, p. 15).

A “experiência” é um dos conceitos que pretendo me valer nesta dissertação, pois penso que o professor Félix d’Ávila, no âmbito de sua trajetória profissional, pôde “experienciar” acontecimentos ligados diretamente à sua área, os quais o imbuíram de poder simbólico. Esse poder, por sua vez, afetou, conseqüentemente, a consolidação do campo da Educação Física em Sergipe em meados do século XX. O historiador Edward Palmer Thompson, em sua obra “Miséria da Teoria” (1981), além de expor críticas contundentes ao estruturalismo proposto por Althusser, ao afirmar que o mesmo negligencia o “diálogo” entre o ser social e a consciência social, discorre acerca da categoria experiência, pois ela permite ao historiador sair da armadilha do estruturalismo althusseriano que desconsidera a ação humana na história e tende a reduzir todos os acontecimentos sociais aos aspectos econômicos. Tal qual o Marxismo ortodoxo assim o faz (THOMPSON, 1981a).

Para Thompson (1981a), a experiência surge espontaneamente no indivíduo, no entanto, ela não surge sem pensamento. A experiência “brota” porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. O autor ainda afirma que

[...] ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é *determinante*, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados [...] (THOMPSON, 1981a, p. 16).

Neste sentido é através da experiência vivenciada em ações, no trabalho e na vida, que os homens (e mulheres) definem e redefinem suas práticas e pensamentos. Estas práticas e

pensamentos, por sua vez, podem originar costumes. Thompson, ao tratar dos costumes em comum na cultura dos trabalhadores no século XVIII e parte do XIX, recorre ao conceito de *habitus* de Bourdieu como sendo [...] um ambiente vivido que inclui práticas, expectativas herdadas, regras que não só impunham limites aos usos como revelam possibilidades, normas e sanções tanto da lei como das pressões da vizinhança (THOMPSON, 1998, p. 90).

Segundo Oliveira (2002) o conhecimento da obra do historiador inglês Edward Palmer Thompson, pode representar um incremento nos procedimentos de pesquisa em História da Educação no Brasil, mesmo não podendo caracterizá-lo enquanto historiador de Educação no sentido estrito do termo. No entanto, o pesquisador de História da Educação, ao contemplar a produção de Thompson, pode revigorar e aprofundar o debate em torno de questões referentes à história, à historiografia e à própria pesquisa em História da Educação em geral a partir deste expoente da história social inglesa. À luz de Thompson, Oliveira (2002) nos suscita não a singularização, a particularização ou a fragmentação absoluta, esquemas que têm sido vistos com recorrência na pesquisa histórica em Educação, mas o seu oposto, pois mesmo a agência de indivíduos singulares está marcada por um horizonte histórico inescapável: "Somos agentes voluntários de nossas próprias determinações involuntárias" (THOMPSON, 1981a, p. 101).

É pela experiência que os homens e as mulheres são retomados como sujeitos – não como sujeitos autônomos, ou “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas enquanto necessidades, interesses e antagonismos, para em seguida tratarem, de forma “relativamente autônoma”, esta experiência com sua consciência e sua cultura, das mais complexas maneiras, agindo, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981a, p. 182). Bertucci (2010), ao apoiar-se em Thompson, entende a cultura como lugar de transmissão de habilidades e produção de sensibilidades, sempre balizada pela noção de reciprocidade.

Outro ponto relevante a ser destacado, no ato de angariar mais informações (e também aspectos de sua cultura) acerca de Félix d’Ávila, refere-se aos sistemas de busca da rede mundial de computadores – a internet. A Fundação Biblioteca Nacional possui uma Hemeroteca digital que, além de tornar disponível para consulta uma importante parte da história contada através da imprensa periódica no Brasil, facilita a busca de informações, já que os sistemas de computador permitem a pesquisa específica por palavras nas imagens dos jornais digitalizados. Esses sistemas possibilitaram perscrutar dados, dos mais diversos, a respeito de sua trajetória profissional. Por certo procurei analisar a consistência e

fidedignidade dos mesmos contrastando-os, sempre que possível, com documentos oficiais e com as entrevistas também realizadas. Ademais, busquei também consultar professores de Educação Física e/ou pessoas ligadas ao esporte sergipano que o conheceram, a exemplo dos cronistas: José Eugênio de Jesus⁸; Viana Filho⁹ e Alceu Monteiro¹⁰. O levantamento inicial dessas informações diversificadas foi essencial, pois me forneceu subsídios para que pudesse maturar inicialmente as fontes a partir de um horizonte mais ampliado.

Minhas leituras acerca das fontes inicialmente encontradas fizeram descobrir que Félix d'Ávila é um dos profissionais que marcaram a área da Educação Física no Brasil e particularmente em Sergipe, entre os anos de 1958 e 1979. Numa rápida descrição de sua trajetória profissional, que se inicia no ano de 1958, é possível assim resumi-la: foi professor do colégio Atheneu Sergipense, fez parte do primeiro corpo docente do Colégio Tiradentes em Aracaju; foi cronista esportivo, como já ressaltado, num dos mais importantes e duradouros periódicos do Estado na primeira metade do século XX – o jornal católico “A Cruzada”; inspetor de ensino secundário do Ministério da Educação; diretor da Inspetoria Seccional de Educação Física do Ministério da Educação no Rio de Janeiro; idealizador dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's); atuou na diretoria do Vasco Esporte Clube em Aracaju. Ele também participou ativamente da implantação do Centro de Educação Física e Desporto¹¹ em 1970, que deu origem, posteriormente, ao primeiro curso superior de Educação Física em Sergipe, no qual Félix permaneceu como diretor desde sua fundação até o ano de 1979, quando ele se transferiu para a Universidade Federal do Paraná, onde ficou até sua aposentadoria no serviço público no ano de 1991.

Bourdieu (2006) pontua que não se pode compreender uma trajetória (isto é o envelhecimento social que, embora acompanhe de forma inevitável um indivíduo, é independente do envelhecimento biológico) sem que se tenha construído os estados sucessivos do Campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo Campo e

⁸ José Eugênio de Jesus é considerado decano da imprensa no Estado de Sergipe. Ele trabalhou na rádio Aperipê AM por mais de 40 anos, além de ter sido um dos fundadores e de ter presidido a ASI (Associação Sergipana de Imprensa) e a ACDS (Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe).

⁹ Francisco Viana Filho é professor aposentado da antiga Escola Técnica Federal de Sergipe. É conhecido na cidade de Aracaju por possuir o maior acervo particular sobre o futebol sergipano, além de ser um dos mais importantes nomes da crônica esportiva de Sergipe.

¹⁰ Alceu Monteiro é outro representante do jornalismo e radialismo local. Membro da Associação Sergipana de Imprensa. Seu enfoque profissional está alicerçado em crônicas esportivas.

¹¹ Órgão vinculado à Universidade Federal de Sergipe que tinha o intuito de atender o decreto-lei nº 705, de 25 de julho de 1969, que obrigava a prática da Educação Física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior.

confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Em outras palavras, para não correr o risco de uma “ilusão biográfica” condicionando a compreensão da história de vida de alguém a uma sucessão cronológica de acontecimentos que demarcam a sua vida, o que se deve é buscar nas trajetórias de vida suas relações, mobilizações, ações, em suma a matriz das relações objetivas entre os diferentes atores sociais contemporâneos.

A trajetória de vida de Félix d'Ávila, por conta dos diferentes cargos profissionais ocupados, da rede de relacionamentos construída a partir das suas atividades laborativas, as quais incluíam liderança, tomada de decisões e chefia, possibilitou-lhe o exercício do poder e, consequentemente, uma representatividade significativa no âmbito da Educação Física em Sergipe. Ele conseguiu exercer uma espécie de “poder simbólico” na sua área com proporções marcantes para a História da Educação (Física) no Estado e que ainda não foi desvelado amiúde. Isso porque, como já ressaltado, sua relação com o Campo da Educação Física antecede os primeiros cursos de formação para professores do ensino secundário no Estado e vai além¹², pois transcende o ambiente escolar e adentra outros espaços, a exemplo do Vasco Esporte Clube e do jornal “A Cruzada”. A opção pelo marco temporal que compreende os anos de 1958 a 1979 foi escolhida na tentativa de abarcar o período de maior longevidade de atuação profissional de Félix d'Ávila e que corresponde à legitimação e consolidação do Campo da Educação Física em Sergipe. Vale ressaltar que neste corte cronológico há um interstício entre os anos de 1963 a 1970 no qual, apesar de Félix não encontrar-se em solo sergipano, sua trajetória de vida, no então Estado da Guanabara, viria a impactar a consolidação do Campo da Educação Física em Sergipe.

Ressalto também que diferentes trabalhos científicos têm sido produzidos por pesquisadores no que concerne à História da Educação, e mais especificamente à Educação Física sergipana e que são, neste trabalho, primordiais para o melhor entendimento da trajetória de Félix. Alguns exemplos desses são: Menezes (1997), Grunennvaldt (1997), Grunennvaldt (1999), Nascimento (2001), Dantas Júnior (2003; 2008), e Manguiera (2003). No entanto, apesar das contribuições destes pesquisadores-professores de Educação Física, parece haver uma lacuna no que tange a publicações que abordem o “Campo da Educação

¹² O jornalista sergipano Osmário Santos publicou um artigo em formato eletrônico no ano de 2007, confeccionado a partir de uma entrevista realizada com Félix d'Ávila. No texto desse artigo Félix afirmou que além de ter atuado em Aracaju fazendo crônicas no jornal “A Cruzada”, no Rio de Janeiro trabalhou na “Revista do Rádio” cujo diretor era Anselmo Domingos, e na revista “Vida Doméstica”, também escrevendo crônicas. Nessa mesma entrevista Félix afirmou que ainda no Rio de Janeiro trabalhou na Rádio Cruzeiro do Sul, no programa “Cruzeiro pelos Teatros”, apresentado por Celso Garcia; e haja vista sua aproximação com a escrita, à época da entrevista estava com uma coluna cujos artigos, sobre Educação Física, Desporto e Lazer, eram publicados aos sábados em um periódico sergipano chamado “Jornal do Dia”.

Física” e suas relações de poder em Sergipe. Neste sentido, vale destacar que Félix d’Ávila vivenciou acontecimentos e presenciou conjunturas de quase toda a segunda metade do século XX no âmbito desta área de conhecimento, o que o evidencia como personagem, ator e partícipe de “uma página” da história da Educação Física em Sergipe. Assim, a presente pesquisa justifica-se enquanto tentativa de compreender de que forma Félix d’Ávila “jogou”¹³ no Campo da Educação Física em Sergipe.

Diante do exposto, tomo como objeto de análise desta pesquisa a constituição do Campo da Educação Física em Sergipe a partir da trajetória de vida de Félix d’Ávila. Parto do pressuposto de que o professor Félix d’Ávila “tensiona” a constituição deste Campo, haja vista que o seu capital cultural e simbólico, bem como a experiência acumulada ao longo de sua vida, trilhada não somente enquanto docente de sua área, mas também por cargos e ocupações de chefia, lhe proporcionou o exercício de poder simbólico diferenciado das demais personagens que o compunham a partir de meados do século XX. O conceito de Campo pode ser descrito como um conjunto de relações de forças objetivas impostas a todos os que entrem no espaço social considerado e que são irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes. Desta forma o Campo é um espaço social de relações, o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e, sobretudo, em tempo, pois “[...] ir de baixo para cima é guindar-se, trepar e trazer as marcas ou os estigmas desse esforço” (BOURDIEU, 2012, p. 137).

Neste sentido, para a consecução deste trabalho tomo como objetivo geral: compreender a contribuição do professor Félix d’Ávila para o Campo da Educação Física em Sergipe, em meados do século XX. Para tanto, elegi como objetivos específicos: Analisar a trajetória de vida de Félix d’Ávila e sua implicação na composição do Campo da Educação Física em Sergipe; e interpretar os mecanismos de ação e produção de Félix d’Ávila para a consolidação desse Campo.

O conceito de Campo de Pierre Bourdieu (2012) é de fundamental importância para a compreensão da consolidação da Educação Física em Sergipe. Isso porque, para este autor, a compreensão da gênese de um Campo está relacionada diretamente com a tentativa de

¹³ Bourdieu afirma que o *habitus*, como “sentido do jogo”, é jogo social incorporado, transforma-se em natureza, pois nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. As coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004, p. 82).

explicar os atos dos produtores e as obras por eles produzidas. Mas não basta apenas isso, é preciso também apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que sustenta esse Campo e do jogo de linguagem que nele se joga, sem perder de vista as coisas materiais e simbólicas que nele se geram. Assim, compreendo o Campo da Educação Física enquanto um espaço social estruturado no qual as pessoas que o compõem, disputam, trocam de posições, digladiam-se e “driblam”, tal qual acontece em um jogo de futebol de cuja metáfora me valho para compor este trabalho dissertativo. Assim a equipe que se revela mais habilidosa destaca-se, posiciona-se melhor e marca pontos, já os “menos preparados” não querem a subserviência, e por isso precisam lutar, “correr” atrás para conquistarem mais “espaço” e consequentemente conquistarem outras posições no Campo, no que aqui denomino de “jogo bourdieusiano”.

É preciso elucidar que ao tratar o Campo da Educação Física em Sergipe, na demarcação cronológica compreendida entre os anos de 1958 a 1979, busquei considerar a polissemia que as palavras “Educação Física” agregaram ao longo de sua historiografia. Desse modo, as ginásticas, recreação, as atividades físicas, a educação do físico, educação *physica*, os esportes, aparecem nesta pesquisa enquanto elementos constitutivos ou até mesmo enquanto sinônimos de Educação Física.

No âmbito de um Campo, enquanto espaço social multidimensional, os confrontos pelo poder são constantes e denotam as lutas entre os recém-chegados e aqueles que estão no domínio. Os primeiros tentarão romper as “cancelas” de entrada deste espaço, e os dominantes defenderão o domínio de monopólio adquirido em conflitos anteriores na tentativa de usufruir o poder, por vezes, simbólico. Esse último é compreendido por Bourdieu (2004) enquanto “poder de fazer coisas com palavras”. Neste sentido as disputas que ocorrem em um Campo buscam a subversão ou conservação da distribuição do capital específico. Para esta dissertação a associação da trajetória de vida de Félix d’Ávila com o Campo da Educação Física em Sergipe tem o escopo de procurar averiguar de que maneira se deram as relações objetivas de posições entre pessoas, agentes ou ocupantes que compunham o referido Campo, já que na segunda metade do século XX a Educação Física estava caracterizada, dentre outras coisas, por excesso de professores não diplomados e pela criação do primeiro curso superior dessa área na Universidade Federal de Sergipe, cuja direção ficou a cargo de Félix d’Ávila.

Segundo Bourdieu (2012) o poder simbólico é um poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos e daqueles que o exercem. Trata-se de um poder que, embora seja reconhecido e, portanto, legitimado, tem o seu arbítrio

ignorado. É um “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 14). O autor, em outro ponto da sua obra, exemplifica que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos”, mas se define numa relação determinada, e por meio dessa, entre os que exercem o poder e aqueles que lhe estão sujeitos. É um poder de crença que é produzida e reproduzida na própria estrutura de um Campo. Para explicar isso o autor utiliza-se da metáfora: “[...] o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subvertê-la, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 15). Dito de outro modo, o poder de um indivíduo sobre outro somente existe porque o segundo crê na existência do poder, não por conta da palavra de ordem de quem dita.

Como já sinalizado pelas entrevistas realizadas, a metodologia da História Oral também se fez necessário para a composição desse trabalho, pois, segundo Verena Alberti (1990, p. 5), ela “[...] privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu [...]”, além de possibilitar, neste caso, uma maior aproximação dos sentimentos dos “jogadores” que vivenciam a constituição do Campo da Educação Física e por certo “jogaram” com, ou contra Félix d’Ávila. Segundo Alberti (1990) é possível escolher o tipo de entrevista a ser realizado entre: as entrevistas temáticas ou as entrevistas de história de vida. As temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação dos entrevistados num tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo desde a infância até o momento em que fala. Nesta pesquisa optei pelos dois tipos de entrevista, pois ao entrevistar Félix d’Ávila tentei priorizar sua história de vida. Já para os demais personagens que conviveram com ele, em diferentes momentos de sua vida, foram adotadas as entrevistas temáticas. Vale frisar que, nas análises das entrevistas¹⁴, não me interessou o fato de os depoimentos serem verossímeis ou não, conforme pontua Teive (2008), interessa o fato de terem sido lembrados, de terem se perpetuado na história de suas vidas, de estarem presentes em seus esquemas de pensamento, passados tantos anos, e ainda norteando seu modo de pensar.

A escolha das fontes aqui sinalizadas tem o intuito de ampliar as possibilidades de compreensão do objeto e não se deu de forma aleatória, pois o tipo de pesquisa qualitativa que pretendi desenvolver e os meus objetivos me conduziram a elas. Sinteticamente foram

¹⁴ Fiz a opção de transcrever as entrevistas tal qual elas se apresentaram na tentativa de não interferir nas narrativas.

utilizados: matérias de jornais publicadas na época, monografias, dissertações, teses e artigos; documentos oficiais a exemplo de portarias, decretos e diários oficiais da União, além de fotos do acervo pessoal de Félix d'Ávila. Para analisar as entrevistas realizadas me alicercei nos conceitos de Habitus, Campo, Capital Cultural e de Poder Simbólico de Bourdieu e de Experiência de Thompson, visto que esses se revelam apropriados para uma melhor análise e interpretação do objeto investigado, bem como das fontes que se revelaram durante a pesquisa. Esses conceitos, por sua vez, me fizeram perceber que a trajetória de vida do professor Félix não estava desvinculada de um conjunto de relações que compõem o mundo social. Neste sentido, era preciso, pois, pensar relacionalmente. De modo que uma das dificuldades da análise relacional está, na maior parte dos casos, em não ser possível apreender os espaços sociais de outra forma que não seja a de distribuições de propriedades entre indivíduos (BOURDIEU, 2012, p. 29).

As fontes desta pesquisa foram “recrutadas” em diferentes locais: no Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGSE) eu obtive os jornais que circularam no Estado e que contêm publicações de Félix d'Ávila, diários oficiais do Estado e decretos estaduais; no Arquivo Público do Estado de Sergipe encontrei fichas de avaliação de Educação Física utilizadas nos estabelecimentos de ensino para autorizar a participação dos alunos nas atividades práticas correlatas; no Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura eu pude identificar sua passagem pelo Colégio Tiradentes, através de uma revista deste estabelecimento; no Centro de Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) localizei informações sobre seu exame de admissão no Atheneu Sergipense. Pela Fundação Biblioteca Nacional pude localizar informações em periódicos do Rio de Janeiro e do Paraná acerca do Curso Superior de Educação Física na Universidade do Brasil e de eventos esportivos nos quais Félix se envolveu.

Com o fim último de compreender a contribuição do professor Félix d'Ávila para o Campo da Educação Física em Sergipe, eu estruturei a dissertação de modo a procurar entender aspectos inerentes à sua trajetória de vida, e posteriormente busquei, também, interpretar os mecanismos de ação e produção de Félix que, por vezes, tencionaram a consolidação desse Campo. Para tanto a dividi em dois capítulos além da introdução e das considerações finais.

Na introdução me valho do título “Tênis no pé camiseta e calção – É hora do jogo!” enquanto metáfora na qual delinee o meu encontro com o tema, ao mesmo tempo em que me aproximo do conceito de Campo tratado por Bordieu. Procuro apresentar os principais

trabalhados publicados que fazem menção a Félix d'Ávila como também os aportes teórico-metodológicos com os quais me municio para abordar a constituição do Campo da Educação Física no Estado de Sergipe em meados do século XX. Enfatizo também alguns aspectos históricos ligados à área de Educação Física, dentro e fora do Estado, os quais possuem relação direta com sua trajetória de vida.

No primeiro capítulo, intitulado “Da experiência de atleta nasce um professor”, procuro mapear a trajetória de vida de Félix d'Ávila. A partir de sua estirpe, desvelo os colégios pelos quais estudou e tento perceber seu envolvimento inicial com as modalidades esportivas as quais lhe proporcionaram a experiência de atleta. Pontuo sua entrada no Curso Superior de Educação Física da Universidade do Brasil, as atividades universitárias nas quais ele se envolveu e o início de sua carreira profissional em Sergipe, no ano de 1958. Busco retratá-lo no contexto histórico inerente ao Campo da Educação Física em Sergipe, além de delinear seu “trânsito” pela sociedade sergipana nos eventos que participou até deixar a cidade de Aracaju, no início da década de 1960. Persigo sua carreira fora de Sergipe até o seu envolvimento com os Jogos Estudantis Brasileiros no ano de 1969.

O segundo capítulo recebeu o título de “As jogadas do mestre em Campo” e nele procuro interpretar os mecanismos de ação e produção de Félix d'Ávila que contribuíram para consolidar o Campo da Educação Física em Sergipe durante o período de 1970 a 1979. Intento desvelar os motivos que fizeram dele ser escolhido para a direção do Centro de Educação Física e Desportos da UFS. Busco também correlacionar suas ações no tocante aos eventos esportivos colegiais sergipanos e nacionais, bem como nos aspectos que envolviam os professores leigos atuantes na área Educação Física. Procuro analisar ainda seu envolvimento com as Federações Esportivas em Sergipe, além de suas ações para angariar recursos públicos federais que foram utilizados em instalações esportivas no Estado que até então eram precárias. Félix tencionou o Campo de Educação Física de tal maneira em Sergipe que até mesmo estruturas arquitetônicas, recentemente construídas à época, precisaram ser alteradas, como foi o caso do Estádio Lourival Batista. Em uma de suas últimas ações ao deixar Sergipe, em 1979, ele demonstrou suas intenções para consolidar o Campo da Educação Física fundando uma entidade de classe: A Associação de Professores de Educação Física do Estado de Sergipe – APEFES.

Nas considerações finais pontuo que Félix d'Ávila deixou o Campo, mas as jogadas do mestre no espaço social delineiam um pedaço da Educação Física em Sergipe, haja vista que suas contribuições permanecem. As experiências adquiridas, ao longo da trajetória de vida de

Félix, lhe imbuíram de um *habitus*, cujas práticas e representações forjaram nele um homem de ação, um “bom jogador”, um agente social que conhecia o “sentido do jogo” jogado no Campo da Educação Física. Por fim revelo que seu poder simbólico foi obtido ao término de um longo processo de institucionalização, pois Félix d’Ávila obteve reconhecimento suficiente, através de suas ações, mobilizações e cargos ocupados profissionalmente na área, para ter condição de “impor” reconhecimento. Dito de outra forma, seu poder simbólico emanava daqueles que compunham o próprio Campo da Educação Física em Sergipe.

Capítulo um

DA EXPERIÊNCIA DE ATLETA NASCE UM PROFESSOR

[...] Os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento) no “*habitus*” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda a produção cessaria [...] (THOMPSON, 1981 p. 194).

É na tentativa de compor os valores vividos por Félix d’Ávila que neste capítulo busco concatenar informações sobre sua trajetória de vida, almejando assim, compor e compreender traços de sua história. A partir disso o que objetivo é analisar sua implicação na composição do Campo da Educação Física em Sergipe. Retratar-lo a partir de fontes impressas, documentais e entrevistas possibilitou a construção de uma representação imagética, por vezes diferenciada da que tinham as pessoas que conviveram com ele. Por certo, trata-se de apenas um “olhar” biográfico daquele que procura pesquisar cientificamente. Assim, optei por realizar uma sucinta digressão que englobasse seus genitores, na tentativa de elucidar suas origens, sua linhagem e esclarecer o tipo de educação e o capital cultural por ele formado, buscando interpretar os privilégios sociais que seus pais lhe possibilitaram. Este percurso é fundamental para compreender a “experiência” atlética com a qual o professor Félix d’Ávila entrou no Campo da Educação Física sergipana em meados do século XX. Entendo capital cultural, a partir de Bourdieu, como sendo constituído pelos saberes, competências, códigos e outras aquisições que um indivíduo forma no decorrer de sua vida. Para Bourdieu (1998, p. 74-75), o capital cultural existe em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado, e sua acumulação inicial “começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural.” (BOURDIEU, 1979, p. 76). A este estado Bourdieu intitula capital incorporado. O capital objetivado, por sua vez, depende do capital incorporado e pode ser reconhecido pelos “bens culturais” do indivíduo. Já o capital cultural institucionalizado está condicionado à carreira escolar e pode ser percebido através dos títulos conseguidos. Para Bourdieu o capital cultural na sua forma incorporada é descrito como: “[...] um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*”. (BOURDIEU, 1979, p. 74).

À luz de Bourdieu (2004, p. 131) o *habitus* é o princípio gerador e ativo de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um Campo. De fato, trata-se do produto, em constante transformação, fruto de toda uma história individual constituída pelas experiências formadoras da primeira infância, como também de toda a história coletiva da família e da

classe. Este autor complementa afirmando que o *habitus* é também produto da interseção de séries causais parcialmente independentes e, neste sentido, o sujeito não é o *ego* instantâneo de uma espécie de *cogito* singular, mas o traço de toda uma história coletiva. Em suma, o *habitus* é princípio gerador, mas também é produto de um Campo e o sujeito, necessariamente, é o elo que os liga.

1.1 Os pais do jogador

Félix d'Ávila Costa nasceu em Aracaju, no dia 19 de janeiro de 1928. É filho do jornalista e jurista Luiz José da Costa Filho (Figura 1)¹⁵ com Alice Ferreira Cardoso (Figura 2), que também possuía graduação em Direito, mas que, segundo informações do próprio Félix, exerceu a profissão por um curto período de tempo. Em entrevista concedida ao professor Néviton Felipe, em janeiro de 2008, Félix afirma que sua mãe teria sido a primeira sergipana a possuir um curso superior na área de Direito, sendo a segunda uma mulher denominada Maria Rita Soares de Andrade¹⁶. Explorei livros, teses e dissertações de âmbito jurídico, no intuito de colher mais informações acerca de sua mãe, mas foi na rede mundial de computadores que localizei um artigo do jornalista sergipano Osmário Santos¹⁷, confeccionado a partir de uma entrevista concedida por Félix e publicada em 2007. A informação era de que sua mãe teria obtido a formação em Direito em Pernambuco. No entanto, foi em um impresso de 1920, do Rio de Janeiro, chamado “Jornal das Moças” que encontrei uma imagem da mãe de Félix vestida com beca, retratando sua formatura e noticiando-a enquanto “[...] inteligente senhora que acaba de bacharelar-se pela nossa Faculdade de Ciencias Juridicas e Sociaes” (AS QUE SE FORMAM, 1920, p. 35).

¹⁵ Imagem de perfil de Luiz José da Costa Filho, na qual é apresentado enquanto “O professor Dr. Costa Filho, secretário do Instituto Historico e Geographico de Sergipe”. Por ser a ilustração um recorte, o Anexo B deste trabalho refere-se à gravura completa. O número 4 ao lado direito de seu rosto significa um índice no qual cada imagem da seção na revista é identificada.

¹⁶ Maria Rita Soares de Andrade, sergipana, nascida em Aracaju, em 1904, foi a primeira mulher membro do Conselho da OAB, integrando o Conselho da Guanabara, assim como primeira juíza federal brasileira. Realizando sua formação em escolas públicas de Aracaju, foi para Salvador em 1923, tendo se formado na Faculdade de Direito da Bahia em 1926 (OLIVEIRA, 2009).

¹⁷ Osmário Santos atua como jornalista em Sergipe desde a década de 1960. Ele é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e possui pós-graduação *Lato Sensu* em Jornalismo Político e Econômico, pela Universidade Tiradentes. Um dos seus livros foi publicado pela editora Ós, em 2004, na cidade de Aracaju e chama-se: “Oxente! Essa é nossa gente”. Esse livro é fruto de entrevistas que o jornalista realizou com pessoas que fazem parte da história de Sergipe, cujo registro é disponibilizado já há 15 anos no “Jornal da Cidade”. Infelizmente a entrevista com o professor Félix d'Ávila foi realizada posteriormente à publicação do livro, mesmo assim seu nome surge no texto da obra quando o autor aborda aspectos da trajetória de vida do cronista esportivo Wellington Elias da Paixão, que foi colega Félix d'Ávila no Colégio Jackson de Figueiredo a partir de 1938.

Em outro impresso do Rio de Janeiro, publicado no ano de 1930, localizei a mesma imagem da formatura de Alice Cardoso cujas informações anexas imputavam a ela o título de primeira mulher sergipana que havia conquistado seu diploma na faculdade de Direito do Rio de Janeiro e que era reconhecida como uma “conceituada advogada em Aracaju, onde também exerce o magistério” (FON FON, 1930, p. 57).

Figura 1 – Luiz José da Costa Filho



Fonte: REVISTA DA SEMANA, edição 00038, p. 26, em 26 de outubro de 1918.

Figura 2 – Alice Ferreira Cardoso



Fonte: JORNAL DAS MOÇAS, publicado em 15.04.1920, edição 00252, p. 35.

Talvez a lembrança de Félix, relacionada a Pernambuco, tenha alguma associação com a informação de outro impresso publicado no ano 1912 – o jornal “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro – no qual há um despacho do Ministério de Justiça negando a uma mulher de nome “Alice Ferreira Cardoso” o pedido de matrícula gratuita na Faculdade de Direito do Recife (INTERIOR, 1912, edição 00229, p. 4). Outra fonte, a qual parece corroborar com as afirmações de Félix d’Ávila a respeito de sua mãe ter sido a primeira mulher a se formar em direito em Sergipe, foi encontrada na pesquisa desenvolvida por Freitas (2004) acerca das representações de ex-normalistas no período de 1920 a 1950, pois uma das depoentes, ao enfatizar sobre as mulheres sergipanas que exerceram importantes funções na sociedade e que foram formadas pela Escola Normal de Sergipe, afirma:

[...] A Doutora Maria Rita foi a primeira mulher a assumir, como é que eu quero dizer, a trabalhar como advogada... Ela não foi a primeira mulher a se formar, houve uma outra que se formou antes dela, mas casou e não exerceu [...] (LÍDIA, 1948 apud FREITAS, 2004, p. 114).

Consegui localizar também, em outro periódico do Rio de Janeiro, datado de junho de 1948, o nome de uma mulher chamada “Alice Ferreira Cardoso” solicitando a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil (NOVOS, 1948, p. 8). É possível tratar-se apenas de um homônimo. No entanto, nesse mesmo ano de 1948, Luiz José da Costa Filho vem a óbito, o que seria motivo para que ela requeresse a carteira com intuito de exercer a profissão. Vale ressaltar que Alice Ferreira Cardoso era viúva quando conheceu Costa Filho e que esse havia contraído matrimônio com Etodéa Simões da Costa.

Em um dos expedientes de entrevista que realizei com Félix d’Ávila, ele afirma que sua mãe também atuou, por pouco tempo, como professora do colégio Tobias Barreto, pois o fundador da escola, José de Alencar Cardoso, era primo dela e a convidou para lecionar naquele estabelecimento. Corroborar com sua afirmação o cruzamento das informações de que esse colégio tem sua fundação no ano de 1909, no município de Estância, com o fato de que a mãe de Félix, além de ser estanciana, possui o sobrenome Cardoso – o mesmo do fundador. Ademais, ao consultar a dissertação de mestrado em Educação da UFS do professor Francisco Igor de Oliveira Mangueira, defendida em 2003, intitulada “Collegio Tobias Barreto: Escola ou Quartel?”, que enfoca justamente o período “Alencariano” daquele colégio, identifiquei outra informação que parece convergir para o fato de que a mãe de Félix d’Ávila tenha não somente transitado naquele estabelecimento enquanto professora, mas também exercido cargo de confiança de bastante importância à época, pois entre a década de 1910 e meados de 1920, dentre uma lista de nomes que foram diretores do colégio Tobias Barreto estava o de uma mulher chamada Alice Ferreira Cardoso.

Félix d’Ávila também relatou sobre um episódio trágico ocorrido na sua família relacionado à morte acidental de uma de suas irmãs. Ele afirmou que na cidade de Aracaju, à época do acontecimento, os postes de transmissão de energia elétrica eram constituídos de ferro, e um fio sem a devida proteção ocasionou o acidente cujo fato foi registrado num jornal do Rio de Janeiro em 19 de agosto de 1931. A informação do periódico constava que a menina Alice, de 12 anos, filha da professora Alice Ferreira Cardoso, quando passava pela Rua São Cristóvão, tocou em um fio condutor de energia elétrica e veio a óbito instantaneamente “caindo em frente a sua residência” (SERGIPE, 1931, p. 13).

A memória de Félix d'Ávila, inclusive com riqueza de detalhes, a respeito deste ocorrido fúnebre, mostrou-me o quanto este fato marcou a vida de cada um dos seus entes familiares. Naquele ano de 1931, Félix estava com apenas três anos de idade e por isso era incapaz de afixar na memória minúcias do ocorrido “em frente à sua residência”. Talvez, à medida que ele crescia e os anos se passavam, o episódio era evocado pelos seus pais, numa tentativa de lembrar aos filhos dos cuidados que deveriam ter, em termos de segurança. Quiçá até a professora Alice Ferreira Cardoso houvera de se abster das carreiras do Magistério e do Direito para dedicar-se somente à de mãe em tempo integral.

Já no tocante às informações do pai de Félix d'Ávila, Luiz José da Costa Filho, apesar de ser um personagem mais conhecido na História Sergipana, com razoável quantidade de fontes impressas, ainda há carência de trabalhos científicos que o enfoquem em maior profundidade. Os impressos lidos até o momento acerca do professor Félix pouco aprofundam sobre aspectos históricos da vida de seu pai (e de sua mãe). Considerei importante fazê-lo, pois acredito, corroborando com Pierre Bourdieu (1997), que haja uma tendência na qual “porções” da cultura dos ascendentes sejam transmitidas paulatinamente de pai para filho nas experiências trocadas e na vivência diária, no modo de ser e de agir. Sobre isso, esclarece o sociólogo Bourdieu:

[...] a acumulação de capital cultural desde a mais tenra infância – pressuposto de uma apropriação rápida e sem esforço de todo tipo de capacidades úteis – só ocorre sem demora ou perda de tempo, naquelas famílias possuidoras de um capital cultural tão sólido que fazem com que todo o período de socialização seja, ao mesmo tempo, acumulação. Por consequência, a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a mais dissimulada forma de transmissão hereditária de capital [...] (BOURDIEU, 1997, p. 86).

Assim sendo, compreendo que o processo de socialização de um indivíduo inclui todas as experiências adquiridas no mundo social, assim, os costumes, hábitos e práticas familiares constituem um espaço privilegiado para os indivíduos engendrarem competências, identidades e disposições, bem como incorporarem representações do mundo e de si mesmos (ABRANTES, 2011). Para Bourdieu (1996), nesta mesma ótica encontra-se o já anunciado *habitus*, entendido como sendo um “princípio gerador e unificador das experiências vividas pelos agentes” em determinado espaço social, funcionando como “esquema de percepção, apreciação e produção de práticas”. No seio familiar, o autor visualiza este processo de *habitus* primário que consiste na inculcação de saberes e valores transmitidos pelos pais. Daí a

necessidade de encontrar e desvelar aspectos da trajetória de vida de Costa Filho, para entender o filho.

A fonte impressa com maior quantidade de informações encadeadas a respeito de Luiz José da Costa Filho foi o Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano¹⁸ (DBBS). Nele há informações de que o pai de Felix d'Ávila nasceu na cidade de Propriá, em 1886, e aos 18 anos começou a trabalhar para a redação do “Jornal de Sergipe”, revelando assim, desde jovem, qualidades de jornalista. Em 1906 viajou para o Rio de Janeiro, nessa época capital da República, onde ocupou o cargo de revisor da Imprensa Nacional, além de lá fundar o jornal “A Pátria” que circulou por um curto período de tempo. Ao regressar para Aracaju ele continuou a trabalhar com jornalismo fazendo parte simultaneamente das redações do “Jornal de Sergipe”, “Diário da Manhã” e “Correio de Aracaju” na sua primeira fase. No ano seguinte, em 1907, com apenas 19 anos, ele já frequentava a Tribuna das Conferências Públicas, discursando sobre assuntos diversos no Salão da “Sociedade Sergipense de Auxílios Mútuos Amparo das Famílias”¹⁹. Ainda nesse mesmo ano, enquanto estava na redação do “Correio do Aracaju”, fundou a revista literária, humorística e noticiosa chamada “A Redenção”, da qual saíram apenas 10 números, o primeiro em 16 de janeiro e o último em 31 de maio (GUARANÁ, 1925, p. 377-378).

O aludido jornalista também deixou seus escritos registrados na história sergipana. Os seus textos englobam ecleticamente assuntos que vão da publicação de poemas a participações em congressos nas áreas de geografia e história, passando pelo direito e pela política. A maior parte de seus escritos encontra-se em periódicos que circularam na sua época. Algumas de suas publicações, elencadas no DBBS, são:

- Alma de sol: poema. Aracaju, 1905, 9 págs. in. 8º pq. Tipografia Comercial. Foi a sua estréia.
- Amém: poema das planas. Aracaju, 1905, 18 págs. in. 8º pq. Tipografia Comercial.

¹⁸ O Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano é uma obra que reúne mais de 640 biografias dos mais ilustres sergipanos detalhando aspectos de suas trajetórias dentro e fora de Sergipe, como um testemunho para a posteridade. É por isso uma fonte de referência cotejada com informações diversas que chama a atenção para a fertilidade intelectual do estado. O Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano, de Armino Guaraná (1925), tem sido, em mais de 80 anos de circulação e uso, uma das principais fontes para o conhecimento biográfico dos sergipanos, tais como bacharéis em Direito, médicos, engenheiros, militares, farmacêuticos, agrônomos, que galgaram o destaque intelectual, empresarial e político.

¹⁹ Foi fundada em oito de dezembro de 1901. Em Sergipe, nos primeiros anos do século XX, havia também: Sociedade Monte-Pio dos Artistas, Sociedade Socorros Mútuos e a Sociedade União Proletária. Segundo Silva Jr (2004), essas sociedades se constituíam enquanto organizações com caráter assistencialista cujo principal objetivo era ajudar os associados em caso de doenças, invalidez, desemprego, pensões para viúvas, dentre outras coisas.

- A Teleologia na História. No “Jornal de Sergipe” de 8 a 15 de agosto de 1909.
- Marechal Hermes da Fonseca: conferência proferida na sede do “Jornal de Sergipe”, na noite de 29 de agosto de 1909. No “Jornal de Sergipe”, de 2 a 9 de setembro seguinte.
- Aspectos políticos. No “Diário da Manhã”, de 19 a 20 de janeiro de 1912.
- As loucuras de Nietzsche e o contágio delas. No mesmo jornal de 3 a 7 de março de 1912.
- Cartas Políticas. No mesmo jornal de 17, 21 e 28 de julho; 1 de agosto de 1912.
- A sociedade através dos séculos. Idem, de 15 e 17 de novembro de 1912.
- Propaganda da borracha. O ouro elástico. No “Diário da Manhã”, de 21 a 27 de dezembro de 1912.
- O governo nos Estados livres. (Dissertação). Tip. do “O Estado de Sergipe”.
- Aracaju, 1912, 12 págs. in. 8º pq.
- A Liberdade e a Igreja. Aracaju, 1912, 21 págs. in. 8º pq. Tip. do “O Estado de Sergipe”.
- A Vida do Direito. (Com uma carta do Conselheiro Felinto Bastos). Bahia, 1913, 19 págs. in. 12º. Tipografia Baiana de C. Melquíades.
- O Santo Governo. Bahia, 1913, 21 págs. in. 8º pq. Não indica a tipografia onde foi impresso.
- Discurso pronunciado no dia 28 de junho de 1914 na solenidade da colocação do retrato do Desembargador Manoel Caldas Barreto no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. No “Diário da Manhã”, de 2 de julho, em resumo.
- Carta à Assembléia Legislativa do Estado Federado de Sergipe. No “Diário da Manhã” de 28 de julho de 1914 [...] (GUARANÁ, 1925, p. 380).

Algumas informações de Luiz José da Costa Filho constantes no DBBS não puderam ser conferidas com maior apreço em virtude da dispersão de fontes as quais lhe dizem respeito. Outro fator complicador está relacionado ao nome do avô de Félix d’Ávila, pois neste impresso a ascendência de Luiz José da Costa Filho é abordada de forma bastante sucinta: “Filho de outro de igual nome e D. Maria dos Prazeres Costa [...]” (GUARANÁ, 1925, p. 377). A coincidência de nomes gerou certa confusão ao se tentar cotejá-las. No entanto, o jornal “A época” do Rio de Janeiro, publicado em 18 de março de 1913, traz algumas informações pertinentes para aqueles que desejarem enveredar com maior propriedade acerca da genealogia da família Costa.

No tocante à carreira política de Luiz José da Costa Filho, o DBBS indica que ele teria: “[...] iniciado cedo com mandato de deputado estadual na legislatura de 1912-1913, tendo feito parte da mesa como segundo secretário, e em 1913 serviu interinamente como procurador da República, por nomeação em 8 de novembro de 1913[...]

(GUARANÁ, 1925, p. 378). Não foi possível localizar informações acerca dessa nomeação para procurador da República. No entanto, encontrei no “Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional,

Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1913”²⁰ uma relação de deputados da “Assembleia Legislativa Estadual” com o nome de Luiz José da Costa Filho (ALMANAK, 1913, p. 1853). A princípio pensei tratar-se de um homônimo, pois seu nome estava acompanhado da patente de “Major” e nenhuma das fontes lidas até o momento haviam feito quaisquer referências marciais.

A curiosidade levou-me a encontrar um Diário Oficial da União de 30 de novembro de 1910 no qual o nome “Luiz José da Costa Filho” aparece vinculado ao 323º Batalhão de Infantaria da Comarca do “Rio Grande” do Estado da Bahia, no posto de “Major Fiscal do Estado Maior”. Percebi também que alguns dos outros deputados também estavam designados enquanto oficiais militares, e que o então governador do Estado de Sergipe era o general José de Siqueira Menezes. Talvez o governador utilizasse algum tipo de taxionomia “militarista” para designar aqueles deputados que houvessem transitado pelo Exército e que compunham a Assembleia Legislativa nos idos de 1913. Dentre os 24 deputados que compuseram a Assembleia Legislativa em 1913 havia nove militares, um padre, um farmacêutico, cinco foram adjetivados enquanto “Doutores” e os seis restantes foram identificados apenas pelos seus nomes próprios. (ALMANAK, 1913, p. 1853).

O DBBS indica ainda que Luiz José da Costa Filho conseguiu, em 1914, autorização para abrir um escritório de advocacia em Aracaju, mesmo antes de concluir sua formação, a qual fora obtida apenas no ano de 1917 pela Faculdade de Direito da Bahia. Na época isso era possível com a concessão do Tribunal da Relação do Estado, de uma espécie de provisionamento ao interessado. Noutra fonte, datada de 1915 (ALMANAK, 1915, p. 1866), encontrei uma informação que corrobora com a primeira, pois dentre os advogados que atuavam em Sergipe naquele ano estava o nome do “Dr. Luiz José da Costa Filho” cujo escritório ficou localizada à rua Maruim, isto entre os anos de 1915 e 1928, de onde mudou-se para a Rua Itabaianinha, em 1929, permanecendo por apenas um ano, e a partir de 1930 ficou sediado na avenida Rio Branco. Possivelmente isso aconteceu na medida em que ele foi se notabilizando na área do Direito.

O pai de Félix d’Ávila também atuou na docência. O Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano informa que ele foi nomeado por decreto de 09 de outubro de 1916, na função de professor adjunto de História e Geografia do colégio “Atheneu Sergipense”. Tomando como fidedigna esta informação e cruzando com as consultas no Almanak Laemmert (1926, 1927,

²⁰ Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Obra estatística criada em 1844 por Eduardo Von Laemmert.

p. 1125, 1126) pode-se afirmar que ele permaneceu lecionando naquela instituição escolar por cerca de uma década, haja vista que seu nome aparece na lista de 1926, como professor substituto de “Geographia e Historia”. E em 1927 ele aparece no cargo de professor “cathedrático” de ‘Historia do Brasil’, concomitantemente ao de substituto.

Segundo Nascimento (2004), no final da década de 1920 esse colégio oferecia o curso ginásial preparatório para cursos superiores e o seu corpo docente reunia o que se tinha de melhor em Sergipe, sendo composto majoritariamente por homens formados em direito e medicina. Por certo o pai de Félix d’Ávila estava dentre os docentes desse colégio. Alguns exemplos são: Arthur Fortes, que lecionava História Universal; o escritor Clodomir de Souza Silva, a cargo da disciplina Português; e o médico Augusto Cesar Leite, que lecionava Higiene. Vale frisar que enquanto lecionou no Colégio Atheneu, Costa Filho dedicou-se também ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe na função de primeiro secretário nos anos de 1918 e 1919 (ALMANAK, 1918, 1920, p. 2753, p. 1416).

Ao tratar dos aspectos relacionados à vida do jornalista Costa Filho nesta pesquisa, fiz a opção de utilizar as informações do DBBS enquanto um “norte” ou ponto de partida, no intuito de colher elementos relevantes acerca de sua trajetória pessoal e profissional que, de alguma forma, iriam impactar na formação de seu filho Félix d’Ávila. Procurei, sempre que possível, correlacionar esta fonte com outras, perscrutadas em diferentes impressos, prioritariamente os jornais que circularam no Rio de Janeiro. Por se tratar de um centro econômico e político mais desenvolvido que Sergipe, no início do século XX, os jornais poderiam evidenciar a amplitude de sua carreira. Os periódicos do Rio de Janeiro contribuíram para confirmar a maior parte das informações do DBBS, as quais buscavam valorizar sua intelectualidade, os títulos profissionais e as suas obras publicadas. No entanto, foram localizadas também informações que não coadunam e até certo ponto maculam a imagem trilhada pelo jornalista em Sergipe e no Brasil. Exemplo disso pode ser encontrado no jornal *Gazeta de Notícias*, no mês de outubro de 1918, em matéria que traz uma desavença entre ele e um de seus clientes (ADVOGADO, 1918, p. 5).

Em outubro de 1920, numa reunião entre as congregações das faculdades de Medicina, de Direito e da Escola Polytechnica para discutir, dentre outras coisas, o projeto de regulamentação da Universidade do Rio de Janeiro, o nome de Luiz José da Costa Filho é mencionado enquanto presidente do Instituto Histórico Geográfico de Sergipe e indicado a receber congratulações, na cidade de Aracaju, pela inauguração da estátua de bronze do jurista, escritor e poeta, além de professor da Faculdade de Direito do Recife, Tobias Barreto

de Menezes, morto em 1889. A indicação não foi submetida à votação, mas sim aprovada por aclamação (PROJECTO, 1920, p. 3).

Tomei como importante a notícia anterior, pois ela evidencia, de certa forma, aspectos relacionados ao reconhecimento público que o pai de Félix d'Ávila possuía no meio intelectual. Ou seja, as ações que Costa Filho havia realizado em Sergipe, ao perpetuar a memória de Tobias Barreto por meio do bronze de uma estátua, fizeram com que ele fosse lembrado e prestigiado em meio às discussões do projeto de regulamentação daquela Universidade. Prestígio, reputação, fama, distinção, dentre outras coisas, são palavras geralmente utilizadas para designar aquilo que, à luz de Bourdieu (2002), chama-se capital simbólico. Para este autor o capital simbólico é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital, que por sua vez tendem a influenciar os descendentes, pois todos os indivíduos carregam consigo uma espécie de “bagagem social” herdada. A de Félix parece não indicar uma linhagem humilde.

Em 1923, Costa Filho amplia seu reconhecimento público, enquanto escritor e orador, para além das fronteiras de sua terra natal, o que pode ser observado no jornal “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro que expõe uma pequena nota titulada “Uma gloria alagoana”. O texto do impresso informa sobre o discurso com qual “o notável sergipano Dr. Luiz José da Costa Filho tomou posse na Academia Alagoana de Letras.” A peça oratória tratava-se de um estudo ‘bio-bibliográfico’ do grande vulto alagoano Dr. Manoel Joaquim Fernandes de Barros. A nota era encerrada com elogios a predicados ‘intellectuaes de seu ilustre autor’ (UMA GLORIA, 1923, p. 4). Esta homenagem também consta no DBBS. No entanto, nesse impresso indica-se a data de 28 de setembro de 1921 para o mesmo evento. O destaque intelectual de Costa Filho o fez ser reconhecido enquanto um dos renomados homens literatos que ocupariam a cadeira de numero 11 da Academia Sergipana de Letras. Em 1929, o jornal “O Paiz”, do Rio de Janeiro, noticia a sessão solene realizada no palacete do coronel José da Silva Ribeiro, cuja recepção teve “numerosa e selecta assistência” (CARTA, 1929, p. 7).

O Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano ainda aponta que o mérito de Costa Filho transcende a região nordeste do Brasil e atinge o velho continente na Europa. Nesta pesquisa não foi possível averiguar amiúde cada uma das informações presentes nesse impresso, até porque para algumas delas não há discriminação de datas. Alguns exemplos são as entidades nas quais Costa Filho participou enquanto sócio ou membro, pois no impresso não há indicação cronológica das suas mobilizações. São elas: sócio do grêmio beneficente da Faculdade de Direito da Bahia; membro correspondente da Sociedade Acadêmica de História

de França, e da Academia Latina das Ciências, Artes e Belas Letras, em Paris; sócio efetivo da Sociedade de Ciências da Itália e da “Academia Físico-Química Italiana” de Palermo, da qual tem medalha de ouro de mérito científico; sócio efetivo do “Instituto” do Ceará e dos “Institutos Históricos e Geográficos” do Espírito Santo e de Minas (GUARANÁ, 1925).

Em uma das minhas entrevistas com Félix d’Ávila, ele havia dito que seu pai também foi o primeiro inspetor do trabalho de Sergipe. No Diário Oficial da União (DOU) datado de 23 de outubro de 1933, consta a nomeação de Costa Filho no cargo de fiscal do trabalho. De acordo com o DOU, o diretor geral do Departamento Nacional do Trabalho é comunicado, via telegrama de número 701, que o delegado fiscal do Tesouro Nacional no Estado de Sergipe deu posse no dia 11 de outubro ao Bacharel Luiz José da Costa Filho, cuja nomeação foi feita através da portaria de 25 de agosto de 1933 (DOU, 1933, p. 23). Três meses depois ele é lotado para servir na 10ª Inspetoria Regional com sede em Sergipe, conforme nota do Diário Oficial da União (DOU, 1934, p. 28).

Independente do cargo de inspetor regional do trabalho em Sergipe há de se destacar que a trajetória intelectual do jornalista Costa Filho propiciou seu envolvimento na Federação das Academias de Letras do Brasil. A Figura 3 foi obtida de um impresso chamado Revista da Semana, publicada em 24 de maio de 1941 na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 3 – Acadêmicos da Federação das Academias de Letras do Brasil



Fonte: REVISTA DA SEMANA, edição 00021, p. 38, em 24 de maio de 1941.

Dentre os acadêmicos da Federação das Academias de Letras do Brasil, está Costa Filho (da direita para esquerda é o segundo acadêmico sentado). Com isso pode-se perceber o seu trânsito no pequeno e seletivo grupo de homens que faziam parte do “alto escalão” da instituição nacional representativa por todas as Academias Estaduais no País.

1.2 Experiências de atleta no tempo de estudante

O que se pode perceber também é que quando Félix d’Ávila nasceu, em 1928, seus pais já haviam transitado por importantes espaços no âmbito da sociedade sergipana. Por certo eram pessoas com arcabouço intelectual privilegiado e também possuíam recursos financeiros que possibilitaram ao filho uma educação diferenciada, tanto vinda dos próprios hábitos dos genitores, como também no âmbito formal do ensino. Tanto é que o garoto Félix tem no Colégio Tobias Barreto, instituição da rede particular e sediada em Aracaju nessa época, o início de seu curso primário no final da década de 1930. Segundo Manguiera (2003) o Colégio Tobias Barreto, desde sua fundação em 1909, na cidade de Estância, atendia prioritariamente a elite sergipana. Outra característica marcante desse colégio estava relacionada ao trato comportamental dado aos seus alunos, caracterizado por elementos inerentes à caserna, como por exemplo: disciplina rígida, exigência de uniformes, exercícios físicos de instrução militar e apresentações públicas em datas comemorativas, fossem elas de ordem religiosa ou cívica. Uma notícia do Jornal carioca “Correio da Manhã” de 1933 evidencia um pouco deste entrelaçamento da cultura militar com os alunos do Colégio Tobias Barreto. Tratava-se de uma comemoração ocorrida no quartel do 28º Batalhão de Caçadores referente ao seu décimo primeiro aniversário. Na solenidade, a Força Pública do Estado e os alunos do Tobias Barreto participaram de uma formatura que contou com a presença de autoridades civis e militares (A DATA, 1933, p. 7).

Félix d’Ávila, apesar de ter cursado apenas o primeiro ano do curso primário, teve nesta escola suas primeiras experiências escolares. Segundo Manguiera (2003), o diretor e fundador do colégio, professor José Alencar Cardoso, fez um esforço intelectual de mediação entre a aplicação do método intuitivo²¹, naquilo que ele representava de experimentação para

²¹ Segundo Souza (2011), o método intuitivo é um instrumento pedagógico criado em meados do século XIX com vistas a reverter a ineficiência do ensino escolar. Sua inovação consistia na colocação de fatos e objetos para serem observados pelos alunos, criando situações de aprendizagem na qual o conhecimento não era meramente transmitido e memorizado, mas emergia no entendimento da criança a partir dos dados inerentes ao objeto. Um dos alicerces fundamentais do método intuitivo está na educação por meio dos sentidos (audição, paladar, tato, visão e audição) e das maneiras que a criança percebe o mundo ao seu redor.

o aluno, e a implantação das aulas de Educação Física. Deste modo, para os alunos do curso primário, a Educação Física foi pensada como uma intervenção pedagógica e higiênica sobre seus corpos, no intuito de preservá-los a saúde, na qual, previa-se a utilização de fardamentos adequados, uso de calçados, cuidados com a postura dos alunos quando sentados ou em pé, com o asseio pessoal e até mesmo a empunhadura do lápis. Além disso, o colégio oferecia a todos os alunos três sessões de exercícios de ginástica sueca por semana com uma hora de duração.

Ao concluir o primeiro ano primário naquele colégio, os pais de Félix d'Ávila o transferem para o educandário Jackson de Figueiredo recentemente inaugurado, que a princípio funcionou na Rua de Itabaianinha e, posteriormente, fora transferido para as imediações da Praça Olímpio Campos (BERGER, 2008). Em entrevista com o professor Néviton Felipe, em 2008, Félix afirma que foi “aluno fundador do colégio Jackson no ano de 1939”, no entanto, a data de inauguração deste colégio é 01 de março de 1938 (BERGER, 2008). Acredito que essa inconsistência de datas se deva ao grande lapso temporal entre a data da entrevista e o período de aproximadamente 70 anos do fato ocorrido, possibilitando ao entrevistado equivocar-se, isso porque, como sinaliza Eclea Bosi (1993), a memória é também repleta de esquecimentos. Outro dado que parece apontar por este prisma é que Félix afirma ter sido aluno da professora Almerinda Bastos Cardoso no Colégio Tobias Barreto, e no ano de 1938, segundo Manguiera (2003), ela não se encontrava mais fazendo parte do corpo docente responsável pelo curso primário do Tobias Barreto. Desta forma, o menino Félix d'Ávila teria iniciado seus estudos no ano de 1937, com nove anos de idade, e aos 10 anos de fato fora “aluno fundador” do colégio Jackson de Figueiredo no ano de 1938, sob os auspícios do casal de professores Benedito Alves de Oliveira e Judite Rocha de Oliveira – diretores deste último estabelecimento.

O Colégio Jackson de Figueiredo teve importante destaque na educação sergipana entre 1938 e 1980, pois era voltado, nos primeiros anos de existência, para a formação da elite masculina, já que atendia aos filhos das famílias abastadas e de destaque nos cenários econômico e político. Essas famílias de classe alta e média procuravam priorizar os estabelecimentos particulares em virtude das condições precárias de funcionamento da maioria das escolas públicas e do número reduzido dessas durante o período imperial e nas primeiras décadas da república. Os alunos do Jackson de Figueiredo, segundo o estatuto da escola em seu artigo primeiro, teriam acesso a uma instrução voltada para a valorização da moral e do amor à pátria. Havia um direcionamento de que fossem desenvolvidos nestas

crianças os germes da virtude, do dever, do amor ao trabalho e da educação cívica, com vistas a formar uma sólida base na qual se assentasse a prosperidade da nação (BERGER, 2008).

O cotidiano escolar do colégio Jackson de Figueiredo, almejando atingir os objetivos educacionais da época, era regado por rígida disciplina. Os alunos em regime de internato, por exemplo, eram obrigados a levantar entre 5h e 5h30 da manhã em prol de realizarem seu asseio pessoal; das 6h às 7h eles cumpriam horário destinado à banca com objetivo de adiantar os estudos para as aulas que começavam às 8h; e das 7h às 7h45 tomava-se o desjejum sob o olhar severo do inspetor de ensino que deveria zelar pela disciplina, organização e atitudes dos alunos, coibindo atos que desvirtuassem os caminhos da moral e dos bons costumes da época. Pontualmente às 7h45, o corneteiro entoava seu instrumento avisando a todos os alunos para formarem filas, conforme se faz até hoje nos quartéis, momento no qual eles deveriam dar atenção para a autoridade do diretor ao subir ao pedestal e realizar sua preleção inicial (BERGER, 2008).

Félix d'Ávila vivenciou esse cotidiano escolar por quatro anos no regime de internato, e, por certo, experimentou a austeridade militar desta educação. Segundo Pimentel (2008), na época de sua fundação, o colégio Jackson de Figueiredo compunha seu corpo docente com 13 competentes mestras no curso primário que tinham a obrigação moral, ou melhor, o “sacerdócio” de incutir nestas crianças os alicerces básicos dos bons costumes, e prepará-las na formação do futuro homem intelectual, do cidadão que iria ser capaz de lutar, produzir e vencer, visando o enobrecimento da pátria. Ao ler as entrevistas que Félix concedeu em diferentes momentos de sua vida, consegui identificar ao menos três nomes dessas professoras as quais marcaram sua infância na condição de aluno daquela instituição: Judite Rocha de Oliveira, Nair Galvão Leite e Maria Odete Barreto. No entanto, identifiquei inconsistência quando cruzei estes nomes, advindos da memória de Félix, com a relação de docentes, obtida nas pesquisas do professor Jorge Carvalho do Nascimento, acerca da imprensa estudantil no século XX. Nascimento (2005) menciona os nomes de ‘Maria M. Barreto’ e ‘Maria Odete Mesquita’ dentre os colaboradores que auxiliavam na forma de editores do periódico estudantil “Correio do Colegial”²². Esta divergência de nomes pode ser em função de

²² Jornal estudantil que os alunos do Jackson de Figueiredo desenvolviam sob orientação de seus professores. O periódico do colégio passou a ser publicado mensalmente a partir de dezembro de 1939. Ao ler sobre a imprensa estudantil em Sergipe nas pesquisas desenvolvidas pelo professor Jorge Carvalho do Nascimento verifica-se que outros colégios como o Atheneu e o Tobias Barreto já possuíam seus periódicos estudantis, e o colégio Jackson parece que não quis se desvirtuar da “receita” de prática pedagógica das demais instituições bem aceitas na sociedade sergipense. O formato do periódico era de 24 x 33 centímetros e suas edições continham regularmente oito páginas, a não ser em datas comemorativas no qual esse número se ampliava.

diferentes explicações: o casamento de uma das professoras e respectiva mudança de seu sobrenome ou um lapso de memória de Félix d'Ávila, devido ao longo período de tempo entre a data da entrevista e o fato ocorrido.

Independente disso, segundo pesquisa realizada por Berger (2008) na qual, entre outras fontes, ele analisa depoimentos de ex-alunos desta instituição, a prática pedagógica dessas professoras enfatizava: a produção de textos, o estímulo à capacidade de expressão e organização das ideias, o uso de trabalhos em grupo, além de excursões para a serra de Itabaiana, praia de Atalaia ou ao parque Teófilo Dantas, as quais estimulavam, dentre outras coisas, a capacidade de observação do aluno com base na experiência. Desta maneira, elas possibilitavam ao aluno ir conhecendo o meio social ao articular os conteúdos das várias disciplinas integrantes do currículo com a pedagogia moderna fundamentada no método intuitivo.

Dentre as disciplinas estavam a Educação Física, que não era realizada no pátio da escola devido à arquitetura do estabelecimento impor um pequeno espaço, o qual impossibilitava a prática dos exercícios físicos. As ruas e as praças da cidade de Aracaju eram os locais geralmente utilizados para as atividades físicas sistematizadas que visavam disciplinar o corpo, forjar naquelas crianças os princípios da assepsia e da aptidão física, ao passo que as afastavam daquilo que a sociedade da época acreditava ser degradante, a exemplos do álcool, tabagismo e alimentação inadequada. Eram os “venenos sociais” incompatíveis com o projeto de civilidade da nação baseado no higienismo (BERGER, 2008).

Para o ensino secundário os pais de Félix d'Ávila optaram pelo colégio Atheneu Sergipense que em virtude da Reforma Francisco Campos²³ já havia segmentado este nível de ensino em dois ciclos: Fundamental com duração de cinco anos e Complementar com dois anos. Em 1940 este estabelecimento exigia, no ato da matrícula, que os candidatos à primeira série do ciclo Fundamental apresentassem, dentre outras coisas, o certificado de habilitação de exame de admissão, conseguido apenas quando o aluno era aprovado em processo seletivo. O exame de admissão do Atheneu Sergipense não era simples. Compreendia-se de provas escritas e orais nas quais os candidatos eram avaliados pela banca examinadora composta por

²³ Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931, proposto pelo então Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos e sancionado por Getúlio Vargas, estipulou uma reforma educacional de caráter nacional. A reforma procurava reestruturar organicamente o ensino secundário, comercial e superior. Para o ensino secundário ela estabeleceu definitivamente: o currículo seriado; a frequência obrigatória; o ensino em dois ciclos: um fundamental, com duração de cinco anos, e outro complementar, com dois anos; e ainda a exigência de habilitação neles para o ingresso no ensino superior. Além disso, equiparou todos os colégios secundários oficiais ao Colégio Pedro II, mediante a inspeção federal e deu a mesma oportunidade às escolas particulares que se organizassem, segundo o decreto, e se submetessem à mesma inspeção (DALLABRIDA, 2009).

três professores designados pelo diretor do estabelecimento. Segundo Souza (2011), para o ano de 1940 houve 93 inscritos, dos quais 78 foram aprovados, incluindo Félix d'Ávila. Seu certificado de admissão pode ser visto no Anexo G.

Fiquei intrigado com a transcrição de uma entrevista concedida em 2008 na qual Félix, ao se recordar do exame deste colégio em 1940, afirma: “[...] fiz o admissão no Atheneu que era o prédio que é patrimônio ali na Rua da Frente com a Martinho Garcez. Era o Atheneu Pedro II, não era nem Atheneu Sergipense [...]” (D'ÁVILA, 2008). No entanto, a denominação “Atheneu Pedro II” advém do Decreto n. 911, de 2 de dezembro de 1925, em homenagem ao centenário natalício de Dom Pedro II e se modifica para “Atheneu Sergipense” no final da década de 1930, conforme o decreto n. 5, de 16 de fevereiro de 1938 (SOUZA, 2011). Possivelmente a troca de nomes do colégio não se deva somente ao longo período entre o exame de admissão e a datação da entrevista, mas também por conta do tempo total de 13 anos que o colégio permaneceu sendo chamado de “Atheneu Pedro II”, pois a população habituou-se e mesmo em 1940, passados dois anos do colégio já ser intitulado Atheneu Sergipense, as pessoas ainda estariam utilizando o nome anterior.

Após a aprovação de Félix no exame de admissão do colégio Atheneu Sergipense, seus pais se transferem para a capital federal, o Rio de Janeiro. Segundo consta na transcrição da entrevista realizada por Menezes (1997), Félix afirmou ter saído de Sergipe em 1941 e realizado o curso ginásial no Colégio Ibituruna, até o segundo ano científico no Colégio 28 de Setembro e o terceiro ano no Colégio Piedade que daria origem depois à Universidade Gama Filho. Consegui congregar algumas informações desses colégios por meio de periódicos publicados entre os anos de 1930 a 1950 na cidade do Rio de Janeiro, numa tentativa de identificar aspectos da cultura escolar e das experiências que possam ter contribuído na formação do capital cultural de Félix d'Ávila. Vale lembrar que a Fundação Biblioteca Nacional, conforme já anunciado anteriormente, possui uma Hemeroteca digital que facilitou a busca de informações pela internet com vários parâmetros para consulta, já que o sistema do computador permite a pesquisa específica por palavras ou por cronologia de datas nas imagens dos jornais digitalizados.

Através do anúncio no “Jornal do Brasil” (ANÚNCIOS, 1943, p. 22) pode-se perceber como o Colégio Ibituruna apresentava-se à sociedade carioca no início de 1943. Algumas informações presentes no anúncio possibilitaram interpretações introdutórias, a exemplo do efetivo de alunos. Parece haver uma preocupação em demonstrar ao público que, para esse colégio, o quantitativo de discentes inferior a 100 (cem) poderia ser interpretado enquanto

uma vantagem comercial, pedagógica ou até mesmo didática, em relação aos demais estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro. Outro dado passível de análise trata-se de seu caráter “preparatório”, pois há que se considerar que as escolas elencadas no anúncio, das quais três são militares, seriam supostamente alguns dos “melhores” estabelecimentos de ensino da época e que adentrá-los poderia materializar o desejo dos pais com relação ao sucesso formativo dos seus filhos. Por fim e talvez o que interesse mais a esta pesquisa são as ressalvas feitas ao final do anúncio em formato de observação. Uma delas tem relação com as áreas destinadas à Educação Física ao informar sobre a ausência de piscina e do campo de *football*. Suponho que fosse frequente alguns pais questionarem sobre estes locais, daí a necessidade de expor o fato publicamente. A última ressalva, a qual conclui as informações do anúncio, diz respeito ao modo como o estabelecimento tratava o comportamento dos alunos, a ‘Disciplina severa’ parece indicar uma virtude do Colégio Ibituruna.

Ao ler alguns destes jornais que circularam no Rio de Janeiro na década de 1940, encontrei, por exemplo, outro anúncio do Colégio Ibituruna no Jornal “A manhã”, no qual continha, dentre outras informações, o ano de 1928 como sendo a data de fundação do Colégio e tendo como atuais diretores: o Prof. Milton Rivera Manga e o Coronel Francisco d’Ávila Garcez (ANÚNCIO, 1944a, p. 6). Localizei também um anúncio do mesmo jornal, datado de 23 de junho de 1944, o qual comunicava a exigência de um exame de admissão para curso ginásial (EXAME, 1944, p. 7). Encontrei mais que uma dezena de propagandas nesse jornal com algumas poucas informações a respeito do colégio, geralmente contendo apenas nome, sua localização, telefone para contato e o seu decreto de inspeção permanente (ANÚNCIO, 1945, p. 10). Obtive também outras informações, quais sejam: o colégio fazia parte da rede particular de ensino; ofertava para a comunidade o jardim de infância, curso primário, admissão, datilografia, ginásial externato e semi-internato misto; o nome da escola na época de sua fundação era “Colégio Nacional” (ANÚNCIO, 1944b, p. 9); havia grêmio escolar; e que (apesar de não haver piscina nem campo de futebol em 1943) a equipe feminina de atletismo do colégio, em agosto de 1941, participou de uma competição colegial no Estádio Fluminense (DIÁRIO, 1941, p. 6). Tais práticas, necessariamente, me remeteram às futuras práticas de Felix d’Ávila e que teriam neste espaço um pouco de sua trajetória.

Na busca por informações deste colégio percebi uma razoável quantidade de notícias, em diferentes jornais, cuja pauta envolvia assuntos de ordem militar. A cidade do Rio de Janeiro parecia “respirar” a atmosfera cultural da segunda guerra mundial, não apenas noticiando acontecimentos das frentes de batalhas no exterior, ou as manobras táticas dos

exércitos, como também os relacionados aos assuntos internos. Além da utilização das mídias impressas, os recursos cinematográficos também tinham seu espaço enquanto forma de divulgação dos acontecimentos beligerantes. Um exemplo de filme produzido nesse período foi “A cobra fumando de cachimbo” que retratava as operações da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.) na Itália e a visita do ministro do então Ministério da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, à linha de fogo inimiga (ANÚNCIO, 1944c, p. 7).

No bojo destes eventos encontrei também notícias que faziam menção aos alunos do Colégio Ibituruna tendo contato com aspectos da cultura militar, além do fato do diretor deste estabelecimento de ensino ser, também, coronel do Exército brasileiro. O desfile cívico de 07 de setembro de 1941, por exemplo, envolveu trinta e cinco mil jovens que marchavam ostentando flâmulas e bandeiras. O presidente Getúlio Vargas esteve presente no desfile, ocupando o palanque oficial, e assistiu os agrupamentos passarem. Dentre esses, estava “o quinto agrupamento” composto por alunos de diferentes colégios do Rio de Janeiro sob o comando do capitão Jansen de Melo (EMPOLGANTE, 1941, p. 5).

Menos de um mês antes do desfile cívico de 07 de setembro de 1941, o jornal “Diário de Notícias” de 22 de agosto trazia uma manchete informando que centenas de alunos do ensino secundário do Rio de Janeiro iriam visitar o Arsenal da Ilha das Cobras (NOTÍCIAS, 1941, p. 4). Apenas uma semana depois desta matéria outro jornal, o “Diário Carioca”, informava o nome dos colégios os quais fariam as visitas no mesmo depósito de armas. Dentre os estabelecimentos de ensino estavam: Colégio Notre Dame, Colégio Ibituruna, Colégio Luiza de Castro, Curso Andrews, Ginásio Anglo-Americano, Ginásio Engenho Novo, Ginásio Felisberto de Menezes, Escola Acadêmica, Instituto Cardeal Arcoverde, Instituto Levergé, Liceu Frances e Ginásio Hebreu Brasileiro (VISITA, 1941, p. 3). Neste sentido a promoção de visitas aos arsenais bélicos da Marinha indica que o regime militar tinha o intuito de demonstrar à população, ou mesmo produzir nos estudantes, uma espécie de nacionalismo, com o intuito de gerar interesse por assuntos relacionados à guerra com a finalidade de deixar a população preparada para possíveis intervenções militares. Tais práticas corroboram com o que Ghiraldelli (1991) denominou “Educação Física Militarista” que preponderou, no Brasil, entre 1930 e 1945 e caracterizou-se por ser uma fase em que a Educação Física primava pelo vigor físico, pela coragem, pelo heroísmo e pela vitalidade atreladas à disciplina e ao treinamento como meio e no qual o fraco não tinha lugar.

Neste sentido, o período beligerante deu maior “vazão” ao ensino pré-militar nas escolas da capital federal. O jornal “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro estampava a

matéria “Instrução militar nos estabelecimentos de ensino” no cabeçalho, na qual diversos diretores de colégios eram chamados à inspetoria de Tiros de Guerra da 1ª Região Militar, sediada no 2º Pavimento do Edifício da Guerra, Ala Direita, a fim de serem informados das exigências do Decreto Lei nº 4642, de 02 de setembro de 1942, sobre o ensino pré-militar. Segundo a matéria, a não legalização dos referidos estabelecimentos acarretaria a perda da equiparação ou reconhecimento federal de acordo com o que preceituava o artigo ‘49’ da citada lei (DIVERSOS, 1944, p. 5). Dentre os estabelecimentos de ensino elencados estavam os três colégios nos quais Félix d’Ávila estudou: Ibituruna, 28 de Setembro e Piedade. A matéria que consta na Figura 4 exibe a relação de alguns dos colégios chamados à inspetoria.

Figura 4 – Colégios chamados à inspetoria de Tiros de Guerra



Fonte: DIVERSOS, 1944, p. 5.

Assim como muitos impressos que podem ser utilizados enquanto fontes históricas, a matéria jornalística anterior foi grafada com um erro de impressão. Ao ler posteriormente sobre o aludido Decreto Lei 4642, percebi que o artigo 49 mencionado tratava-se de fato do artigo 4º. No entanto, dentre os 17 contidos neste documento, alguns me despertaram interesse, pois eles indicavam maiores detalhes acerca do cotidiano escolar, almejado pelo decreto, dos estabelecimentos de ensino pelos quais Félix d’Ávila passou:

Art. 2º A instrução premilitar compreenderá, além das noções gerais relativamente à organização e à vida militar, a instrução elementar de ordem unida sem arma e a iniciação na técnica do tiro. [...]

Art. 8º A frequência à instrução premilitar é obrigatório nos mesmos termos e sob as mesmas sanções em que o é a frequência e educação física. Só será justificada, a juízo do instrutor, a falta verificada por motivo de moléstia, ou de nojo em consequência de falecimento do pai ou mãe, ou de quem as suas vezes fizer, ou de irmão. [...]

Art. 10. Aos alunos obrigados, na forma do art. 1º deste decreto-lei, à instrução premilitar só se conferirá certificado ou diploma de conclusão do curso que tenham realizado, depois que houverem obtido o certificado de conclusão da instrução premilitar.

Art. 11. O certificado de conclusão da instrução premilitar será dado, no último mês do período letivo, aos alunos que estejam na última série do seu curso, ou aos que estejam em qualquer série anterior uma vez que hajam completado dezesseis anos de idade.

Art. 12. O certificado de que trata o artigo anterior assegurará ao seu portador, no caso de incorporação ao Exército ativo por motivo de sorteio, redução de tempo de serviço, na forma da lei do serviço militar.

Art. 13. Compete ao Ministério da Guerra expedir as diretrizes pedagógicas da instrução premilitar e bem assim fiscalizar a sua execução (BRASIL, 1942).

Como já sinalizado, havia uma intenção do governo Getúlio Vargas em ampliar aspectos da cultura militar na formação dos jovens, visando promover um “exército de mão-de-obra” disponível para atuar no conflito mundial, já que o Brasil havia declarado guerra aos italianos e alemães em agosto de 1942. No entanto, apesar da Força Expedicionária Brasileira (FEB) haver sido organizada em 1943, foi apenas em julho de 1944 que o Brasil enviou à Itália seus 25 mil militares. Ao correlacionar a cronologia destes eventos com as datas de publicação do Decreto Lei 4.642, em 1942, e da publicação da matéria jornalística sobre a instrução militar, em 1944, é possível perceber o ensino “premilitar” fazendo parte de uma conjuntura política nacional que tentava “fechar o cerco” com relação aos jovens a fim de compeli-los a esta atividade de ensino. Tanto é que a entrega do diploma de conclusão de curso ginásial somente era possível para aqueles meninos que houvessem obtido o certificado de conclusão da “instrução premilitar”. O certificado também se caracteriza inclusive por reduzir o tempo de serviço em caso do aluno vir a ser incorporado, posteriormente, ao exército brasileiro.

Segundo Horta (1994), o aparelho ideológico-educativo dos militares fez com que a educação estivesse imbricada com a “segurança nacional”²⁴. A educação era, naquele

²⁴ O Projeto de Lei nº. 78, de 26 de janeiro de 1935, ficou conhecido como “Lei de Segurança Nacional”. Essa Lei definia os crimes contra a ordem política e social, estabelecendo as respectivas penalidades, o processo competente, e prescrevia normas para a cassação de naturalização (SILVA NETO, 2006).

momento, um elemento nacional a ser dirigido e controlado pelo Estado. A intervenção militar deveria ser constante, para a garantia da ordem e a defesa da harmonia entre as classes sociais. Neste sentido, a intervenção das Forças Armadas em diversos setores da sociedade brasileira tinha o respaldo do próprio Estado. Exemplo disso é que, em 1934, o Ministério da Educação em conjunto com o Conselho Superior de Segurança Nacional elaboraram o Plano Nacional de Educação. As ações militares, compostas por desfiles cívicos e visitas a arsenais, eram justificadas por conta dos perigos iminentes que o regime autoritário sofria, como a infiltração de comunistas no País e a oposição ao sistema vigente.

Nas entrevistas que realizei para esta pesquisa não foi possível elucidar questões relacionadas às lembranças ou vivências de Felix d'Ávila no Colégio Ibituruna, nem sobre o ensino pré-militar. Mas, por certo, as experiências existiram e possivelmente algo desse período contribuiu na sua formação de professor. Minha percepção, a partir das fontes impressas acerca desse colégio, é a de que este estabelecimento de ensino privado detinha o reconhecimento da população da capital federal, haja vista os anúncios, postos nos jornais cariocas com certa regularidade, trazerem a informação do ano de fundação do colégio, número de telefone e a associação direta com o primeiro nome da instituição – Ex Nacional – com o intuito de denotar não se tratar de uma escola recém criada. Há também o indício de que as práticas esportivas faziam parte das atividades colegiais por conta da existência de uma equipe feminina de atletismo, já no ano 1941, apesar de não haver piscina, nem campo de futebol. Talvez nesse colégio o garoto Félix tenha realizado os primeiros ensaios de modalidades esportivas nas quais iria começar a se destacar no Ginásio 28 de Setembro.

Félix d'Ávila, ao ser entrevistado no ano de 2007 por um jornalista atuante na sociedade sergipana, Osmário Santos, afirma que o “despertar” para a Educação Física ficou por conta do seu lado de atleta no tempo de estudante no Rio de Janeiro, onde jogou nas equipes de voleibol e basquetebol do Ginásio 28 de Setembro. Minhas pesquisas em impressos que circularam no Rio de Janeiro no período de 1940 a 1950 mostram que esta escola, fundada pelo general Liberato Bittencourt, era atuante nos certames desportivos. O “Jornal do Brasil” do Rio de Janeiro, em julho de 1945, noticia sobre os “Primeiros Jogos Metropolitanos Ginásio-Colegiais” que ocorreriam no estádio Fluminense e eram promovidos pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde. O jornal, além de noticiar sobre os estabelecimentos de ensino participantes do evento, inclusive o Colégio 28 de Setembro, informava acerca do ritual inerente à competição, composto também por desfile e juramento cívico-esportivo dos atletas de ambos os sexos. Seu efetivo de participantes era

de aproximadamente 700 alunos. Segundo nota da Divisão de Educação Física, o evento era uma maneira de incentivar as atividades relacionadas à Educação Física e as modalidades esportivas englobavam: atletismo, “*basket-ball*”, “*foot-ball*”, natação e “*volley-ball*” (PRIMEIROS JOGOS, 1945, p. 10).

Vago (2008), ao tratar das histórias das práticas educativas, verifica que nas primeiras décadas do século XX, o esporte é compreendido como uma experiência moderna, urbana, em franca expansão, que participou do debate e da consecução de um projeto educacional que apostava na organização e disciplinarização da vida social por meio da produção de uma escola eficiente e capaz de irradiar-se por toda a cidade e tocar, de algum modo, os cidadãos. Neste sentido, o esporte ao mesmo tempo em que adentra a escola com o propósito de anunciar que um novo e moderno modelo socializador estava em curso, transborda para os espaços da cidade por meio de suas competições em locais fora da escola.

Ainda no ano de 1945 localizei no jornal “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro, em sua seção esportiva, que no final desse ano dezesseis colégios haviam sido convidados para um torneio de voleibol patrocinado pelo próprio jornal e realizado pela “secção de Educação Física do Colégio Independência”, dentre os estabelecimentos de ensino estavam: o Ginásio 28 de Setembro e o Colégio Piedade (DEZESSEIS, 1945, p. 14). Este evento foi destinado aos estabelecimentos de ensino secundário do Distrito Federal. Em seu regulamento pode-se constatar alguns aspectos que denotavam a rigidez com a qual o esporte era tratado, pois todo o jogador indisciplinado poderia ser expulso e não poderia participar dos jogos seguintes. Outro aspecto era relacionado à hierarquia da modalidade esportiva, já que somente os capitães de equipes disputantes poderiam se dirigir ao juiz (O COLÉGIO, 1945, p. 14).

Os eventos esportivos pareciam fazer parte, de maneira recorrente, do Ginásio 28 de Setembro, como é possível verificar em outro periódico do Rio de Janeiro, o jornal “A Manhã”, publicado em 06 de setembro de 1947. Esta matéria enfocava uma competição de atletismo, a ser realizada na pista “Álvaro Chaves”, patrocinada pelo “Fluminense F. C.” e na qual iriam participar 15 colégios dos “maiores educandários” do Rio. A competição foi adjetivada pelo articulista enquanto “festa colegial”, não somente por conta das disputas, que seriam renhidas, como também pela animação da torcida, “que sempre em competições colegiais, são das melhores” (TREZENTOS, 1947, p. 10). O evento contou com a participação de mais de 300 atletas, dentre esses, 20 eram estudantes do Ginásio 28 de Setembro.

Dantas Junior, ao defender sua tese em 2008, afirmou que a partir da década de 1950, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e do processo de espetacularização social proporcionado pela mídia, houve o que ele denominou de “esportivização da escola” em detrimento da “escolarização do esporte”. Sob sua ótica a ginástica, enquanto conteúdo da Educação Física, vai sendo paulatinamente excluída da escola, ao passo que houve uma exacerbação do esporte, enquanto conteúdo exclusivo desta prática escolar. O termo cunhado indica que toda a dinâmica escolar submeteu-se à lógica da instituição esportiva e os eventos esportivos educacionais tornaram-se parte fundamental neste processo, a exemplo dos jogos, torneios e competições. Este pesquisador afirma também que o neologismo “esportivização” eiva-se no que Norbert Elias denomina de “desportivização”, compreendido enquanto processo através do qual os passatempos, jogos, brincadeiras convertem-se em práticas institucionalizadas na sociedade inglesa do século XIX e posteriormente são exportados em escala global com o avanço civilizatório (DANTAS JUNIOR, 2008).

Por esta lógica, os certames desportivos eram recorrentes nos colégios. O adolescente Félix d’Ávila estava vivendo e experimentando a tônica esportiva nas aulas de Educação Física em sua plenitude. E os impressos, por sua vez, não paravam de registrar os eventos esportivos. Localizei outro impresso do Rio de Janeiro no qual há o registro que o Ginásio 28 de Setembro disputou esportivamente. Do mesmo modo o jornal “Correio da Manhã”, em dezembro de 1944, anunciava sobre “as provas finais do Campeonato Ginásio Colegial de Basketball”. A organização deste evento ficou a cargo da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde²⁵ (CORREIO, 1944, p. 26). E dentre os estabelecimentos de

²⁵ A Divisão de Educação Física (DEF), organizadora do campeonato supracitado e na qual Felix d’Ávila iria atuar na década de 1960, foi criada através da Lei 378 de 13 de janeiro de 1937 durante o governo de Getúlio Vargas. Ao analisar essa Lei pude perceber que os artigos não detalham informações precisas acerca da DEF, nem sobre seu regimento. De fato, apenas o Art. 12. informa que: “Pela Divisão de Educação Extraescolar e Divisão de Educação Physica correrá, respectivamente, a administração das actividades relativas á educação extraescolar e á educação physica”. A Lei corrobora com a “Constituição dos Estados Unidos do Brasil” de 1937 que “em seu artigo Artigo 131 pontua que: A Educação Física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência (BRASIL, 1937). Neste sentido, segundo Mauricio Parada (2005), a partir de 1938 a DEF passou a atuar com maior autoridade e empenho agindo enquanto um órgão doutrinário, definindo e apontando as linhas gerais das políticas públicas para a área, além de garantir seu cumprimento. Desta forma, o autor complementa que no período compreendido entre 1937 e 1945 esse órgão propôs constantes reformas na legislação sobre a Educação Física, procurando transformar em lei os seus projetos e buscando formar quadros de professores, técnicos, médicos e fisioterapeutas. Outro ponto de sua atuação estava relacionado à fiscalização, pois cabia à DEF a vistoria das escolas e dos professores, das normas e diretrizes doutrinárias que ela própria estabelecia. Cabia a ela também “[...] incentivar e orientar a prática de todos os Esportes – fatores apreciáveis na preparação da defesa nacional – e por ser grande a responsabilidade do Poder Público na organização das representações nacionais no

ensino que participaram do certame, estavam as duas escolas do nível secundário nas quais estudou Félix d'Ávila.

O último ano do ensino secundário de Félix d'Ávila foi realizado no Ginásio Piedade, escola também particular da capital federal. Administrada pelo “desportista” Luiz Gama Filho, que já em julho de 1940 inaugurou sua “moderna e elegante piscina”, convidando para o evento o clube “Boqueirão do Passeio”, à época filiado à Liga de Natação do Rio de Janeiro, para um jogo amistoso do *water-polo* (O BOQUEIRÃO, 1940, p. 6). Localizei outras informações sobre o Ginásio Piedade no início da década de 1940, as quais mostram seu envolvimento no âmbito esportivo, como por exemplo: a fundação da Associação Atlética Ginásio Piedade que possibilitava a filiação desta entidade à Liga de Natação do Rio de Janeiro. Um dos pontos destacados na propaganda da escola eram as modelares instalações de educação física e desportos, bem como o fato do estabelecimento já possuir uma piscina. Além disso, o formato de agremiação iria contribuir para o desenvolvimento da natação carioca, haja vista a piscina ser utilizada tanto para eventos esportivos não colegiais como em treinamentos da modalidade (NO SETOR, 1941, p. 5; SATISFAZEM, 1941, p. 9). Este mesmo periódico, em outras edições, evidencia também o destaque da equipe de *football* do Ginásio Piedade no Campeonato Colegial da modalidade do ano 1941, promovido pelo Botafogo *Football Club*, como sendo uma das equipes melhores preparadas para o torneio (TORNEIO, 1941, p. 9). Ainda, o mesmo jornal, na edição de 30 de maio de 1941, mostra que “Maria Lenk”, atleta consagrada internacionalmente no meio aquático e motivo de orgulho para os brasileiros, ministrava, naquela piscina, a natação para os alunos do Ginásio Piedade (DIZEM POR AÍ, 1941, p. 9).

A imprensa do Rio de Janeiro não retratou o Colégio Piedade somente sob o viés esportivo, o jornal “Gazeta de Notícias”, por exemplo, em junho de 1945, pontua esse estabelecimento enquanto uma espécie de modelo para os demais colégios por conta de suas iniciativas de cunho social. A matéria elogiava um concurso de robustez infantil no qual o estabelecimento prestava assistência médica gratuita às mães que levassem seus filhos para o evento. Além disso, o colégio era enaltecido por desenvolver esse concurso sem qualquer prejuízo de seu programa e sem alterar o ritmo das atividades de seu efetivo de alunos que se aproximava de três mil jovens. Vale ressaltar também que o Colégio Piedade ofertava

estrangeiro [...]”. O esporte tinha tamanha importância para esta entidade que sua organização interna estava segmentada em três subdivisões, sendo uma delas específica para os esportes e as outras duas eram: Educação Física e medicina especializada (GRANDES, 1938, p. 40).

atendimento médico, odontológico e “tudo quanto contribuía para uma perfeita higiene corporal” (EXEMPLO A IMITAR, 1945, p. 9). Por certo, experiências como essas podem ter contribuído para que Félix d’Ávila, em meio a este espaço social, fosse incorporando uma espécie de *habitus* eugenista.

Outra característica do Colégio Piedade era que, por conta do esporte, o mesmo possibilitava viagens para além das fronteiras da “cidade maravilhosa”. Em 13 de maio de 1947 o Grêmio daquele estabelecimento, constituído por membros das equipes de Voleibol e Basquetebol, viajou para Juiz de Fora em virtude de uma competição com o Colégio Grambery, considerado um tradicional educandário da cidade mineira (EXCURSIONARÁ, 1947, p. 15). Além dos campeonatos esportivos, outro evento ocorrido em 1949, no Colégio Piedade, pode contribuir para elucidar um pouco sobre a relação aluno e professor e consequentemente sobre as práticas escolares desenvolvidas na escola em que Félix terminou seu secundário. Em abril desse ano, um pai insatisfeito com a sanção que o filho levou nessa escola foi até a redação do jornal “Diário Carioca” e narrou a situação, que acabou levando o título de “CASTIGO DEMAIS”:

O Sr. Hermes Cavalcante Lins residente á av. Sete de Setembro 54 em Marechal Hermes esteve na redação deste jornal a fim de queixar-se ao que o Ginásio Piedade está adotando uma disciplina já não mais admissível pois que só mantém por via de excessivas punições inclusive castigos físicos. O caso mais grave aconteceu, conta o Sr. Hermes com as turmas de 1 e 2 anos do curso científico; que por terem feito uma “parede” no dia 21 de abril, foram condenados a prisão depois das aulas até as 14 horas. O aluno Cesar, filho do reclamante, por haver protestado contra a medida, teve o castigo agravado até as 16 horas durante 15 dias. Deste modo ficam privados á hora recomendável alem de prejuízos que o impedimento causa a alguns empregados em outras atividades. Quer o Sr. Hermes que o diretor do ensino secundário atente não só para o caso que de perto lhe toca mas também para recomendar aos diretores de educandários um pouco de continência nos castigos (CASTIGO, 1949, p. 4).

Diante do exposto, pode-se perceber que as experiências de Félix d’Ávila no âmbito do ensino secundário foram marcadas pelas competições esportivas, por um modelo de educação baseada em rígida disciplina e por uma cultura de ordem bélica. Segundo Bertucci (2010), os sujeitos se constituem, ou seja, se formam, se educam, nas mais diversas circunstâncias em que vivem, seja no mundo do trabalho, da família, da comunidade de pares, do lazer, entre muitos outros. Já para Thompson:

[...] Toda teoria da cultura deve incluir o conceito da interação dialética entre cultura e algo que não é cultura. Devemos supor que a matéria-prima da “experiência de vida” esteja em um dos pólos, e todos os infinitamente complexos sistemas e disciplinas humanos, articulados ou não, formalizados em instituições ou dispersos das maneiras menos formais que “manejam”, transmitem ou distorcem esta matéria-prima, estejam no outro pólo. É sobre este processo ativo, que é, ao mesmo tempo, o processo mediante o qual os seres humanos fazem sua história [...] (THOMPSON, 1981b, p. 398).

Félix d’Ávila concluiu o ensino secundário no final da década 1940, mas somente adentrou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos no ano de 1955. Nesse interstício, identifiquei ao menos quatro fatos em sua vida que talvez expliquem esta lacuna de tempo sem estudo formal, ao mesmo tempo em que contribuem para transformar o garoto em homem: 1 – a morte de seu pai em 1948 e os problemas familiares que disso decorreram; 2 – o casamento com a mineira Teresinha de Brito no ano de 1951; 3 – a necessidade de trabalhar; 4 – transformou-se em atleta profissional.

1.3 Na ENEFD Félix começa a ensaiar suas jogadas

Félix d’Ávila, antes de adentrar a Universidade do Brasil, também transitou por clubes esportivos, nos quais participou em diferentes modalidades. Seus depoimentos em entrevista, concedida em 2008, contribuem para entender sua opção pela Educação Física quando responde à seguinte pergunta: “Em que momento se deu e por que a escolha pelo Curso de Educação Física?”.

Veja bem. Eu fui atleta juvenil. Joguei Futebol no juvenil do Madureira e depois fiz um pouco de Atletismo no Vasco lá em São Januário com um professor argentino que era o Rapapó. Então eu fazia 100 metros rasos e salto em altura e distância. Daí então é que começou a minha tendência ao esporte, mas não a ser professor de Educação Física, mas simplesmente de praticar o esporte. Eu morei em Realengo muito tempo, joguei num clube de lá, era um clube jovem, mas sem outra perspectiva, como um clube de subúrbio. Já jovem, não mais adolescente, eu comecei a jogar Basquetebol e Voleibol. Basquetebol, eu joguei no Aliados em Campo Grande e Voleibol no Bangu. Eu morava em Realengo que era perto de Bangu, longe de Campo Grande, mas foi onde eu comecei a prática do Basquete e do Voleibol. Eu fui da época do Algodão, do início do Basquete e aí surgiu o interesse em fazer o Curso de Educação Física, não sei se com o interesse mais de lecionar ou de me aprimorar tecnicamente, me condicionar fisicamente. Eu sempre tive um grande condicionamento físico, mas dentro da escola é que agente cria o desejo realmente de se direcionar para o magistério e pro magistério da Educação Física e do Desporto (D’ÁVILA, 2009)²⁶.

²⁶ Nas primeiras vezes que li este trecho transcrito, eu havia interpretado que “Algodão” seria um sinônimo da incipiência da modalidade esportiva do basquete brasileiro. Mas os jornais aos quais tive acesso me mostraram

Apesar da equipe de basquetebol dos Aliados do Campo Grande ter recebido o jogador Algodão em meados da década de 1940, o clube não fazia parte da primeira divisão no ano início da década de 1950. Em 1953 esse clube participou do “Torneio de Acesso”, promovido pela Federação Metropolitana de Basquetebol, que objetivava selecionar a equipe que iria substituir o clube classificado em último lugar no Campeonato Carioca do ano de 1954. Nesse torneio apenas três equipes participaram e o clube que Félix jogou basquete é noticiado no jornal “Diário Carioca” enquanto franco favorito (NO BASQUETEBOL, 1953, p. 10). É importante registrar também que a equipe de basquetebol do Vasco Esporte Clube de Aracaju foi fotografada por ter sido campeã do Torneio da Capital no ano de 1952. Nesta imagem (Anexo C) Félix d’Ávila aparece segurando a bola do jogo e com uma joelheira na perna direita (SESI-SE, 2011, p. 326). O conjunto destas informações permite inferir que Félix d’Ávila, quando terminou o ensino científico e antes de entrar para a Universidade do Brasil, foi atleta em clubes do Rio de Janeiro e de Sergipe.

Como mencionado em entrevista, a sua participação no basquete contribuiu para a decisão de entrar na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil, em 1955. Na Escola, permaneceu até a conclusão do curso superior no final de 1957. Por certo, o tempo que passou neste ambiente é importante para compor seu perfil profissional, pois lá ele incorporou capital cultural, adquiriu experiências e se apropriou do modelo de professor de Educação Física traçado por esta pioneira instituição. No intuito de compreender melhor sua formação profissional, busquei fontes que tratassem como objeto de análise a ENEFD e encontrei a dissertação do mestrado em Educação do Professor José Tarcísio Grunennvaldt, defendida em 1997 na UFS. Intitulada “Escola de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época”, o pesquisador teve como questão central a gênese dos cursos de formação de professores de Educação Física e esportes, a relação de dependência da Educação Física com o Estado Novo e suas implicações sobre a Educação Física brasileira.

Em suas considerações Grunennvaldt (1997) afirma que os militares tiveram um papel fundamental tanto no projeto de criação da escola, quanto na decisiva colaboração no

que Algodão era a alcunha esportiva de Zeny de Azevedo, jogador considerado, pela crítica especializada e torcedores, entre final da década de 1940 e meados de 1950, como um dos melhores e mais populares jogadores do basquetebol brasileiro. O jornal “A noite” publicou, em setembro de 1956, uma reportagem sobre sua trajetória esportiva, evidenciando que o primeiro clube no qual ele começou a jogar o basquete foi o Aliados do Campo Grande e lá permaneceu entre os anos de 1944 a 1946. A Figura do Anexo J foi capturada de um recorte deste impresso, nela Zeny de Azevedo aparece com a denominação de “Algodão” (ARNALDO, 1956, p. 16).

estabelecimento do currículo, haja vista o período beligerante (é preciso levar em consideração que a fundação da ENEFD acontece no ano de 1939) e as experiências que esses haviam adquirido junto à Escola Superior de Educação Física do Exército. Além disso, o pesquisador afirma também que é justamente a junção de esforços dos militares, médicos e desportistas, com o suporte corporativo do Estado Novo, que materializa a ENEFD como um centro irradiador de influências duradouras na Educação Física brasileira. Mesmo com a saída de cena dos militares, após o fim daquele governo, ficaram profundas raízes que vinculam a Educação Física com as noções de hierarquia, disciplina, rigidez nas formas de conduta, valorização de aptidão física, bem como o forte senso de civismo.

O edital de inscrição em concurso de habilitação para ENEFD de 1950, divulgado no jornal “Diário de Notícias” no Rio de Janeiro, mostra alguns aspectos relacionados à caserna. Como pré-requisito de inscrição para o concurso, por exemplo, era preciso apresentar documentos de certidão de idade em original, o qual provasse que o candidato teria no mínimo de 18 e máximo de 30 anos para o curso superior de Educação Física, que tinha duração de três anos e era destinado a formar professores de Educação Física para os estabelecimentos oficiais (federais, estaduais e municipais) e particulares destinados a ministrar Educação Física a jovens ou adultos. Outro “ponto de corte” dos inscritos estava na exigência de provas físicas, pois o edital enfatizava: “Serão aprovados os candidatos que, tendo satisfeito as exigências das provas físicas, obtiverem nas provas intelectuais, média global 5 e no mínimo 3 por disciplina” (ESCOLA, 1950, p. 12).

A exigência demandada pelas atividades físicas era tamanha que a seleção dos candidatos começava já com a faixa etária, tal qual acontece ainda nos dias de hoje em instituições militares. Era preciso também ter vigor físico para suportar a rotina de exercícios que eram impostos pelas diferentes disciplinas que compunham o Curso Superior de Educação Física. Vale lembrar que Félix d’Ávila no ano de 1955 estava com 27 anos de idade, mas devido à prática constante de atividades físicas pelos clubes nos quais passou, o seu condicionamento físico era significativo. A ENEFD, nos idos da década de 1950, ofertava cinco cursos: a) Curso Superior de Educação Física; b) Curso de Educação Física Infantil; c) Curso de Massagem; d) Curso de Técnica Desportiva; e) Curso de Medicina Aplicada à Educação Física e aos Desportos; dentre esses apenas o Curso Superior de Educação Física detinha duração de três anos, todos os demais duravam apenas um ano (ESCOLA, 1950, p. 12).

No ano de 1955 o concurso de habilitação da ENEFD estipulou para os candidatos o seguinte calendário para o mês de fevereiro: Exame Médico, dias 14 e 15; Prova de Capacidade Física, dia 16; Português, dia 17; Biologia, dia 18; Matemática, dia 25; Frances e Inglês, dia 26. Vale frisar que as provas iniciavam pontualmente às 7h30min da manhã e o número de alunos a serem admitidos para os cursos naquele ano foi assim fixado: 1 – Curso Superior de Educação Física: 40 vagas para homens e 40 vagas para mulheres; 2 – Educação Física Infantil: 40 alunos; 3 – Técnica Desportiva: mínimo de dois alunos para cada especialidade; 4 – Medicina Especializada: 20 alunos, mínimo de quatro alunos; 5 – Massagem: 16 alunos, mínimo de quatro alunos (UNIVERSIDADE, 1955, p. 13).

Felix d'Ávila conseguiu mais que apenas passar no concurso de habilitação na ENEFD, pois todo seu passado atlético e, conseqüentemente, o seu capital cultural incorporado e institucionalizado na Educação Física, especialmente no âmbito do basquetebol (seu esporte preferido), lhe rendeu, logo nos primeiros meses daquela instituição, a chance de começar a conhecer autoridades militares as quais gerenciavam as organizações esportivas em âmbito nacional. Em 13 de março de 1955, um mês após Félix entrar para a ENEFD, foi noticiado em um jornal do Rio de Janeiro que o Almirante Paulo Martins Meira, presidente da Confederação Brasileira de Basquetebol e patrono do basquetebol brasileiro seguia viagem para a cidade de Aracaju em comemoração às festividades do centenário da cidade (Anexo D). Assim sendo, a Federação Sergipana de Basquetebol havia programado diversos jogos com a colaboração dos clubes Itapagipe, da Bahia, Flamengo, de Maceió, e Barroso, de Recife, que se realizariam durante a estada do almirante Paulo Meira. A nota do jornal (Anexo E) era concluída com a informação de que o almirante estaria acompanhado do representante sergipano junto à confederação, “Félix d'Ávila”, e em Aracaju seria hóspede oficial do governo do Estado (BASQUETEBOL, 1955, p. 61).

Foi em uma das suas vindas do Rio de Janeiro para Sergipe, que o universitário Félix tomou a iniciativa de pedir uma bolsa de estudos para custear suas despesas na capital fluminense. Entre 1955 e 1959, o governo de Sergipe foi administrado por Leandro Maynard Maciel que, segundo expediente de entrevista realizado com Félix em 2012, era muito amigo de seu pai, o que o fez se valer do capital social familiar. Félix d'Ávila procurou então a autoridade máxima do Estado e, apesar da dificuldade em conseguir agendar uma audiência, ele foi atendido em sua primeira visita, pois havia avisado ao assessor do governador que seu pai era Luiz José da Costa Filho. Foi nessa audiência que Félix solicitou uma bolsa de estudos e foi atendido, saindo da reunião já com a autorização em mãos para ser entregue ao

“Secretário da Justiça” da época, Heribaldo Vieira. A benesse da bolsa trazia, em forma de ônus, a sua volta a Aracaju para passar o mínimo de dois anos atuando profissionalmente depois de formado. Apesar de ter conseguido uma bolsa de estudos, Félix principia sua entrada no âmbito da docência em Educação Física, pois encontrei também, num jornal publicado em setembro de 1955, o seu nome numa relação cujos professores de estabelecimentos particulares deveriam realizar uma inspeção de saúde para iniciar suas atividades laborais (INSPEÇÃO, 1955, p. 7).

Outro fato que marca a presença de Félix d’Ávila na ENEFD é o envolvimento que teve em manifestações sociais. É difícil afirmar se esta característica veio do “seio” familiar, do grupo de professores/alunos daquela instituição ou de seu próprio engajamento com o curso superior de Educação Física que o faria lutar para defender a classe de professores desta área. A título de exemplo, em junho de 1957, já próximo da conclusão de seu curso, um grupo de alunos da ENEFD percorreu a sede de alguns jornais na cidade do Rio de Janeiro num movimento de protesto contra deliberações do diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e do Conselho Nacional de Desportos que facultavam direitos aos leigos²⁷ em prejuízo dos que faziam o curso na ENEFD da Universidade do Brasil (Anexo F). A indignação dos alunos estava relacionada à Portaria N° 258, de 22 de outubro de 1955, que autorizava a criação de cursos avulsos pelo interior do País com o objetivo de formar professores de Educação Física num curto espaço de 30 dias, enquanto na “Escola da Praia Vermelha” eram exigidos três anos para a concessão deste diploma universitário. O movimento de protesto era apoiado tanto pelos professores daquela escola universitária como também pelo próprio reitor da universidade à época, Pedro Calmon. Os acadêmicos também eram contra um projeto de lei que permitia que os oficiais e sargentos, diplomados a partir de 1943, tivessem as mesmas regalias daqueles que se diplomavam pela Universidade do Brasil no curso superior de Educação Física. Dentre os representantes da comissão estavam Marco Antonio de Moraes – vice-presidente do diretório acadêmico da ENEFD – e Félix d’Ávila – coordenador do movimento de protesto (QUEREM, 1957, p. 15).

A comissão de alunos que visitou o Jornal “Última Hora” também informava que tanto os professores da ENEFD quanto o conselho universitário não haviam sido ouvidos e que pelo teor do projeto deduziam: “estar seus autores completamente equivocados a respeito do que seja educação física”. A peregrinação deste grupo de alunos foi registrada em fotografia em

²⁷ Termo utilizado para indicar os professores não diplomados.

outro impresso do Rio de Janeiro, como se observa na Figura 5 (Félix d'Ávila é o primeiro à direita).

Figura 5 – Comissão de visita dos alunos da ENEFD



Fonte: ALUNOS, 1957, p. 15.

No mesmo mês de junho de 1957 o jornal “Última Hora” noticiava as declarações de Félix d'Ávila, conforme Figura 6.

Figura 6 – Notícia: Em Pé-de-guerra os alunos da Escola de Educação Física

Passeata ao Catete Contra o Projeto 303:

Em Pé-de-Guerra os Alunos da Escola de Educação Física

Assembléia Permanente, Desde Ontem, Contra a Aprovação do Projeto (Sanção) Que Equipara Aos Diplomados Pela Escola Nacional de Educação Física os Sargentos Com Curso da Força Pública de São Paulo — Em 30 Dias, Qualquer um Pode Tirar um Curso Equivalente ao de Três Anos na Escola Oficial — Greve, em Último Recurso — Apelo do Diretor da Escola

— “Faremos uma passeata ao Catete e estamos dispostos até a ir à greve contra o projeto aprovado na Câmara equiparando aos diplomados pela Escola Nacional de Educação Física os sargentos que possuem o curso da Força Pública de São Paulo” — declarou a **ULTIMA HORA** o estudante **Felix Dávila** daquela Escola da Universidade do Brasil. O citado projeto subiu para sanção ou veto presidencial, o que deverá ser feito até o próximo dia 8. Em sinal de protesto, estão aqueles estudantes em assembléia permanente, com apoio total de professores e Diretor da Escola.

— “Não permitiremos que se consuma o atentado para a desmoralização de nossa Escola — prossegue. Há poucos meses estivemos em greve geral que foi, afinal, parcialmente vitoriosa. Prosseguiremos a luta pela nossa valorização profissional porque não se admite que a Universidade do Brasil mantenha uma escola de nível superior, ministrando um curso de quatro anos, fornecendo ao fim um diploma igual ao de qualquer cursinho improvisado por aí...”

Valorização Profissional

Prosseguem os acadêmicos informando que não foram sequer ouvidos os professores da Escola, ou o Conselho Universitário e acrescentam que, pelo teor do projeto deduzem es-

tar seus autores completamente equivocados a respeito do que seja educação física. Para ingresso em sua Escola é exigido que os jovens possuam até o curso científico completo. Ontem mesmo, o presidente do Diretório Acadêmico, Vinícius Ferreira da Silva, foi ao Ministério da Educação, a fim de se avistar com o Prof. Clóvis Salgado, solicitando sua intervenção no caso. Por outro lado, os demais estudantes da Universidade do Brasil serão mobilizados, a exemplo do que tem acontecido quando atentados semelhantes são praticados contra outras escolas.

Niterói: 30 Dias

— “Nossa luta não vai parar por aí. A própria razão de ser de nossa Escola não admite que o curso de 30 dias que o próprio Ministério promove nas capitais dos Estados conceda a qualquer pessoa um diploma equivalente ao que tiramos em três anos. Quem quiser fazer um curso em menos tempo, é só atravessar a baía e se matricular no “cursinho” de Niterói. O Ministério justifica a existência desta aberração com uma Portaria ilegal que caberia ao próprio MEC fulminar a bem do prestígio de nossa organização do ensino. Muito pelo contrário, pretende-se ainda complicar mais do que já existe, criando um curso “relâmpago” de um ano para treinadores, a fim de corrigir anormalidades do Conselho Nacional de Desportos...”

Fonte: EM PÉ-DE-GUERRA, 1957, p. 5.

O bojo desta matéria remete ao início do envolvimento de Félix com a prática e a legitimação do profissional da Educação Física, bem como a um suposto perfil de liderança que se ensaia diante da imprensa, da sociedade em geral e principalmente diante daqueles que pensavam a Educação (Física) no Brasil. Algumas perguntas poderiam surgir mediante a leitura do artigo, a exemplo de: – por que o aluno Félix, no final do curso de graduação, expõe publicamente em um jornal, seu posicionamento? Tal indagação tem sua resposta na experiência acumulada e principalmente no capital cultural adquirido durante o curso, que, por certo, foram além das práticas corporais e recaíram na defesa de um Campo que estava

sendo constituído e que, a depender dos seus defensores, poderia ser simplificado e/ou secundarizado diante das outras práticas escolares. A legitimação do Campo estava associada à obtenção do título e o que Félix, representante dos alunos da ENEFD, não queria era o que Bourdieu (1998) denominou de “inflação dos títulos”. Na visão de Bourdieu quando se trata de capital cultural institucionalizado, quanto mais fácil a obtenção do diploma, maior a disposição, a sua desvalorização.

Além destes eventos que registram a presença de Félix nos jornais daquela época no Rio de Janeiro, aconteceu outro que me sinto compelido a registrar nesta pesquisa, pois retrata uma pequena parte da trajetória de sua vida relacionada às suas iniciativas e ou “entrada em Campo” da Educação Física. Em uma das entrevistas que fiz com Félix em 2012, ao ser perguntado sobre como era ser aluno da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, ele responde:

Olha eu achava que era uma coisa muito boa. Primeiro porque você passava basicamente quase o tempo todo fazendo esporte, quando não tinha aula teórica você ia lá pro campo de futebol, pra quadra... Entendeu? Pra jogar um vôlei, o basquete... então é... a escola era... no meu modo de entender, pra mim foi muito boa. Depois nós construímos a piscina. Porque fomos nós que construímos a piscina. Por que nós fazíamos natação lá no Clube Naval, entendeu... lá na Gávea... na época de frio... eu morava no subúrbio pra ir pra lá, nossa Senhora! Era uma “parada”. Aí... é... Um dia teve uma sessão... (risos) uma maior cara de pau... uma sessão na reitoria em que o Presidente ia, o Juscelino Kubitschek ia, uma sessão. Aí... eu e o Vinícius Ruas, que era o diretor do diretório... dissemos assim, vamos falar com o presidente. Eu digo: Vamos! não tem problema... Aí fomos e ficamos lá esperando, sem ninguém saber nem ver... senão... mandavam a gente embora. Aí daqui a pouco Juscelino chegou foi aquele alvoroço... o Calmon que era o reitor... o Pedro Calmon... E levaram lá para um salão grande da reitoria e tal. E teve tudo que ia ter, e nós lá olhando. Quando acabou... aí Vinicius disse... entrou e disse: – Reitor! Eu queria dar uma palavrinha com o presidente, posso? (Aí o Calmon não ia dizer não, né?) – Ah, pois não... – Esse é o Vinícius Ruas, o presidente de nosso diretório, esse aqui é Felix d’Ávila, que é também um dos diretores do diretório... (essa coisa toda). – E eles queriam dar uma palavra com vossa excelência. É possível? – Claro, com muito prazer. Aí nos fomos conversar com ele, né? Fomos conversar e no fim ele perguntou: E vocês não me pediram nada. O que é que vocês querem me pedir? Aí o Vinícius disse: – Olha presidente... vou pedir! – Então pode pedir! – A Escola de Educação Física não tem uma piscina. (pausa) – Não tem uma piscina! Onde é que vocês fazem natação? – Lá no clube naval, na Gávea. E ele disse: Ahhhhhh... Muito bem... Então vocês vão ter a piscina. [...]

(D’ÁVILA, 2012).

O jornal “Última Hora”, de 22 de outubro de 1957, mostra uma pequena nota informando sobre um “Congresso Nacional” que reuniu estudantes de Educação Física de

todo o País durante sete dias. Os jovens participantes do evento – afastados do exercício físico – debateram temas de interesse da classe e problemas profissionais. O periódico ainda informa que as principais resoluções dos alunos se prenderam à valorização e melhoramento do nível de seu curso e que no encerramento do conclave, sob a presidência de Vinícius da Silva²⁸, presidente do Diretório Acadêmico da ENEFD, haveria a inauguração da piscina da Escola Nacional de Educação Física com “Ballet Aquático e uma succulenta feijoada” (ÊXITO, 1957, p. 7).

A congruência de informações contidas na entrevista com a matéria publicada nesse jornal me permite afirmar que Félix d’Ávila esteve envolvido diretamente para que a ENEFD, e consequentemente a Universidade do Brasil, conseguisse adquirir sua própria piscina. No entanto, no âmbito desta pesquisa, mais importante que a aquisição material do espaço destinado à natação dos acadêmicos daquela instituição está a atitude destes alunos que, aproveitando o momento oportuno e de forma estratégica, tomaram a iniciativa de pedir diretamente ao presidente da República algo não relacionado apenas ao benefício próprio, já que apenas em outubro de 1957 a piscina foi inaugurada, mas sim em prol da classe dos profissionais de Educação Física. A estratégia, neste caso, não somente demonstra resultado, como permite visualizar o que ocorreria em futuro próximo, a constituição de posição que na visão de Bourdieu

[...] permite compreender o princípio e a eficácia das estratégias classificatórias pelas quais os agentes têm em vista conservar ou modificar este espaço – e em cuja primeira fila é preciso contar a constituição de grupos organizados com o objetivo de assegurarem a defesa dos interesses dos seus membros (BOURDIEU, 2012, p. 150).

Vieira e Oliveira, ao analisar os conceitos de hegemonia em Gramsci e experiência em Thompson, deixam claro que os respectivos horizontes teóricos:

[...] não desconsidera o plano estrutural na análise da sociedade, mas o concebe a partir da relação de mútua determinação entre política e economia,

²⁸ A divergência de nomes entre ‘Silva’ e ‘Ruas’ parece indicar um erro de impressão do periódico e/ou sobrenome da pessoa, pois ao consultar Mello (1996) identifiquei o nome Vinícius Ruas como sendo o presidente do diretório acadêmico da ENEFD em 1957. Nesta mesma pesquisa, vale reassaltar que Félix d’Ávila e outros alunos da Universidade do Brasil são lembrados pelo entrevistado Paulo Emmanuel da Hora Matta, quando o mesmo trata da importância da ENEFD para o desenvolvimento da Educação Física Brasil, uma vez que muitos alunos desta instituição tornaram-se diretores de escolas de Educação Física em diferentes regiões do país. Ainda em Mello (1996), localizei também informações acerca da construção da piscina na ENEFD como sendo fruto de inúmeras iniciativas de seu corpo discente.

História e natureza, indivíduo e sociedade. Relação que, segundo esses autores, deve ser estudada historicamente, pois as formas de relacionamento estabelecidas entre sujeito e estrutura social são produzidas em função de contextos e de experiências singulares. (VIEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 522).

De forma autoavaliativa, Félix expõe sobre o seu período da faculdade, a rotina que o acompanhou neste processo e sua participação e desempenho no Curso de Educação Física de forma a deixar claro o contexto e as singularidades que compuseram parte de suas experiências. Assim narrou ao professor Néviton Felipe, em 2008:

Um aluno mediano, um aluno normal. Nem fui mau aluno e nem fui um aluno excepcional. Nunca fiquei reprovado, nunca fiquei dependente em nenhuma disciplina. Um aluno normal. Eu estudava, trabalhava. Morava no subúrbio. Eu me acordava às 5 horas da manhã. Eu morava em Marechal Hermes e pegava um trem na Central do Brasil pra saltar na Praça da República e pegava outro para ir lá para Botafogo, na escola. Sete e meia tinha que estar lá de tênis, meia e uniforme para começar as aulas até meio dia. Meio dia terminava e eu saía correndo e ia almoçar no restaurante dos estudantes. Nós o chamávamos de “morte lenta” e saía para às 13h e 30 entrar no caixa do banco e trabalhar até às 18 horas e saía do banco correndo para jantar no Calabouço e fazer a outra faculdade que era Serviço Social no turno da noite. Fui um aluno normal sem defasagens e sem excessos. Eu trabalhava e estudava. Os professores cobravam muito, pois eles tinham um nome a zelar na escola de Educação Física dentro de uma instituição altamente teórica e burocrática que era a Universidade do Brasil, mas que da minha época eu fiz o curso e tinha como reitor um homem fabuloso que era o professor Pedro Calmon. O meu diploma é assinado por ele. Pedro Calmon era uma inteligência (FÉLIX D’ÁVILA, 2008).

A narrativa de Félix evidencia uma rotina como a de tantos outros alunos daquela época que precisavam trabalhar e estudar para se manter. Apesar de ter cursado alguns períodos na faculdade de Serviço Social foi no Campo da Educação Física em Sergipe que ele começaria a evidenciar suas jogadas.

1.4 O Professor começa jogando bem

Após terminar o curso em dezembro de 1957, Félix d’Ávila deixou o Rio de Janeiro e voltou a Sergipe, fixando residência em Aracaju. Sua carreira inicia-se já em janeiro de 1958 quando é designado para ser professor de Educação Física no colégio Estadual Atheneu Sergipense. Além deste estabelecimento, ele também lecionou no colégio Jackson de Figueiredo, a convite do professor Benedito Alves de Oliveira; no Colégio Salesiano e no Colégio Pio Décimo. Posteriormente, quando o Colégio Tiradentes foi fundado, em 1962,

Félix também foi convidado a fazer parte do primeiro corpo docente desta instituição, pois havia conhecido o seu fundador, Jouberto Uchôa de Mendonça, quando esse ainda trabalhava no Colégio Pio Décimo. A atuação nestes diferentes espaços escolares pode estar relacionada ao fato da pouca quantidade de professores habilitados legalmente para atuar com a Educação Física na cidade de Aracaju, principalmente no ensino secundário.

De forma a esclarecer o reduzido número de professores de Educação Física de Aracaju e as ações que foram firmadas para capacitá-los, busquei revelar alguns dos seus representantes, antecessores de Félix d'Ávila, que, em tese, compõem a gênese do Campo da Educação Física em Sergipe. DaCosta (2006) indica que, no final da década de 1930, Elodi Fontes de Carvalho²⁹ teria sido uma das primeiras professoras a se deslocar de Sergipe para o Rio de Janeiro para fazer o Curso de Educação Física Infantil, com duração de um ano. E que a professora Maria Augusta Moura também participou do mesmo curso contribuindo, desta forma, para a gênese da Educação Física em Sergipe. Já com relação aos primeiros professores sergipanos a realizarem Curso de Formação Profissional em Educação Física, este autor aponta apenas quatro nomes, entre as décadas de 1940 e 1950. São eles: Adalberto Campos Silva, José Carlos Calazans, José Carlos Barbosa e Edilberto Reis Cunha. Dentre esses professores, apenas Edilberto Reis permaneceu no Estado, dando sua contribuição profissional na Escola Técnica Federal de Sergipe e na rede estadual de ensino.

Em busca de dar maior precisão às informações acerca desses professores pioneiros no Campo da Educação Física em Sergipe, recorri aos jornais do Rio de Janeiro, publicados entre as décadas de 1940 e 1960. Localizei os nomes de Adalberto Campos Silva e Elodi Fontes de Carvalho sendo convocados a fazerem o exame radiológico para ENEFD no ano de 1942 (EDUCAÇÃO, 1942, p. 9). Adalberto Campos também foi professor do Colégio Pedro II em 1953 (NOVOS PROFESSORES, 1953, p. 15) e em 1958 seu nome aparece na condição de auxiliar de ensino representando a ENEFD no “VI Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico” que aconteceu na cidade de Santos no dia 13 de julho daquele ano (UNIVERSIDADE, 1958, p. 21).

O professor Félix d'Ávila afirmou, em entrevista concedida a Menezes (1997), ter sido aluno do professor Adalberto Campos Silva, sendo o mesmo vinculado à cadeira de ginástica. Já as buscas em jornais que circularam no Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1960

²⁹ Identifiquei que Elodi Fontes de Carvalho (nome grafado *Ipsis litteris*) ainda estava estudando na Escola Nacional de Educação Física e Desportos em 1942, pois seu nome foi localizado dentre os candidatos que precisavam realizar exame radiológico enquanto requisito para entrada naquele estabelecimento (ESCOLA, 1942, p. 8).

acerca de José Carlos Calazans e José Carlos Barbosa foram infrutíferas, pois com relação ao primeiro, não localizei nenhuma ocorrência associada ao seu nome, e para o segundo, a grande quantidade de homônimos inviabilizou qualquer identificação mais objetiva. Apesar de não haver localizado informações acerca do professor José Carlos Calazans nos jornais, Félix d'Ávila afirma em entrevista concedida para Menezes (1997) que o professor José Carlos Barbosa também foi bolsista no Estado de Sergipe e que se formou na ENEFD, voltou a Sergipe e posteriormente mudou-se para o Rio de Janeiro.

No tocante ao professor Edilberto Reis Cunha, foi possível trazer mais detalhes. Verifiquei que ele entrou para a ENEFD em 1943 (EDUCAÇÃO, 1943, p. 6). Localizei no jornal “Diário de Notícias” de 1955 o resultado do concurso realizado na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro no qual ele obteve pontuação de 80,76 e discriminando sua lotação na cidade de Aracaju (RELAÇÃO, 1955, p. 4). Ao cruzar esta informação com a trajetória de vida de Félix d'Ávila, que chegou formado em Aracaju somente no ano de 1958, pode-se deduzir que, entre os anos de 1955 e 1958, o Campo da Educação Física em Sergipe dispunha apenas de um único professor com curso superior para atender à demanda do Estado.

Félix d'Ávila, ao ser questionado, em entrevista em 2008, sobre suas principais dificuldades encontradas no início da profissão como professor de Educação Física, responde:

Olha eu não posso dizer nem que existia dificuldade. Quando eu voltei me apresentei ao governo. No caso, a Educação era vinculada à Secretaria de Justiça e o Secretário de Justiça à época era o Doutor Heribaldo Vieira. Me apresentei a ele e ele de imediato me encaminhou ao diretor do Colégio Atheneu Sergipense que era o professor Vítor do Espírito Santo e eu me apresentei imediatamente como profissional. O único problema que eu encontrei é que quando eu vi a minha nomeação, o meu salário era menor do que o dos outros professores e aí eu voltei ao Doutor Heribaldo e disse: – Olha doutor eu sou um profissional com curso superior, entendeu? E o meu salário é menor do que os outros professores e eu gostaria de saber por quê? Ele me disse: – Existe isso? E eu disse: – Existe sim! E ele de imediato... ele aumentou e eu passei a ganhar como um profissional de Educação Física, com um salário igual ao dos outros professores. Na época, formado, aqui, só tinha o professor Edilberto que era professor do Atheneu e da Escola Técnica. Agora tinha professoras com Curso de Educação Física Infantil que atuavam prioritariamente na Escola Normal que era Elodi, a Rosália, a Conceição e mais tarde a Maria Augusta Moura. (D'ÁVILA, 2008).

Ao se analisar a entrevista anterior pode-se inferir que os professores que trabalhavam com a Educação Física no Estado de Sergipe no final da década de 1950 e sem formação

superior constituíam uma classe diferenciada dos demais docentes da escola. Tanto é que Félix d'Ávila é posto para trabalhar com salário inferior, ou seja, quem chegava para atuar com a Educação Física, por não ter formação específica na área, sequer questionava a respeito desta diferença salarial, pois sabia que não estava formalmente habilitado para a função de professor. Neste sentido “O Campo da Educação Física em Sergipe” estava solidificando seus primeiros passos tanto para se constituir enquanto área de conhecimento, com legitimidade igual às demais disciplinas na instituição escolar, quanto para elevar o “status” do professor de Educação Física ao mesmo patamar dos outros docentes. A atitude de Félix punha em foco uma espécie de disputa por espaço social que somente foi possível por conta da conclusão do Curso Superior em Educação Física da Universidade do Brasil, de sua ação questionadora e, principalmente, de sua mobilização do capital cultural institucionalizado.

A memória de Félix revela alguns nomes de professoras de Educação Física que não estão presentes na pesquisa de DaCosta (2006). Rosália Bispo dos Santos é um deles. Sua trajetória de vida é delineada em Nunes (2008) ao tratar do surgimento do “Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe”. Neste trabalho a pesquisadora afirma que a professora Rosália iniciou sua formação em 1938, participou de um curso de aperfeiçoamento em 1944 para professores primários, que foi dirigido pelo professor Acrísio Torres, e posteriormente, com a chegada de uma equipe da Escola Nacional de Educação Física e Desportos em Sergipe, ela foi indicada, em 1945, pelo Governo de Sergipe, para fazer o curso superior de Educação Física naquela escola e, ao retornar, foi nomeada professora de Educação Física do Instituto de Educação Rui Barbosa, antiga Escola Normal (MAIS CANDIDATOS, 1945, p. 2).

Apesar da professora Rosália também possuir formação superior em Educação Física, informação essa que o professor Félix desconhecia, em 1958 ela não se encontrava em Sergipe, pois havia recebido uma bolsa de estudos da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – para realizar um curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa no Centro de Estudos Superiores de Francês, na Maison de France, no Rio de Janeiro. E no ano de 1959 ela recebeu o convite para assumir a direção do Ginásio de Aplicação, além de viajar novamente ao Rio de Janeiro, para fazer outro curso, sendo esse último no Centro de Estudos Pedagógicos da Fundação Getúlio Vargas (NUNES, 2008). Suas atribuições parecem apontar para um distanciamento paulatino da área de Educação Física, diametralmente opostas às relacionadas ao professor Félix

d'Ávila, quando chegou ao município de Aracaju, em 1958. Talvez até por isso Félix tenha afirmado que somente havia ele e Edilberto com Curso Superior em Sergipe.

Na pesquisa desenvolvida por Grunennvaldt (1999), que busca compreender, dentre outras coisas, como se dá o processo de formação profissional em Educação Física a partir da Escola Normal de Sergipe, é possível mapear outras professoras que compuseram o campo desta área. O nome de Eloá Passos Monteiro aparece no livro-ponto deste estabelecimento enquanto professora de Educação Física a partir de julho de 1917. A pesquisadora localizou também um programa de ensino em Educação Física de 15 de fevereiro de 1919, assinado pela professora Eloá. Apesar disso, a Escola Normal de Sergipe ainda não dispunha de local apropriado para a prática de atividades físicas, conforme relatório do Presidente do Estado de 1920:

Não dispõe, actualmente, esse estabelecimento, de um compartimento, de uma sala apropriada ara os exercícios gymnasticos, alem da falta completa de aparelhos. Cogita o meu governo de preencher lacuna tão prejudicial, mantendo um gymnasio, em que a educação physica se possa fazer com verdadeiro aproveitamento para as normalistas. Neste sentido já se acha projectado, pela Diretoria de Obras, um pavilhão, com todos os pertences imprescindíveis á execução de um programma completo (SERGIPE, 1920, p. 18).

Se na Escola Normal as evidencias históricas apontam para a gênese da Educação Física (ginástica) nos idos de 1917, no Colégio Atheneu Sergipense elas indicam o ano de 1916 e nos grupos escolares sua introdução foi em 1911, no governo de José Rodrigues da Costa Dória. A mensagem direcionada à Assembleia Legislativa em 20 de junho de 1916, do então presidente do Estado de Sergipe General Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, trouxe à tona a demarcação oficial do espaço reservado, neste estabelecimento, ao professor de Educação Física, ou melhor, de Ginástica, por meio do Decreto 627 de 20 de março daquele ano. Segundo essa mensagem o professor de ginástica ficaria incumbido também da instrução militar dos alunos e receberia vencimentos iguais ao professor de Desenho (SERGIPE, 1916, p. 16).

É preciso ressaltar que na primeira década do século XX não havia cursos de formação específica na área de Educação Física. Um dos primeiros movimentos para se criar um curso aconteceu em 1922, quando um grupo de oficiais e cadetes da Escola Militar do Rio de Janeiro se propôs a promover a sistematização dos exercícios físicos no meio militar e

civil, ao fundar o Centro Militar de Educação Física³⁰. O professor Tito Pádua, foi um dos civis que fez o estágio nesse Centro Militar, em 1929 (CENTRO, 1931, p. 11). Segundo Grunennvaldt (1999), ele foi contratado em 1936, por um período de um ano, no governo de Eronildes de Carvalho, para dinamizar a Educação Física em Sergipe ministrando aulas e orientações metodológicas. Maria Consuelo de Alencar é outra personagem que marcou a Educação Física no Estado, pois ela foi professora da Escola Normal de Sergipe do período de 1936 a 1944, sendo, inclusive, uma das alunas de Tito Pádua.

O professor Tito Pádua esteve na vanguarda da constituição do Campo da Educação Física em Sergipe. Em dois de outubro de 1936, apenas três meses após sua chegada em Sergipe, o jornal “Gazeta de Notícias”, do Rio de Janeiro, trouxe uma matéria informando que nesse curto espaço de tempo ele já havia organizado um Curso de Especialização para professores e alunas da Escola Normal e Grupos Escolares, além de manter uma “modelar escola de Educação Physica Infantil”, à qual concorrem aproximadamente 200 crianças, muitas delas na faixa etária entre três e seis anos de idade pertencentes ao “Internato da Casa da Criança de Aracaju”. A matéria foi concluída informando que os resultados positivos dos ensinamentos desse professor fizeram o Governador do Estado solicitar, ao Ministro da Educação e Saúde Pública, a permanência de Tito Pádua por mais algum tempo em Sergipe (O APRIMORAMENTO, 1936, p. 10).

Diante do exposto é possível vislumbrar que em Aracaju, nos idos do final da década de 1950, havia um cenário composto por três classes distintas de professores que atuavam com a Educação Física: aqueles que possuíam o curso superior; as mulheres que detinham o curso de Educação Física infantil, seguidas pelas normalistas que atuavam basicamente com o ensino primário nos grupos escolares; e aqueles sem formação específica na área, geralmente ex-atletas, também chamados de professores leigos. Não levei em consideração os militares que atuavam nas escolas por conta de suas vinculações institucionais e profissionais com a caserna, mas possivelmente esses também trabalharam em unidades escolares em Sergipe nos diferentes níveis de ensino, principalmente no âmbito das práticas esportivas.

³⁰ As atividades deste estabelecimento iniciaram-se sob os auspícios da Liga de Sports do Exército, mas a Revolução de 1922 determinou seu fechamento, não chegando, portanto, a formar sequer uma turma de instrutores. Em 1929 o Ministro Nestor Sezefredo dos Passos determinou a criação do Curso Provisório de Educação Física. A condução dos trabalhos foi entregue aos Tenentes Ignácio de Freitas Rolim e Virgílio Alves Bastos, que selecionaram uma turma de dez Oficiais, 28 Sargentos e 20 professores públicos do então Distrito Federal (hoje município do Rio de Janeiro). Posteriormente este curso deu origem à Escola Superior de Educação Física do Exército.

Dantas Junior (2008), ao tratar em sua pesquisa acerca dos Jogos da Primavera em Sergipe, afirma que no início da década de 1960 vários professores leigos possuíam reconhecimento social, pois eles ensinavam em escolas tradicionais de Aracaju, e exemplifica os nomes de: Orlando Barros, Coelho de Menezes, Nivaldo Barros e Geraldo Oliveira, no colégio Tobias Barreto; Antonio Gonçalves, Leó Filho (era ainda aluno do Colégio Estadual de Sergipe, mas treinava a equipe de futebol de salão) e Jamisson Amaral, no Colégio Estadual de Sergipe; Afonso Pena e Duílio Figueiredo, na Escola Normal; Cássio José Barreto, no Ginásio Presidente Vargas; e Isnaldo Rodrigues, no Colégio Senhor do Bomfim.

Valquíria Sandes de Sá também atuou como professora leiga de Educação Física durante a década de 1960. Em entrevista concedida a Menezes (1997, p. 152) ela relata o início de sua atuação ao afirmar que trabalhava no colégio Atheneu como uma espécie de secretária do setor de Educação Física e por conta de uma das professoras ter adoecido ela foi substituí-la, pois já jogava voleibol enquanto aluna de seu colégio. Com a ajuda do professor Edilberto, que ensinou Biologia, e da professora Consuelo, que ensinou sobre as aulas, ela encarou o desafio. E complementou: “[...] Eu ainda no (colégio) Atheneu, veio o professor Félix d’Ávila ensinar aqui, quando apareceu o primeiro curso de capacitação do MEC, ele disse: – ‘Valquíria, porque você não faz esse curso? Esse curso a depender das horas vai equiparar-se ao nível superior’. Aí eu fiz dois, cada um mais pesado que o outro”.

A primeira classe³¹ de professores de Educação Física era composta apenas por dois personagens centrais em 1958: Félix d’Ávila e Edilberto Reis Cunha, ambos com formação superior. Este fato já os diferenciava dos demais professores da área. Mas o professor Félix ainda iria marcar a história da Educação Física sergipana de outro modo. Por conta da influência política de seu pai que o acompanhou durante a sua estada em Sergipe, e do seu bom relacionamento com autoridades políticas do Estado, ele iria acabar decidindo sobre o nome das pessoas que receberiam bolsas de estudo do governo de Sergipe para poderem realizar o Curso Superior de Educação Física na ENEFD. Ao analisar as entrevistas concedidas a Menezes (1997), de dois professores ulteriores a Félix que fizeram esse curso, é possível identificar os nomes de Candido Augusto Pereira Sampaio e Maria Edma de Barros como sendo os indicados, respectivamente, para os anos de 1959 e 1960. Pois o depoimento do professor Candido Pereira consta que:

³¹ Uma “classe” existe se existirem pessoas que possam dizer que elas são classe, pelo simples fato de falarem publicamente, oficialmente, no lugar dela, e de serem reconhecidas como legitimadas para fazê-lo por pessoas que, deste modo, se reconhecem como membros de classe. (BOURDIEU 2004, p. 168).

Em 1958 era universitário de Direito, da antiga Faculdade de Direito, sediada ali onde hoje é a Cultart. Eu era bancário também, em Dezembro de (19)57 para janeiro de (19)58, eu soube que um amigo meu que havia morado em Aracaju, que chamava-se Félix d'Ávila, tinha chegado recém formado e estava na rua Riachuelo na casa de um senhor chamado Saturino, amigo comum nosso, que era negociante. Eu então fui visitá-lo, porque eu sabia que ele tinha trazido da Universidade do Brasil, mais especificamente da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, bolsas para serem distribuídas com Sergipanos [...] (MENEZES, 1997, p. 120).

Já a professora Maria Edma, em sua entrevista com o professor José Américo, responde à seguinte pergunta: “Antes dos formados, tinha outros que trabalhavam com Educação Física?”. Segundo ela:

Tinha dona Elodi, mas com esse grupo infantil. Parece-me que dona Jéssia, depois Augusta Moura. Eu fiz o colegial na Escola Normal. Eu era professora primária do Colégio de Aplicação. Aí eu comecei a ministrar aulas de Educação Física. Me interessei, aí começou a vir esses cursos para Aracaju. Foi quando Félix me perguntou se eu não tinha vontade de fazer um curso fora. Eu disse que tinha vontade, aí ele arranhou uma bolsa de estudos, eu fui ao Rio, fiz vestibular e passei. Aí estudei lá 59,60,61. Voltei, fui ensinar na Aplicação, Escola Norma e São José [colégios]. Aí mudei de classe na Escola Normal. Era professora primária e passei a professora superior. Ensinei também no colégio Tiradentes (MENEZES, 1997, p. 130).

O professor Félix d'Ávila, ao ser questionado acerca das bolsas de estudo afirma:

[...] Essas bolsas... É... quem indicava era o governo do Estado. Então eu procurei o Secretário de Justiça, que era o Dr. Heribaldo Vieira, e disse a ele que eu tinha dois candidatos pra fazerem o curso no Rio [de Janeiro]. Ele então pediu o nome e levou o nome pra o governador que era ele quem indicava realmente lá pra Universidade. Então pro ano de 57, 58 eu indiquei o nome de Candido e em seguida o nome da professora Maria Edma de Barros e todos os dois foram pra.... pro Rio fazer o Curso de Educação Física da antiga Universidade do Brasil.

– *Por que foram essas duas pessoas na época que... eles que quiseram? Por que foram eles que ganharam essas bolsas de estudos?*

– É por que eu, eu acredito... Eu acredito não. Eram os dois que tinham mais condição de ir, porque quem indicaria era eu pro governador do Estado. Eles eram os dois que eu achava melhores [...] (D'ÁVILA, 2012).

Félix d'Ávila não se restringiu profissionalmente apenas aos estabelecimentos de ensino enquanto docente. Já nos primeiros meses de 1958, foi convidado por um dos dirigentes do “Vasco Esporte Clube” de Aracaju, Fernando Madureira, para visitar a sede da instituição. Mesmo sendo torcedor do Flamengo ele assim o fez, e ao chegar ao local, Félix

afirma em entrevista: “[...] E o Vasco era um quartinho lá na praça do palácio num prédio amarelo que era a Inspetoria de Trabalho, e tinha quartinho lá que era do Vasco. Aí eu cheguei e disse – Porra meu... não pode ficar aqui não. – Vamos sair daqui! [...]”.

Pouco tempo depois Félix iria compor o quadro de dirigentes do Vasco Esporte Clube, pois conseguiu alugar um espaço mais amplo situado à Rua de São Cristóvão e posteriormente o clube seria transferido para a atual sede localizada no Bairro Industrial, de frente ao Mercado Municipal de Aracaju. A Figura 7 a seguir capturou o momento de sua passagem à frente do Vasco Esporte Clube de Aracaju quando houve a inauguração da sua nova sede. Da esquerda para direita da imagem estão: Fernando Madureira, Nicanor Nascimento, Félix d’Ávila, Robério Garcia, o último homem a direita é um jogador de futebol que Félix não lembra o nome, somente sua alcunha – “Cacetão”, em função de seu forte chute com a perna esquerda.

Figura 7 – Inauguração da sede do Vasco Esporte Clube em Aracaju, 1958



Fonte: Acervo pessoal do professor Félix d’Ávila.

Acredito que esse momento de sua trajetória profissional tenha contribuído para Félix tornar-se ainda mais conhecido na cidade Aracaju, pois a administração do clube o imbuía de outras atividades, além daquelas relacionadas a eventos esportivos. A edição do jornal “Diário Carioca” publicado em 21 de junho de 1958 registra a passagem da Miss Sergipe, a estanciana de apenas 19 anos, Maria Nilza Ribeiro, na sede do periódico. A reportagem (Anexo H) mostra que a garota interrompeu temporariamente o 3º ano científico para lançar-se na corrida ao título de Miss Brasil e que havia aceitado anteriormente o convite dos diretores do Vasco Esporte Clube para concorrer ao título de Miss Sergipe utilizando as cores do clube. Ela estava acompanhada de seu pai, Nilo de Brito, e dos diretores do Vasco de Aracaju: Félix d’Ávila, José Saturnini Santana, José da Costa d’Ávila e José da Costa Garcez. Tal atitude de Félix a frente do clube é reveladora não somente das atividades lúdicas/culturais de uma época, mas também de se suas estratégias para chamar a atenção para os seus projetos e/ou ações.

Outra atividade do clube, não relacionada aos eventos esportivos na cidade, eram as matinês que o Vasco Esporte Clube promovia. Em dezembro de 1958, o jornal “Diário de Sergipe” expôs uma matéria intitulada “o Vasco acertou com as Matinéés” que noticiava:

Após adquirir uma magnífica radiola de alta fidelidade, o Vasco acertou em cheio com os anseios de seu grande quadro social, apresentando, como prova do êxito marcante e da satisfação de seus associados os sucessos sempre crescentes e repetidos das suas Matinéés Gigantes, organizadas todos os domingos a partir das 15 horas, um ambiente de seleção digno de elogios. Para suprir a ausência da orquestra ou conjunto de ritmos, o Vasco adquire, a cada semana que passa, novos e sensacionais êxitos em gravações de Long Playngs HI-FI com as mais consagradas orquestras e os mais aplaudidos conjuntos de ritmos e internacionais, constituindo-se, assim, cada festa, uma satisfação nova para todo sócio e suas respectivas famílias. No próximo domingo o Vasco realizará no Matinéés Gigante, iniciando-se às 15 horas e encerrando se às 23 horas e 30 minutos, com intervalo das 18 às 20 horas. (VASCO, 1958, p. 3).

As atribuições na diretoria do Vasco eram concomitantes às atividades de professor, pois em novembro de 1958, no encerramento do ano letivo do Colégio Pio Décimo, os alunos prestaram uma homenagem ao corpo docente daquele estabelecimento de ensino. O jornal “Diário de Sergipe” informava que foram ainda homenageados os professores: Áurea Melo, Jugurta, Antonio da Costa Melo, Félix d’Ávila, Dr. José Carlos de Souza, Joaquim Vieira Sobral, Maria Olga de Andrade, Maria Silva Sobral, Maria Letícia Sobral Lima e Jouberto Uchôa de Mendonça (HOMENAGEM, 1958, p. 2). A homenagem retratada no periódico

indicia que o professor Félix, mesmo com pouco tempo de atuação neste colégio, foi lembrado pelos seus alunos e assim ele foi passando a compor seu capital social.

A trajetória profissional de Félix d'Ávila na cidade de Aracaju foi marcada por outra atividade profissional que faria dele um personagem distinto no Campo da Educação Física dentro do Estado. No mesmo ano em que chega pra iniciar sua carreira de professor, ele foi convidado pelo diretor do jornal católico “A cruzada”, Hélio de Souza Leão, para escrever artigos sobre esporte. E em 24 de dezembro de 1958, ele publicou seu primeiro texto na edição de natal daquele impresso, na sessão denominada “Cruzada Esportiva”. Este artigo foi intitulado “Moralizar, incentivar e garantir”, cuja transcrição cabe aqui destacar:

Ao iniciarmos uma nova fase de “A Cruzada Esportiva”, devemos, por questão de ética profissional, esclarecer aos nossos prezados leitores e caros desportistas, que nesta secção especializada não temos cores clubísticas, nem nos anima o desejo de desvirtuamento das nossas idéias ou conceitos, para ataques pessoais; vocês encontrarão sempre, nesta secção, e principalmente neste cantinho de “O Esporte em Marcha”, o ponto de vista de quem o escreve, procurando colocar acima de tudo o esporte, quando emitir opinião ao focalizar os fatos.

Quero que êste meu primeiro artigo seja de parabenização ao desporto e desportistas de Sergipe, em geral, e a Roberto Garcia em particular.

Parabéns ao desporto pelo muito que lucrou com o reatamento de relações entre Vasco e Olímpico, e que por certo se estenderá a Paulistano e Confiança, numa demonstração de compreensão mútua, provando a todos que já existe um clima propício para colocar-se os pontos nos ii, olhando em primeiro plano, os altos interesses do esporte em nossa terra.

Parabéns ao desportista Roberto Garcia, pela sua eleição unanime para a presidência da Federação Sergipana de Desportos, num clima de harmonia e respeito que a todos impressionou, trazendo como companheiro de chapa o desportista Isaias Alves de Souza.

Ao parabenizá-lo entretanto, devo adverti-lo da imensa responsabilidade que lhe pesa. Cabe-lhe trazer novamente à tona o submerso futebol sergipano, naufragado que fora pelo tufão das paixões clubísticas, que o levará a bater-se contra os abrolhos formados pelos ressentimentos e rancores pessoais; é sua, a tarefa espinhosa de moralizar a federação, incentivar os esportes e garantir aos clubes os seus direitos, como alicerce de uma gestão que todos esperamos, venha colocar o esporte no seu verdadeiro lugar em nosso Estado, elevando-o no cenário esportivo do Brasil.

A você, Roberto, que é o “o homem certo, para o lugar certo” nossos votos de uma administração fecunda, esperando tenha sempre como atitude única o objetivo de moralizar, incentivar e garantir.

Quero lembrar-lhe, que por primeira vez o esporte encontrou solução de seus problemas, dentro do próprio esporte. Esta foi sem dúvida a grande vitória.

Parabéns desportistas; parabéns desportos sergipanos. (D'ÁVILA, 1958, p. 12).

Em uma análise deste artigo é possível verificar que Félix d'Ávila expôs suas intenções de maneira articulada e objetiva. Ele afirmou que na “secção especializada” do periódico os leitores encontrariam o seu “ponto de vista” acerca dos fatos esportivos. Com certa cautela, apresentou que não se animava com o desvirtuamento de seus conceitos para fins de “ataques pessoais”. Também verifiquei que o nome do presidente da “Federação Sergipana de Desportos (FSD)”³² foi publicado com erro, uma vez que o nome “Robério Garcia” é o correto. Este fato, se por um lado pode indicar um simples erro de grafia, hipótese facilmente contra argumentada por se tratar de seu primeiro artigo publicado o que requereu maior zelo na escrita, por outro, revela que Félix parece intencionar uma maior proximidade com o dirigente da FSD, mesmo desconhecendo seu nome, por isso o parabenizou e expôs seus votos de uma “administração fecunda”. Esse e outros artigos que o professor Félix escreveu, a partir de 1959, aos poucos vão “abrindo espaço” no Campo da Educação Física, pois ele passa a expor suas opiniões, criticar e fundamentar aquilo que não estava condizente com sua maneira de perceber as questões relacionadas ao mundo do esporte em Sergipe. Ele, enquanto conhecedor dos meandros de sua área, expunha os seus textos sem receio, buscando defender o desenvolvimento do esporte local. Ao abordar o futebol e os novos estatutos da Federação Sergipana de Desportos, em 03 de janeiro de 1959, Félix d'Ávila registra:

Aqueles que militaram no futebol sergipano há doze ou quinze anos passados, talvez não olhem com bons olhos a reforma dos Estatutos da Federação Sergipana de Desportos, que durante dezesseis anos, regeram o “modus-vivendi” da nossa entidade eclética; aliás, é necessário que se reconheça, representam eles em dois terços da sua existência, um período áureo de nosso futebol e remo, onde o amadorismo, era tido como a glória para qualquer atleta. Mas... o tempo e os homens foram passando, o esporte evoluiu e os conceitos aprimorando-se. Hoje, o magnífico estatuto de 1942, representa as algemas dolorosas do nosso futebol, cabendo-lhe a maior culpa na marcha regressiva do “esporte das multidões” e no desaparecimento por completo do remo, do voleibol e do atletismo na época atual em Sergipe.

³² Em 10 de novembro de 1926 foi fundada a “Liga Sergipana de Esportes Athleticos” (LSEA) que passa a denominação de “Federação Sergipana de Desportos” em novembro de 1941, que posteriormente modifica-se e especializa-se em apenas uma modalidade esportiva. A partir de 1976 passa então a se chamar Federação Sergipana de Futebol. (DACOSTA, 2006). Apesar de sua fundação ser de 1926, foi somente em 23 de fevereiro de 1927 que a Confederação Brasileira de Desportos concedeu filiação à LSEA, vínculo esse que possibilitava a entidade sergipana, competir em âmbito nacional, juntamente com outras entidades federativas, tanto nos desportos terrestres quanto nos aquáticos. A LSEA tinha jurisdição local sobre os desportos e seu representante junto à confederação era o Dr. Gilberto Amado, que na época era deputado federal pelo Estado de Sergipe (CORREIO, 1927, p. 9).

Em seus capítulos e artigos, guardam eles o rancorismo de uma legislação ditatorial, e o conservadorismo inoperante de um conceito, que não mais existe, de amadorismo, no “esporte-rei”.

É preciso que tiremos o futebol do ostracismo em que se encontra, apresentando-o ao público com roupagem nova, para que posamos ver novamente em Sergipe, as praças de esportes repletas e vibrantes, onde a platéia pagante, saía sempre satisfeita com aquilo e o “esporte bretão ” realmente representa: um espetáculo artístico-desportivo.

É preciso que se acautele os interesses dos clubes e dos atletas, para que daqui não saiam outros Gringo, Velau, Edmar, Lia, Netinho ou Genivaldo, deixando aqueles que com eles gastaram quantias relativamente grandes, com a desilusão de uma “taxa-desespero” de dois mil Cruzeiros.

Agora, que a administrativamente, ventos promissores começam a soprar para o nosso esporte, ajudemo-lhes a crescer, dando-lhe aquilo que ele mais necessita: os novos estatutos, dentro de uma legislação modernamente atualizada.

Aos velhos caducos estatutos atuais, em sua morte, colocaremos no seu jazigo perpétuo, um epitáfio consolador, como homenagem póstuma aos conservadoristas.

Precisamos recuperar, atualizar e progredir esportivamente. (D’ÁVILA, 1959b, p. 3).

Ainda no mesmo mês de janeiro de 1959, outro texto de Félix d’Ávila evidenciou sua preocupação com o basquete sergipano. Talvez por ser praticante assíduo desta modalidade esportiva, o seu envolvimento sentimental fez com que as palavras utilizadas na sua redação ficassem recheadas de emoção e de certa maneira apontava para traços de austeridade de sua personalidade. O título do texto foi marcado com letras maiúsculas: “AGONIZA O BASKET-BALL SERGIPANO”.

Triste realidade a que estão vivendo os amantes do esporte da “bola na cesta”, com a agonia lenta da destruição por que passa a Federação Sergipana de Basket-Ball. Alias esta destruição vem se processando há três anos, corroendo lentamente, o que se tinha conseguido em quatro anos de sacrifício e amor ao basket-ball. O diagnostico deste mal? É muito simples de traçarmos! Eis aqui: incompetência e ignorância dos que a dirigiram ou dirigem, no que concerne a administração e organização de uma federação especializada.

Para uma melhor ideia, analisemos fria e imparcialmente a situação da moribunda Federação Sergipana de Basket-ball: sede, a Federação NÃO TEM; dinheiro, a Federação NÃO tem, pois não possui um serviço de cobrança e tesouraria organizados; material para registro, inscrições, transferências e etc. a Federação NÃO tem; diretor técnico, a Federação NÃO tem; diretor de oficiais, a Federação NÃO tem; tesoureiro, a Federação NÃO tem; secretário, a Federação tem mas trabalha e reside na cidade de Porto da Folha, à beira do São Francisco; subvenção federal a Federação NÃO recebeu ainda a de 1957, e já estamos em 1959; juízes oficiais de mesa, a Federação NÃO tem; Tribunal de Justiça Desportiva, a Federação NÃO tem; campeonato oficial de 1958, a Federação não realizou ainda e já

estamos em 1959; quadras marcadas dentro das novas regras, a Federação NÃO providenciou junto aos clubes para que façam as devidas alterações. Mas, perguntarão vocês, naturalmente: ...e Presidente, a Federação tem? Bem, meus amigos, ter presidente, ela tem, mas NÃO atua, em virtude de seus inúmeros afazeres particulares (no que deve ter inteira razão).

É esta a situação melancólica em que se encontra presentemente o meu querido basket-ball, esporte que já existiu em Sergipe. Agoniza ele, nos estertores da decadência, preso pelos incompetentes e amordaçado pelos ineptos; paga injustamente, um tributo que não era seu. Do vigoroso e emocionante esporte, do passado, resta apenas as saudades, no presente. Em Sergipe, podemos afirmar convictamente e com intensa tristeza, que o basket-ball é um “esporte em marcha”.... a Ré, acelerado. (D’ÁVILA, 1959a, p. 3).

Félix d’Ávila conhecia a sistemática de funcionamento de uma Federação esportiva, havia detectado graves problemas na entidade e não se calou. Expôs de forma contundente seu ponto de vista. Fiquei intrigado com esta situação relacionada ao basquete sergipano e fui colher algumas informações acerca da Federação Sergipana de Basquetebol no final da década de 1950. Localizei que as subvenções concedidas às entidades esportivas advinham do decreto 43171 de 4 de Fevereiro de 1958, assinado pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Por este documento as entidades filiadas à Confederação Brasileira de Desportos recebiam valores em espécie para desenvolver o esporte local e, conseqüentemente, o nacional. O jornal “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro publicou, em fevereiro de 1958, uma relação de todas as entidades filiadas e os valores concedidos referentes ao exercício de 1957. Em Sergipe, havia apenas três entidades: Federação Sergipana de Desportos; Federação Sergipana de Basquetebol e a Federação Atlética de Estudantes de Sergipe. Os valores repassados indiciam seus respectivos “*status*” junto à Confederação, pois a Federação Sergipana de Desportos recebeu a quantia de 105.000,00; a Federação Sergipana de Basquete, 100.000,00 e a Federação de Estudantes de Sergipe o montante de 20.000,00 (SUBVENÇÕES, 1958, p. 50).

Para Félix d’Ávila não bastava apenas escrever sobre a situação que se encontravam as Federações do Estado de Sergipe. O bom relacionamento com o presidente da Confederação de Basquete, por exemplo, o almirante Paulo Martins Meira, fez com que ele adquirisse e fizesse uso de seu capital social, a ponto de retirar do Campo quem não estivesse “jogando bem”. Durante entrevista concedida em São Paulo, quando eu o indaguei sobre o presidente da Federação Sergipana de Basquete naquela época, ele respondeu:

[...] Porque quem eu coloquei no lugar dele foi o Vinicius, e deve tá vivo, deve tá lá, ele era do basquete, professor de basquete e tal, hoje deve tá até aposentado...

Aí eu coloquei o Vinicius no lugar dele, por que o basquete era uma merda! Não tinha nada. Aí digo: porra... meu esporte e tal, não tem nada. Aí tirei... Eu fui... É... O presidente da Confederação Brasileira de Basquete era um amigão meu, amigão mesmo. Era o almirante.. É.. Martins Meira. Eu levei ele para Aracaju quando ele casou, botei ele lá na Barra dos Coqueiros, ele passou a lua de mel lá com a mulher, e ele dizia assim: – Oh Félix, esse aqui, o primeiro filho dele, é o resultado da Ilha dos Coqueiros viu... (Risos) – É....o..... pô de vez em quando tá me dando um lapso... (pausa)

– *O almirante.*

– Heim?

– *Você falou do almirante que era presidente...*

– É. O almirante Meira era muito meu amigo entendeu? E aí ele resolveu me apoiar, me deu dinheiro pra Federação e tal. Eu levei o time pra Belo Horizonte.... Pra um campeonato brasileiro.

– *O time Sergipano?*

– O time do Sergipe....

– *Quem treinava o time? Você...*

– Era eu! Era eu... Quem treinava o time era eu porra! Quem é que eu ia botar? Tinha Vinícius mas... o Vinicius ainda era sem muita experiência né? Mas ele ficava junto comigo! Então eu era quem treinava o time. Como o feminino também. Entendeu? Eu tinha a Mirian, mas eu é quem treinava, mas ela é que me dava suporte. Era tudo mulher né? Que mais? É..... (pausa)

– *Estranho, sabe que eu acho estranho, que a Federação... a Federação de Basquete já existia, mas não havia nenhum professor... a não ser Edilberto e você!*

– É... e o presidente era “leigo” né... Aí eu tirei... Como tirei o do vôlei!

– *Tirou do vôlei também!?*

– Sabe quem era do vôlei? ‘Volkswagen’ o apelido dele, Arenaldo, Arenaldo... já morreu, já morreu... é.. depois ele ficou até meu amigo. Mas ele não me suportava! Por que eu tirei ele. Ele era dono!... do voleibol.

– *E como é que você tirou ele?*

– Ah... Era muito amigo do presidente da Confederação, que era o ‘Calçada’. E eu conhecia o Calçada do Rio, eu joguei voleibol pelo Vasco e pelo Flamengo... então...

– *Conheceu esse pessoal todo?*

– Conheci! Aí eu fui a ele: – Ah Calçada é uma esculhambação! Ele disse: – Que é que você quer que eu faça? – Quero que você tire! – Ah! Vou tirar! Botar quem? Eu disse: – Lises Alves Campus. Entendeu... que era amigo meu, a gente trabalhava junto e tal, viajou comigo pra vários lugares. – Então vou nomear... Daqui a pouco chegou a nomeação do Lises. [...] (D’ÁVILA, 2012).

O envolvimento que Félix d’Ávila possuía com os dirigentes de algumas das confederações esportivas do Brasil possibilitou que ele tensionasse o Campo da Educação Física em Sergipe de modo a indicar os nomes daqueles que se tornariam presidentes das Federações no Estado.

Apesar do seu envolvimento no meio esportivo, no clube do Vasco e com o jornal, Félix demonstrou seu envolvimento com o âmbito escolar, visto que participava de cursos e eventos vinculados à área. O mesmo jornal que publicava seus artigos semanalmente, expôs aviso em 20 de junho de 1959, informando aos leitores que o professor Félix d'Ávila havia viajado ao Rio de Janeiro e a São Paulo, a fim de participar do “II^o³³ Estágio Internacional de Educação Física” e do “VI Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico” promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura (PROF. FÉLIX, 1959, p. 5). O III Estágio Internacional de Educação Física destinou-se a fornecer oportunidades de aprimoramento dos conhecimentos a professores de todos os recantos do País, bem como contato com as técnicas novas que os profissionais especialistas estrangeiros trazem para ministrar (INSTALADO, 1959, p. 4). Este evento, com duração de 15 dias, contou com a presença de 190 participantes e foi supervisionado pelo seu idealizador, o professor Alfredo Colombo, então diretor da Divisão de Educação Física. Dentre os assuntos que mereceram a atenção dos “mestres-alunos” destacaram-se os ligados a: “*interval-training*”, ginástica feminina moderna, recreação, danças regionais e método natural austríaco (ENCERRA-SE HOJE, 1959, p. 3).

Ao retornar para Sergipe, Félix d'Ávila trazia consigo não somente os certificados de participação desses cursos, ou o que Bourdieu (1998) considera títulos escolares, mas também “créditos” de prestígio que começavam a destacá-lo dentro da área da Educação Física sergipana. Ele vinha se compondo ao “metabolizar” suas vivências. Da experiência de atleta começava a nascer um professor. Evidência disso é que em 21 de novembro de 1959 Félix participou de um evento intitulado “Simpósio dos Problemas Aracajuano”, ocorrido no governo municipal do prefeito José Conrado de Araújo, cuja temática abarcou: Alimentação e Cinturão Verde; Educação e Cultura; Saúde e Bem-estar; Transportes; Urbanismo e Política Tributária. Segundo Graça (1996), o prefeito José Conrado, com esse Simpósio, demonstrou aos correligionários e opositores sua disposição em realizar uma “administração técnica”, comprometida com as demandas sociais; livre, portanto, dos comprometimentos meramente partidários. O coordenador geral do Simpósio, o jornalista e promotor público Paulo Costa³⁴, confirmou as intenções do prefeito em seu discurso no evento, quando afirmou: “O escopo essencial do Prefeito era obter dos técnicos e entendidos, sem neles distinguir matizes partidárias, planos e objetivos de trabalho que devam e possam ser realizados na sua gestão

³³ Ao verificar periódicos do Rio de Janeiro nos meses de junho e julho de 1959, percebi que o jornal “A CRUZADA” publicou a matéria com erro de impressão, pois, de fato, o evento denomina-se III Estágio Internacional de Educação Física.

³⁴ Encontrei indícios de que Paulo Costa seja irmão, por parte de pai, de Félix d'Ávila Costa.

administrativa [...]” (GRAÇA, 1996, p. 37). Ou seja, as pessoas convidadas a participar deveriam possuir competências “técnicas” em suas áreas de conhecimento. Não sem razão, que no Simpósio dos Problemas Aracajuanos:

A Comissão Organizadora foi inicialmente composta pelo secretariado e diretores de órgãos municipais, mas as comissões de trabalho contemplaram vários nomes da intelectualidade sergipana de modo a se revelar verdadeiro o princípio do mérito e da competência em detrimento da filiação partidária. A Comissão de Educação e Cultura foi subdividida em grupos de trabalho, contemplando nomes como: Maria das Graças Azevedo Melo, Neyde Torres Mesquita, Manuel Franco Freire, Alvina Marques, Núbia do Nascimento Marques, Djenal Tavares Queiroz, Félix D’Ávila, dentre outros (GRAÇA, 1996, p. 38).

Durante o Simpósio dos Problemas Aracajuanos foi produzido um documento no qual constam as proposições feitas pelos participantes do evento. Na Comissão de Educação e Cultura, Félix d’Ávila participou enquanto relator da “Comissão B” do grupo de trabalho presidido por Robério Garcia, que teve os seguintes integrantes: Zoroastro Rodrigues dos Santos, Raimundo Luiz da Silva, Deocleciano Ramos, Cap. Isaias Alves de Souza e o Deputado Djenal Tavares de Queiroz. Segundo Graça (1996) essa comissão subscreveu uma parte do documento que:

[...] reivindica a criação de uma Superintendência ou Departamento de Educação Física, ligada diretamente à Diretoria de Educação e Cultura. Este órgão iria direcionar, orientar e fiscalizar a educação física na rede municipal observando a amplitude que abrange a ginástica, os desportos e as atividades “físico-recreacionais”.

Aponta a construção de duas praças públicas de desporto com quadras de basquete, voleibol, *play-ground*, sendo, uma no bairro Siqueira Campos e outra na Praça da Bandeira. Além de outras sugestões, aponta a longo prazo, a criação do Centro Municipal de Educação Física e Desporto que compreenderia “*um ginásium com capacidade para 2 mil pessoas, quadras de voleibol, basquete, futebol de salão, sendo adaptáveis para cinema, conferências, exposições, tendo também um campo de futebol e atletismo e uma piscina semi-olímpica*”. A longo prazo também se encontra prevista a construção de dois trampolins, um na Avenida Ivo do Prado e outro no bairro Industrial. (GRAÇA, 1996, p. 87-88, grifo da autora).

Algumas dos indicativos propostos por este Seminário se concretizaram, ainda hoje, quem passa pela praça localizada no bairro Siqueira Campos, em Aracaju, verifica a existência de quadras esportivas no local. O professor Félix d’Ávila se envolvia nos assuntos relacionados à Educação Física, tal qual seu pai, Luiz José da Costa Filho, fazia no âmbito da

literatura quando esse participava ativamente das academias literárias e institutos históricos. Félix passou a ser (re)conhecido no Campo da Educação Física sergipana enquanto uma referência na área, pois não há como desconsiderar que ele foi convidado a participar de eventos na área educacional para tratar daquilo que ele conhecia e dominava: a Educação Física e tudo que dela decorria. Menos de um mês após o aludido simpósio, em 12 de dezembro de 1959, o Jornal “A Cruzada” estampa como capa a notícia sobre a Primeira Jornada de Educação Secundária, ocorrida entre os dias 7 e 17 daquele mês. Ela foi promovida pela Inspetoria Seccional de Educação sob a orientação do Dr. Moniz de Aragão, inspetor seccional do Ministério da Educação em Sergipe. O evento contou com a presença dos diretores de Ginásio da época e com representantes de todas as camadas culturais e educacionais do Estado. Inclusive a solenidade de abertura foi realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e contou com a presença do governador do Estado, Luiz Garcia, que realizou a abertura dos trabalhos. O primeiro tema tratado esteve a cargo do “Dr. Severino Uchôa”, diretor do Instituto de Educação Ruy Barbosa, que dissertou sobre “Problemas da administração escolar”. As demais sessões foram realizadas no SESC-SENAC e dentre os relatores que apresentaram trabalhos estiveram presentes: o professor Fernando de Azevedo, discutindo o tema “Alunos Problemas e pais problemas” e o professor Félix d’Ávila, abordando como temática “A Educação Física e as Atividades Extra-Curriculares” (PRIMEIRA JORNADA, 1959, p. 1).

Os dois primeiros anos enquanto professor de Educação Física em Aracaju e sua dedicação aos eventos esportivos fizeram com que Félix d’Ávila fosse lembrado pelo editorial³⁵ do jornal “A Cruzada” em janeiro de 1960, com o título de: “S.O.S.” Salvemos o Basquetebol Sergipano! A matéria trata das dificuldades pelas quais a modalidade esportiva do basquetebol vinha passando e o seu intuito era uma espécie de apelo para aqueles que faziam a vida do basquetebol sergipano, com vistas ao seu não desaparecimento. Ainda segundo o texto, o basquetebol merecia atenção do público desportista do Estado, pois sempre havia entusiasmado suas torcidas, e que sua tradição fora criada “[...] através de lutas e sacrifícios de grandes abnegados (Epaminondas Vital, Roberto Vieira, e mais próximo no tempo, Antônio e José Lisboa, F.D’Ávila, Fernando Firpo), todos eles com a contribuição maiúscula de seus esforços [...]” (S.O.S., 1960, p. 5).

³⁵ Vale registrar que os editoriais dos jornais exprimem a opinião dos mesmos ao tratar de determinados assuntos. Por isso a matéria não vem assinada.

Em meio às práticas desportistas, artigos de jornais, aulas e estratégias, o professor Félix d'Ávila foi ganhando espaço em “jogo” no campo da Educação Física. Menos de um mês após ser “lembrado” enquanto abnegado do Basquete, o jornal “A Cruzada”, de 20 de fevereiro de 1960, trouxe uma matéria acerca da Federação Sergipana de Desportos, na qual Félix viria fazer parte do quadro de dirigentes, na função de Diretor Administrativo. Em apenas dois anos de trabalho ele já estava fazendo parte da entidade que comandava o desporto em Sergipe. Optei por trazer apenas um trecho do impresso com o objetivo de destacar as qualificações que o levaram a fazer parte da entidade.

A Federação Sergipana de Desportos vem fazer uma aquisição para sua Diretoria de um dos mais destacados desportistas de Sergipe. Trata-se do Professor Felix D'Ávila, elemento a quem o esporte de nosso Estado deve bastante por sua atuação em diversos setores, e que agora vem aceitar o cargo de Diretor Administrativo da Federação Sergipana de Desportos. Dotado de ampla visão, conhecedor profundo da burocracia esportiva, o novo Diretor Administrativo da F.S.D. irá emprestar sua valorosa colaboração para o progresso de nossos esportes. Está de parabéns, não apenas a F.S.D., senão todo o esporte sergipano [...] (DIRETOR, 1960, p. 5).

As ações produzidas por Félix d'Ávila estavam sendo legitimadas oficialmente pela entidade responsável por gerir as modalidades esportivas em Sergipe, o que denota o seu capital simbólico, o que para Bourdieu (2004) não é outra coisa senão o capital cultural quando conhecido ou reconhecido. Neste caso específico da FSD, seu capital simbólico estava sendo sancionado e garantido, além de instituído juridicamente pelo efeito de nomeação oficial, isto é, pelo ato o qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecida.

Além dos assuntos relacionados à administração da FSD, o professor Félix d'Ávila também transitava no âmbito do esporte universitário. O evento “XV Jogos Universitários Brasileiros” fora realizado em Niterói, no Rio de Janeiro. As solenidades de abertura ocorreram no Estádio Caio Martins e reuniram em torno de 1900 estudantes de 19 estados da Federação. A delegação de Sergipe se fez presente nas competições através do futebol, tênis, barco à vela e natação. Os universitários estavam acompanhados pelo departamento médico e técnico, a cargo do Dr. Renato Lucas e do professor Félix d'Ávila, respectivamente, que “[...] se desdobraram no sentido de prestar a melhor assistência aos componentes da delegação” (Anexo I). Durante o evento esportivo, o governador de Sergipe à época, Luiz Garcia, dirigiu-se pessoalmente ao Estádio Caio Martins, local onde os universitários permaneceram alojados

para participar de um almoço junto com a delegação (REGRESSARAM, 1960, p. 1-4). Tal atitude, mostra senão a importância que o evento tinha, mas sobretudo o envolvimento de Félix d'Ávila no Campo da Educação Física.

Outro evento noticiado em 1960 que marcou os jornais em Aracaju foi a mobilização de vários segmentos da sociedade sergipana em prol da aquisição de uma sede própria para os escoteiros no Estado. Em 26 de agosto desse ano houve uma reunião no IHGSE, sob os auspícios do Coronel José Lopes Bragança, presidente do Conselho Regional dos Escoteiros de Sergipe, na qual foi lançada a campanha com objetivo de se adquirir uma sede. Formou-se então uma comissão cujo representante dignitário foi o comandante Roberto Paulo Timponi e diversas adesões surgiram, a exemplo: Arquidiocese de Aracaju, Lions e Rotary Clube, o engenheiro Pedro Alcântara Braz ofereceu seus serviços profissionais gratuitamente, foram feitas subscrições em dinheiro que somaram a quantia de Cr\$ 18.500,00, e até mesmo o representante do jornal “A Cruzada” ofereceu uma coluna permanente para a cobertura da Campanha (ESCOTEIROS, 1960, p. 2). A mobilização foi tamanha que envolveu as famílias daqueles que estavam à frente da campanha. Com o intuito de se arrecadar verbas para a construção da sede dos escoteiros foi organizado um almoço americano no sítio “Descanso”, situado no caminho da Atalaia. A promoção ficou a cargo de um grupo de senhoras, inclusive a esposa de Félix d'Ávila (ALMOÇO AMERICANO, 1960, p. 1).

Como já ressaltado anteriormente, Félix d'Ávila era um dos poucos professores de Educação Física, em Sergipe, formados na época e não se furtava de participar ativamente de eventos nos quais a tônica era o esporte local. Foi assim no “III's Jogos Universitários Norte e Nordeste”. O evento era uma iniciativa da Confederação Brasileira de Desportos Universitários e tinha enquanto patrocinadora a Federação Riograndense de Desportos Universitários. Os jogos foram realizados na capital potiguar no período de 15 a 23 de junho de 1961 e contaram com a participação dos Estados do Maranhão, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Pará, Paraíba, Ceará, Bahia e Sergipe. A delegação sergipana, composta de 15 atletas e quatro dirigentes, competiu nas modalidades Vôlei, Basquete e Futebol de Salão, consagrando-se campeã invicta nessa última. Fora das quadras, a delegação sergipana, que tinha Félix d'Ávila na condição de um dos dirigentes, recebeu o título honroso de “Comportamento Exemplar”, pois foi a única delegação que não apresentou anormalidades nem no setor esportivo, nem no social (SERGIPE, 1961, p. 1-4). A Figura 8 mostra o momento do acendimento da tocha Olímpica no “III's Jogos Universitários Norte e Nordeste”, nela o professor Félix encontra-se ao canto esquerdo na imagem.

O envolvimento de Félix nas pelepas esportivas, enquanto dirigente de delegação fora do Estado, não o eximia das responsabilidades de professor de Educação Física em Aracaju. No dia 7 de setembro de 1961, na Praça Fausto Cardoso, houve um evento promovido pela Secretaria de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe em comemoração ao Dia da Pátria. Dentre as festividades estavam as apresentações de: canto orfeônico, no qual 1500 vozes ficaram sob a regência do professor Genaro Plech; Ginástica, na qual alunos da “Cidade de Menores Getúlio Vargas”³⁶ receberam orientação de Félix d’Ávila e Ginástica rítmica cujos alunos do Grupo Escolar General Valadão receberam orientações da professora Luzia Fontes Santos (DESFILÉ, 1961, p. 1).

Figura 8 – III Jogos Universitários Norte Nordeste. Acendimento Tocha Olímpica, 1961.



Fonte: Acervo pessoal do professor Félix d’Ávila

³⁶ Instituição inaugurada pelo Estado de Sergipe em 1942 no município de Nossa Senhora do Socorro, distante do centro urbano de Aracaju. A infância foi objeto de intervenção higiênica e disciplinar, pois entendia-se que a criança pobre poderia vir a se tornar um criminoso. Neste sentido, o governo sergipano consubstanciou uma estratégia que se apresentou ao mesmo tempo educativa e higienista, com o intuito de eliminar elementos responsáveis pela proliferação de doenças. (BISPO, 2006, p. 865).

Outra importante “jogada” que Félix d’Ávila deu no Campo da Educação Física sergipana acontece no mesmo ano de 1961. O “Diário Oficial da União” de 5 de setembro daquele ano publicou as portarias referentes a 28 de abril. Neste documento oficial o professor Félix é designado para o fim especial de orientar e fiscalizar a Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário no Estado de Sergipe. Diante do que já foi apresentado, se antes de sua nomeação Félix já demonstrava seu envolvimento incisivo na área, por certo, o título oficial, outorgado pelo Diretor da Divisão de Educação Física, lhe municiou de certo poder simbólico no Campo.

Vale registrar que o ensino secundário em Sergipe, em fevereiro de 1961, é retratado pelo Jornal “A Cruzada” imerso numa crise. Pois a escola pública apresentava-se despreparada tanto nas instalações, quanto na falta de material didático e principalmente com relação ao corpo docente. O ordenado pago aos professores é mencionado enquanto “sub-salário”. E apesar da construção recente dos prédios do Colégio Estadual de Sergipe e do Instituto de Educação, as poucas Escolas Normais Rurais no interior haviam sido instaladas em condições precárias. Outro ponto relacionado à crise deste nível de ensino era concernente ao processo de seleção de professores, que em virtude da multiplicação do número de turmas, em face da elevada quantidade de matrículas, eram contratados a partir, apenas, do arbítrio governamental baseado em influência político partidária. Desta forma, inexpugnável, havia grande número de docentes inabilitados no nível secundário, ensinando em situação provisória e à espera dos exames de suficiência (ENSINO, 1961, p. 3). Baseando-se em Graça (2002), a situação é assim expressa:

Com uma população de 112.893 habitantes em 1960 (A CRUZADA, 1960, n.1.166), a capital de Sergipe atraía cada vez mais pessoas vindas do interior do Estado, num processo denominado de “migração cultural”, provocado pela pressão da necessidade de escolarização dos filhos da aristocracia e das camadas médias rurais e urbanas do interior do Estado de Sergipe. Tal processo levou muitas famílias a procurar em Aracaju uma educação de qualidade para seus filhos. Por outro lado, os jovens que vinham estudar na capital absorviam de tal forma o cotidiano urbano, que não mais queriam voltar à sua terra natal. Desta maneira, a escola contribuiu para o aumento populacional da cidade (GRAÇA, 2002).

Esta autora, ao eleger como objeto de estudo os ginásios sergipanos na década de 1960, traz informações cruciais para entender o ensino secundário em Sergipe à época. Segundo ela:

Das 21 unidades de ensino secundário, apenas 3 do primeiro ciclo (Colégio Estadual de Sergipe, Instituto de Educação Rui Barbosa e Escola Técnica de Comércio) eram mantidas pelo poder estadual, sendo que as duas primeiras ofereciam também o segundo ciclo: o científico e o clássico no Colégio Estadual de Sergipe e o de formação de professores primários no Instituto de Educação. As demais eram privadas e umas poucas mantidas pelo Governo Federal, como a Escola Agrotécnica e a Escola Industrial de Aracaju. (GRAÇA, 2002, p. 48).

Ao se ater aos dados de que havia uma necessidade premente, dado a conjuntura nacional, de matrícula e, conseqüentemente, de professores (contratados, muitas vezes sem a devida formação), Nunes e Aragão assim interpretam a situação:

Este ajustamento foi promovido à custa da adaptação e improvisação, especialmente relacionada à urgência na contratação de professores, fato que poderia prejudicar a qualidade do serviço ofertado pelos estabelecimentos. Esse era outro ponto de conflito quanto ao ensino secundário sergipano: a carência de professores com formação superior para lecionar nas escolas existentes. A maioria dos professores não possuía formação superior, o que agravava ainda mais a situação da qualidade do ensino. Fazia-se urgente estruturar o quadro do magistério secundário em Sergipe, de forma a fugir da improvisação ao qual estava submetido. (NUNES; ARAGÃO, 2011, p. 12).

No âmbito da Educação Física em Sergipe, vale lembrar que em 1961 também havia poucos professores habilitados pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos e dentre eles estavam: Edilberto Reis Cunha, Elodi Fontes de Carvalho, Rosália Bispo dos Santos, Félix d'Ávila e Candido Pereira Augusto Sampaio. O diploma dessa escola, naquela época, significava possuir “status” profissional diferenciado dos demais professores (leigos) que atuavam no Campo da Educação Física. Isso porque eles haviam sido formados de acordo com os preceitos “modernos” apregoados pelo estabelecimento que se constituía enquanto modelo de Educação Física para a Nação.

Aos poucos, os “pontos marcados” por Félix d'Ávila faziam com que ele se consolidasse enquanto referência na Educação Física em Sergipe, ao ponto de começar a ser prestigiado com convites para fazer preleção sobre temas que compõem o seu campo de atuação. Foi assim em 2 de dezembro de 1961, quando uma matéria do jornal “A Cruzada” trouxe informações acerca do departamento regional do SESI em Sergipe que havia promovido a solenidade de encerramento de um Curso de Recreação que esta entidade havia realizado. Dentre os presentes na solenidade estava o Prof. Félix d'Ávila, que foi convidado para discursar em nome dos alunos concludentes. O Curso de Recreação foi ministrado em 15

aulas durante oito dias pelas professoras Edy Monteiro e Auta Gouveia e era destinado a professores dos estabelecimentos de ensino do SESI, assistentes sociais e outras pessoas interessadas. Segundo a matéria jornalística, esse curso é tido como o primeiro desta natureza realizado em Sergipe (SESI, 1961, p. 8).

Não apenas os jornais deixaram registros históricos dos locais e eventos pelo qual Félix passou. Silva (2012), ao dissertar em sua pesquisa sobre a trajetória de vida de Antonio Garcia Filho, expõe um quadro de funcionários do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, e lá consta o nome Félix d’Ávila na função de “Fisioterapeuta”, tendo realizado sua capacitação no Centro de Reabilitação da A.B.B.R.³⁷, no Rio de Janeiro. As informações desse quadro funcional foram erigidas de uma publicação datada de 1966, mas infelizmente nela não há descrição da data de contratação de cada empregado. Infiro que Félix tenha sido contratado em 1962, quando o referido centro foi inaugurado, por conta de dois motivos: 1 – no mesmo quadro, onde seu nome aparece, havia outros dois funcionários os quais também eram formados pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos e que estavam designados no mesmo quadro enquanto professores de Educação Física; 2 – em 17 de abril de 1963 o “Diário Oficial da União” registra a sua lotação na cidade de Niterói no cargo de inspetor de ensino (DOU, 1963, p. 33). Lá ele iria se envolver não somente com as inspeções de escolas no âmbito da Educação Física, mas também com eventos esportivos estudantis.

1.5 Félix d’Ávila e os Jogos Estudantis Brasileiros

Apesar de o registro oficial acontecer somente em 1963, há indícios de que o professor Félix d’Ávila tenha passado por Niterói antes desta data, talvez até por conta da capacitação em Fisioterapia no Rio de Janeiro. Isso porque em uma de minhas entrevistas com ele, acerca dos eventos esportivos que estavam sob sua responsabilidade e que deram origem, posteriormente, aos Jogos Estudantis Brasileiros, o professor responde a alguns questionamentos:

– Ah sim! Eu comecei a fazer os jogos é... Intermunicipais.

³⁷ A Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) foi fundada no dia 5 de agosto de 1954 na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Barros (2009, p. 141), A ABBR representou, em meados de 1950, dois papéis principais: o de uma instituição humanitária e de relevância pública no auxílio e tratamento dos que dela necessitavam, e também o de uma instituição pioneira e moderna sob o ponto de vista científico e de novas técnicas terapêuticas. O prestígio e influência política do grupo de empresários que atuava junto à ABBR, a presença constante na mídia e os relevantes serviços prestados à sociedade fizeram com que muitos políticos quisessem associar sua imagem à instituição.

- *Entre Niterói e Rio.*
- Não! Municípios do Estado do Rio.
- *Ah! No Estado do Rio.*
- Eu comecei a fazer os jogos intermunicipais, eu fiz o primeiro no Colégio Afrânio Peixoto lá em Nova Iguaçu. Entendeu? O diretor era um intelectual, Afrânio Peixoto foi da academia e tal... mas gostava muito de esporte, ele gostava muito de mim, e... aí eu comecei a trabalhar, e ele gostava! Me deu “carta branca”. Aí eu fiz os jogos intermunicipais lá do, do Estado do Rio e fazia no Caio Martins e dava hospedagem pro pessoal, então todo mundo ia.
- *Entendi...*
- Dava hospedagem e alimentação.
- *Mas foi uma solicitação do diretor, ou foi sua?*
- Não! Não foi dele não, foi minha, foi tudo minha! Fui eu quem criou os jogos! Os Jogos Escolares Brasileiros, fui eu quem criou também, entendeu? Aí eu comecei a fazer os Jogos Intermunicipais, então a coisa ficou num nível muito alto! Eu tive que fazer no Caio Martins. Por que não tinha mais condições... Dava hospedagem pra todo mundo, e fazia os jogos lá. Então o pessoal passava uma semana lá, é... jogando, competindo. Foi uma época boa pro pessoal que vinha do interior e tal... Teve uma equipe de Rezende muito boa, tinha um menino até da seleção brasileira. Entendeu? Foi uma época muito boa lá no Estado do Rio foi essa do Intermunicipal. E depois, eu fiz os jogos católicos [...] (D’ÁVILA, 2012).

A busca por informações acerca dos Jogos Intermunicipais realizados na cidade de Nova Iguaçu que ocorreram no colégio Afrânio Peixoto me levou a um jornal publicado em maio de 1962. Nele informava-se a realização de uma “grande olimpíada estudantil” a ser organizada no período de férias escolares, sob os auspícios desse colégio. A competição iria reunir diversas modalidades esportivas, dentre elas: o futebol, tênis de mesa, futebol de salão e voleibol masculino e feminino. E que a participação no evento já havia sido confirmada por seis municípios. O nome do professor Félix d’Ávila não é mencionado nesta matéria jornalística, no entanto, o impresso afirma que havia uma comissão encarregada da organização que estava trabalhando para realizar um espetáculo grandioso (OLIMPÍADA, 1962, p. 10).

Identifiquei também alguns dos Jogos Católicos os quais o professor Félix afirma ter realizado ainda na década de 1960. O jornal “Última Hora”, em agosto de 1965, publicou uma pequena nota informando acerca do “II Torneio Intermunicipal Feminino de Voleibol”. Apesar deste impresso também não referenciar seu nome, a reunião no evento foi realizada na sede da Inspeção Seccional de Educação Física de Niterói, sucursal na qual Félix d’Ávila havia sido lotado anteriormente. Os eventos esportivos parecem indicar certo “status” social significativo para a época, pois a sessão realizada para tratar da competição contou com a presença de dezessete diretores de educandários, além de ter sido ressaltada a importância da

aproximação de todos os estabelecimentos de ensino através do esporte (ANÚNCIO, 1965, p. 6).

Outro evento que ocorreu no estádio Caio Martins foram os “Jogos Colegiais” ocorridos no ano de 1964. O objetivo desse evento foi estimular nos jovens fluminenses a prática desportiva e era promovido pela Direção do Departamento de Educação Física, com a colaboração da Inspetoria Seccional do Ministério da Educação. Desse evento participaram estudantes menores, ou seja, entre 11 e 14 anos, e de idade superior a 15 anos (DESFILÉ, 1964, p. 5). O nome do professor Félix d’Ávila também não é referenciado na matéria jornalística, no entanto, o evento contou com a participação de 23 colégios de Niterói e São Gonçalo. Participaram equipes de estudantes entre 11 e 14 anos e de idade superior a 15 anos nas modalidades de futebol de campo e de salão, voleibol masculino e feminino, basquetebol masculino e atletismo masculino e feminino.

Em 7 de junho de 1967 o periódico “Diário do Paraná” publicou uma matéria sobre os Jogos Colegiais Sul Americanos, evento esportivo planejado para ser realizado em Curitiba no período de 8 a 15 de outubro, cujos representantes estrangeiros convidados foram: Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile e Peru. O professor Félix d’Ávila e Martha Helga Kampmann foram escolhidos para serem os novos coordenadores do evento e enviados à capital paranaense pelo diretor da Divisão de Educação Física, o coronel Artur Orlando da Costa Ferreira, para reestruturar as várias comissões executivas que tinham a responsabilidade de organizar este certame. A matéria ainda informava que durante a permanência destes professores eles estudariam as várias formas de organização deste torneio colegial (SUL-AMERICANO COLEGIAL, 1967, p. 11).

Outra edição do mesmo periódico noticia o desempenho de Félix d’Ávila e Martha Kampmann, juntamente com os professores do Departamento de Educação Física e Desportos, pois eles estavam trabalhando bastante nos detalhes finais da organização desse evento e suas ações iam da convocação de atletas brasileiros até as obras da pista de atletismo que estavam sendo remodeladas. A programação elaborada com a participação de todas as comissões estabeleceu que o congresso de abertura ocorresse no dia 5 de outubro daquele ano, no auditório do Colégio Estadual do Paraná. No dia seguinte, pela manhã, haveria reunião das comissões técnicas no mesmo colégio e à noite seria realizado um coquetel. Já o desfile de abertura com as delegações ficou para o dia 7 no estádio Belfort Duarte e logo em seguida haveria uma demonstração de ginástica (SUL-AMERICANO DÁ, 1967, p. 11).

No final de novembro daquele ano, após a concretização desse certame Sul Americano, Félix retornou a Curitiba, com o intuito de prospectar acerca da “possibilidade da realização do Campeonato Brasileiro Colegial, que seria disputado na segunda quinzena de julho, em Brasília.” (ESPORTE, 1967, p. 12). Tal informação, além de evidenciar sua participação na área como um promotor de eventos esportivos colegiais, o coloca na gênese do que viria a serem “os Jogos Estudantis Brasileiros”. Evento cuja primeira edição ocorreu de fato no ano de 1969 e que hoje, apesar da mudança de nomenclatura ao longo do tempo, está em sua 44ª edição e consta no calendário esportivo escolar como um dos mais importantes da área.

Um ano mais tarde, em novembro de 1968, o nome de Félix d’Ávila surge em outra matéria jornalística, só que dessa vez em um periódico do Rio de Janeiro, enquanto “Diretor da Inspeção Seccional de Educação Física no Estado Fluminense”. Acredito que nesse momento de sua carreira, o professor Félix já fazia parte da “cúpula” de pessoas que estavam no comando da Educação Física no Brasil. A notícia tratava da posse do novo presidente do Conselho Regional de Desportos do Estado do Rio de Janeiro, Mario Revelles Castanho, empossado pelo General Eloy Menezes, então presidente do Conselho Nacional de Desportos. Esteve presente no evento, entre outras autoridades, o coronel Costa Ferreira, diretor da Divisão de Educação Física e os professores Hélio de Oliveira Silva, diretor do Departamento de Educação Física do Estado do Rio, e Félix d’Ávila, então diretor da Inspeção Seccional de Educação Física no Estado Fluminense (ELÓI, 1968, p. 5).

Menos de um mês após a publicação da matéria anterior, em 1º de dezembro de 1968, o nome Félix d’Ávila permeia novamente o jornal “Correio da Manhã”. Dessa vez ele estava associado ao evento “XIX Jogos Olímpicos”, efetuado no México, que seria foco de um ciclo de palestras promovidas, em combinação, pelo Departamento de Educação Física do Estado do Rio, dirigido pelo professor Hélio de Oliveira Silva, com a Inspeção Seccional do MEC, e sob sua chefia. O simpósio iniciou-se no auditório da Universidade Federal Fluminense, no hospital Antonio Pedro, em Niterói. Nele o comandante do exército Lamartine Pereira da Costa esteve presente na qualidade de observador do MEC, mas também realizou palestra acerca dos “Fatores condicionantes do desempenho atlético e suas implicações para a reorganização desportiva brasileira”. Outros nomes que conferenciaram no evento foram: professor Osvaldo Gonçalves que, além de ser professor catedrático da ENEFD, esteve no México enquanto técnico da equipe brasileira de atletismo e abordou o tema “Atletismo nas Olimpíadas”; professores Clovis Nascimento e Hilton de Almeida que abordaram,

respectivamente, acerca do salto triplo, haja vista que Clovis foi técnico de Nelson Prudêncio e o mesmo foi vice-campeão naquela modalidade, e do polo aquático nas olimpíadas; já o professor Roberto Pavel abordou o tema “aspectos técnicos administrativos da natação moderna e treinamento em geral”; e o professor Paulo Matta, que apresentou acerca das “Considerações sobre o voleibol moderno”. Esse evento contou também com a participação do coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira que realizou a palestra de encerramento discorrendo sobre os aspectos gerais dos “XIX Jogos Olímpicos” (CICLO, 1968, p. 23). Tais nomes representavam, à época, o seletivo grupo de professores/técnicos das principais modalidades esportivas e que uma vez congregados intentavam impulsionar o Campo da Educação Física com os conhecimentos e experiências trazidas do México.

Outro ponto crucial para a compreensão da trajetória profissional foi registrado no “Diário Oficial da União” em 30 de maio de 1969. O diretor da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação, Arthur Orlando da Costa Ferreira, designou o sergipano Félix d’Ávila para Coordenador Geral dos Cursos Básicos de Atualização em Educação Física que seriam realizados nas cidades de Manaus no Estado do Amazonas, Natal no Estado do Rio Grande do Norte, João Pessoa no Estado da Paraíba, Maceió no Estado de Alagoas, Aracaju no Estado de Sergipe, Cuiabá no Estado de Mato Grosso e Brasília no Distrito Federal, no período compreendido entre 30 de junho e 2 de agosto de 1969 (DOU, 1969, p. 4615). O trabalho que Félix d’Ávila desenvolveu no Rio de Janeiro, fez com que ele fosse reconhecido enquanto o homem que seria capaz de levar “o modelo de professor de Educação Física” que a União desejava para o País, pois estes locais acima descritos, além de não possuírem escolas com nível superior em Educação Física, hipoteticamente poderiam fazer parte de um projeto piloto para implantação de novas escolas de Educação Física pelo país. Vale ressaltar que em 1967 o Brasil dispunha de apenas nove escolas superiores de Educação Física. (OLIVEIRA, 2003, p.153).

O professor Félix d’Ávila ainda contribuiria para a Educação Física brasileira de outra maneira. O jornal “Diário de Notícias”, em 20 de julho de 1969, publicou uma matéria sobre os “Jogos Estudantis Brasileiros”. O evento foi promovido pelo Ministério da Educação e Cultura e no seu calendário abarcava quase uma semana de certames desportivos em diversas modalidades. O seu nome surge na matéria enquanto Diretor-Geral dos jogos e atual diretor da Divisão de Educação Física. Segundo o texto do jornal havia uma perspectiva de que 11 estados da federação participassem e cujo montante de alunos se aproximaria de 700 (JOGOS BRASILEIROS, 1969, p. 27). Verifiquei posteriormente na “Revista Brasileira de Educação

Física” de 1974 que somente oito Estados³⁸ participaram e o efetivo de alunos foi de 315 estudantes/atletas (FRANCO, 1974, p. 25).

O “Diário Oficial da União” de 30 de maio de 1969 registrou a criação dos Jogos Estudantis Brasileiros por meio da Portaria de 22 de maio daquele ano: “n 29 – instituir os Jogos Estudantis Brasileiros para o que baixa o regulamento geral, anexo a esta portaria. – *Arthur Orlando da Costa Ferreira*”. Félix d’Ávila havia estado com o coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira no mínimo duas vezes, em eventos que foram noticiados em jornais, no ano de 1968. Uma vez em novembro, num almoço, quando o general Eloy Menezes empossou Mario Revelles Castanho para o Conselho Regional de Desportos em Niterói; outra vez em dezembro, quando ocorreu o ciclo de palestras sobre as Olimpíadas do México. Ou seja, a hipótese que pode ser aventada é a de que não se pode desconsiderar que Félix d’Ávila possuía “transito fácil” pelo alto escalão que assinava as portarias, decretos e diretrizes da Educação Física brasileira e possivelmente sua ideia acerca da criação dos Jogos Estudantis Brasileiros chegou aos “ouvidos” do coronel Arthur Orlando que, meses mais tarde, instituiu oficialmente o evento. Tanto foi a confiança de Arthur Orlando em Félix que o coronel imputou a responsabilidade de toda a gestão do evento para seu idealizador, pois já o conhecia, sabia dos eventos esportivos que ele havia gerido e que Félix não o decepcionaria. No jargão popular militar Arthur Orlando sabia que: “missão dada é missão cumprida”.

“I JOGOS ESTUDANTIS” foi o título de outra matéria jornalística publicada em 23 de julho de 1969, no jornal “Diário de Notícias”. Nela estavam discriminados os estados participantes da peleja nacional, já descritos. O nome do professor Félix d’Ávila surge enquanto presidente da reunião que ocorreu no auditório do Centro Educacional de Niterói, com a presença de todos os chefes de delegação, na qual foi efetuado o sorteio das chaves e estabelecida a programação dos jogos e atividades (I JOGOS ESTUDANTIS, 1969, p. 12).

Como pode ser analisado, a partir da sua trajetória que engloba, dentre outros aspectos, a organização dos Jogos Estudantis Brasileiros, Félix d’Ávila foi se consolidando enquanto profissional de Educação Física e passou a ser cada vez mais reconhecido como um homem engajado, de ação, capaz de mobilizar atores, instituições e recursos para a área. Tal interpretação alicerça-se, inclusive, na edição do Jornal “Diário de Notícias” do final de julho de 1969, quando expõe que:

³⁸ Alagoas, Espírito Santo, Guanabara, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Estado do Rio e Distrito Federal. Em Arantes (2012, p. 918) consta a informação de que nove Estados estiveram presentes. No entanto, a delegação do Maranhão foi excluída oficialmente da competição por não ter comparecido a tempo (I JOGOS ESTUDANTIS, 1969, p. 12). Em Borges (2007, p. 34) também constam apenas oito Estados participantes.

[...] segundo a filosofia defendida por todas as delegações participantes, o resultado esportivo não representa o principal objetivo do certame. A maior vitória foi a organização impecável do certame, o espírito de confraternização demonstrado pelos jovens brasileiros e a desportividade com que foram recebidos os reveses e as vitórias, pelos alunos (JOGOS ESTUDANTIS, 1969, p. 31).

Coincidência ou não, durante a realização dos Jogos Estudantis Brasileiros, o decreto Lei 705 foi aprovado no dia 25 de julho de 1969. Por esse decreto é estendida a obrigatoriedade da prática de Educação Física e Desporto a todos os níveis e ramos do ensino e a todos os estabelecimentos de ensino superior. A obrigatoriedade trouxe como consequência direta a implantação de Centros de Educação Física e Deporto nos estados que ainda não possuíam Curso de Formação de Professores de Educação Física (SANTOS; GRUNENVALDT, 1999). Com fins de cumprir a lei, a UFS articulou-se e em 1970 criou o Centro de Educação Física e Desportos³⁹. É possível que a vinda de Félix d'Ávila a Aracaju, entre 1969 e 1970, enquanto Coordenador Geral dos Cursos Básicos de Atualização em Educação Física do MEC, tenha o colocado entre os fundadores deste “Centro”. O fato é retratado pelo professor Candido Augusto Sampaio Pereira da seguinte forma:

Ele já tinha retornado a convite meu e de Edma, porque nós fazíamos parte do primeiro Departamento de Educação Física do Estado, criado pelo Dr. Carlos Alberto de Barros Sampaio, e na visita que o Félix fez, nós falamos a respeito da vontade do Reitor João Cardoso Nascimento em criar o órgão que viesse dá praticidade à obrigatoriedade criada pelo Decreto que obrigava a instalação da Educação Física. (PEREIRA apud MENEZES, 1997).

A versão de Félix d'Ávila (apud MENEZES, 1997) acerca da criação do Centro de Educação Física parece complementar as informações do professor Candido Pereira. Ele responde à seguinte pergunta feita pelo pesquisador: “E o convite do Reitor João Cardoso, foi em 1969 com o decreto 69.450?”.

Foi em 1969. O decreto 69.450, que regulamenta o artigo 22 que dava obrigatoriedade à Educação Física e estendeu ao ensino de 3º grau. Foi

³⁹ Órgão suplementar da UFS cujo regimento aprovado, em 25-8-1970, pelo conselho universitário, estabeleceu a seguinte estrutura: Direção Geral, Serviços Auxiliares e Serviço de Medicina. No entanto, em 1972, o Centro sofre reestruturação em virtude de o Conselho Universitário ter agregado o setor da orientação do Estudo de Problemas Brasileiros (EPB). Desta forma, o Centro de Educação Física e Desporto passou a denominar-se Centro de Civismo, Educação Física e Desporto e ficou subdividido em dois setores: um que se encarregava da orientação do Estudo dos Problemas Brasileiros, e outro da prática da Educação Física e Desporto.

quando João Cardoso me procurou para implantar essa área. Foi quando eu fui a Sergipe para começar a desenvolver a ideia da implantação da área de Educação Física, a prática da Educação Física no Estado. Nós não ficamos só na Universidade. O governador do Estado era João Garcez, que era professor da Universidade também, pessoa que tínhamos laços de amizade e o Secretário de Educação era o Nestor Piva. Também professor da Universidade, amigo nosso e tal... e nos convidou para assessorarmos o Departamento de Educação Física do Estado, que já existia, criado na época em que o Carlos Alberto Sampaio foi Secretário de Educação. Quando nós chegamos, nós também fomos dar essa assessoria à Secretaria de Educação e desenvolver cursos em parceria entre a Universidade e a Secretaria. Então chegando à Universidade eu propus ao Reitor, primeiro criar um grupo de trabalho. E tive a sorte de levar para Sergipe grandes professores eu você conhece: Alberto, Homero, Arline, Sérgio, Shizuka que com os dois professores que já existiam, que eram professores Cândido e a professora Edma, criamos o grupo de professores de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Propusemos também a criação de um órgão da Educação Física e esse órgão foi criado. O nome era Centro de Civismo Educação Física e Desporto que era na praça Camerino. Ali nós começamos a desenvolver um trabalho que foi um trabalho um pouco árduo. Porque naquela época uma cidade como Aracaju não aceitava determinadas coisas. Não só da atividade física como também o próprio desporto. E implementamos realmente este trabalho (D'ÁVILA apud MENEZES, 1997).

Devido à necessidade de formação de professores para atuar com a Educação Física, em 1974, o Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico em Desporto da UFS foi criado. No entanto suas atividades iniciaram-se apenas no ano de 1975. Apesar da criação do curso na UFS, o “Centro de Civismo, Educação Física e Desportos” continuou existindo na praça Camerino até a Universidade Federal de Sergipe transferir-se definitivamente para o local onde hoje é a cidade universitária José Aloísio de Campos, no município de São Cristóvão. Salienta-se que o professor Félix d'Ávila participou ativamente de todo o processo de criação, junto ao Ministério da Educação, tanto do “Centro” quanto do “Curso”. Ele foi o diretor geral do Centro durante sua existência e foi o primeiro chefe do departamento de Educação Física na UFS. Em 1979, deixou Sergipe novamente e foi colocado à disposição da Universidade do Paraná onde lá permaneceu até sua aposentadoria do serviço público federal.

Capítulo dois

AS “JOGADAS” DO MESTRE EM CAMPO

[...] o poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder simbólico atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: assim, o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele enquanto porta-voz autorizado, só pode ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização, ao término do qual é instituído um mandatário, que recebe do grupo o poder de fazer o grupo (BOURDIEU, 2004, p. 166).

Para Bourdieu, como revela a epígrafe deste capítulo, o poder simbólico advém de um “longo período de institucionalização”. A trajetória profissional trilhada por Félix até o início da década de 1970, por certo contribuiu para que ele fosse convidado pelo Reitor da UFS, João Cardoso do Nascimento Junior, para gerir o Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Sergipe. Seu poder começa a ser reconhecido na medida em que ele é atendido na sua única exigência: escolher o grupo docente com o qual iria trabalhar. De modo que aqueles que aceitaram o convite já o conheciam, e por certo deram a Félix um crédito de confiança e instituíram-no na figura de mandatário. Assim sendo, o cerne principal desse capítulo é interpretar os mecanismos de ação e produção de Félix d’Ávila para o que entendo como consolidação do Campo da Educação Física em Sergipe. Optei por utilizar, não somente os periódicos locais que circulavam na década de 1970 com intuito de melhor balizar o norte a ser seguido, mas, também, as entrevistas realizadas por Menezes (1997) com personagens pioneiros que atuaram no Campo, bem como nas entrevistas realizadas com professores⁴⁰ não diplomados na área, mas que atuaram nesse mesmo período.

No início da década de 1970 em Sergipe, o Ministério da Educação e Cultura, em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, promoveu o segundo Curso Básico de Atualização em Educação Física, que pretendia aperfeiçoar os professores sergipanos, por meio de aulas teóricas e práticas, nas técnicas de Educação Física. Uma parcela do corpo docente que ministrou aulas nesse curso foi composta por professores formados pelas “Universidades Cariocas e de Brasília”. Ao final seus alunos deveriam realizar provas de conclusão que eram de caráter eliminatório, “não tendo direito de lecionar no ano corrente” os professores que não fossem aprovados (PROFESSORES, 1970a). O “Diário

⁴⁰ No decorrer desta pesquisa foram feitas duas entrevistas com professores não licenciados em Educação Física, foram eles: Jairo Andrade Macedo e Antonio Gonçalves Lima. Foram entrevistados quatro personagens que de forma (in)direta envolveram-se também com Educação Física: Jairo Moura, Eurípedes Felizola, Claudia Felizola e Jouberto Uchôa de Mendonça.

Oficial da União”⁴¹ designou o já mencionado professor Candido Augusto Sampaio Pereira como coordenador geral desse curso. E dentre os professores estavam Ary Façanha de Sá, Homero José Alcântara Ribeiro, João Carlos Camargo e Castro, Paulo Murilo Alves Iracema, Antonio Fernandes Martinho, Dayse Barcelos Ribeiro. Eles ministravam, respectivamente, as aulas de Atletismo, Voleibol, Futebol de Campo, Basquetebol, Natação Masculino, Natação Feminina. Participaram também os professores sergipanos: Candido Pereira, que ministrou aulas de ginástica masculina, e Maria Edma de Barros, que ministrou, em parceria com a professora Dayse Ribeiro, a natação feminina.

Após as avaliações, os alunos foram classificados por ordem decrescente de médias obtidas, cabendo aos seis melhores o privilégio de viajar para Pernambuco, onde fariam exames vestibulares para a Escola de Educação Física da Universidade do Recife. Para isso disputaram as quatro bolsas oferecidas⁴² pelo governo Estadual. Os seis que se destacaram foram: Antonio Paixão, Manoel Oliveira, Fernando dos Santos, Mirthes Araujo, Ligia Sales e Maria da Conceição (SERGIPANOS, 1970). Vale frisar que esses alunos trilharam carreira profissional na Educação Física com certa notoriedade para Sergipe e no Brasil. Manoel Luiz de Oliveira, por exemplo, hoje é o presidente da Confederação Brasileira de Handbol, Maria da Conceição Santos Araujo e Fernando Santos Oliveira foram professores de Educação Física da UFS.

Se por um lado havia uma preocupação de enviar professores para adquirir formação superior com o intuito de melhor compor o Campo da Educação Física em Sergipe, por outro os problemas relacionados aos espaços e às estruturas físicas das escolas dificultaram aquilo que era preconizado para sua implementação. O jornal “Gazeta de Sergipe”, em fevereiro de 1970, retrata que o Departamento de Educação Física e Cultura do Estado estava passando por uma série de problemas, pois mais de cinquenta professores de Educação Física foram aprovados no último Curso de Atualização, realizado no mês de janeiro, mas os colégios não possuíam quadras para jogos, bem como material para aulas. Por outro lado os clubes sociais

⁴¹ A mesma página do “Diário Oficial da União” que informa acerca do curso em Sergipe, traz o nome de Félix d’Ávila enquanto um dos professores do curso Intensivo de Preparação e Orientação para o Exame de Suficiência que aconteceu em janeiro de 1970, na cidade de Goiânia. Lá ele ministrou a disciplina Organização de Competições, Legislação e Organização da Educação Física e Desportos no Brasil (DOU, 1970, p. 148).

⁴² Segundo José Andrade Macedo (2012), um dos entrevistados que atuou por pouco tempo enquanto professor de Educação Física na década de 1970, o Curso Básico de Atualização promovido pelo MEC era destinado prioritariamente aos professores que já atuavam com a Educação Física em estabelecimentos de ensino. No entanto, havia também pessoas, que como ele, ansiavam por fazer o curso tendo em vista melhores perspectivas de emprego, e, nestes casos, os candidatos se submetiam aos exames de ordem prática baseados em avaliações de condicionamento físico.

esportivos não queriam entrar em convênio com os colégios, pois seus dirigentes alegavam terem prejuízos, possivelmente decorrentes do mau uso dos espaços. Esta mesma matéria ainda expunha que os professores esperavam providências urgentes do governo estadual, no sentido de mandar construir as áreas para que pudessem ser ministradas as aulas (EDUCAÇÃO, 1970).

Uma semana depois o mesmo periódico publicou matéria intitulada “Professores em Educação Física, agora, querem emprêgos”. A notícia retratava o impasse entre os professores aprovados no Curso de Atualização e a Secretaria de Educação e Cultura que aguardava uma autorização do governo para efetivar a contratação, visto que o Estado exigia formação adequada para aqueles que seriam efetivados na rede pública de ensino. Os professores não sabiam se procuravam vagas nos colégios particulares ou esperavam a aludida autorização, pois o ano letivo estava prestes a iniciar e os mesmos corriam o risco de passar o ano desempregados, apesar de terem recebido a promessa de contratação ao final do curso. Outro fato relatado por esses professores foi com relação à dificuldade técnica no que concerne aos meios e condições indispensáveis à prática da Educação Física nos colégios públicos sergipanos, inclusive a falta de médicos para procederem “a exames” aqueles alunos impossibilitados de praticar exercícios. A matéria é concluída afirmando: [...] “o problema da área, principalmente, é o que mais preocupa aos professores, pois nossos colégios não se lembraram do problema da cultura física” (PROFESSORES, 1970b).

O cenário apresentado para a Educação Física, no início da década de 1970, aponta para uma espécie de exigência de conhecimentos de ordem esportiva por parte dos professores, já que as disciplinas incluíam o Atletismo, Voleibol, Basquetebol e Ginástica. No entanto, a escassez de materiais esportivos, como também de espaços para estas práticas nos estabelecimentos de ensino eram uma realidade para a época, haja vista que o Estado dispunha apenas de uma piscina, construída em 1967, pela Associação Atlética de Sergipe, um campo de futebol com pista de atletismo inaugurada em 1969 e o ginásio poliesportivo Charles Edgar Moritz, que dispunha de quadra coberta, construído no Estado no início de 1960. Outro aspecto a ser considerado e que contribui para compreender aquilo que em matéria jornalística foi mencionado enquanto “cultura física” são as fichas de alunos, utilizadas pelas escolas, desde a década de 1950, não somente por discriminar os exames como também por autorizar a participação nas aulas de Educação Física. Essas fichas eram compostas por Exame Biométrico, Exame Clínico, Dados Etnológicos e Exame Prático. Localizei dezenas dessas fichas no Arquivo Público Estadual, preenchidas apenas com os

exames Biométrico e Clínico realizados, subscritos por um profissional da medicina. Ou seja, há indícios que os Exames Práticos relativos à Educação Física, entre as décadas de 1950 e 1960, não fossem realizados⁴³, devido ao reduzido número de professores capacitados na área que em sua maioria eram leigos e desconheciam os protocolos para realizá-los.

2.1 O Mestre retornou para Sergipe

No final de março de 1970 Félix d'Ávila chegou a Aracaju com a finalidade de firmar um convênio entre a Divisão de Educação Física, do MEC, e Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe. Segundo Félix, e de acordo com os termos do convênio assinado, muitas das atribuições federais seriam delegadas ao novo Departamento de Educação Física, criado em Sergipe, sendo a principal delas a fiscalização dos colégios da capital e interior, que antes era exercida por aquela Divisão do Ministério da Educação. O professor Félix, segundo o jornal “Gazeta de Sergipe” daquele mês, afirmou que o Conselho Federal de Educação estava discutindo o novo regulamento a ser implementado acerca das atividades previstas para o Art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961. Dentre os tópicos estavam a obrigatoriedade de aulas semanais em número de quatro para o Curso Primário, três para o Ensino Médio e duas para os Cursos Noturnos e Superiores. Félix d'Ávila divulgou também que as aulas de Educação Física no Ensino Superior somente poderiam ser ministradas por professores com diploma das Escolas Superiores de Educação Física (PROFESSOR, 1970c).

Na mesma entrevista a esse periódico local, Félix d'Ávila afirmou que Sergipe poderia participar dos Jogos Estudantis Brasileiros a serem realizados em Curitiba naquele ano de 1970. Ao mesmo tempo ele também informou que o diretor da Divisão da Educação Física, o coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, viria a Sergipe tratar, com as autoridades estaduais, detalhes da participação de Sergipe nos JEB's e traria o regulamento do certame. Outro ponto abordado na matéria estava relacionado à incumbência do professor Félix de entrar em entendimento com as autoridades da Universidade Federal de Sergipe para a criação do Departamento de Educação Física. A matéria era concluída informando que o próprio Félix firmaria o convênio “em nome da Divisão de Educação Física” (PROFESSOR, 1970c).

⁴³ É interessante ressaltar que Antonio Gonçalves Lima, um dos entrevistados nesta pesquisa, trabalhou no colégio Atheneu enquanto professor de Educação Física e apesar de não possuir curso superior na área, recorda-se de ter realizado avaliação física constante nesses exames práticos no final da década de 1960, sendo inclusive aferida pontuação para cada um dos examinados.

O professor Candido Pereira, como já ressaltado, à época era coordenador do II Curso Básico de Atualização. Ao tratar em entrevista, concedida em Menezes (1997), acerca da criação do Centro de Educação Física e Desportos da UFS, revelou o convite feito a Félix d'Ávila para assumir a direção deste órgão da UFS:

[...] Eu fui convidado pelo reitor [João Cardoso do Nascimento Junior] para estruturar um órgão capaz de atender às exigências do decreto. E eu com minha inocência, fiz uma relação, meu nome, o de Edma e de alguns leigos que pudessem compor o quadro. Numa visita do Félix, ele me disse que a Lei não permitia que pessoas não formadas façam parte de uma elite que tem que ser formada. Então eu disse: o que é que se vai fazer? Ele disse: – não se preocupe, a gente manda pessoas pra cá. Foi aí que eu disse: – Você quer ficar aqui? Ele disse: – Bom, depende, se houver condições eu fico. Saímos, eu e ele, e fui apanhar a Edma e fomos os três falar com o Reitor. E eu apresentei ao Reitor, dizendo que o Félix era a pessoa ideal, por que tinha conhecimento no Ministério, fiz aquela propaganda e o Félix foi chamado também. E na hora de escolher o diretor, indicamos o Félix porque ele tinha mais vivência [...] (PEREIRA apud MENEZES, 1997, p. 122).

Já a professora Maria Edma de Barros afirma acerca da gênese do Centro e da participação de Félix:

[...] Existia Educação Física no Estado a nível de departamento do Estado e não de Universidade. Mas o professor Félix, um homem de um ideal imenso, uma pessoa que veio com uma grande bagagem do MEC. Ele tinha uma vontade que Sergipe despontasse a nível de Universidade. Foi quando o Doutor João Cardoso, um homem muito manso e com uma grande visão das coisas, aproveitando o Félix, deu todo o incentivo para que ele formasse uma equipe para que nós começássemos mesmo sem estrutura básica nenhuma. Então ele se propôs fazer convênios com clubes e nos deu uma sala ali na Praça Camerino. Aí ele fez convênio, o Estado ainda não tinha o Batistão, não tinha a piscina aquática. Então o professor Félix d'Ávila foi a Brasília e mexeu lá dentro do MEC e conseguiu que o sonho se concretizasse [...] (BARROS apud MENEZES, 1997, p. 126).

Maiores detalhes sobre a criação do Centro de Educação Física e Desportos podem ser encontrados em Menezes (1997), no entanto, para esta pesquisa interessa a “centralidade” de Félix d'Ávila neste processo. Pois ele foi apontado pelo professor Candido Sampaio para ficar à frente da Educação Física na UFS porque esse considerava que Félix representava “a melhor opção” para a empreitada, haja vista a sua maior experiência na área, contatos no MEC e uma ligação direta com o coronel Artur Orlando da Costa Ferreira, então diretor da Divisão de Educação Física. Vale relembrar também que o professor Candido Sampaio, a esta época, era

o chefe do Departamento de Educação Física da SEC de Sergipe. Além disso, outro trecho da entrevista da professora Edma de Barros evidencia uma relação mais próxima de Félix com o Reitor da UFS, pois segundo ela: “Eram amigos de infância e pessoas que sempre trabalharam para Sergipe. O Reitor sem poder nenhum, ele (Félix) ia lá e abria as portas [...]” (MENEZES, 1997, p. 126). Os depoimentos anteriores contribuem para compreender melhor a tentativa de recuperar as ações humanas, por contemplarem “as tensões existentes entre a ação humana e as estruturas sociais”, colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à História o caráter de um processo com sujeito (AVELAR, 2010, p. 158).

Neste sentido Félix d’Ávila, naquele momento de sua trajetória profissional, representava um “filho de Sergipe”, que, em síntese, havia galgado cargos no Ministério da Educação e Cultura, com trânsito junto ao Diretor da Divisão de Educação Física, além de conhecer o Reitor da UFS e ser também conhecido por Candido Pereira e Edma de Barros, professores que, mesmo sendo precursores da Educação Física no Estado, formaram-se depois dele. Tal evidência recai naquilo que Bourdieu (2012, p. 134) denomina de Capital Simbólico, geralmente chamado de prestígio ou reputação, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital. Assim, a indicação do nome de Félix d’Ávila para gerir a Educação Física na UFS se deu justamente por conta de seu “acúmulo” de Capital Social e Cultural na área.

A contratação de Félix, somada aos aspectos burocráticos, foi, por certo, decisiva para a criação do Centro de Educação Física e Desporto (CEFD) da UFS que teve sua aprovação pelo Conselho Universitário em 25 de julho de 1970, contida no processo de número 2492/70. Isso porque, dois meses antes de sua aprovação, o professor Félix d’Ávila já havia viajado para São Paulo, a pedido do Reitor João Cardoso do Nascimento Junior, com o intuito de adquirir materiais esportivos para estruturar este órgão da Universidade (UNIVERSIDADE, 1970). Vale ressaltar que este “órgão suplementar” foi criado na UFS com o intuito de atender aos aspectos legais do Decreto Lei nº 705 de 25 de julho de 1969, que altera a redação do art. 22 da Lei nº. 4.024, de 20 de Dezembro de 1961. Neste sentido, o art. 22 passava a vigorar com a seguinte redação: "Será obrigatória a prática da Educação Física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior" (grifo meu).

Enquanto Félix resolvia as questões concernentes à aquisição de materiais esportivos para o CEFD da UFS, o professor Candido Sampaio, então diretor do Departamento de Educação Física da Secretaria da Educação e Cultura de Sergipe, preparava a delegação do Estado para participar da segunda edição dos Jogos Estudantis Brasileiros que foram

realizados na cidade de Curitiba. A delegação sergipana estava composta por 28 atletas, quatro técnicos, um médico, uma acompanhante feminina⁴⁴ e coube a chefia da equipe ao próprio professor Candido. Segundo o jornal “Gazeta de Sergipe”, em julho de 1970 todo o material esportivo adquirido para os treinamentos já estava guardado no Departamento de Educação Média da SEC e sua compra havia sido realizada em Salvador porque nenhum estabelecimento comercial de Sergipe tinha equipamentos necessários em estoque (ATLETAS, 1970). Optei por trazer esta informação para detalhar um pouco do cenário inerente ao Campo da Educação Física em Sergipe no início da década de 1970, pois a ausência desses materiais no comércio de Aracaju, tanto para a UFS quanto para a SEC, aponta para uma espécie incipiência esportiva no Estado, advinda também por conta dos estabelecimentos de ensino não disporem de espaços adequados para as práticas esportivas e os professores de Educação Física serem em sua maioria não diplomados.

Segundo Menezes (1997), o CEFD, no ato de sua criação, tinha a seguinte estrutura: Direção geral; Serviços auxiliares; Serviços de medicina esportiva; Coordenação dos núcleos esportivos; e Serviço de formação corporal. Uma das entrevistadas deste pesquisador foi Valquíria Sandes de Sá, personagem importante na constituição deste órgão suplementar da UFS, pois ela havia conhecido Félix quando trabalhou enquanto professora de Educação Física (leiga) do Colégio Atheneu à época em que Félix d’Ávila também foi professor daquele estabelecimento. Segundo consta em seu depoimento ela foi a primeira funcionária do CEFD, mas, ao que parece, seus serviços iam além dos aspectos burocráticos de uma secretária. Em sua entrevista Valquíria revelou:

[...] Eu estava trabalhando em Medicina, quando eu encontro com o professor Félix, ele já tinha ido embora e voltou para organizar o Centro de Educação Física. Daí eu encontrei com o Félix, e ele disse: – Onde você está? – eu estou em Medicina. Ele disse: – Você não é médica, você é professora de Educação Física, vamos trabalhar na Educação Física. Aí eu fui para a Educação Física e nós formamos todo o Centro. Eu respondia por tudo. Nós organizamos o arquivo de roupas, bolas, etc. eu fiquei muito tempo com ele. Tinha setor médico, era o Doutor Marco Aurélio. Sempre quando faltava um professor, principalmente um de Cooper, ele sempre me chamava para eu substituir (SÁ apud MENEZES, 1997, p. 152).

⁴⁴ Naquele período era necessário enviar uma mulher mais experiente que acompanhava as atletas do sexo feminino com intuito de resguardá-las. Esta prática parece ser comum nesse período, pois Félix d’Ávila (2012) também informou em entrevista acerca da existência de uma professora do sexo feminino que acompanhava as estudantes atletas em eventos esportivos.

A versatilidade da professora Valquíria de Sá contribuiu para o melhor funcionamento do “Centro”. No entanto, ela não possuía curso superior de Educação Física e este parece ser um dos motivos pelo qual ela foi levada a deixar o Campo. Pois em outro trecho da mesma entrevista, ao ser questionada sobre algum problema nesse período, ela responde:

[...] – Eu saí de lá muito magoada. Fizeram uma traição muito forte, depois que a Ieda entrou. Criado por ela mesma. Depois da segunda turma formada, Félix começou a tirar os leigos das escolas. Só aí eu fui me desgostando...

– Mas como ele tirava?

– Ele tinha poder para isso. Ele fez uma campanha, uma traição e tirou todo mundo. O que eu trabalhei ali não foi fácil. Félix viajava para o Rio de Janeiro, deixava o Betinho ou Candido como diretor, eles só iam ali assinar. Quem tomava conta de tudo era eu [...] (SÁ apud MENEZES, 1997, p. 153).

O poder, na concepção de Bourdieu (2012) trata-se de algo equivalente àquilo que se obtém pela força e somente existe porque aquele que lhe está sujeito crê na sua existência. Neste sentido, entender o poder de Félix recai necessariamente na luta pela incorporação de um *habitus* exigido para a constituição de toda a aprendizagem necessária com fins a se adquirir um corpus de saberes específicos para a atuação no Campo da Educação Física. Pois Félix, mesmo considerando a dinamicidade de Valquíria de Sá no CEFD, retira os professores leigos da área. O que leva a crer que suas metas, independente de suas relações pessoais de amizade, leva em consideração, sobretudo, a construção de alicerces para consolidar o Campo, haja vista que buscava, com isso, cumprir a LDB, e consequentemente os requisitos para a legitimação da Educação Física no Estado.

Além da retirada dos professores leigos do Campo da Educação Física, a entrevista da professora Valquíria de Sá, conduzida por Menezes (1997), evidencia outros aspectos de poder e “bom relacionamento” de Félix d’Ávila com diferentes autoridades de Sergipe e do Brasil. Em outro ponto da entrevista este pesquisador perguntou a ela acerca das lembranças de algum fato importante e em sua resposta constou: “A visita de João Havelange no Centro de Educação Física. Teve jantar, veio Governador, Prefeito, os militares.” (SÁ apud MENEZES, 1997, p. 154). À época, João Havelange ocupava o cargo de presidente da Confederação Brasileira de Desportos e sua visita a Sergipe foi amplamente divulgada na imprensa local. Coincidência ou não, ele chegou à cidade de Aracaju no mesmo dia em que o conselho universitário aprovou a criação do Centro de Educação Física e Desportos da UFS, ou seja, em 25 de julho de 1970. A Federação Sergipana de Desportos e o Club Sportivo Sergipe programaram uma “agenda” para João Havelange, composta por recepção no

aeroporto Santa Maria, visita ao Governador do Estado, entrevista coletiva à imprensa no Hotel Palace de Aracaju, passeio pelos principais pontos da cidade, homenagem no Ginásio Charles Moritz com a realização do Torneio de Futebol de Salão, além da inauguração do estádio João Hora de Oliveira (FSD, 1970).

Neste sentido, sua passagem pelo CEFD parece ter sido um evento “extra oficial”, embora programado. Apesar disso, havia certo anseio de se aproveitar a visita de João Havelange para fazer reivindicações no âmbito do esporte em Sergipe. A equipe de cronistas esportivos da “Gazeta de Sergipe”, por exemplo, sugeriu à FSD que solicitasse ao visitante a presença de professores da Escola Nacional de Educação Física, ligados às matérias de futebol, preparo físico e arbitragem para ministrar cursos aos sergipanos ligados a tais atividades, o que por certo, contribuiria para desenvolver este esporte no Estado (PRESENÇA, 1970). Esta matéria indicia algumas das expectativas da sociedade sergipana para com a presença de professores formados, com nível superior, em Educação Física.

Cabe aqui uma digressão. Em Dantas Junior (2008), apesar de não ser o foco central de sua pesquisa, é possível identificar também algumas dificuldades e táticas⁴⁵ relatadas por professores dessa época relacionadas à Educação Física em Sergipe. Exemplo disso são os depoimentos do próprio professor Candido Pereira que, para conseguir treinar a prova do lançamento de peso no atletismo, procurou o coronel Silveira no quartel de polícia militar e conseguiu bolas de canhão para os treinamentos dos estudantes atletas. Da mesma forma, em outro ponto da análise e interpretação deste autor, a respeito da realização do I Jogos da Primavera em Sergipe, ele retrata que Raimundo da Costa Monte, estudante de Direito da UFS em 1961, havia participado, com seu time, dos Jogos Universitários, em Natal, na modalidade de futebol de salão, tendo vencido o torneio, e, ao retornar para Sergipe, os jogadores, empolgados com a dinâmica da festa de lá, estavam sequiosos por algo similar em Sergipe. Ora, vimos anteriormente que Félix d’Ávila foi o chefe da delegação sergipana no Rio Grande do Norte e, inclusive, a equipe da UFS havia ganhado o título honroso de “comportamento exemplar” no torneio. Diante do exposto, não há como desconsiderar a presença do professor Félix d’Ávila enquanto antecessor daquilo que viria a se tornar um dos eventos esportivos estudantis mais importantes em meados da década de 1960: os Jogos da Primavera Sergipanos.

⁴⁵ Para Certeau (1990, p. 100) a tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Em suma, a tática é a arte do fraco.

2.2 Por que Félix foi escolhido?

Em 23 de agosto de 1970 Félix assumiu, de direito, a direção do Centro de Educação Física e Desportos. Sua posse foi retratada em um periódico local que trouxe no título da matéria: “Diretor de Educação Física do MEC ensinará na UFS”. Suas declarações dadas a um periódico local foram enfáticas: “Começaremos um trabalho no desporto da Universidade Federal de Sergipe dentro de um planejamento que atenda além da comunidade universitária, todo o nosso Estado”. A matéria jornalística expunha que a Universidade iria disponibilizar os desportos, dando-se preferência ao atletismo, natação, basquetebol, voleibol, ginástica e futebol por serem os mais conhecidos, mas também ofertaria outras modalidades a exemplo do handebol e ginástica de competição, que ainda não eram conhecidas pelo público sergipano. Félix ainda informava que o aluno da UFS poderia escolher a modalidade e o horário mais adequado; teria a obrigação de praticá-lo da mesma forma como teria que assistir às aulas teóricas e práticas das outras áreas e se submeteria ao mesmo critério de faltas adotados nas outras disciplinas (DIRETOR, 1970). A oferta de modalidades esportivas para a Educação Física universitária evidencia que Félix estava fundamentado no Decreto Lei nº 705 de 25 de julho de 1969, cuja ênfase intencionava a predominância esportiva no ensino superior.

Segundo a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, para o ingresso e a promoção na carreira docente do magistério superior, eram considerados, em caráter preferencial, “os títulos universitários e o teor científico dos trabalhos dos candidatos”. Assim sendo, todos os professores que vieram atuar no CEFD da UFS a partir de sua constituição possuíam formação em nível superior em Educação Física. Os que vieram de outros Estados foram: Homero José Alcantara Ribeiro e Arline Pinto Ribeiro, Alberto Teixeira Chaves Filho e Sérgio Giansante. Juntaram-se a estes os professores sergipanos Candido Augusto Sampaio Pereira e Maria Edma de Barros. Há indícios que no mês de julho de 1970, mesmo antes da efetiva aprovação do processo que criou o Centro, alguns desses professores de outros Estados, já estivessem atuando profissionalmente em Aracaju, pois o jornal “Gazeta de Sergipe” noticia que logo no início do mês de agosto foi realizada uma reunião com a comissão organizadora dos “I Jogos Estudantis Sergipanos” e, excetuando-se Félix d’Ávila e Sérgio Giansante, todos os demais professores que iriam compor o Centro participaram. O que pressupõe que antes mesmo da fundação do referido CEFD, estratégias já estavam sendo articuladas com vistas a atrair recursos humanos qualificados para a execução do plano. A

matéria informava também que os regulamentos para os Jogos Sergipanos seriam adaptados dos Jogos Estudantis Brasileiros (PRESIDENTE, 1970).

A convocação para essa reunião reverberou na imprensa. Foi publicada uma matéria pelo jornal “Gazeta de Sergipe”, em 29 de julho daquele ano, intitulada: “Jogos da Primavera: Piva fez o convite”. Nela o Secretário da Educação e Cultura, Nestor Piva, expunha suas intenções para que o evento fosse um sucesso (JOGOS, 1970a). Fiquei intrigado com essa matéria, pois a nomenclatura utilizada foi “Jogos da Primavera” e não “Jogos Estudantis Sergipanos” como na edição posterior. Dantas Junior (2008) discute esta nova reorganização das competições escolares que vinha sendo implementada a partir dos JEB’s, afirmando que “pressões externas e internas” teriam ocasionado a nova denominação e ordenação dos certames. Não seria absurdo supor que a presença de professores naquela reunião, do recém-criado Centro de Educação Física e Desportos da UFS, tenha contribuído neste processo, pois o próprio Félix d’Ávila, em matéria publicada no mesmo jornal, em 30 de agosto de 1970, afirma que os Jogos Estudantis Sergipanos estavam “enquadrados”⁴⁶ aos Brasileiros e isso possibilitaria a Sergipe uma boa apresentação para o ano de 1971, quando fossem realizados os Jogos Estudantis Brasileiros no Estado. Ou seja, professores do CEFD, por certo estariam em sintonia com aquilo que a União vinha sinalizando para a Educação Física no País e, conseqüentemente, com Félix d’Ávila, visto que sua pretensão era a de legitimar e consolidar o Campo.()

Quando Félix d’Ávila concedeu esta entrevista no final de agosto de 1970, ele estava ocupando o cargo, interinamente, de Diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, pois o efetivo estava em viagem na Itália. Segundo a matéria, as intenções de Félix eram entregar o cargo e radicar-se em Sergipe para assumir o CEFD, como de fato o fez. Nesta mesma reportagem ele prospectava acerca dos Jogos Estudantis Brasileiros, afirmando que dentro de mais três anos as competições seriam a maior atração do País, e alertava também sobre as obras que deveriam ser processadas no Estado para complementar as instalações necessárias com fins ao êxito do evento. Ele afirmou também que Aracaju teria condições de realizar a III edição desse evento nacional no ano de 1971, pois o atual e o futuro governador de Sergipe estavam bastante interessados (PROFESSOR, 1970b). A partir das colocações e deslocamentos no espaço social de Félix d’Ávila, o que na

⁴⁶ Os Jogos Estudantis Sergipanos realizados em 1970 tiveram por finalidade a confraternização da classe estudantil bem como a seleção dos melhores estudantes atletas para participar dos Jogos Estudantis Brasileiros do ano subsequente (JOGOS, 1970b).

visão de Bourdieu (2012, p. 190) constitui distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no Campo considerado, é possível compreender sua trajetória e a partir dela a personalidade⁴⁷ constituída.

Pelo regulamento dos Jogos Estudantis Brasileiros, para que uma delegação estadual participasse era necessário enviar uma solicitação mediante ofício assinado pelo Secretário de Educação e Cultura e dirigida ao Diretor da Educação Física do MEC. Somente as delegações que participassem dos JEB's no ano anterior poderiam pleitear a sede do evento no ano subsequente. Para isso, era necessário que o chefe da delegação solicitante estivesse munido de documento, também assinado pelo Secretário da Educação, específico para tal fim. Após isso, os chefes de delegações se reuniam em congresso técnico durante a realização da edição dos JEB's vigente, em data marcada pelo diretor-geral do certame, para escolher a sede do evento para o ano subsequente. Ou seja, tanto participar do JEB's quanto concorrer à sede não era algo tão simples, pois envolvia esferas da administração pública. Quando vi as primeiras fontes que informavam as intenções de Sergipe acerca dos JEB's não dei muita importância, pois de fato a III edição desse evento não se concretizou em Aracaju. Por outro lado, passei a questionar o porquê do menor dos estados da federação, que não havia sequer participado dos primeiros JEB's em 1969, no ano de 1970 modifica a nomenclatura dos Jogos da Primavera para Jogos Estudantis Sergipanos e envia uma delegação para Curitiba com documentação oficial para pleitear a sede do evento em 1971?

Não posso desconsiderar a possibilidade de Félix d'Ávila ter influenciado de alguma forma neste processo. Pelos idos de 1970, ele representava um nome significativo da Educação Física no Brasil e em Sergipe, disporia de capital simbólico e, sobretudo, de relações objetivas capazes de articular, juntamente com os demais professores desta área e com as autoridades locais, os eventos esportivos escolares. Félix havia administrado os jogos colegiais sul-americanos em 1967 no Paraná, assumido o cargo de coordenador geral dos primeiros JEB's em 1969, sendo assim, conhecedor de seus regulamentos, por ter viajado pelo País na função de coordenador de cursos de aperfeiçoamento e que com certa regularidade ocupava o cargo de Diretor da Divisão de Educação Física, simbolizava uma “personalidade” respeitada na área. Isso porque:

⁴⁷ Conjunto de posições ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos (BOURDIEU, 2006, p. 190).

o capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (BOURDIEU, 2012, p. 145).

Vale ressaltar que se no âmbito federal tinha-se Félix d'Ávila como uma espécie de articulador destas ações, na esfera estadual não é possível negligenciar a figura do professor Candido Augusto Sampaio Pereira que, desde 1969, estava ocupando o cargo de Chefe da Secção de Educação Física da Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe. Candido Pereira afirmou que os Jogos da Primavera: “[...] era uma imoralidade, eu e Edma acabamos reestruturando aos moldes dos Jogos Estudantis Brasileiros [...]” (PEREIRA apud MENEZES, 1997, p. 125). Em outro trecho desta mesma entrevista ele relata que “[...] nós criamos os Jogos Estudantis Sergipanos. Aí houve uma organização criteriosa e esses jogos tiveram o apoio do grupo que estava formando o Centro de Educação Física e Desporto da UFS. E tinha como titular o Félix...” (PEREIRA apud MENEZES, 1997, p. 121). Tais depoimentos, somados a outros, corroboram com o pressuposto de que não se pode tratar ou analisar o Campo da Educação Física em Sergipe sem considerar a participação ativa e efetiva de Félix d'Ávila Costa. Neste sentido, Bourdieu (2012), ao tratar do espaço social e gênese das classes, afirma também que:

[...] a delimitação objetiva de classes construídas, quer dizer, de regiões do espaço construído de posições, permite compreender o princípio e a eficácia das estratégias classificatórias pelas quais os agentes têm em vista conservar ou modificar este espaço – e em cuja primeira fila é preciso contar a constituição de grupos organizados com o objetivo de assegurarem a defesa dos interesses dos seus membros. (BOURDIEU, 2012, p. 150).

No decorrer desta pesquisa, quando eu indagava aos entrevistados sobre aspectos específicos da trajetória do professor Félix d'Ávila, alguns informantes, a exemplo do professor Jouberto Uchôa de Mendonça, à época diretor do Colégio Tiradentes e hoje atual reitor da Universidade Tiradentes, respondeu enfaticamente que ele havia sido “Diretor da DEF”. Confesso que me sentia frustrado, pois minha intenção, naquele momento, era saber sobre outros aspectos biográficos do pesquisado, não entendia o que representava, para as pessoas que viveram aquele período em Sergipe, ter o Diretor da Divisão de Educação Física do MEC enquanto professor na UFS. Tenho a impressão de que Félix não era somente um “porta-voz” daquilo que a União ansiava para a Educação Física, mas ia além. Sua trajetória

profissional o levou a um dos cargos mais importantes, na área de Educação Física, que um civil poderia ocupar em meio a um regime militar. Félix havia sido incumbido a substituir o coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, e por certo havia se tornado seu “braço direito”. Talvez por isso alguns dos entrevistados se lembrassem com tanta vivacidade do fato. Com tal informação, agregada a outros depoimentos e fontes impressas, é possível formar um conjunto de evidências pelas quais se permite inferir ser este um dos principais motivos que levou Félix a vir para Aracaju para administrar o Centro de Educação Física e Desporto da UFS. Diante do revelado eu começava a compreender de onde vinha seu poder simbólico no Campo da Educação Física em Sergipe.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo [...] só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2012, p. 14).

2.3 O poder simbólico do Mestre

Assim, diferente de arbitrário, o poder que Félix exercia na Educação Física em Sergipe aparece evidenciado nas fontes pesquisadas. Por exemplo, quando o Centro de Educação Física e Desporto da UFS entrou em funcionamento, um dos obstáculos relatados pelo próprio Félix na pesquisa de Menezes (1997), foi a reação da população sergipana acerca da prática da Educação Física “nas questões afetas ao corpo”. Alguns pais de alunas não queriam que suas filhas fizessem as atividades físicas exigidas pelos professores e obrigatórias a todos os alunos daquela instituição. Sobre isso Félix relatou:

[...] Eu certa vez, recebi em minha sala lá no Centro, um político sergipano e que não vou citar o nome. Ele chegou e disse o que quis dizer. Eu simplesmente ouvi. E quando ele acabou eu disse: – Deputado, só tem um problema! O senhor está se dirigindo à pessoa errada. Eu sou o executivo. Eu estou cumprindo uma lei. E aí puxei a Lei 69.450, que obriga isso. As pessoas a quem o senhor deve se dirigir é ao General Emilio Médici e o Ministro da Educação que é o coronel Jarbas Passarinho. Tudo isso que o senhor me disse eu não levei em consideração. Na tribuna o senhor diz isso a eles. E ele nunca mais apareceu e as filhas dele continuaram a fazer Educação Física. Além disso, tinha a parte do corpo. Nós criamos o uniforme. Porque não há como se conceber uma pessoa fazer Educação Física de saia, é até anti-higiênico. Nós criamos um calção, camisa com logomarca da Universidade e as reações vieram muito fortes. Quando

alguém vinha reclamar comigo eu dizia: – Olha, é uma questão de visão. Se o senhor é pai da menina, ela tá fazendo Educação Física com calça, tênis e camisa... O senhor deve ir à praia com a sua filha e ela lá tá de biquíni. Aqui ela não está de biquíni. Isso é uma visão meio deteriorada. Essas coisas foram superadas. Porque eu nunca abri mão da minha missão que nós tínhamos que cumprir com esses professores. Que em nenhum momento deixaram de estar comigo. Em todas as ações minha, eles foram 100%, pessoas de minha total confiança (D'ÁVILA apud MENEZES, 1997, p. 109).

Em pleno regime militar tratar um político de tal forma poderia indiciar destrato, entretanto, não parece que foi assim considerado, haja vista que não houve represália e as filhas do político continuaram frequentando as aulas. Seu relato evidencia aspectos de sua “superfície social”⁴⁸ e as “soluções” encontradas por ele para resolver os problemas que surgiam no tocante à administração daquele órgão. Seu depoimento demonstra também que o fato de vir para Sergipe gerir o Centro de Educação Física e Desportos da UFS era mais que assumir um posto de trabalho, pois se consubstanciava uma “missão” que precisava ser cumprida. Se por um lado Félix agia desta forma com pessoas que vinham questionar sua maneira de trabalhar, por outro é possível identificar de que maneira os professores convidados por Félix agiam sob seus auspícios. Um trecho da entrevista concedida por um dos professores que vieram convidados por Félix revelou traços de sua administração e da constituição de um *habitus*:

Bom, ele sempre foi em termos de dirigir... vamos usar o termo “Mandar”... Né?... E conhecimento das leis que regiam a Educação Física, já que ele foi Inspetor Federal, então ele... Ele tinha uma ascendência muito grande sobre todos os professores, porque ele sabia o que falava! Então a exigência dele para conosco, era muito grande! Era muito grande, é... Não chegava a extrapolar, mas era grande, ele... por exemplo, só citando um exemplo: A Universidade importou uns aparelhos do Japão. Aí chegou o caminhão, com aquela aparelhagem toda, aí ele falou: – “Ô Sérgio! Vem cá! Chegou essa aparelhagem aqui do Japão, monta isso pra nós!” Eu vou pegar o manual tudo em japonês e inglês... Vamos montar... Olhei os desenhos e montei a aparelhagem toda que tinha uns desenhos ali, então... era assim – “Se vire” – Ah! que... – “Se vire!” Então nesse ponto ele colhia muitos frutos e todo mundo falava assim “Ele vai pedir e Ele quer”... Então vamos fazer! (GIANSANTE, 2012).

⁴⁸ A capacidade de existir como agente em diferentes campos. Neste sentido, a distinção entre o indivíduo concreto e o indivíduo construído, o agente eficiente, é duplicada pela distinção entre o agente, eficiente num campo e a personalidade, como individuabilidade biológica socialmente instituída pela nomeação e dotada de propriedades e de poderes que lhe asseguram, em certos casos, uma superfície social (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Para Bourdieu (2012, p. 158), “[...] o porta-voz dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo e, em primeiro lugar, sobre o grupo, pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que somente por esta procuração existe”. Deste modo, Félix d’Ávila é reconhecido pelo grupo tornando-se porta voz do mesmo, ou seja, ele congrega, à medida que reuni em si, os desejos, anseios e metas de um corpo de indivíduos que também foi arregimentado por ele.

Ao analisar diferentes momentos de sua atuação profissional em Sergipe percebe-se a maneira peculiar pela qual Félix d’Ávila agia, independente de ser político sergipano ou professor do próprio Centro de Educação Física e Desportos. Um exemplo: em meados de 1970, quando a UFS começa a se transferir para o município de São Cristóvão houve um problema com relação às obras das quadras poliesportivas que estavam sendo construídas. Félix relatou a situação na qual ele interpela o Reitor da UFS:

[...] Uma vez, teve um problema até cômico, quando nós estávamos construindo a área de cimento, as quadras e a quadra de Tênis. O Álvaro era o engenheiro e estava desenvolvendo a obra. E um dia eu estava lá no Centro e ele telefonou e me disse: – “Félix! Dr. Aloísio teve lá e mandou parar a obra, dizendo que nunca viu quadra de Tênis de cimento”. Eu falei: – “Pode deixar!” Aí, eu saí do Centro e fui direto para o gabinete dele. Cheguei lá e ele me atendeu. Eu disse: – “Olha Aloísio, eu vim aqui para fazer uma pergunta”. – “Qual é?” – “Você já jogou tênis em sua vida?” Ele olhou para mim e disse: – “Não!” – “Se você nunca jogou tênis em sua vida, como é que você mandou parar a obra da construção da quadra de Tênis de cimento?” Ele falou: – “Ora, Félix onde já se viu quadra de Tênis de cimento?” Por coincidência estava sendo realizado um torneio de Tênis na Europa, o torneio de Wimbledon, o maior torneio de Tênis do mundo. – “Se você tiver curiosidade dê uma olhada. Ele está sendo realizado numa quadra de grama, sabia disso? E outra, Tênis se joga em quadra de grama, material sintético, saibro e em quadra de cimento”. Ele me disse: – Me desculpa, pode deixar que eu vou mandar continuar a obra [...] (D’ÁVILA apud MENEZES, 1997, p. 115).

Félix se impõe no Campo da Educação Física. Ele parece não ter receio de expor aquilo que pensava, até mesmo para seu superior. Depoimentos como esses são reveladores, mais do que uma personalidade pujante, de um rol de ações e atitudes que consolidaram a Educação Física em Sergipe. A conversa entre Félix e o Reitor expressa não somente um jogo de relações objetivas entre

[...] as diferentes posições constitutivas do campo, mas também das relações necessárias estabelecidas, pela mediação dos *habitus* dos seus ocupantes, quer dizer, entre os pontos ocupados neste espaço e os pontos de vista sobre

este mesmo espaço, que participam na realidade e no devir deste mesmo espaço (BOURDIEU, 2012, p. 150).

Em um trecho da entrevista concedida pelo professor Sérgio Giansante, ao ser indagado como conheceu o professor Félix, retrata um pouco sobre as personagens/atores/jogadores que vieram compor o Centro de Educação Física e Desporto da UFS:

Bom... É... Eu desde que me formei em São Paulo, mas por visitar parentes que já residiam em Goiânia, subi pra Goiânia e resolvi ficar lá. Nessa época eu prestava alguns serviços pro antigo D.E.D (Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério), na área de... de eventos dentro de Goiânia, junto ao Inspetor Federal que era também o nosso colega depois na criação da Escola de Educação Física de Goiás. Aí, nessa época em 1970, janeiro de 70, o D.E.D. resolveu montar um curso de informação para professores “leigos” em Educação Física. Nessa época o Diretor da Escola de Educação Física não quis assumir, porque o Curso do Ministério, porque Goiânia por ser o centro do País facilitava, porque eram candidatos do País todo, e ele não quis assumir. Mesmo porque não havia interesse do Ministério em pagar ninguém! E aí nesta época eu era Diretor Técnico da Escola de Educação Física de Goiás carinhosamente chamada de ESEFEGO e aí consultado, me chamaram fui a Brasília e lá através do Félix d'Ávila fizemos contato tudo e eu assumi esse curso. Um mês! Manhã, tarde e noite! E a única coisa que o Ministério me deu foi um jipe e um conversível pra eu não usar meu carro, e eu dirigia esse curso, e a inspeção era feita pelo Félix d'Ávila. Então uma, duas vezes por semana ele ia e eu fazia o relatório porque eu era encarregado de todas as compras que eram duas aulas pela manhã, lanche, mais duas aulas à tarde, duas aulas, lanche mais duas aulas à noite, mais duas aulas e nesses intervalos era fornecido um lanche e eu que comprava, eu que prestava contas e tudo, então... (ele) gostou do meu serviço, nesta época a Universidade Federal (de Sergipe) recém criada aqui, estava com dois anos, precisou de alguém na área da Educação Física, para criar o Departamento de Educação Física, obrigatório naquela época, por lei, em todos os níveis da Universidade. E ele foi convidado, aceitou e falou assim: – “Agora tem uma coisa eu vou levar o pessoal que eu sei que trabalha”, então ele me incluiu. Ele trouxe três professores do Rio, um deles é o professor Alberto, que é sobrinho dele, trouxe o professor Homero José Alcântara Ribeiro, professora Arline Pinto Ribeiro, casal, casados, e o Alberto Teixeira Chaves Filho, sobrinho dele, e eu vim de apêndice, (risos), não era do Rio, mas ele me conheceu nesse trabalho (GIANANTE, 2012).

2.4 A equipe e os leigos no Campo

As viagens que o professor Félix fazia pelo Brasil, ministrando os cursos de aperfeiçoamento para professores “leigos” fizeram com que ele conhecesse muitos profissionais da área estabelecendo assim suas relações e incorporando capital cultural e

mesmo simbólico. O professor Sérgio Giansante foi um deles. Ao verificar, na entrevista anterior, alguns aspectos de sua trajetória profissional, é possível afirmar que Sérgio, formado em 1955, antes mesmo de Félix, já possuía experiência na área, pois fora diretor técnico da Escola de Educação Física de Goiás e um dos professores pioneiros na criação deste estabelecimento. Além disso, Félix conheceu de perto seu trabalho no curso para professores e, neste sentido, não hesitou em convidá-lo para vir a Sergipe, pois sabia de sua “competência profissional”.

Em outra narrativa do professor Sérgio Giansante, concedida para Menezes (1997), é possível perceber a maneira pela qual Félix persuadia os professores para vir a Sergipe:

[...] Ele me chamava de italiano. E disse – “Italiano! Eu fui convidado para fundar o Centro de Educação Física da UFS, numa Universidade nova, estão em cumprimento com a Lei. Agora eu só fiz uma exigência, que o corpo docente eu escolheria. Eu quero levar gente que trabalhe”. Aí eu falei: – “Quanto tempo eu tenho pra pensar?” Ele falou: – “Uma semana!” – “Puxa Félix, eu tenho uma casa, sou professor titular na ESEFEGO, sou professor efetivo no Estado, tenho colégio particular, tenho meu carrinho, estou no top da carreira”. Ele falou: – “Quanto você ganha nos três empregos?” Na época era 1100... ele falou: – “O salário lá 2500 pra você trabalhar em um lugar só” [...] (GIANSANTE apud MENEZES, p. 131).

Umas das estratégias⁴⁹ utilizadas por Félix para trazer os professores de fora do Estado foi o salarial federal, via contrato. Para o professor Sérgio Giansante, por exemplo, que já possuía três vínculos empregatícios, o chamariz dos vencimentos na UFS, somado ao fato do trabalho em um único estabelecimento de ensino foram os argumentos que o fizeram optar por aceitar o convite de Félix. Ainda assim, Sérgio afirmou, na mesma entrevista, que por medo de se arriscar na nova empreitada pediu licença prêmio no Estado de Goiás e da ESEFEGO.

Sérgio Giansante chegou a Aracaju no dia 2 de outubro de 1970 e ficou alojado na casa dos professores Homero Alcântara Ribeiro e Arline Pinto Ribeiro até dezembro daquele ano. Algumas fontes utilizadas nesta pesquisa parecem indicar que as perspectivas profissionais da professora Arline Ribeiro, caso ela não viesse compor o quadro docente do Centro da UFS, estavam direcionados ao Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, pois em julho de

⁴⁹ Para Bourdieu estratégia é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais [...]. O bom jogador, que é de algum modo o jogo feito homem, faz a todo instante o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige. Isso supõe uma invenção permanente, indispensável para se adaptar às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas (BOURDIEU, 2004, p. 81).

1970 seu nome surge como segunda colocada em concurso deste estabelecimento (PEDRO, 1970). Já com relação ao professor Homero, é possível afirmar com maior precisão que ele havia conhecido Félix d'Ávila no decorrer dos primeiros Jogos Estudantis Brasileiros, pois Félix, ao ser indagado sobre o volume de trabalho no tocante à administração deste evento em 1969, rememora que o Homero “[...] foi um parceiro muito bom pra isso [...]” (D'ÁVILA, 2012). Vale lembrar também que o professor Homero era concursado na área de Educação Física pelo Estado da Guanabara desde julho de 1967 (SERVIDORES, 1967).

Outro “jogador” que veio compor o CEFD foi o professor, sobrinho de Félix, Alberto Teixeira Chaves Filho que, em dezembro de 1969, concluiu seu curso superior em Educação Física na já denominada UFRJ. Se por um lado ele era recém-formado, por outro, a sua titulação lhe habilitava ao cargo de professor de prática desportiva daquela instituição. Independente de ser parente de Félix, uma coisa é certa: somente assumiria o cargo aquele que tivesse enquanto pré-requisito a graduação em nível superior de Educação Física. Além disso, vale relembrar também que a única exigência de Félix para vir a Sergipe foi a de escolher o corpo docente com o qual ele iria trabalhar. Ao que parece sua exigência foi atendida e de fato Félix trouxe quem ele considerou agregador.

O início dos trabalhos de Félix d'Ávila e do grupo de professores que compuseram o Centro de Educação Física e Desportos demarca uma nova era no Campo da Educação Física em Sergipe. Pois se antes da década de 1970 era possível haver professores sem formação (leigos) atuando em estabelecimentos de ensino com a Educação Física, no nível superior não seria possível. O professor Alberto Teixeira relata:

[...] Quando nós chegamos aqui, havia apenas quatro professores de Educação Física formados, houve uma indisposição com os leigos, eles nos chamavam de estrangeiros, mas a Lei não permitia que eles ensinassem na UFS. Isso motivou os leigos a saírem para fazerem o curso de Educação Física em outras Universidades (TEIXEIRA apud MENEZES, 1997, p. 134).

A gênese desta “indisposição” com os professores leigos, relatada pelo professor Alberto Teixeira, não se restringiu aos professores atuantes no CEFD, mas também nas escolas de 1º e 2º graus de Sergipe. Sobre essas, havia normas também pré-estabelecidas e que Félix as fez cumprir na condição de Diretor do referido Centro e também inspetor de ensino, cargo que também acumulava. A partir de 1969, com a promoção do primeiro Curso Básico de Atualização em Educação Física em Sergipe as “disputas” no Campo começam a se evidenciar. Um dos alunos deste curso foi o Antônio Gonçalves Lima que ao ser indagado

acerca da relação de Félix d'Ávila com os outros professores de Educação Física que não eram formados, responde:

Olhe, essa relação com os professores que não eram formados, depois do primeiro Curso de Atualização, ele procurou se distanciar dos professores que não eram formados e aqueles que tinham um pouco mais de destaque, ele procurou prejudicar. Aconteceu um fato: um irmão meu, era professor do Presidente Vargas, e eu do Atheneu, a gente vivia do Esporte e tinha muito prestígio. Aí quando chegou no Presidente... Meu irmão era melhor professor do que eu, tinha mais agilidade, mas eles fizeram um movimento... o curso era de atualização, mas ele fez um curso de seleção, e reprovou, e desses reprovados, o meu irmão era melhor de que muitos dos que ele aprovou, mas ele... meu irmão de nome Gisélío, Gisélío Gonçalves, e ele aproveitou, reprovou meu irmão e depois foi no colégio atrás da professora Iara Mendes, pedir o lugar de meu irmão. A professora Iara disse que não demitia Gisélío, que era contratado, não demitia, por que aquele Curso de Atualização não tinha poderes pra reprovar ninguém. Ele se calou... Aí depois foi reprovando outros... quando esse estágio... Cássio Barreto foi pra Recife e fez o Curso de Atualização. Esses Cursos de Suficiência que dava o direito definitivo de a gente ensinar aqui até a chegada dos formados. Então meu irmão foi, fez o curso de suficiência e eu depois... meu irmão fez o curso preparatório lá, de Suficiência em Recife, na Escola Estadual de Educação Física do Recife e depois eu fui também fazer o curso de suficiência. Aí com o curso de suficiência ele não podia botar agente pra fora por que não tinha professor formado, mas os outros que não eram, ou foram para a faculdade de Educação Física ou ele botou pra fora (LIMA, 2012).

A narração do professor Antonio Gonçalves pontua a maneira incisiva pela qual Félix d'Ávila compôs o Campo da Educação Física em Sergipe ao agregar professores diplomados e repelir aqueles não graduados. Segundo Bourdieu (2012) os agentes que se encontram nas posições situadas em zonas de incerteza do espaço social e das profissões pouco profissionalizadas definem seus postos por meio da liberdade que consentem os ocupantes, tanto para definir e delimitar, à medida que introduz os seus limites, quanto pela necessidade incorporada que é constitutiva de seu *habitus*. Assim “[...] Estes postos serão o que os seus ocupantes ou, pelo menos, aqueles que, nas lutas internas da profissão e nas confrontações com as profissões afins e concorrentes, consigam impôr a definição da profissão mais favorável àquilo que eles são.” (BOURDIEU, 2012 p. 91).

A curiosidade acerca dos Cursos Básicos de Atualização em Educação Física e sua outorga aos professores (leigos) em continuar lecionando nos estabelecimentos de ensino me conduziram ao decreto 49.639 de 30 de dezembro de 1960, que trata do Regimento da Divisão de Educação Física. Ao verificar as competências de um dos órgãos que a compunham e que

era responsável pelos cursos, a Seção de Estudos e Aperfeiçoamento (S.E.A.), em seu art. 7, determinava:

[...] IX – ministrar cursos intensivos de preparação de candidatos a exames de suficiência em localidades onde não haja pretendentes legalmente licenciados para o ensino das atividades de educação física;
X – realizar os exames de suficiência a que se refere o item precedente [...] (BRASIL, 1960).

Diante do apresentado, é possível afirmar que os Cursos Básicos de Atualização em Educação Física, nos idos de 1970, objetivavam preparar os professores leigos e conceder uma licença para que eles continuassem atuando em estabelecimentos de ensino. Mas se por um lado Félix d'Ávila buscava cumprir os normativos legais ao tentar retirar da área alguns dos professores leigos de Sergipe, por outro eles criavam táticas para permanecer no Campo. Os irmãos Gisélcio e Antônio Gonçalves, por exemplo, seguiram para Recife, fizeram um curso que teve duração de 60 dias sendo, ao final, aprovados nos exames da Escola Superior de Educação Física de Pernambuco (GISÉLIO, 1970).

Em um trecho da entrevista realizada com o professor Antonio Gonçalves é possível vislumbrar aquilo que representava ou significava ser professor de Educação Física na segunda metade da década de 1960 em Sergipe. Por meio de seu depoimento ele relata o elogio recebido pela diretora Rosália Bispo dos Santos, como já ressaltado, graduada em Educação Física. Ao ser indagado acerca do período em que trabalhou no Colégio Atheneu, enquanto professor, ele responde:

Olhe eu trabalhei no Atheneu [19]66 era contrato com um ano, pros jogos, [19]67 já não foi um ano foram seis meses, em [19]68 a professora Glorita Portugal... Não, a professora Rosália me contratou pra dar aula em sala de aula... em quadra. Com quatro turmas, pela tarde. Aí eu trabalhava no “Correio” de manhã e de tarde vinha para cá, foi quando aconteceu dos livros da história Calistênica que eu contei neste instante, que quando ela me convidou pra dar aula eu fui na Livraria Regina e comprei os dois livros Ginástica Calistênica, aí li uma, lia outra, e fiz uma adaptação das duas pra não fazer igual, coisa de brasileiro, copia e não inventa, copia e copia mal copiado. Quando fui dar aula, Dona Rosália foi assistir. A diretoria era que nem aqui na frente e lá no canto tinha um pátio vazio, ela ficou na parte superior olhando, aí eu botei os meninos, botei as ginásticas tudinho... quando olhei pro relógio vinte minutos, era cinquenta, e eu disse: – “Meu Deus! E agora o que vou fazer? A professora ali.... Peraí...” Peguei uma bola, dividi e botei os meninos pra jogar, quando olhei pra cima, dona Rosália desapareceu. Aí eu digo: “Óia, o que foi que aconteceu?”. No outro dia de manhã quando eu chego no portão, tá Manézinho: – “Professor, a diretora

quer falar com o senhor”... Aí eu fico com o coração na mão, o salário do Correio era pequeno e o outro tava me ajudando e eu pai de uma filha já. Fui lá, quando eu cheguei ela se levantou e estendeu a mão: – “Professor! Meus parabéns”. – “Muito obrigado”... – “O senhor deu um aquecimento, depois uma prática esportiva, continue assim, gostei muito!”. Aí eu digo “Ói, deu certo...”. Continuei os aquecimentos com a ginástica calistênica e depois com a prática esportiva e depois com essa prática esportiva quando ia para os esportes, já não tinha ginástica calistênica, era mais corrida [...] (LIMA, 2012).

O depoimento de Antônio Gonçalves Lima interessa a esta pesquisa porque ele inicia suas atividades enquanto professor alguns anos antes da chegada do primeiro Curso Básico de Atualização em Educação Física, ocorrido em 1969 e no qual Félix d’Ávila foi o coordenador. Neste sentido, seu relato enseja o prisma de um professor leigo que atuou em uma escola sergipana considerada referência na rede pública de ensino do Estado. Um ponto importante clegitimado pela diretora Rosália Bispo, permite inferir uma perspectiva de Educação Física vinculada à prática esportiva nos estabelecimentos de ensino. Ou seja, ao que parece, em meados da década de 1960 o professor leigo que ministrasse um aquecimento por meio de ginástica calistênica e em seguida uma modalidade esportiva estaria apto aos parâmetros da docência em Educação Física.

O exemplo de Antonio Gonçalves é representativo também de como estava configurada a prática docente, pois demonstra alguns aspectos relacionados às formas encontradas pelos professores (leigos) para “nortear” as sessões de Educação Física. Conforme se pode verificar em outro trecho de sua narrativa. Ao ser indagado onde aprendia a prática docente, ele responde:

Lia os jornais, não tinha televisão para a gente está vendo. Lia os jornais e quando no cinema passava, antes de começar aquela parte, eu via as corridas, via os saltos, aí eu olhava e digo: “É esse aqui” e também o 28°BC. Em agosto fazia aquela prática lá dentro dos atletas e como eu gostava de esporte, eu ia olhar o salto em distância, ia olhar o salto em altura, ia olhar as corridas, o revezamento... quem foi, foi uma pergunta boa, quem me deu mais coisa foram as Olimpíadas realizadas no 28° BC (LIMA, 2012).

Oliveira (2003) ao tratar das políticas públicas para a Educação Física escolar no período do regime militar brasileiro enfoca também um “conjunto prolixo” de fatores que tensionam a formação de professores dessa área, a exemplo da expansão da escolarização compulsória e sua demanda crescente por docentes; a mudança de paradigma da Educação Física brasileira com vistas a identidade científica; a consolidação mundial do esporte como

forma de atividade física privilegiada; os debates em torno da Educação Física e sua vinculação a universidade. No tocante a historiografia da área e do período em análise há que se considerar também o envolvimento dos professores leigos com o Campo da Educação Física, pois depoimentos como o de Antônio Lima evidenciam as maneiras encontradas pelos “leigos” para conseguir ou ampliar informações a respeito das modalidades esportivas e assim poder ministrar suas aulas nos idos da década de 1960.

É preciso salientar também, correndo o risco de parecer pleonástico, que para alguns aspectos inerentes à avaliação dos alunos nesta área, a exemplo das fichas de exames utilizadas pelos estabelecimentos escolares a cada final de ano letivo e que registrava como conteúdos os dados biomédicos, etnológicos e exames práticos, somam-se outros que tinham por finalidade atestar a aprovação ou reprovação dos alunos ao final de cada ano letivo. Segundo Antonio Lima, todos os exames eram feitos individualmente. E complementa:

Nesse dia de exame do fim do ano, então a gente tinha quatro turmas, dispensava duas, três, pra fazer o exame de uma turma, aquele que fez o exame estava de férias, era fazendo o exame... estava de férias, não dava férias a quem não fez o exame e tinha uma exigência de frequência, quem conseguisse ter mais de 25% de ausência a gente dava uma frequência negativa, chegando, às vezes, a alguém perder o ano porque não teve frequência em Educação Física. Que não devia ser... É triste! Mas tinha avaliação. E essa avaliação tinha a pontuação não sei com que objetivo... que depois pra onde eles mandavam. Aí eu não sei o destino. Eu sei que eu entregava no departamento e pronto. Agora era individual, o professor não pegava dois alunos pra fazer um exame, era individual, de um por um (LIMA, 2012).

Este conjunto de informações contidas na narrativa do professor Antonio Gonçalves permite trazer “à baila” uma espécie de delineamento da Educação Física. Para isso é preciso levar em consideração que sua prática docente estava fundamentada no Decreto Lei de 4.244, de 09 de abril de 1942 (Reforma Capanema). Essa Lei previa em seu art. 50, inciso 3º, que o aluno não poderia prestar prova final se houvesse faltado a 25% da totalidade de aulas dadas nas disciplinas e das sessões dadas em Educação Física. Em outro trecho desse Decreto é possível identificar que a Educação Física, apesar de se constituir, nos estabelecimentos de ensino secundário, uma prática educativa obrigatória para todos os alunos, não fazia parte do rol das disciplinas escolares e neste sentido se constituía, de fato, enquanto prática eminentemente corporal.

Ao levar em consideração também que: 1 – a constituição brasileira, promulgada em 18 de setembro de 1946, não fazia nenhuma menção à Educação Física; 2 – a Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, apenas ratificava a obrigatoriedade de sua prática na escola, a partir Decreto 4.244 de 1942; 3 – o número de professores diplomados em Educação Física, em Sergipe, era restrito, em número de três, no início da década de 1960, e somente cresce com a chegada de Félix e a consequente criação do CEFD em 1970; pode-se inferir que a Educação Física no Estado permaneceu, por mais de duas décadas, sendo ministrada por professores leigos que utilizavam práticas aprendidas empiricamente e/ou por meio de livros de maneira autodidata, realidade, aliás, também de outros Estados brasileiros.

O Campo da Educação Física em Sergipe, entre meados de 1960 a início da década de 1970 parece ser delineado, sobretudo, a partir “da entrada no campo” e de “saída do campo”. Isso porque, tanto havia pessoas que buscavam adentrar (ou se manter) na área de Educação Física com o intuito de atuar nas escolas, e esse é o exemplo do professor Antônio Gonçalves, seu irmão Gisélis Gonçalves e Cássio Barreto dentre outros que fizeram cursos e/ou aprendiam de maneira autodidata; quanto havia pessoas que saíram do Campo, na medida em que professores atuando prioritariamente com a Educação Física na escola, a exemplo de Maria Augusta Moura, procuraram também outros espaços de trabalho. Segundo o jornal “Gazeta de Sergipe” inúmeras pessoas estavam procurando-a por conta do Curso de Ioga a ser realizado, em maio de 1970, no Contiguiba Esporte Clube. (IOGA, 1970).

É interessante notar que a partir da década de 1970 a atuação de Félix d’Ávila, no Campo da Educação Física, parece se dar eminentemente nas relações inerentes ao espaço escolar. Pois ao cruzar as fontes pesquisadas com a entrevista de um dos fundadores do Centro de Cultura Física de Sergipe⁵⁰, o senhor Eurípedes Felizola Santos, pude constatar a ausência de contato entre os dois, apesar de terem sido colegas de infância. Ao ser questionado acerca das lembranças relacionadas a Félix quando o mesmo retornou para Aracaju, ele afirmou: “[...] Não! Só lembro só que ele era uma pessoa muito bem relacionada, nunca... todas as pessoas sempre elogiavam o Félix... nesse setor não vou poder ser útil a você [...]”. A entrevista de Eurípedes Felizola é reveladora não somente pelo fato dele ser pioneiro no fisiculturismo e halterofilismo em Sergipe mais também porque sua empresa ofertou, já na década de 1960, judô, karatê e ginástica feminina. Ou seja, as poucas informações de

⁵⁰ Primeiro estabelecimento a lidar com a prestação de serviços de condicionamento físico em Aracaju. O “Centro de Cultura Física de Sergipe” foi fundado em 1968 e manteve suas atividades por quase meio século. Ainda há carência de trabalhos que delimem com maior precisão informações acerca do aludido Centro.

Eurípedes acerca do pesquisado parecem indicar que Félix não se envolveu com os espaços não formais de ensino e, por conseguinte, direcionou sua atuação para o Campo da Educação Física escolar.

2.5 Félix e seus tensionamentos no Campo

Félix d'Ávila assumiu, de fato, a direção do Centro de Educação Física e Desportos da UFS em 5 de outubro de 1970. Segundo uma matéria publicada no jornal “Gazeta de Sergipe”, os trabalhos deste órgão já haviam sido iniciados e todos os alunos dos primeiros anos das unidades existentes na UFS estariam praticando esportes. Félix concedeu entrevista para este periódico e afirmou também que no ano seguinte, além dos alunos dos primeiros anos, os do segundo teriam a obrigatoriedade da frequência nas aulas de Educação Física. E complementava que os exercícios eram realizados na Associação Atlética de Sergipe, no Ginásio do SESC e nas quadras do Instituto de Química, sendo a natação, basquete, voley, handbol e ginásticas as atividades ofertadas. A matéria é concluída com as afirmações de Félix acerca do “I Jogos Universitários Sergipanos” a serem realizados na segunda quinzena de mesmo mês de outubro com a participação de todas as unidades da UFS (PROFESSOR, 1970a, p. 8).

Na semana seguinte Félix convocou uma reunião com os presidentes das Associações Atléticas das diversas unidades de ensino da UFS no sentido de organizar este evento esportivo. Foi decidido, dentre outras coisas, as modalidades de xadrez, hand-ball, futebol de salão, futebol de campo, basquetebol e voleibol (VAI, 1970, p. 2). A abertura dos “I Jogos Universitários Sergipanos” ocorreu em 31 de outubro no estádio Lourival Batista, e entre os dias 3 e 8 de novembro foram realizadas as competições esportivas. O Reitor em exercício, à época, Luiz Bispo, baixou portaria em todas as unidades da Universidade Federal de Sergipe suspendendo as aulas entre 5 e 7 de novembro para que os estudantes pudessem participar e prestigiar a realização daquele evento (ESTUDANTES, 1970, p. 3).

Ao se analisar o regimento do Centro da UFS, aprovado em 25 de agosto de 1970, verifica-se que Félix cumpria as finalidades estabelecidas pelo órgão, tanto no sentido de estimular e apoiar as Associações Desportivas constituídas pelos alunos, quanto de proporcionar a prática desportiva e promover competições. O regimento, por sua vez, foi constituído levando-se em consideração o art. 22 do Decreto Lei 705 de 25 de julho de 1969,

que, conforme foi mencionado anteriormente, obrigava a prática de educação física em todos os níveis e ramos da escolarização com predominância esportiva no ensino superior. Este conjunto de informações permite indicar uma espécie de paradigma da Educação Física, a partir de década de 1970, de caráter eminentemente prático, vinculado somente “ao fazer” de atividades físicas, sendo a frequência e a participação nas modalidades esportivas as únicas exigências para o nível de ensino superior. Tanto é que apesar dos alunos serem obrigados a participar das “práticas de Educação Física”, não era aferida qualquer sistemática de avaliação ou vinculação de nota nos históricos escolares dos alunos da UFS, da mesma forma que os alunos de 1º e 2º graus.

Se no âmbito do ensino federal superior em Sergipe, com a atuação de Félix d’Ávila, parecia haver alguma clareza das leis e normas com relação à Educação Física, na esfera estatal buscava-se consenso. O Departamento de Educação Física da SEC apresentou ao Conselho de Ensino Primário e Médio, em março de 1971, um programa elaborado para o curso normal com o intuito de uniformizar a didática da Educação Física, nestes cursos, que eram antes feitos a critério do professor. Um dos focos do programa foi a regulamentação da matéria, notadamente no que diz respeito à preparação das normalistas, “em face da confusão que vinha se verificando na ministração da Educação Física” (DEF, 1971, p. 8). As normas visavam, dentre outras coisas, desenvolver e propagar os conhecimentos técnicos relativos à Educação Física infantil na escola primária e pré-primária, a orientação didática para o uso adequado das diferentes atividades físico recreativas, como também das práticas de atividades formativas e recreativas. Já os objetivos explícitos nas normas eram orientar a formação da consciência entre os alunos e ainda atender suas necessidades em sua formação pessoal e profissional (DEF, 1971).

Dois meses antes da apresentação desse Programa, o coronel Eric Tinoco Marques⁵¹, diretor do Departamento de Educação Física do MEC, esteve em Aracaju. Em entrevista concedida à imprensa local ele afirmou que a criação de escolas de Educação Física nas universidades e a instalação de centros esportivos nas cidades representavam o primeiro esforço para a afirmação internacional do esporte amador brasileiro em nível compatível com o já alcançado pelo futebol profissional. Informou também que as universidades, por serem os melhores celeiros, iriam receber do MEC a maior dose de apoio, de forma a tornar possível a compatibilização entre o estudo, a preparação física, e o atendimento das necessidades

⁵¹ Comandou a Escola Superior de Educação Física do Exército no período de 15/06/69 a 21/10/70.

materiais dos atletas. Neste sentido, a concessão de bolsas de estudo para os alunos reconhecidamente “bons atletas e bons estudantes” substituiria a necessidade de trabalhar, e o tempo antes dedicado à atividade remunerada, seria empregado no treinamento. O coronel finalizou afirmando que seriam implantados Centros de Educação Física em diversos pontos do País com a intenção de reunir “[...] atletas das comunidades para a prática de desportos e aperfeiçoamento da Educação Física” (MEC, 1971, p. 8).

Imbuído desta lógica esportiva, Félix d’Ávila contribuiu para que Maria Feliciano dos Santos, à época, considerada a mulher mais alta do Brasil (2,15 metros de altura), deixasse a vida de lavradora e artista de circo para atuar enquanto jogadora de basquetebol. Segundo o “Jornal do Brasil”, em julho de 1971, Feliciano estava treinando diariamente ao lado de uma equipe de professores do Centro de Educação Física e desportos da UFS. Na matéria ela afirmava: “eu nunca havia segurado numa bola de basquete. Agora já corro bastante e estou adorando. Com meu tamanho, sou páreo para a jogadora russa Semjonova (2,10 metros de altura), que foi atração do último Campeonato Mundial de Basquete” (GENTE, 1971, p. 9). Ela ainda complementou informando que estava contente também com sua nova vida, pois ganhava mais e podia ajudar aos seus pais (GENTE, 1971).

Ao cruzar os jornais do Rio de Janeiro com os impressos locais sergipanos, é possível afirmar que Maria Feliciano, ao conceder esta entrevista, em 1971, estava em Porto Alegre compondo a delegação sergipana nos “XXII Jogos Universitários Brasileiros” que, desde maio, sob a supervisão de Félix, havia iniciado os treinamentos nos seguintes locais: estádio do 28º BC – atletismo; quadra da Polícia Militar – basquetebol; ginásio do Clube do Trabalhador – voleibol; Associação Atlética de Sergipe – natação e tênis de campo; e ginásio Charles Moritz – futebol de salão. A delegação sergipana estava sendo organizada pela Federação Atlética dos Estudantes em Sergipe com a colaboração da UFS (JOGOS, 1971, p. 8). A participação de Félix nestes eventos demonstra aspectos do seu *modus operandi*. Pois evidencia como ele buscou incentivar, mesmo desconsiderando o fato de Feliciano não ser universitária, a prática esportiva em Sergipe.

Segundo consta no jornal “Gazeta de Sergipe”, em 28 de julho de 1970, alguns dos estudantes que participaram desses jogos universitários retornaram do evento trazendo notícias das competições. A matéria informou acerca do fracasso de Sergipe no evento, apesar da presença de professores de Educação Física e técnicos para as diversas modalidades que, em vezes anteriores, não havia. E complementava:

Este ano, quem menos mandou foi a ‘FAES’ [Federação Atlética de Estudantes em Sergipe], seguindo na frente o professor Félix d’Ávila, que foi encarregado de reservar hospedagem para os membros da delegação e outras coisas mais. Contudo com a presença de vários professores de educação física, a delegação sergipana perdeu inclusive por WO, coisa que nunca tinha acontecido anteriormente [...].

[...] A delegação de universitários sergipanos, levou também Maria Feliciano, a mulher mais alta do mundo, para se apresentar em Porto Alegre. O professor Félix d’Ávila, obrigou que Maria Feliciano e a esposa de Josa “o vaqueiro do sertão” – tomassem parte no desfile, como se fossem universitárias. É bom frisar, que a atitude do Chefe da Delegação Sergipana foi tomada contra todas as normas, inclusive da CBDU (INFORME, 1971a, p. 4).

O Fracasso da delegação sergipana reverberou um pouco mais na imprensa sergipana, pois no início de agosto foi publicada a seguinte matéria, cujo trecho segue:

Um professor de educação física da UFS, afirmou em uma das aulas iniciais deste ano letivo de 1971, que a crônica esportiva sergipana era composta quase exclusivamente por analfabetos. Qual a finalidade desta declaração inoportuna numa aula de educação física, não sabemos. E na ocasião ninguém deu bola para o assunto. O que se viu agora, é que os “doutos” professores de educação física da UFS, levaram a delegação sergipana a um fracasso “daqueles” em Porto Alegre. Como a imprensa esportiva sergipana não participou da organização, chega-se a conclusão que o excesso de cultura foi que prejudicou (BOLA, 1971, p. 5).

Independente de a imprensa local adjetivar como “fracasso” a participação da delegação sergipana nos “XXII Jogos Universitários Brasileiros”, a estratégia de Félix d’Ávila, ao levar a mulher mais alta do Brasil compondo a equipe de basquetebol sergipana, é reveladora da sua “superfície social”. Pois, de fato, isso constitui uma de suas ações que tentaram impulsionar o Campo da Educação Física no Estado, e esta ação, por certo, fez com que as atenções das outras delegações universitárias participantes da peleja, das autoridades esportivas envolvidas, bem como da imprensa brasileira, convergissem para Sergipe. Afinal de contas, nessa época, o regime militar propugnava o desenvolvimento da Educação Física no Brasil por meio do esporte. Neste sentido, evidenciar uma atleta cuja estatura ultrapassava a da jogadora russa Semjonova, “atração do último Campeonato Mundial de Basquetebol”, era uma maneira de elevar o status de Sergipe perante outros Estados da União.

A atuação de Félix no Campo da Educação Física quando saía do espaço escolar acabava caindo no âmbito confederado. Maria Ieda Rosa dos Santos foi a segunda secretária de Félix, eles se conheceram quando ela foi transferida do Colégio de Aplicação para o recém

criado Centro de Educação da UFS, no início da década de 1970. Segundo ela, enquanto esteve no Centro, constatou o apoio de Félix d'Ávila à Federação Atlética de Estudantes em Sergipe, à Federação Sergipana de Voleibol e à Federação Sergipana de Handebol, pois os presidentes destas instituições frequentavam o CEFD e recebiam o incentivo deste professor. Ela informa também que na sua gestão foram promovidas “Colônias de Férias” para os dependentes de professores e funcionários da UFS, cujas aulas eram ministradas pelos professores do Centro. Complementa ainda afirmando que o próprio Félix também ministrou aulas de Educação Física para servidores e suas esposas, incentivando a prática de exercícios físicos (MARIA, 2012).

O depoimento de Maria Ieda também se mostra revelador das estratégias de Félix, pois se trata, de fato, da lembrança de quem conviveu com ele, no mesmo ambiente de trabalho, sem possuir graduação em Educação Física, já que sua formação foi no âmbito do Direito. A seguir um trecho da entrevista na qual são relatadas algumas das estratégias para a consolidação do Campo:

Maria Ieda – Eu só trabalhei na praça Camerindo. Quando veio prá, prá... quando veio definitivamente, primeiro veio uma parte pra o campus universitário, quando veio totalmente eu já não estava mais lá no Departamento de Educação Física. A convivência era muito boa, os professores quase na totalidade eram pessoas de fora do Estado. A convivência era muito boa, havia muita coesão, todos participativos, por que naquela época os próprios professores é que faziam as matrículas e se reversavam né. O professor (Félix) organizava uma escala e todo mundo aceitava de bom grado ou se ofereciam, sempre foi muito... Houve muita coesão todos muito amigos e trabalhando em conjunto... Foi uma época muito proveitosa. Eu aprendi muito com eles, conheci muita gente interessante: professor Darcymires Ismaelino do Rêgo Barros uma pessoa que me engrandeceu muito conhecê-lo, pela experiência, a esposa dele Dayse Barros, professor João Oliveira, tive uma oportunidade de um dia poder almoçar com o presidente do comitê olímpico, o...

AAA – Daquela época?

Maria Ieda – O que é hoje... Nuzman (Carlos Arthur Nuzman, atual presidente do Comitê Olímpico Brasileiro) na casa do professor Homero, na casa da professora Arline, o Zagalo eu conheci pessoalmente através deles todos, por que quando a seleção brasileira veio jogar em Aracaju e depois o Flamengo, eles como eram... conheciam...

AAA – Tinham uma relação boa...

Maria Ieda – O time do Botafogo foi pro Centro de Civismo, fazer aquecimento e tal, quer dizer eu tive muita experiência boa.

AAA – Quando a senhora falou da seleção e do time do Botafogo, era alguma coisa que o professor Félix pudesse tá envolvido?

Maria Ieda – Ele conhecia muita gente! Ou conhecia, ou “furava” né?... Como a gente diz. Ele era assim, uma pessoa que tinha conhecimento né?

Ele trabalhou no MEC, tinha muito conhecimento, e quando ele sabia que ia ter um determinado evento, ele procurava se enfrontar. (SANTOS, 2012).

Em outro trecho de sua entrevista Maria Ieda revela uma das formas de Félix “jogar” no Campo da Educação Física no trato com os professores leigos:

[...] Até porque no Estado também tinham muitos leigos ainda né?... durante algum tempo ainda, depois da década... do curso ainda tinha leigos... tanto que o professor Félix se valeu do prestígio que ele tinha entre os professores pra procurar diretores de escola dizer que não... Não era legal trabalhar com leigo... que era preciso... ele fez esse papel...

– *Ele fez muito isso?*

– Fez!

– *Ele comentava ou a senhora via?*

– Eu via! Eu via! Tanto ele convidava pra pessoas irem lá conhecer e ele aproveitava e falava, como ele saía deliberadamente: “Eu vou em tal lugar que fulano precisa saber que tem curso de Educação Física. Que professor leigo não é legal...”. E por conta disso algumas inimizades surgiram. (SANTOS, 2012).

O que se pode perceber é que as ações tomadas por Félix d’Ávila na sua área de atuação, seja no trato com os professores leigos, no incentivo com as Federações esportivas ou nas competições escolares, intencionavam, de algum modo, consolidar o Campo da Educação Física em Sergipe. E uma parte desta consolidação, na década de 1970, representava o desenvolvimento esportivo escolar. Outro exemplo de suas ações pode ser constatado quando a professora Martha Helga Kampmann veio a Sergipe em setembro de 1971, integrando a delegação do Clube Militar do Rio de Janeiro, e foi autorizada pelo coronel Eric Tinoco Marques a ficar durante 10 dias, após a saída da delegação, ministrando aulas de Educação Física no Centro de Educação Física e Desportos da UFS (INFORME, 1971b, p. 4). Vale lembrar que a professora Martha Helga foi colega de Félix na organização de um evento esportivo colegial e internacional realizado no Paraná em 1967. Além disso, ela era experiente com relação às “Ruas de Recreio”⁵² e com a ginástica feminina, possuía em seu passado profissional atlético o mérito de ter sido convocada sete vezes para compor a seleção brasileira de basquetebol (DOZE, 1957, p. 25).

A delegação do Clube Militar do Rio de Janeiro veio a Aracaju a convite da UFS, a fim de fazer demonstrações esportivas durante a Semana da Pátria. No dia 6 de setembro os

⁵² Iniciativa organizada pela DEF do MEC com a finalidade de proporcionar Educação Física às crianças cariocas que viviam em apartamentos situados em ruas muito movimentadas sem os obstáculos do tráfego e com a segurança garantida por professores e policiais (RUAS, 1958).

membros do “Grupo de Escola de Ginastas”, acompanhados pelo chefe da delegação carioca, o general Alcides Santos, foram recebidos pelo Reitor João Cardoso do Nascimento. Durante a visita, o General Alcides discursou agradecendo o convite da UFS e a oportunidade para que os representantes do Clube Militar conhecessem Sergipe. Já o coronel Arivaldo Silveira Fontes, diretor do departamento cultural do Clube Militar, informou de sua satisfação em participar na aproximação entre as duas instituições e na política salutar que ora se processava no sentido de revalorização da Educação Física e dos esportes na vida estudantil brasileira. Foi oferecido ao Reitor um galhardete, ao que retribuiu mandando oferecer às jovens desportistas visitantes camisas com a marca do Centro de Educação Física e Desportos da UFS. As ginastas, tanto do Clube Militar quanto do grupo da UFS, fizeram demonstrações de Jazz, de Ginástica Feminina Moderna, e lotaram o ginásio Charles Moritz. A última parte da programação incluiu uma partida de voleibol entre as equipes visitante e da UFS (DELEÇÃO, 1971, p. 8).

O nome de Félix d’Ávila em nenhum momento foi mencionado, na imprensa local, enquanto mentor responsável por trazer essa delegação para Sergipe. Mas se o convite foi feito pela UFS, quem mais naquela instituição teria capital simbólico no Campo da Educação Física para convidar esportistas do Clube Militar do Rio de Janeiro e esta instituição prontamente atender? Félix possuía seus contatos, tanto no Rio de Janeiro, por já ter morado lá, quanto em Brasília, por ter exercido funções no MEC. Foi por isso que ele aproveitou a vinda da delegação e solicitou ao coronel Eric Tinoco Marques que permitisse à professora Martha Helga Kampmann ficar mais alguns dias com o intuito de ministrar aulas no Centro de Educação Física e Desportos.

Pode parecer simplório a professora Martha Helga, apesar de suas credenciais, ficar em Aracaju um pouco mais de tempo, mas é preciso ressaltar que Félix buscava trazer professores qualificados para ministrar aulas na UFS a fim de qualificar e legitimar o trabalho ali desenvolvido, apesar da precariedade de condições estruturais da Educação Física em Sergipe. Esta realidade pode ser percebida através do fato de que, dois meses antes do curso ministrado por Martha Helga, o Secretário da Educação e Cultura do Estado, Marcos Pinheiro, esteve em Brasília para uma audiência com o ministro da Educação e Cultura Jarbas Passarinho, para reivindicar, dentre outras coisas, a criação de um Centro de Educação Física no Estado, com área coberta, a fim de promover aos jovens sergipanos melhores condições para a realização de atividades físicas, pois, nessa época muitos “Ginásios” de Aracaju não

dispunham de estrutura adequada. Esse Centro de Educação Física da SEC abrigaria, em um só local, todos os estudantes da capital (MARCOS, 1971, p. 1).

Se analisarmos tais informações à luz de Thompson e atentarmos ao que fora feito por Félix em prol da Educação Física tenderemos a entender que:

[...] Há uma tensão entre uma aspiração ilimitada – por liberdade, razão, egalité, perfectilidade – e uma realidade peculiarmente agressiva e incorrigível. O impulso criativo pode ser sentido durante todo o tempo em que persiste essa tensão, mas quando a tensão diminui o impulso criativo também falha. Não há nada no desencanto que seja hostil à arte, mas quando se nega ativamente a aspiração, aí estamos à beira da apostasia e a apostasia é um fracasso moral e um fracasso imaginativo. [...] (THOMPSON, 2002, p. 56-57).

Diante do exposto é possível afirmar que a “atmosfera” social na qual Félix d’Ávila estava envolvido, nos idos da década de 1970, contribuiu para o seu engajamento no Campo da Educação Física em Sergipe. Sem dúvida, no Estado de Sergipe havia diferentes espécies de dificuldades subjacentes à área e que eram diametralmente opostas às suas intenções. Entretanto, Félix valeu-se de impulso criativo para compor ações, que não se originaram somente de uma opção individual isolada nem tampouco se limitavam às causas externas e mecânicas, mas inegavelmente imersas num conjunto de forças, tencionaram o Campo da Educação Física. De modo que foi à luz de Thompson (2002) que tentei perceber o passado, na medida em que se apresenta ao presente por meio da história, não como uma sequência linear de acontecimentos e razões, mas buscando considerar os momentos onde tudo ainda eram apenas possibilidades.

Já no início de 1972 o Centro de Educação Física e Desporto da UFS sofre uma reestruturação, pois lhe foi agregado o setor da Orientação de Estudo de Problemas Brasileiros. Com isso o mesmo órgão passou a ser subdividido em dois setores e assim passou a denominar-se de Centro de Civismo, Educação Física e Desporto. Mesmo com essa alteração, Félix continuou desenvolvendo atividades de cunho esportivo na universidade, pois em abril daquele ano foi implantado o evento “Jogos de Calouros da UFS”. O mesmo almejava “trazer motivação” aos calouros recém-aprovados no vestibular daquele ano. Os jogos constaram das seguintes modalidades desportivas: voleibol, tênis de campo, tênis de mesa masculino e feminino, futebol de campo, de salão e xadrez. Segundo o periódico local, “Jornal da Cidade”, as competições foram entre calouros das áreas de “Humanidades” versus “Ciências Humanas e Naturais”, cada uma das áreas estava representada por uma equipe das

diversas modalidades. O impresso ainda afirmava que era a primeira vez que se realizava uma competição deste tipo em Aracaju (JOGOS, 1972, p. 12).

2.6 Félix, o FASC e as federações esportivas

Além dos eventos esportivos e das iniciativas de Félix ao trazer professores de Educação Física qualificados para Sergipe, há que se considerar também sua participação em eventos de ordem cultural, mas que também fizeram parte das atividades do Centro de Civismo, Educação Física e Desportos. Exemplo desta esfera iniciou-se com o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC), em 1972. Menezes (1997), indagou Félix acerca do primeiro currículo do curso de Educação Física, o entrevistado então guiou a entrevista para o referido Festival, pois o considerou “uma marca da universidade em que a Educação Física teve significativa participação”:

Américo, antes de falar sobre o currículo, eu quero abrir um parêntese para falar de uma coisa que faz parte da Universidade e que a Educação Física teve um trabalho muito grande em cima disto, que foi o Festival de Arte de São Cristóvão. O Festival de Arte de São Cristóvão foi criado e eu fiz parte da primeira comissão. Eu, Madre Albertina, Alencar que depois foi Reitor, Ovídio que era um dos diretores que já faleceu. E nós fomos esse grupo que fez parte do primeiro Festival de Arte de São Cristóvão. Onde nos coube a pior parte do Festival, que foi o controle de todo o transporte, que não tinha nenhuma estrutura para receber o que recebeu. Então nós fomos até guardas de trânsito de São Cristóvão e aí a coisa pegou e todo Festival éramos nós que tomávamos conta disso. Então, nós ficávamos até três horas da manhã para ver o Festival acabar e sair todo mundo. Sempre contei com todos os professores, não só com os professores, mas todos os funcionários do Centro, que iam sem querer saber de hora extra, trabalhavam porque gostavam de trabalhar na área e na Universidade. Então, nos Festivais de Arte de São Cristóvão, a Educação Física teve uma participação muito forte até o quinto ou sexto mais ou menos. Então era esse o parêntese que eu queria fazer, porque o Festival era uma marca da Universidade e a Educação Física teve uma participação muito forte [...] (D’ÁVILA apud MENEZES, 1997, p. 111).

O Festival de Arte de São Cristóvão foi criado em 1972 e trata-se de uma iniciativa da UFS, por meio do Centro de Extensão Cultural e Ação Comunitária⁵³, que visava atender à solicitação do governo federal no tocante à sua Política Nacional de Cultura. Ele surge em

⁵³ Órgão criado pela UFS que tinha por finalidade promover uma maior integração da UFS com a vida cultural do Estado, levando os alunos universitários a aplicarem os conhecimentos técnico-científicos na prestação de serviços à comunidade (UNIVERSIDADE, 1971).

decorrência das comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil. Segundo Azevedo (2012), o primeiro reitor da UFS, João Cardoso do Nascimento Junior, determinou à sua assessoria de relações públicas a elaboração de um programa capaz de firmar a presença da universidade nas comemorações nacionais. A autora complementa ainda afirmando que “um grupo de intelectuais da UFS, entre professores e funcionários, ficou encarregado pela programação e por toda a gestão do evento” (AZEVEDO, 2012, p. 124).

A princípio relutei em demonstrar a participação de Félix d’Ávila no FASC, pois em sua entrevista ele afirmou apenas sobre a atuação no controle do transporte desse evento, fato esse que parece não convergir enquanto contribuição para o Campo da Educação Física. No entanto, é preciso ressaltar que o FASC procura atender aos imperativos da extensão universitária e neste sentido suas ações para que esse evento se concretizasse demonstram certo pioneirismo dos professores de Educação Física da UFS que, mesmo antes de se constituírem enquanto curso superior desta instituição, já evidenciavam sua contribuição no “fazer” universitário.

O primeiro FASC foi realizado no período entre 1º a 3 de setembro de 1972, mas antes disso a atuação de Félix foi recebida com elogios na imprensa do Estado. O “Jornal da Cidade”, por exemplo, em agosto daquele ano expunha: “O prof. Félix d’Ávila, chefe do Centro de Educação Física da UFS é o Chefe da Comissão de Transporte do Festival. Está demonstrando uma grande capacidade de organização e trabalho. Aguardem a exposição que ele está preparando para a TV SERGIPE.” (LITERÁRIA, 1972, p. 6).

Não consegui desvendar, ao certo, informações acerca dessa exposição destinada à mídia televisiva, no entanto, os grupos de ginástica da UFS e do Colégio de Aplicação, ambos ligados aos professores do Centro de Civismo, Educação Física e Desportos da UFS, apresentaram-se no primeiro FASC. (AZEVEDO, 2012).

Assim, o professor Félix parece ter sido uma das figuras relevantes para as primeiras edições do FASC. Em dezembro de 1972, o magnífico reitor da UFS, o professor Luis Bispo, baixou uma portaria constituindo a Comissão de Programação da segunda edição desse evento que contou com os seguintes professores: madre Albertina Santos Brasil, Clodoaldo de Alencar Filho, Antonio Campos Lima, Félix d’Ávila, Antonio Fontes Freitas, José Maria Rodrigues Santos, José Bonifácio Fortes Neto, Beatriz Goes Dantas, João Oliva Alves, Aglaé Fontes de Alencar e Eduardo Lins de Carvalho. Nesta portaria o reitor ainda enfatizava que o Festival de Arte de São Cristóvão não poderia se configurar enquanto festas ou solenidades sociais da universidade, mas deveria ser entendido enquanto fonte de distribuição de cultura

(UFS, 1972, p. 11). Segundo Azevedo (2012), o FASC desde o início caracterizou-se por uma programação vasta e enriquecedora, já que trazia no bojo do evento diversas manifestações culturais que aconteciam nas praças, ruas e igrejas da quarta cidade mais antiga do Brasil (São Cristóvão). Ele era reconhecido porque promovia e difundia a cultura e arte da região, sendo, ao mesmo tempo, um espaço que preservava como também inovava a cultura local.

Além da participação de Félix nas comissões do FASC e de sua efetiva atuação no âmbito da comissão dos transportes desse evento, é preciso levar em consideração que as atividades desenvolvidas pelo Centro de Educação Física da UFS não se resumiram apenas aos estudantes universitários. Em março de 1973 um periódico local expôs uma matéria sobre o encerramento do curso de natação ministrado aos filhos dos servidores da UFS. As aulas foram realizadas na Associação Atlética de Sergipe e a solenidade foi presidida pelo reitor, o professor Luiz Bispo, e constou de demonstrações esportivas, entrega de diplomas, além de ter sido oferecido um coquetel com doces e refrigerantes para as crianças e suas respectivas mães. Naquela ocasião estiveram presentes na cerimônia o chefe de gabinete do reitor, Stefano Faria Alves, o assessor de relações públicas, João Oliva Alves, e também o prefeito de Aracaju, Cleovansóstenes Pereira de Aguiar (UNIVERSIDADE, 1973, p. 3).

As fontes tratadas nesta pesquisa apontam para uma atuação de Felix d'Ávila, no Campo da Educação Física, que não somente cumpria as finalidades estabelecidas pelo órgão no qual ele geriu, mas ia além. Sua presença em algumas das entidades esportivas é um exemplo. Em abril de 1973, a Federação Sergipana de Voleibol promoveu um “Torneio Aberto” desta modalidade, no qual poderia participar qualquer clube mesmo sem ser filiado. A divulgação do evento foi feita em um periódico local cuja matéria elogiava a atuação de seus representantes ao afirmar que a entidade estava passando por uma de suas melhores fases, haja vista que havia sido realizado um “Torneio de Praia em Sergipe” e por conta da participação de um atleta sergipano em evento esportivo de porte nacional. À época o presidente era Lises Alves Campos e a vice-presidência estava a cargo de Félix d'Ávila. A matéria trouxe também a informação de que as inscrições foram realizadas no CCEFD da UFS e, neste sentido, é preciso considerar este fato enquanto indício de que o “Centro” talvez se consubstanciasse enquanto espaço extra oficial⁵⁴ de algumas das Federações esportivas sergipanas (FSV, 1973b, p. 11).

⁵⁴ Outro exemplo aconteceu quando a FSV convocou jogadores para participar das eliminatórias do Certame Brasileiro de Voleibol, realizado na cidade de Natal. Os atletas convocados de diferentes categorias deveriam

As ações de Félix d'Ávila algumas vezes renderam elogios na imprensa local. O CCEFD foi apontado, em maio de 1973, como um dos mais eficientes da UFS. Félix e sua equipe, nessa época, estavam se articulando para promover durante o II FASC uma espécie de “Festival Nordestino de Ginástica Moderna” e vários grupos de outros estados já haviam confirmado presença no evento (LITERÁRIA, 1973, p. 6). Posteriormente a comissão do II FASC decidiu realizar no dia 30 de agosto de 1973, no ginásio Charles Moritz, um concurso de Ginástica Moderna no qual participaram aproximadamente 120 jovens representando os estados da região Nordeste. O grupo vencedor desse concurso faria uma apresentação no dia seguinte, na abertura oficial do II FASC (REUNEM-SE, 1973, p. 3).

A dinamicidade que Félix demonstrou no FASC convergiu para que ele continuasse a tencionar o Campo da Educação Física em Sergipe. Evidência disso foi o demonstrado em agosto de 1973, na edição do “Jornal da Cidade” que trouxe uma matéria sobre o curso ministrado pelo professor Maurice Zechen, diretor do departamento de Educação Física da Universidade de Rhode Island, acerca da prática do esporte amador no Ginásio Charles Moritz, para professores da SEC, da UFS e para estudantes-atletas sergipanos que haviam participado em Brasília dos últimos JEB's. Segundo o periódico, durante a permanência do professor Maurice Zechen na capital sergipana, o referido professor percebeu o interesse da SEC, como também da UFS, em desenvolver o esporte no meio estudantil, principalmente por conta da participação frequente de estudantes sergipanos junto aos jogos de âmbito nacional, fossem eles os colegiais, ou universitários (PROFESSOR, 1973a, p. 10).

Apesar da matéria anterior não trazer explicitamente o nome de Félix d'Ávila enquanto mentor desta ação é preciso salientar que ele, antes de chefiar a delegação do V JEB's, evento realizado em Brasília, havia estado numa reunião com a comissão do II FASC, ocorrida em maio de 1973, na reitoria, e três norte americanos de Rhode Island foram recepcionados naquela ocasião. Os visitantes estrangeiros foram: Donald Gardner Jr, Barner Fain e Hugh Townley, que depois de ouvir uma sucinta exposição acerca do FASC, estudaram a possibilidade de ajuda do Estado norte americano no aludido festival da UFS (COMISSÃO, 1973, p. 12). Por certo Félix manteve contato com esses americanos, que são da mesma Universidade do professor Maurice Zechen, e articulou sua vinda para Sergipe a fim de ministrar curso de basquetebol.

se apresentar no Centro de Civismo Educação Física e Desportos da UFS para receber orientações (FSV, 1973a, p. 12).

2.7 Félix e seu relacionamento com o poder

O capital social⁵⁵ de Félix d'Ávila junto aos professores e autoridades ficou marcado além das matérias jornalísticas, como também na memória de professores que trabalharam com ele. A seguir, um trecho da entrevista realizada com o professor Sérgio Giansante:

[...] Bom, o que eu posso acrescentar é que... devido ao conhecimento que ele deixou dentro da Divisão de Educação Física, hoje acho que é Secretaria se eu não me engano. O conhecimento que ele deixou lá dentro, o conhecimento pessoal e conhecimento da estrutura do Departamento de Educação Física lá em Brasília, no Ministério, ele tinha facilidade em carrear recursos pra cá. E isso ele fez muito. Fez muito! Criou os jogos escolares, criou um monte de coisa, porque ele chegava: – ‘Alô, eu quero fazer isso!’. Estruturava. – ‘Eu quero fazer isso assim, assim, assim. Vou precisar de X’. E conseguia... Ele carreou muito dinheiro pra cá. Ele carreou inclusive, é... alguns ginásios de esporte aqui, parte da verba foi o Félix que conseguiu lá em Brasília. Vou falar boca pequena... Cotinguiba é um [...] (GIANANTE, 2012).

Com as fontes utilizadas nesta pesquisa não foi possível verificar a origem de recursos financeiros destinados para Sergipe no período do regime militar. No entanto, é preciso salientar que em agosto de 1973 o Diretor do DEF, o Coronel Eric Marques Tinoco, veio a Aracaju com o intuito de participar das solenidades de inauguração do “Parque Aquático Lourival Baptista”, das quadras do “Contiguiba Sport Clube”, do “Vasco Sport Clube” e da piscina do Instituto de Educação Rui Barbosa. As inaugurações faziam parte da programação comemorativa do Centenário de Santos Dumont (DIRETOR DO DEF, 1973, p. 12). O cruzamento destas informações indicia alguns aspectos do envolvimento de Félix d'Ávila não somente enquanto angariador de recursos para Sergipe, mas também na condição de estrategista para solidificar as relações de poder, haja vista que o Coronel Eric Tinoco, além de vir inaugurar os espaços esportivos em clubes e escolas, poderia prestigiar o II FASC, já que sua chegada coincide com a data oficial de abertura deste evento, ou seja, dia 1º de setembro de 1973.

No mesmo ano de 1973, Félix se envolveu também no âmbito do voleibol, com a vinda de professor estrangeiro para ministrar um curso desta modalidade. A temática do curso, ministrado pelo “renomado” professor japonês Nobuhiro Imai, foi: “As novas

⁵⁵ Pierre Bourdieu (1985) trata o capital social como a soma dos recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizada em Campos sociais. Assim os recursos podem ser empregados pelas pessoas a partir de uma estratégia de progresso dentro da hierarquia social do Campo, prática resultante da interação entre o indivíduo e a estrutura.

introduções e as novas técnicas de voleibol”. Segundo consta num periódico local, sua viagem foi patrocinada em conjunto: pelo Conselho Nacional de Desportos, Confederação Brasileira de Voleibol e Federação Sergipana de Voleibol. A matéria trazia também que o professor Nobuhiro era formado pela universidade de Tóquio e era considerado “um dos maiores entendidos de voleibol no mundo” (PROFESSOR, 1973b, p. 11). Posteriormente esse curso foi discriminado pela imprensa local como o primeiro curso internacional de Voleibol e a Federação Sergipana desta modalidade entregou certificados de frequência e as regras oficiais do esporte. Além das aulas ministradas, o professor Nobuhiro Imai se prontificou também a treinar uma equipe de adultos, formada pelos melhores atletas sergipanos. Dois treinos foram realizados com a presença e participação do técnico japonês que mostrou, na prática, aquilo que ele ministrou (CURSO, 1973, p. 12).

Apesar da matéria jornalística não fazer nenhuma menção no seu texto a Félix d’Ávila, uma foto registrou o encerramento do curso e foi publicada na imprensa local. Félix encontra-se à direita da imagem, ao lado do professor Nobuhiro Imai.

Figura 9 – Encerramento do curso de voleibol



Fonte: CURSO, 1973, p.12.

O presidente da Federação Sergipana de Voleibol, Lises Alves Campos, também atuava enquanto articulista do periódico chamado “Jornal da Cidade”. Suas matérias possuíam cunho esportivo e ele não pôde deixar de registrar uma das intenções de Félix d’Ávila para com o esporte amador em Sergipe.

Hoje, possivelmente estarão sendo registrados no Cartório competente, os estatutos do Universidade Esporte Clube. Pode parecer à primeira vista mais um clube no cenário esportivo sergipano, mas se atentarmos para o fato de que o novo clube será mantido e orientado pela Universidade Federal de Sergipe, muda de aspecto e assume uma importância muito grande. Segundo o prof. Félix d’Ávila, diretor do Centro de Civismo, Educação Física, logo após o registro e publicação dos estatutos, tratará da filiação do Universidade às diversas federações amadoristas do Estado. Voleiball, basqueteball, futebol de salão e à Federação Sergipana de Desportos nas divisões de atletismo, natação, ginástica, judô, enfim tudo que existir de esporte amador em nosso Estado. Acreditamos que a Universidade marcará uma reviravolta no amadorismo do nosso estado. Possuindo estabilidade financeira e tendo as diversas modalidades esportivas orientadas por técnicos capazes, interessados e contando com a organização e estrutura da nossa universidade, sem falar no material humano que terá à sua disposição, os atletas, das diversas unidades que compõem a UFS, o colégio de aplicação e os filhos dos funcionários, o Universidade por certo, a partir do próximo ano será, por antecipação, o mais sério candidato aos diversos títulos do amadorismo em nosso Estado [...] Nos países mais adiantados os atletas mais destacados, em qualquer modalidade estão nos bancos acadêmicos. No Brasil temos apenas o exemplo da Universidade Gama Filho na Guanabara que está filiada a todas as Federações e Brasília, onde inclusive mantém um clube de futebol profissional: o CEUB. Sergipe felizmente aderiu adiantando-se a diversos Estados brasileiros, o que nos torna, de certa forma, pioneiros. Parabéns à Universidade (LISES, 1973, p. 11).

Félix d’Ávila demonstrou, em suas diversas ações, o desejo de transformar o cenário esportivo sergipano. Pois promoveu cursos com professores, envolveu a Educação Física no FASC para além do âmbito da comissão de transportes, dinamizou a FSV e angariou recursos financeiros com vistas a legitimar o Campo em âmbito estadual. Talvez os seus contatos realizados com os professores norte americanos que transitaram por Sergipe tenham contribuído com essas intenções em criar o “Universidade Esporte Clube” que, apesar de não terem prosperado, são importantes porque denunciam seus anseios para com o Campo da Educação Física no Estado. Oliveira (2003) ao analisar os resultados da VI reunião de diretores de escola da Educação Física datado de 1968 constata que este documento não seria suficiente para poder inferir o tipo de relação existente entre as escolas de Educação Física e o governo daquele período, mas é uma mostra do desenvolvimento desejado pelos dirigentes

das Escolas Superiores de Educação Física. Atenta ele também para as análises dos intelectuais que elegeram a Educação Física como foco, quando estes discorreram e vincularam a Educação Física no ensino superior e o esporte na universidade. A título de demonstração dessa vinculação, no início da década de 1970, Félix d'Ávila representou, a um só tempo em Sergipe, o dirigente de escola superior de Educação Física que intencionava vincular o esporte e a universidade com vistas ao desenvolvimento local, bem como o articulador entre o que se ensinava na universidade e a sociedade esportista em geral por meio de suas federações.

No caso de Félix d'Ávila, a busca por legitimar a Educação Física por meio do desporto revelou traços da incorporação de um *habitus*, do senso prático de uma estratégia. Não a estratégia compreendida somente como sinônimo de escolha consciente e individual, guiada pelo cálculo racional, mas como produto de um programa inconsciente. Para Bourdieu (2004) estratégia é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo particular historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando de atividades sociais e dos jogos infantis. De modo que o bom jogador tem a capacidade de se adaptar permanentemente às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas.

Apesar de em março de 1974 o Conselho Universitário ter aprovado, através da resolução 07/74, a criação do Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico em Desporto da Universidade Federal de Sergipe (MENEZES, 1997), o Centro de Civismo, Educação Física e Desportos continuou suas atividades. No início daquele ano, José Andrade Macedo⁵⁶ participou do Curso Básico de Atualização em Educação Física promovido em parceria pela SEC com o MEC. Sua entrevista se mostra esclarecedora à medida que suas informações evidenciam o ponto de vista de quem não permaneceu na área por muito tempo. A seguir um trecho de sua entrevista:

Eu tenho a informação que ele era militar. Era num período onde existia assim um... um rigor em relação à moral. E era aquela figura assim que impunha o maior respeito, né? Que a presença dele já simbolizava ordem, silêncio e atenção, mas sempre gentil. Era o... aquela pessoa... aquele autoritário, mas com grau de meiguice, porque ele nunca era estúpido. Ele era exigente! Mas não era aquela pessoa estúpida, então ele se tornava aquela pessoa agradável pra todos.

– O senhor chegou a ter aula com ele?

– Não.

⁵⁶ Professor aposentado da rede pública estadual de ensino cuja graduação foi em Letras. Sua entrevista revelou que ele não conhecia Félix d'Ávila antes de 1974 e trabalhou como professor de Educação Física por apenas um semestre.

– *O senhor lembra como era a relação do Félix com os outros professores, se era uma relação de respeito também?*

– De respeito. É... A maneira de Félix passar as informações era com a segurança tão grande que praticamente já... já informava e outro obedecia porque tinha segurança muito na... na maneira de lidar, agora sempre mantendo aquele ar de autoridade [...] (MACEDO, 2012).

O “ar de autoridade” evocado na memória de José Andrade Macedo (2012) evidencia aspectos do poder simbólico de Félix d’Ávila. Segundo Bourdieu (1990, p. 166), a forma por excelência do poder simbólico é o poder de fazer grupos, cuja base assenta-se em duas condições: Primeiro que o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico, pois o poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade adquirida nas lutas anteriores. É por isso que o capital simbólico é de fato um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento. Segundo porque a eficácia simbólica necessariamente descende da realidade, essa, por sua vez, latente nas pessoas que se quer reunir.

Em 1974 e 1975, com a implantação do Curso Superior de Educação Física na UFS, a atuação de Félix no Campo ganha novos contornos, ora atuando na profissionalização dos novos professores que deveriam ser formados, ora persistindo nas práticas que vinham sendo realizadas em prol da consolidação do Campo. Exemplo disso é que Félix trouxe dois cursos internacionais para Sergipe que ocorreram simultaneamente: Um de “Aperfeiçoamento em Atletismo”, realizado no Estádio Lourival Batista, e outro de “Natação”, desenvolvido no Parque Aquático. As aulas foram ministradas, respectivamente, pelos professores William J. Falk, da Universidade de Rhode Island, e Edward Reed Junior, da Brown University. Dentre os participantes dos cursos estavam os professores de Educação Física da UFS, professores da rede estadual, da Escola Técnica Federal de Sergipe, além de professores do Paraná, Guanabara, Bahia e Rio Grande do Norte (AULAS, 1974, p. 3).

Ainda em 1974, Félix envolveu-se com Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária⁵⁷ (CRUTAC-SE) em um projeto que visava introduzir e intensificar as práticas esportivas em cidades do interior de Sergipe. Neste sentido, Félix manteve contato com diretores de instituições educacionais e esportivas dos municípios de Japaratuba e Boquim e recebeu apoio dos prefeitos para a empreitada. Além da introdução da Educação

⁵⁷ Surgiu na segunda metade dos anos de 1960, no Rio Grande do Norte e, posteriormente, no Maranhão, em 1969, como alternativa de estágio, inicialmente na área de saúde, para os estudantes que estivessem concluindo seu curso. (ALMEIDA, 2011).

Física e de esportes nas comunidades rurais esse projeto previa também a orientação técnica dos times de futebol, de professores e treinadores de equipes esportivas (CRUTAC, 1974, p. 6).

Ao analisar as narrativas de José Romilto de Mendonça⁵⁸ contidas em Menezes (1997) é possível inferir que Félix d'Ávila orientou equipes de futebol não somente nos municípios anteriormente citados como também em Itabaiana. Em sua explicação acerca dos primeiros professores do curso superior em Educação Física da UFS, José Romilto revelou que:

[...] todos eles tinham uma experiência muito grande. Eu tive a oportunidade de conhecer o professor Félix d'Ávila, o Homero e Sérgio no Itabaiana. O Itabaiana entrou no campeonato brasileiro e José Queiroz solicitou a universidade para dar assistência a parte física. Como eu treinava no Itabaiana na época, eu tive a oportunidade de conhecê-los. Mas na Universidade é que agente veio sentir realmente que eles tinham muito boa vontade, eram pessoas preparadas, tinham a coordenação do Félix d'Ávila. A gente observava que havia um comando (MENDONÇA apud MENEZES 1997, p. 146).

Bourdieu (2012) alerta que a eficácia do discurso performativo, que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio ato de enunciá-lo, é proporcional à autoridade daquele que o enuncia, ou seja, a autorização se constitui enquanto tal se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar ou tem autoridade para autorizar. No entanto, o efeito de conhecimento não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém, ele depende também do grau em que o discurso está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros desse grupo, assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades. “[...] O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade” (BOURDIEU, 2012, p. 117). Por certo, Félix d'Ávila, ao longo de lutas anteriores, tornou-se um agente social que conseguiu o comando, a autoridade para autorizar, não somente pela crença consentida e reconhecimento daqueles que o obedeciam, mas também porque os membros do grupo de professores composto por ele tinham em comum um princípio de pertinência.

⁵⁸ Aluno da primeira turma do curso superior em Educação Física da UFS em 1975.

No início de 1975 a Federação Sergipana de Voleibol realizou, no período de 10 a 12 do mês de janeiro, o XII Campeonato Nacional de Voleibol Infante Juvenil – masculino e feminino. A imprensa local divulgou amplamente o evento informando que Aracaju iria se transformar na “capital nordestina do voleibol”, isso porque a cidade seria sub sede das disputas do certame. O Presidente da Confederação Brasileira de Voleibol, Roberto Moreira Calçada⁵⁹, confirmou sua presença em Aracaju para o dia 8 daquele mês. Já as delegações do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Bahia chegaram no dia 9 e foram alojadas nas dependências do Hotel Palace de Aracaju. Já os dirigentes da CBV e árbitros foram hospedados no Grande Hotel (CAPITAL, 1975, p. 11).

Agregadas ao Campeonato Nacional vieram as homenagens, feitas a políticos e dirigente esportivos, que a Federação Sergipana de Voleibol realizou. No dia 9 de janeiro, no restaurante Catavento que era de propriedade da Associação Atlética de Sergipe, houve um coquetel no qual a FSV prestigiou o Sr. Roberto Moreira Calçada com o título de sócio benemérito. Além do presidente da CBV, recebeu a mesma honraria o prefeito da capital, Cleovansostenes Pereira de Aguiar. Ainda nesta festa foram entregues títulos honorários às seguintes autoridades: Antonio Lisboa, Ruy Dias Trindade, Wilson Rezende Machado, Renato Mazze Lucas, Luiz de Oliveira e Silva Sobrinho, membros fundadores da FSV; Arnobio Alves Nunes e Jansom Carlos Amaral, ex-presidentes da mesma entidade; e ao professor Luiz Bispo da Universidade Federal de Sergipe (FSV, 1975, p. 11).

Na manhã do dia 10 de janeiro de 1975, às 11 horas, foi realizado o Congresso de Abertura do aludido evento esportivo no salão principal do Hotel Palace. A reunião foi presidida pela Comissão Técnica da CBV, representada pelo Sr. Hélio de Almeida Caldas e teve como membros o Sr. José Luiz Cavalcante e o professor Félix d’Ávila. Na ocasião foi realizado o sorteio dos jogos e elaborada a tabela com a programação das disputas que eram de caráter eliminatório nos termos do regulamento dos Campeonatos Brasileiros. Às 20 horas, no ginásio de esportes Charles Moritz, com a presença do governador Paulo Barreto de e autoridades civis e militares do Estado, foi realizada a abertura oficial do Campeonato. “Uma grande multidão prestigiou o espetáculo, o primeiro de âmbito nacional que se realiza em Sergipe” – este foi um trecho da matéria publicada no “Jornal da Cidade” um dia depois do evento. Vale ressaltar que a entrada não foi franca, pois ingressos foram colocados à venda

⁵⁹ Membro fundador da Confederação Brasileira de Voleibol. Vale ressaltar que em 1975 ele havia completado 14 anos à frente da entidade, tentou mais uma vez se reeleger naquele ano, mas perdeu o cargo para Carlos Arthur Nuzman. Neste sentido, a vinda de Calçada para prestigiar esse Campeonato Brasileiro em Sergipe tenha sido uma de suas últimas viagens oficiais à frente da CBV (OUTROS, 1975, p. 28).

pela FSV desde o dia 6 de janeiro ao preço de Cr\$ 5,00 para homens e Cr\$ 3,00 para estudantes e mulheres (VOLEI, 1975, p. 11).

Ao cruzar as informações de que: 1 – A FSV foi fundada em meados da década de 1950 e durante toda a década de 1960 não havia se filiado à Confederação Brasileira de Voleibol; 2 – Félix revelou em entrevista que a nomeação Lises Alves Campus para o cargo de presidente da FSV foi uma solicitação dele ao presidente da CBV que levou em consideração os laços de amizade entre os dois e assim o atendeu; 3 – Desde 1973 Félix estava atuando como vice-presidente da FSV; e 4 – A efetiva vinda do Sr. Roberto Moreira Calçada a Sergipe e as homenagens realizadas pela FSV ao mesmo. De modo que é possível apontar Félix d'Ávila enquanto um agente social dinamizador da FSV que impulsionou decisivamente na realização do XII Campeonato Nacional de Voleibol Infante Juvenil – masculino e feminino. E que consequentemente impactou o Campo da Educação Física em Sergipe, que até então desconhecia um evento esportivo daquele porte.

2.8 Tensionamentos no espaço social que afetaram o geográfico

Verifiquei todas as edições do “Jornal da Cidade”⁶⁰ publicadas no ano de 1976, em busca de outro evento esportivo, de magnitude semelhante, no qual Félix d'Ávila pudesse ter se envolvido, mas não localizei. No entanto, o processo de busca fez-me compreender outros aspectos de suas ações no Campo da Educação Física. Em janeiro daquele ano, por exemplo, o professor Sérgio Giansante viajou para a cidade de Dortmund, na Alemanha ocidental, com o intuito de realizar um curso de especialização em alto nível de atletismo cuja duração foi de 45 dias (PING PONG, 1976, p. 5).

Sobre este tipo de ação voltada à formação dos professores do CEFD da UFS, Félix assim se expressou: “[...] o professor do Centro de Educação Física, anualmente eu mandava no mínimo um se atualizar em algum curso fora de Sergipe. Todos eles saíam para cursos para estarem sempre atualizados. Para transmitir aquilo que era moderno [...]” (D'ÁVILA apud MENEZES, 1997, p. 117). Mesmo considerando que o envio de professores ao exterior tratava-se de uma política nacional do governo militar com relação à formação de professores e nesse sentido Félix apenas executa a ação de cumprir este indicativo, é preciso evidenciar que na análise de sua narração Félix acreditava estar trazendo aquilo que era moderno para o Campo da Educação Física em Sergipe.

⁶⁰ Periódico sergipano escolhido aleatoriamente.

Ações como essas demonstram a preocupação de Félix com a formação docente e o Campo com vistas a trazer para Sergipe o que se tinha de mais moderno no tocante à Educação Física. Outro fato que também repercutiu neste mesmo periódico relacionou-se ao sistema de transporte público intermunicipal, pois algumas aulas de modalidades esportivas, com a construção das primeiras instalações da UFS, foram transferidas da cidade de Aracaju para São Cristóvão, acarretando em um aumento do fluxo de estudantes, fossem eles dos cursos superiores em Educação Física ou dos demais cursos daquela instituição. Neste sentido, foi necessário aumentar a frota dos ônibus para atender à demanda crescente. Além disso, os estudantes reclamavam também da falta de docentes para algumas das modalidades esportivas oferecidas pela instituição. Problema esse que, segundo Félix, seria solucionado a partir do mês de abril quando a universidade contrataria novos professores (INICIADAS AULAS, 1976, p. 2). É válido lembrar que nesse período, apesar de 50% das obras inerentes à construção da cidade universitária estarem aguardando liberação de recursos do MEC, já havia sido concluída as seguintes obras do setor esportivo: campo de atletismo, duas quadras para futebol de salão e um galpão coberto para prática de atividades física (CAMPUS, 1976, p. 8).

A resposta da celeridade⁶¹ dada às instalações esportivas iniciais da UFS parece estar na facilidade com que Félix d'Ávila angariava verbas federais quando o assunto se tratava de Educação Física. Menezes (1997) indagou Félix acerca desta área no orçamento da construção do Campus universitário. Sobre isso, ele respondeu:

Não tenha dúvida que foi direcionado com verbas do Ministério. Toda instalação foi com verba do Ministério e não com verba orçamentária da construção do campus. Aquilo ali foi verba específica do Ministério da Educação, da Secretaria da Educação Física e do Desporto, na gestão do Coronel Ozís Vasconcelos que doou muita verba e depois com o Coronel Péricles já como SEED (Secretaria da Educação Física e do Desporto). A verba foi toda ela do Ministério, direta. Nunca entrou verba de outra instituição, nem da própria Universidade. A não ser obviamente alguma coisa que... naquela época a prefeitura foi apenas a executora, o prefeito na época era o Álvaro, que colaborou muito na execução do projeto, mas a parte financeira foi toda ela do Ministério, basicamente do DED. (D'ÁVILA apud MENEZES, 1997, p. 114).

Félix d'Ávila, durante o período pesquisado, tensionou em diversos momentos e de diferentes formas o Campo da Educação Física em Sergipe. Ainda em 1976, por exemplo,

⁶¹ Maria Ieda Rosa dos Santos afirmou em entrevista que o Departamento de Educação Física foi o primeiro a funcionar no campus universitário da UFS em São Cristóvão.

com parte das instalações esportivas prontas ele tentou levar algumas aulas de Educação Física para o Campus de São Cristóvão, mas a rodovia que ligava as duas cidades não oferecia as condições mínimas de tráfego de veículos em dias chuvosos. Por conta disso, o “Centro de Civismo Educação Física e Desportos” solicitou permissão à Administração de Estádios do Estado de Sergipe (ADESE) para que as aulas fossem realizadas no Estádio Lourival Batista e no João Hora (AULAS, 1976, p. 5). Apesar do subterfúgio de utilizar estes espaços para as aulas de Educação Física, é preciso ressaltar que o estádio Lourival Batista não foi construído levando-se em consideração os materiais adequados e padrões de escalonamento de uma pista de atletismo. Félix em entrevista revelou:

[...] Lá em Aracaju a pista de atletismo do Batistão era de pedra! Eu digo: – “Vem cá, me diz uma coisa!” (Pro cara que era o... o... Hélio Maranhão, que era o administrador lá) eu digo: – “Vem cá! Gente corre em pista de areia... Cavalo, no jokey clube, corre em pista de areia leve, areia pesada e pista de grama... E as pessoas vão correr em pista de pedra? Eu quero aprender isso aí pra saber como é que é! Porque isso eu não sei!” Aí ele não gostou... E pra botar os 400 metros da pista, tinha que diminuir o campo de futebol que era de cento e tantos metros, era o máximo... Aí o Cássio fez uma onda contra mim, o Cássio Barreto... – “Há! Vai diminuir o campo, esse é o melhor campo do Brasil!”. Eu digo: – “Isso não é problema meu não! Isso é problema do Estado. A minha informação é que tá errado! Façam o que quiserem...”. Eu informei... informei por escrito. No fim, eles tiveram que refazer [...] (D’ÁVILA, 2012).

E refizeram mesmo. “EVERALDO DIZ QUE NÃO RECUA: VAI MESMO MUTILAR O BATISTÃO”, esta foi a manchete de primeira página do “Jornal da Cidade”, em 20 de novembro de 1976. Na matéria o Secretário da Educação e Cultura, Everaldo Aragão, confirmou a redução do gramado do Estádio Lourival Batista a fim de construir uma pista de atletismo e transformá-lo em “campo de educação física⁶²” para os escolares da rede de ensino. Ainda segundo o periódico “a transformação de um dos melhores estádios do nordeste em um país onde o esporte preferido pela população é evidentemente o futebol, vem sendo considerada absurda e muitos dirigentes desportistas não acreditaram na medida” (EVERALDO DIZ, 1976, p. 1).

A explicação dada pelo Secretário de Educação foi que o número de escolas sergipanas havia crescido bastante e o Estado precisava atender às exigências da obrigatoriedade da prática de Educação Física vigente na legislação federal. Pois segundo ele

⁶² Expressão utilizada pelo periódico. Neste caso parece indicar espaço destinado à realização de atividades práticas relacionadas à Educação Física.

“[...] a Educação Física vinha sendo conduzida para a prática do desporto em suas diversas modalidades, não se fixando apenas em exercícios, daí a necessidade que o Estado tem em ampliar o seu equipamento, construindo quadras polivalentes e pistas de atletismo que é a exigência base para o desenvolvimento do atleta [...]” (EVERALDO DIZ, 1976, p. 1). Em outra entrevista, na sessão de esportes da mesma edição desse periódico, o Secretário afirmou que a manutenção da pista de atletismo do estádio João Hora, pertencente ao Club Sportivo Sergipe, das quadras polivalentes dos clubes do Vasco Esporte Clube e do Cotinguiba, apesar de terem recebido recursos do Ministério da Educação e Cultura, eram de responsabilidade das suas respectivas entidades esportivas. Ele afirmou também que esses espaços poderiam ser requisitados pela Secretaria de Educação e Cultura em um futuro próximo (EVERALDO CONFIRMA, 1976, p. 12).

Era por isso que Félix d’Ávila e os demais professores do Centro de Civismo, Educação Física e Desportos ansiavam, nos idos de 1976, para que uma parte das disciplinas do curso superior em Educação Física, apesar das dificuldades de locomoção, fosse realizada já nas instalações da UFS, recentemente construídas, por serem essas mais adequadas aos padrões arquitetônicos oficiais esportivos. Os problemas inerentes à arquitetura dos espaços esportivos em Aracaju parecem que foram tônicas recorrentes de discussões que Félix teve com engenheiros no período da década de 1970. Na entrevista concedida para Menezes (1997), além de expor este problema do estádio Lourival Batista, Félix revelou:

[...] existe algumas instalações esportivas que eram cômicas. Naquela escola perto do aeroporto, o Santos Dumont, construíram uma tabela de basquete de cimento. Se naquela época no campeonato nacional, vinham para Aracaju, preparadores físicos que tinham sido colegas meus, como o Xirol, o Parrera, o Zagalo. Um dia nós fizemos um almoço na casa do Homero. Zagalo, Parrera e Xirol. Nós morávamos naquele conjunto perto do G. Barbosa (localizado no bairro São José), eles chamavam de Vila Olímpica, porque morava o Sérgio, o Homero ali e fizemos o almoço. Então, já pensou, um colega meu dizendo: “Poxa Félix! Você morando aqui e deixou construir uma tabela de cimento?” Aí eu fui ao diretor de obras, que era o Aragão, e disse: “Olha, não se constrói tabela de cimento”. Eles aí mudaram. Como no (ginásio) Constâncio Vieira, o Dalmo que era da área de obras, conversamos muito, porque eles fizeram um piso que não dava uma quadra de handebol. Tanto que eles tiveram que cortar dois degraus da arquibancada para poder dá a área do handebol, eles queriam fazer um handebol numa quadra de basquetebol. Então às vezes os engenheiros e arquitetos fazem muita besteira, porque eles acham que sabem tudo e não sabem [...] (D’ÁVILA apud MENEZES, 1997, p. 115).

O problema relatado por Félix com relação ao ginásio Constâncio Vieira talvez explique um dos motivos pelos quais esta obra demorou tanto a ser finalizada. Em novembro de 1976 havia completado mais de três anos que a empresa “construtora Globo” não conseguia concluir a construção deste espaço público esportivo (O GINÁSIO, 1976, p. 1). A maneira peculiar com a qual Félix lidava com os problemas inerentes à sua área de atuação foi relatada por diferentes professores pioneiros que compuseram o curso superior de Educação Física, em diversos trechos das entrevistas realizadas por Menezes (1997). No entanto, dentre os problemas que afetaram o Campo da Educação Física durante a década de 1970, aquele que parece ter sido mais combatido por Félix foi a presença dos professores leigos na área. Em um trecho da entrevista que fiz com ele, 17 anos após aquela realizada por Menezes (1997) no ano de 1996, é possível compreender por outro ângulo os motivos de sua luta. Rememorou ele:

[...] Nós tínhamos exemplos de atividades que o pessoal fazia... eu chegava a até ri. Eu ria mesmo... E dizia: – Ah! Isso não existe!
 – Como é que não existe professor?
 – Isso não existe! Quem foi que ensinou isso pra você?
 – Ah... foi fulano!
 – Ele não entende disso! Isso não existe!
 Entendeu? Então pegar uma criança e mandar subir os degraus lá do Batistão, vamos dizer... dez vezes a arquibancada. Então é pra matar né?
 Então eu encontrei um bocado de gente ignorante. Por exemplo, é... a saída de corrida de 200 metros eles davam com os fixadores tudo em linha reta, quer dizer o cara que viesse aqui tava arrombado né? O da raia um, tava na maior vantagem. Então eu modifiquei e o pessoal dizia:
 – Você veio pra cá pra botar banca?!
 – Eu vou confessar uma coisa pra vocês: Eu vim mesmo! Porque eu posso botar banca, porque eu sou formado! Quais são os formados que tem aqui? Chame um que eu vou discutir com ele! Não tenho nenhum medo, nem receio de discutir com nenhum colega meu... Entendeu?
 E aí a coisa foi levando e a coisa evoluiu.... [...] (D’ÁVILA, 2012).

A aparente prepotência de Félix d’Ávila registrada neste depoimento, e que também ecoa em outras entrevistas e matérias jornalísticas, pode ser entendida a partir da teoria do Campo de Bourdieu. Isso porque para Bourdieu (2004, p. 153) o espaço social pode ser comparado com o espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Neste sentido, embora se observe em todos os lugares uma tendência para a segregação do espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas no espaço geográfico e as pessoas muito afastadas no espaço social, podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo, no espaço físico. Deste modo o que existe é um espaço de relações, o

qual é tão real como o espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços, e, sobretudo, em tempo. Posto isso, o ‘Campo’ pode ser descrito como um espaço multidimensional de posições tal qual qualquer posição atual que pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição de seu capital, ou seja, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses (BOURDIEU, 2012, p. 135).

Neste sentido a forma de que se reveste, em cada momento e em cada ‘Campo’, o conjunto das distribuições das diferentes espécies de capital, seja ele incorporado ou materializado, como instrumentos de apropriação do produto objetivado do trabalho social acumulado, define o estado de relações de força entre agentes objetivamente definidos pela posição nessas relações. De fato, essa posição determina os poderes atuais ou potenciais nos diferentes Campos e as probabilidades de acesso aos ganhos específicos que eles ocasionam. Foi por isso que Félix d’Ávila “tencionou” o Campo da Educação Física em Sergipe, pois seu acúmulo das diferentes espécies de Capital incorporado, ao longo de lutas anteriores, lhe imputou poderes que afetaram o estado de relação de força, tanto com os professores leigos quanto com políticos, engenheiros, reitores e outros professores de Educação Física.

Nem todas as “jogadas do mestre em Campo” deram certo, Félix revelou uma delas na qual, apesar de seus esforços e “tensionamentos”, não obteve êxito:

[...] Quando a universidade se transferiu para o Campus o Centro foi extinto, foi uma luta minha em que eu levei a pior. Foi deixar de ser Centro e passar a ser Departamento. Eu citei: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Santa Maria, é Centro. Por que a Educação Física não é o mesmo nível de Medicina, de Direito e o que para mim é. Mas essa eu perdi no Conselho [...] (D’ÁVILA apud MENZES, 1997. p. 117).

Ao mesmo tempo em que o Conselho Universitário extingue o CCEFD, cria o Departamento de Educação Física e Desporto, vinculado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). Pela narração de Félix é possível perceber que a departamentalização da Educação Física na UFS traria para o ‘Campo’ uma espécie de “perda de status social”, já que, em sua ótica, a Educação Física deveria estar no mesmo nível de Medicina e Direito.

Em 25 de fevereiro de 1977, como forma de autenticar ainda mais e melhor a profissão, um grupo de diplomados na área, encabeçados por ele, fundou a Associação de

Professores de Educação Física do Estado de Sergipe (APEFES), cujos objetivos elencados em seu estatuto foram:

- a) Defender os direitos dos associados e da classe;
- b) Pugnar pela união de classe, congregando todos os professores de educação física, técnicos em desportos e médicos especializados em medicina esportiva;
- c) Promover reuniões pedagógicas, técnicas, esportivas sociais, e divulgar por todos os meios ao seu alcance, a educação física e os desportos;
- d) Desenvolver esforços pela atualização, aperfeiçoamento e especialização do professor de educação física por meio de cursos e bolsas de estudo, dentro e fora do país;
- e) Manter estreito e permanente intercâmbio com as Associações congêneres Escolas de Educação Física do país e do exterior e com órgãos especializados;
- f) Manter convênios com entidades oficiais e particulares em empreendimentos de interesse da classe (APEFES, 1977, p. 3- 4).

Há que se considerar que as associações de professores de Educação Física nos diferentes estados da União foram importantes não somente porque buscavam congregar a classe, mas também porque elas se constituíram enquanto “gênese” das entidades federativas hoje denominadas de Conselhos Regionais de Educação Física⁶³. Conforme procurei analisar no decorrer deste capítulo, Félix d’Ávila tencionou o Campo da Educação Física em Sergipe de formas variadas, pois os diferentes tipos de mecanismos de ação, operacionalizados por ele, produziam reações que visavam, em última instância, consolidar a área no Estado. Segundo informações reveladas em sua entrevista, vários motivos levaram Félix a se transferir para o Estado do Paraná em 1979, sendo o principal deles o estado de saúde de sua sogra, agravado por um câncer. Ao que parece, esta informação, se fora compartilhada com o grupo de professores que compôs o curso de Educação Física na UFS, não reverberou em suas memórias, pois Candido Pereira, ao narrar acerca da saída do pesquisado de Sergipe, afirmou: “Félix é um cigano, ele é uma espécie de catalisador, um cigano no sentido romântico. Félix é ganancioso no bom sentido, Sergipe já estava pequeno pra ele” (PEREIRA apud MENEZES, 1997, p. 125).

Félix ao tratar de sua transferência para o Paraná evidencia as instâncias de poder mobilizadas para que ele pudesse deixar Sergipe:

⁶³ Eles somente vieram a se concretizar por meio da Lei 9.696/1998 que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física.

[...] Em 1979 eu fui para o Paraná, na gestão do [José] Aloísio [de Campos]. Eu me transferi definitivamente na gestão do Gilson [Cajueiro de Hollanda]. Porque o Aloísio não queria que eu fosse. Ele disse: – Não Félix, você não pode sair daqui, você tem que continuar e tal... mas como é um pedido do Ministro Ney [Aminthas de Barros] Braga e eu devo muito, a Universidade deve muito ao Ministro... Porque na época o Ney era ministro da Educação e mandou um bilhetinho para o Aloísio pedindo que eu fosse para o Paraná. E o Aloísio atendeu e me colocou à disposição da Universidade [...] (MENEZES, 1997, p. 117).

Mesmo contra a vontade do professor José Aloísio de Campos, reitor da UFS, Félix conseguiu tencionar outros espaços sociais de relações de poder. Félix deixou Sergipe em março de 1979, mas levou consigo a “fluidez” de seu trânsito no ‘Campo’, em julho desse ano ele estava compondo a diretoria da Federação Paranaense de Voleibol no cargo de “relações públicas” (TARUMA, 1979, p. 13). No Paraná, Félix continuou a tencionar o Campo como se fosse um bom jogador, imbuído do sentido do jogo, que independente do local de atuação tende a “jogar bem”. Foi assim que após a divulgação das diretrizes do Plano Nacional de Educação Física e Desportos do MEC, para 1980/1985, Félix assumiu a coordenação geral do “Encontro Regional de Educação Física e Desportos”, realizado em Curitiba, no período de 18 a 22 de maio de 1981. Este evento foi promovido pelo Departamento de Educação Física em conjunto com o Diretório acadêmico do setor de saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e os temas discutidos, dentre outros, tratavam acerca dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física com vistas a adaptá-los às necessidades e demandas da sociedade. Além desse tema, “a atividade física de lazer teve seu destaque no conteúdo do novo currículo proposto” (LÍDERES, 1981, p.14).

Vale destacar que em 1983 Félix d’Ávila, à época professor da UFPR, foi convidado para presidir em Brasília a reunião na qual se discutiu a problemática da atuação profissional em Educação Física e que visou à criação de um órgão orientador, disciplinador e fiscalizador do exercício da profissão. Foi justamente a partir das discussões ocorridas nesta reunião que se chegou ao consenso de um anteprojeto que deu origem ao órgão federal da classe, o Conselho Federal de Educação Física. O que se pode interpretar, a partir das ações, mecanismos, estratégias, disputas e do próprio *habitus* de Félix d’Ávila no Campo da Educação Física, é que agrupou pessoas de distintas localidades em nome da legitimação e consolidação da Educação Física no Estado, organizou diversos eventos esportivos ao longo da trajetória profissional, envolveu-se no âmbito das Federações esportivas e na extensão universitária por meio do Festival de Arte de São Cristóvão, angariou recursos junto à Divisão

de Educação Física para implementar obras esportivas tanto para a UFS quanto para clubes sergipanos e até mesmo estruturas arquitetônicas de cunho esportivo precisaram ser modificadas por conta de seus constantes “tensionamentos”. Ele compôs um espaço social cujo *habitus* produziu práticas e representações que estão disponíveis para a classificação e que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal, por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios e necessários para compreendê-las quanto ao sentido social (BOURDIEU, 2004, p. 158).

A título de evidenciar a permanência no Campo, mesmo 16 anos após sua aposentadoria, ele vislumbra e mesmo age em prol da classe de professores de Educação Física quando, segundo informações obtidas em entrevista com o professor Gilson Doria, Félix tentou reativar a APEFES em 2007 regularizando as despesas junto à Receita Federal. O estatuto da APEFES que se encontra hoje nos arquivos do CREF-Ba seccional Sergipe, identifica o nome da primeira diretoria e consequentemente alguns dos nomes de professores que atuaram no Campo da Educação Física no Estado por volta da década de 1970. A imagem a seguir revelou aspectos de uma espécie de “distribuição de poder simbólico” daquele momento na história da Educação Física sergipana.

Figura 10 – Diretoria 1977 - 1979 da APEFES

PROFESSORAS
ASSOCIAÇÃO DOS ~~PROFESSORES~~ DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SERGIPE
- A P E F E S -
1ª DIRETORIA
1977/1979

	P R E S I D E N T E
Professor	Félix d'Avila ✓
	V I C E - P R E S I D E N T E
Professor	Cândido Augusto Sampaio Pereira ✓
	S E C R E T Á R I O - G E R A L
Professor	Alberto Teixeira Chaves Filho
	1º S E C R E T Á R I O
Professor	Fernando Santos Oliveira ✓
	T E S O U R E I R O - G E R A L
Professor	Nelson Dagoberto de Matos ✓
	1º T E S O U R E I R O
Professor	Roberto Chizolini ✓
	D E P A R T A M E N T O T É C N I C O
Professor	Manoel Luiz Oliveira ✓
	D E P A R T A M E N T O S O C I A L
Professora	Márcia Cardoso Chagas Oliveira ✓
	D E P A R T A M E N T O E S T U D A N T I L
Professor	Homero Jose Alcântara Ribeiro ✓
	C O N S E L H O F I S C A L
	<u>E F E T I V O S</u>
Prof.	Sérgio Giansante
Prof.	Mário Cardoso Chagas ✓
Prof.	Maria Edma de Barros
	<u>S U P L E N T E S</u>
Prof.	Maria Cristina Neira
Prof.	João Bosco dos Santos ✓
Prof.	João R. Benigno da Cunha

Fonte: Estatuto da APEFES (1977)

A APAFES, enquanto entidade de classe representativa, havia instituído um mandatário, o qual recebeu do grupo de professores o poder da fazer o grupo. Bourdieu (2012) denomina isso de mistério do ministério denotado por uma magia social em que uma coisa ou uma pessoa se torna uma coisa diferente daquilo que ela é, um homem (ministro, bispo, delegado, presidente) que pode identificar-se e ser identificado com um conjunto de homens. De modo que o status de Félix junto APAFES, ao ser instituído no cargo de presidente, demonstra que ele recebeu o direito de se assumir pelo grupo, de falar e agir como se fosse o grupo feito homem.

Considerações finais: FÉLIX D'ÁVILA DEIXOU O CAMPO

Bom dia André,

Infelizmente esse e-mail que estou lhe enviando é para lhe comunicar o falecimento do meu pai na terça-feira dia 10/09. Ele faleceu em casa devido a um infarto agudo do miocárdio e foi cremado aqui mesmo em SP no dia seguinte. Queria lhe dizer que eu imprimi o seu trabalho para que ele pudesse lê-lo, e ele assim o fez, e tenho certeza de que ele gostou do que leu. Queria agradecê-lo por seu interesse pela vida e trabalho do meu pai, que afirmo com toda a certeza, amou e dedicou sua vida à Ed. Física. Se eu puder ajudá-lo em mais alguma coisa estarei à disposição. Abraço. Melanie.

Este correio eletrônico foi enviado por Melanie d'Ávila no dia 13 de setembro de 2012. O professor Félix, inexoravelmente, precisava deixar o Campo da Educação Física, como todos aqueles que hoje o compõem, também o farão algum dia. Mas “as jogadas do mestre em campo” ficaram. Elas estão gravadas nas memórias dos menos jovens, nas instalações esportivas da UFS, nas aulas e cursos ministrados, nos professores que ele contribuiu para formar, nos leigos que deixaram a área, em impressos, como também nas produções (não literárias) dos eventos esportivos que ele realizou. Enfim, Félix d'Ávila deixou o Campo, mas suas jogadas viraram histórias.

Esta pesquisa procurou correlacionar a trajetória profissional de Félix d'Ávila, compreendida entre os anos de 1958 e 1979, com o Campo da Educação Física em Sergipe na tentativa de compreender sua contribuição. Mas como sintetizar 21 anos da vida profissional do biografado em uma centena de páginas compostas por requisitos acadêmicos? A resposta a esta pergunta ensejou em uma sequência de acontecimentos sucessivos cuja base de compreensão lógica também tentou expor seus significados. Neste sentido

[...] Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Foi pensando na metáfora do jogo de Bourdieu que coloquei o “tênis no pé, camiseta e calção” e fui a campo pesquisar. Procurei encadear informações sobre a trajetória de Félix d'Ávila, almejando compreender traços de sua história de vida e a partir disso busquei analisar sua implicação na composição do Campo da Educação Física em Sergipe. A partir do conceito bourdieusiano de capital cultural, e esse sendo constituído pelas informações,

saberes, hábitos, códigos culturais apreendidos no cotidiano familiar, fui buscar, na sua estirpe, traços que tenham contribuído para Félix se constituir enquanto profissional engajado da área. A investigação acerca de seus pais me levou à descoberta de que eles foram personagens significativos para a sociedade sergipana, embora ainda pouco estudados. Sua mãe representou o pioneirismo da mulher sergipana no âmbito do Direito, cuja independência profissional levou-a a trabalhar como professora e diretora de colégio em época que isso era raro em terras sergipanas. Seu pai foi jurista, jornalista, escritor, membro das Academias Alagoana e Sergipana de Letras e professor, e ambos devem ter contribuído para que Félix d'Ávila desenvolvesse certo gosto pela leitura e escrita expresso nos jornais para os quais escreveu. Félix foi cronista esportivo no início de sua carreira profissional e, mesmo depois de 16 anos de aposentado, encontrou no periódico sergipano “Jornal do Dia” um meio de expressar e reverberar suas ideias acerca do Campo, na sua coluna semanal denominada “Educação Física Desporto e Lazer”. De modo que o capital cultural incorporado por Félix, no seio familiar, por certo lhe serviu no decorrer de sua trajetória de vida.

Ao compor as experiências que Félix d'Ávila acumulou, a partir dos colégios nos quais estudou, ficou explícita a sua formação pré-militar, visto que, à década de 1940, era imbuída por disciplina severa e tendia a proporcionar práticas esportivas aos estudantes. À época o período beligerante confluiu para que os militares tivessem, em suas mãos, a Educação Física escolar do País, haja vista controlarem a Divisão de Educação Física, dirigirem a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, além de poderem conceder diploma de licenciado para os oficiais formados pela Escola de Educação Física do Exército (HORTA, 1994, p. 73). Neste sentido, aquilo que foi experimentado por Félix no âmbito escolar foi refletido a partir de sua consciência e sua cultura expressa no seu *habitus* esportivo/professoral/profissional. Por certo, as experiências adquiridas, associadas ao seu capital cultural incorporado, forjaram em Félix d'Ávila um homem de ação. O imbuíram de um *habitus* cujos princípios e práticas representativas convergiam para os interesses do regime militar. Isso pode ser entendido por meio de suas próprias afirmações:

[...] Eu sempre fui, sou e serei sempre, um profissional consciente de minha responsabilidade. Sou disciplinador e na minha profissão eu não sou inflexível porque não sou burro também, mas eu sou livre profissionalmente. Não tem nada de “milico” e eu só fiz o que tinha obrigação, que foi servir o exército [...] (FÉLIX D'ÁVILA, 2008).

Após terminar o curso científico ele passou a atuar como atleta em clubes esportivos do Rio de Janeiro e de Aracaju, entrou para ENEFD em 1955, com 27 anos. Talvez por ter sido um atleta “maduro”, se comparado aos outros estudantes, e por ser também comunicativo, tal qual seu pai e sua mãe também foram, criou laços de amizade com o presidente da Confederação Brasileira de Basquetebol, o almirante Paulo Martins Meira, que o trouxe para as comemorações do centenário da capital sergipana, ainda no ano de 1955. Félix também pleiteou e conseguiu uma bolsa de estudos junto ao Governador sergipano Leandro Maciel, a fim de se manter estudando na ENEFD. Em contrapartida precisou retornar, ao final da sua graduação em 1958, e permanecer em Aracaju por um período mínimo de dois anos. Vale lembrar que Félix, ainda na Universidade do Brasil, demonstrou seu envolvimento político engajando-se em prol da Educação Física ao mesmo tempo em que ensaiava suas primeiras “jogadas em Campo”. Da experiência de atleta nascia um professor envolvido não somente com manifestações sociais, mas também porque reivindicou melhorias para a área que, em alguns casos, renderam “produtos” valiosos, como o foi o caso da construção do parque aquático da própria ENEFD.

À luz de Bourdieu, o volume de capital social, este compreendido enquanto a agregação de recursos atuais ou potenciais que têm ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento de um agente individual, depende tanto da extensão da rede de relações, que ele pode efetivamente mobilizar, como também do volume das diferentes espécies de capital (seja econômico, cultural ou simbólico). Esse capital, por sua vez, é propriedade exclusiva de cada um dos agentes a quem o indivíduo está ligado. Neste sentido, Félix, ainda estudante da Universidade do Brasil, parece demonstrar capacidade de mobilizar redes de relações próximas àqueles que detinham poder simbólico e assim passou a “avolumar” capital social antes mesmo de concluir sua graduação em Educação Física.

Com as pesquisas já realizadas no âmbito da História da Educação (Física) tentei retomar aspectos históricos da constituição do Campo da Educação Física em Sergipe, com o intuito de criar um cenário, uma espécie de “pano de fundo”, e, a partir disso, evidenciar as implicações de Félix d’Ávila nesta composição. No período de 1958 a 1963 Félix “tencionou” o Campo em diferentes momentos, já que atuou na imprensa sergipana divulgando informações sobre as federações esportivas e a Educação Física; reivindicou paridade salarial aos demais professores de outras áreas no colégio Atheneu, foi dirigente do Vasco Esporte Clube, compôs a Comissão de Educação e Cultura no Simpósio dos Problemas Aracajuano,

atuou como Inspetor de Ensino do MEC e até indicou, para o governador do Estado, quais candidatos deveriam receber “bolsas de estudo” para custearem as despesas do curso superior em Educação Física na Universidade do Brasil, sendo os beneficiados: Candido Augusto Sampaio Pereira e Maria Edma de Barros.

No período em que Félix esteve no Rio de Janeiro sua carreira profissional ganhou novos contornos, pois ele não se limitou apenas aos serviços de inspeção na área de Educação Física. Em 1967, por exemplo, ele foi escolhido pelo Diretor da Divisão de Educação Física, o coronel Artur Orlando da Costa Ferreira, para ser um dos coordenadores dos Jogos Colegiais Sul Americanos que aconteceram na capital paranaense. Em 1969 coordenou os primeiros Jogos Estudantis Brasileiros, evento esse cujo conjunto de vestígios históricos encontrados nesta pesquisa aponta a sua idealização, para Félix d’Ávila. Vale ressaltar que passados 44 anos, apesar das sucessivas mudanças de nomenclatura, ainda existe no calendário escolar como evento congregador de estudantes atletas dos diferentes Estados da União.

Os primeiros JEB’s, realizados em Niterói, inauguraram uma nova etapa no desporto escolar nacional caracterizada pelo intercâmbio social-desportivo entre os estudantes. Haja vista que o seu regulamento tomou como finalidades principais: incrementar as boas relações entre mestres e alunos, estabelecer uma união segura entre a classe estudantil e o poder público ao mesmo tempo em que exaltava a prática desportiva como instrumento imprescindível para a superação do indivíduo e a formação da personalidade, tendo como ponto culminante o surgimento de “novos valores” no panorama esportivo nacional. Já a promoção e a realização dos JEB’s eram de competência do MEC, por meio da Divisão de Educação Física, e dos governos estaduais, através de seus Departamentos de Educação Física. Ou seja, numa única “jogada”, foi mobilizado, em diferentes esferas, todo um aparato público em prol do esporte estudantil, cuja prática, por sua vez, processava-se no âmbito da Educação Física na escola.

Dantas Junior (2008) evidencia que a conjuntura internacional da segunda metade do século XX estava “inebriada” de esporte, haja vista o advento das Olimpíadas Modernas; a consolidação da Copa do Mundo da FIFA, como evento verdadeiramente mundial a partir de 1958; e o acirramento dos “ânimos” com a Guerra Fria que se travou com radicalidade nos “campos de batalha” esportivos. Neste sentido, diversas instituições esportivas e educacionais passaram a ressaltar o valor pedagógico-formativo do esporte, erigindo num “autêntico

internacionalismo esportivo”, pois vieram a público vários documentos⁶⁴ basilares para compreensão do movimento em torno da prática esportiva e suas relações com o sistema educacional global. Por esta ótica a escola passava a ser observada como base de uma pirâmide esportiva, em que o incentivo ao desporto estudantil culminaria no ápice da revelação de uma elite esportiva, representativa do poderio internacional de um país em franco desenvolvimento.

Em meio a esta lógica imperativa que intentava, pelo viés do esporte, alavancar a representatividade internacional do Brasil, foi mobilizado um “arsenal” de instrumentais que tiveram na Educação Física, um meio. Neste sentido, a criação dos JEB’s significou para além de um evento escolar de porte nacional “orquestrado” por Félix d’Ávila, os jogos representavam um modo de os estudantes não somente adentrarem o “mundo esportivo”, mas a possibilidade de o País identificar/preparar atletas para atingir o cume da “pirâmide” e assim constar no rol dos países desenvolvidos tecnológica e economicamente. Não desconsidero que a logística de participação nos JEB’s impelisse em um sistema de “seleção” dos estudantes, haja vista que os alunos deveriam participar de competições em seus respectivos estados para terem acesso ao evento nacional, no entanto, há de se pensar também em seu aspecto democrático de difusão deste fenômeno cultural, pois antes dos JEB’s o acesso às modalidades esportivas era prioritariamente atribuído aos clubes sociais esportivos nos quais apenas uma pequena parcela da população tinha acesso (FRANCO, 1974, p. 25). Não obstante isso, é preciso salientar também as diferentes mobilizações advindas a partir desse evento esportivo colegial. Por exemplo, anteriormente à sua realização, em alguns estados, não se possuía infraestrutura, nem metas a atingir, apesar de já existirem competições intercolegiais isoladas a exemplo dos Jogos Estudantis do Paraná, um dos mais antigos do Brasil, os Jogos da Primavera na Guanabara, Campeonato Colegial, em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

No capítulo dois almejei, a partir das “jogadas do mestre em campo”, interpretar os mecanismos de ação e produção de Félix d’Ávila para a consolidação do Campo da Educação Física em Sergipe. Utilizei, para isso, o cruzamento das entrevistas, tanto as realizadas por Menezes (1997) quanto aquelas efetivadas por mim, com periódicos que circularam em Sergipe na década 1970. A partir disso busquei desvelar os motivos que fizeram Félix ser escolhido para administrar o Centro de Educação Física e Desportos da UFS. Seu “acúmulo”

⁶⁴ Manifesto Mundial sobre o Desporto (1968), Manifesto Mundial de Educação Física (1971), Manifesto sobre o “Fair play” (1972), Carta Europeia do Esporte para Todos (1975), Carta Internacional da Educação Física e do Desporto (1978).

de Capital Simbólico na área foi decisivo neste processo, pois ele havia galgado cargos no Ministério da Educação e Cultura; possuía trânsito junto ao Diretor da Divisão de Educação Física; conhecia o Reitor da UFS e também era conhecido pelos professores Candido Sampaio Pereira e Maria Edma de Barros.

Busquei também contextualizar aspectos inerentes à Educação Física em Sergipe, na década de 1970, para demonstrar e analisar algumas das ações de Félix que, por vezes, tencionaram o Campo. Suas atividades desenvolvidas à frente do Centro de Educação Física e Desporto, órgão suplementar da UFS, foram além de direcionar a prática da Educação Física com predominância esportiva no ensino superior, pois ele realizou “colônias de férias” e cursos para filhos dos servidores daquela Universidade. Promoveu também cursos nacionais e internacionais visando qualificar os professores sergipanos. Suas atuações junto às comissões organizadoras do Festival de Arte de São Cristóvão contribuíram para a efetividade deste evento que visava atender aos ditames da extensão Universitária. Félix também procurou, no âmbito das federações esportivas, contribuir para o desenvolvimento do esporte no meio estudantil, exemplo disso foi a realização, em Sergipe, da XII edição do Campeonato Nacional de Voleibol Infanto-Juvenil, no início de janeiro de 1975.

De modo que o poder simbólico de Félix d’Ávila no Campo da Educação Física em Sergipe foi obtido ao término de um longo processo de institucionalização no qual seus pares o reconheceram e instituíram-no como mandatário e porta voz de suas intenções. Ou seja, Félix recebeu do grupo de professores “o poder” de fazer o grupo através da mobilização ou de fazer existir por procuração. A sua consagração como representante, por sua vez, esteve atrelada para além do capital cultural incorporado, objetivado e institucionalizado, às suas ações na área, mobilizações e cargos ocupados junto ao MEC que lhe renderam autoridade social adquirida, essas, por sua vez, fruto de lutas anteriores travadas por ele no próprio Campo da Educação Física. Ao longo do tempo em que permaneceu em Sergipe, as lutas travadas por Félix no Campo foram tantas que além de terem lhe rendido poder simbólico diferenciado dos demais jogadores, talvez expliquem o certo ostracismo que ainda hoje paira sobre seu nome.

Assim, longe de conformar-se com uma ilusão retórica ou de adentrar em uma tradição literária o que se buscou foi o real, haja vista que não se pode furtar os mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade. Foi justapondo elementos, contínuos ou descontínuos, por vezes difíceis de serem apreendidos, que almejei dar significados a partir da busca das práticas e representações das

manifestações sucessivas de sua trajetória. Deste modo pude apreender o “falar de si” de Félix d’Ávila.

Foi ouvindo Félix e seus contemporâneos, pesquisando documentos e jornais, que tentei apreender as ações de Félix d’Ávila voltadas à consolidação do Campo da Educação Física em Sergipe, sobretudo na década de 1970. Suas mobilizações, contendas com engenheiros, políticos e reitores, evidenciam sua luta para a construção ou alteração dos espaços destinados à Educação Física e aos esportes, tanto com relação às dimensões quanto aos materiais utilizados e condizentes com as normas padronizadas vigentes. Os exemplos mais notórios disso foram: a diminuição do campo de futebol do estádio Lourival Batista para “caber” a pista de atletismo e o recuo das arquibancadas do ginásio Constâncio Vieira para ampliar o tamanho da quadra poliesportiva. Além disso, seu capital cultural e simbólico possibilitou também que ele se compusesse enquanto um agente social capaz de carrear recursos públicos para a construção do setor esportivo da Universidade Federal de Sergipe, das quadras do Vasco Esporte Clube e do Cotinguiba Esporte Clube.

No decorrer desta pesquisa, ao tentar compor a trajetória de vida Félix d’Ávila e correlacioná-la com o Campo da Educação Física em Sergipe, implicitamente eu busquei, também, identificar “feitos”, ou seja, os empreendimentos mais significativos nos quais ele pudesse ter se envolvido, com vistas a entender suas ideias e ações. No entanto, percebi, posteriormente, um conjunto de diversas “produções”, algumas delas com certa perenidade, como foi o já ressaltado JEB’s, mas também um *habitus*, que por sua vez materializou um rol de ações consubstanciadas por Félix cuja última instância visava à consolidação da área profissional bem como o seu impulsionamento. De modo que sua “identificação” com a Educação Física pode ser detectada também em ações aparentemente simples, mas que uma vez somadas ao que fora ressaltado anteriormente, evidenciam suas estratégias para a legitimação e solidificação do Campo. Ao falar de si, assim rememorou:

[...] eu fazia o seguinte: Bom... eu andava em Aracaju de uniforme.... Pra início de conversa! Eu andava de uniforme, então onde eu ia... Palácio do Governo, eu fui várias vezes lá. Eu ia de uniforme... “Mas, Félix, não pode entrar lá assim...”

– “Porque não pode? O militar não entra lá fardado? O médico não entra lá de jaleco? Porque eu não posso entrar assim com o uniforme de Educação Física?” Nunca me perguntaram nem me barraram [...] (FÉLIX D’ÁVILA, 2012).

Tais ações de evidenciação da profissão, os embates constantes que ele teve com os professores leigos e a vinda de novos profissionais diplomados na área contribuíram para que ele encabeçasse a fundação da Associação dos Professores de Educação Física do Estado de Sergipe em 1977, entidade de classe que procurava defender os direitos dos seus associados. Foi assim que Félix d'Ávila mais uma vez tencionou o Campo da Educação Física para além de um agente social dinamizador, pois suas ações e mobilizações ainda hoje ecoam, não somente nas instalações esportivas como também nas memórias de quem o conheceu. Uma das últimas personagens entrevistadas nesta pesquisa foi a professora Maria Edma de Barros que, ao ser questionada acerca dos motivos e porquês de Félix d'Ávila passar quase um decênio à frente da Educação Física na UFS, afirmou: “[...] porque ele tava dando certo...” (EDMA DE BARROS, 2013).

A narrativa da professora Maria Edma é reveladora, pois demonstra que Félix d'Ávila, ao ser instituído chefe dos demais professores de Educação Física na UFS, adquiriu capital simbólico de tal forma cuja justificativa apresentada por ela, que quando Félix deixou Aracaju, em 1979, não vislumbrava sequer outro líder para o grupo. Bourdieu (2004) afirma que a eficácia simbólica depende do grau em que uma visão proposta está alicerçada na realidade e das afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir. Assim, quanto mais adequada for a teoria, mais poderoso será o efeito de teoria. É por isso que o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. Félix, durante esse período de tempo de quase uma década à frente da Educação Física na UFS, não havia imposto uma dinastia, mas sim se composto no porta-voz “substituto do grupo que existe somente através da delegação que age e fala através dele” (BOURDIEU 2004, p. 168). Uma “classe” existe se existirem pessoas que possam dizer que elas são classe, pelo simples fato de falarem publicamente, oficialmente, no lugar dela, e de serem reconhecidas como legitimadas para fazê-lo por pessoas que, deste modo, se reconhecem como membros de classe.

O objetivo principal desta pesquisa visou compreender a contribuição do professor Félix d'Ávila para o Campo da Educação Física em Sergipe, em meados do século XX. Ao compor a trajetória de sua vida, isto é, o relato coerente de uma sequência de acontecimentos, corri o risco de criar, na óptica de Bourdieu, uma “ilusão biográfica”. Para este autor a lógica de encadeamento sucessivo de acontecimentos e a busca por estabelecer entre eles conexões para lhes dar coerência, como aquela que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo que atua a partir de suas disposições de profissional da interpretação e, conseqüentemente, é levado a aceitar uma

criação artificial de sentido. Desta forma, para fugir da história “contada por um idiota”, foi preciso levar em consideração os mecanismos sociais que favoreceram e/ou autorizaram a experiência comum da vida como unidade e como totalidade, que, uma vez justapostos e dotados de significados, contribuíram para o entendimento da história da Educação Física em Sergipe.

Para Bourdieu um desses mecanismos sociais é o *habitus* que pode ser compreendido como princípio ativo, irreduzível às percepções passivas do biografado, da unificação das práticas e das representações. No entanto, o *habitus* enquanto identidade prática somente se revela na inesgotável série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única forma de apreendê-la consistiria em, talvez, tentar recuperá-la na unidade de um relato totalizante, a exemplo do “falar de si” ou da confidência. A encruzilhada teórica na qual me encontrei era a de realizar entrevistas somente com Félix d’Ávila e a partir daí buscar seu *habitus*, por meio de um relato totalizante, e, desta forma, tratar apenas de sua história de vida, sem compreender sua contribuição no Campo da Educação Física; e o outro caminho seria compreender o Campo, sem necessariamente ater-se à sua trajetória de vida. O que busquei, por meio de um conjunto de fontes, foi entender o Campo da Educação Física a partir de Félix, considerado aqui como elemento central para a compreensão de sua legitimação e consolidação.

Os objetivos da pesquisa me nortearam nos caminhos encontrados para “fugir da encruzilhada” e tanto compor sua trajetória de vida quanto compreender sua contribuição para o Campo. Foi desta forma que consegui “garimpar” informações e assim coligir fontes que me fizessem atingir os objetivos traçados. Ao lado de trechos de entrevistas realizadas com Félix d’Ávila que, de fato, buscam recuperar uma espécie de unidade, de um relato totalizante, eu utilizei também fontes impressas, fotografias, documentos e jornais que encadeassem uma sequência lógica na qual pudessem ser apresentadas algumas de suas contribuições para o Campo da Educação Física em Sergipe.

Félix d’Ávila, à luz de Bourdieu, incorporou um *habitus*, uma espécie de “sentido do jogo” que também é jogo social e, por sua vez, transformou-se em natureza. Simultaneamente suas ações eram livres e coagidas. Félix ficava naturalmente no lugar em que “a bola ia cair, como se a bola o comandasse, mas, deste modo, ele era quem comandava a bola”. Assim, as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da

necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004, p. 82).

Se atentarmos para o Campo e para o que nos alerta Hobsbawm (1995, p.13) no sentido de que “[...] quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”, perceberemos o quanto compreender as origens e delineamentos da área se revela importante para a compreensão da história. Isso porque a

[...] destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal a das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. (HOBBSAWM, 1995, p. 13).

Assim sendo, o que me propus foi evidenciar, foi dar a ver, foi desvelar, foi escrever a história de um suposto homem simples que poderia muito bem ser considerado intelectual na acepção de Jean François Sirinelli (1996), pois criou, mediu, e se engajou, contudo o cerne de sua atuação não esteve nas letras, nas teorias, mas na prática, na burocracia e na arregimentação de membros, o que, por sua vez, alavancou a área e consolidou o Campo.

O mundo social, segundo Bourdieu (2006, p. 186), dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu, sendo a mais evidente o nome próprio que como “designador rígido” nomeia o mesmo objeto em qualquer universo possível, isto é, concretamente, seja em estados diferentes do mesmo campo social, seja em campos diferentes no mesmo momento. Sem dúvida o nome próprio pode ser definido como “um ponto fixo num mundo que se move” e, tanto quanto os “ritos batismais”, as certidões de nascimento se constituem na maneira necessária para determinar uma identidade. Por esta forma de nomeação institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade ao indivíduo biológico em todos os Campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. O nome “Félix d’Ávila” configura, por certo, “um ponto fixo” no Campo da Educação Física no Brasil, e em especial em Sergipe, pois identifica um indivíduo comprometido com sua área de atuação profissional cujas ações implicaram na consolidação desse Campo para além do marco cronológico delimitado nesta pesquisa.

Quando eu o entrevistei no ano de 2012 tive acesso a alguns de seus objetos pessoais que ficaram guardados, perdidos no tempo. Desses, escondidos carinhosamente numa caixa

em algum lugar específico da casa, dentre fotos com amigos, cartas e presentes, Félix pegou um cartão, desses que há algum tempo atrás todos os alunos de uma turma assinavam e davam aos professores em forma de gratidão ao final de algum curso. Sorriu e leu para mim.

Ao Papa...

Para seus olhos verem e nós não esqueçamos!

Professor Félix! Toda pessoa que é, todavia uma pessoa sensível, é naturalmente um líder. E essa liderança audaciosa e imperativa, mas consciente, que vai deixar uma lacuna nos corações dos estudantes e professores de Educação Física. Você é a prova de que não existem barreiras, que existe fé e força de vontade, apesar das suas pequenas grossuras (eu engrossava mesmo) nós lhe entendemos e estamos desfalcados de um grande capitão de equipe e técnico, que sempre lutou pelos seus comandados e pela sua classe. Por tudo e em nome da turma, obrigado! E volte para o Campus (D'ÁVILA, 2012).

Este cartão, pela lembrança e entonação dada por Félix ao lê-lo, revelou não somente a impressão causada em uma dada turma, em um determinado ano sobre o que representou o nome Felix d'Ávila em suas vidas, mas como tal tipo de reconhecimento compôs sua experiência e como esse ficou marcado em sua história de vida. Foi Edward Palmer Thompson quem elevou a experiência a conceito que serve à ciência. Ao analisar as experiências da classe operária inglesa, ele evidenciou que a história não deve ser compreendida e/ou escrita apenas pelas vistas de cima, a partir de documentos oficiais e/ou da classe dominante. Para ele é possível, aliás, é imprescindível, que a historiografia tenha outras versões que não apenas aquela baseada nos grandes feitos e nos grandes heróis. Neste sentido, tal qual o rei, o revolucionário e o grande intelectual, o operário, o moleiro, o pastor e porque não o professor de Educação Física, também deve ter sua história revelada e dada a ler. Foi neste sentido que busquei as experiências do professor Félix d'Ávila e as expus. Busquei nelas suas ações que compuseram e que contribuíram para a consolidação da Educação Física em Sergipe. Em meio a essa busca encontrei aspectos que me induziram à metáfora do jogo, cujos primeiros lances foram dados por Félix e aqui são evidenciados na tentativa de dar a ver o “sentido do jogo”. Por certo, hoje suas “jogadas” reverberam em mim, nos de minha geração e em todos os outros jogadores desse Campo que me sucederão.

Ao escutar, ler, pesquisar e me embrenhar pelas histórias que compõem a área, ou melhor, o Campo, percebo o quão indissociável é o binômio Felix d'Ávila e Educação Física. Revelar esta história foi revelar as jogadas, as faltas, os dribles, os passes, os lançamentos, os cartões amarelos e vermelhos, em suma é dar a ver a composição do jogador e principalmente

o “sentido do jogo”. Assim foi seguindo a mesma lógica que o professor Candido Augusto Sampaio Pereira disse que “a Educação Física em Sergipe pode ser mostrada antes e depois de Félix”. De sorte que, parafraseando Bourdieu, pode-se repetir que a imagem do jogo é providencial para evocar as “coisas sociais”. Neste caso, as jogadas foram evidenciadas com vistas a uma melhor compreensão da História da Educação Física em Sergipe.

REFERÊNCIAS

A DATA da criação do 28º batalhão de Caçadores. **Correio da Manhã**, edição 11844, p. 7. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1933.

ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. XXI, pág. 121-139. Porto: 2011.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)** / Organizadora, Maria Helena Menna Barreto Abrahão; Autores, Berenice Gonçalves Hackmann... [et al.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ADVOGADO atrapalhado – teve que ajustar conta a muque. **Jornal Gazeta de Notícias**, edição 00276, p. 5. Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1918.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1913. **Commercio, industria e profissões – Advogados**. 69º ano, 2º volume. Edição b00069. Rio de Janeiro, Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1913.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1915. **Commercio, industria e profissões – Advogados**. 71º ano, 2º volume. Edição b00071. Rio de Janeiro, Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1915, p. 1866.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1918. **Commercio, industria e profissões – Advogados**. 74º ano, 1º volume. Edição a00074. Rio de Janeiro. Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1918, p. 2753.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1920. **Commercio, industria e profissões – Advogados**. 75º ano, 2º volume. Edição b00076. Rio de Janeiro. Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1920, p. 1416.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1926. **Commercio, industria e profissões – Advogados**. 82º ano, 3º volume. Edição c00082. Rio de Janeiro. Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1926, p. 1125.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1927. **Commercio, industria e profissões – Advogados**. 83º ano, 3º volume. Edição c00083. Rio de Janeiro. Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1927, p. 1126.

ALMEIDA, Admário Luiz de. **Do humanismo ao assistencialismo: o CRUTAC no Estado Militar (1966-1985) (O caso do Rio Grande do Norte e do Maranhão)**. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

ALMOÇO AMERICANO – Pró Sede dos Escoteiros. **A Cruzada**, edição 1156, p. 1. Aracaju, 3 de setembro de 1960.

ALUNOS de Educação Física não querem equiparação. **Jornal do Brasil**, edição 00128, p. 15. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1957.

ANÚNCIO Colégio Ibituruna. **A Manhã**, edição 00840, p. 6. Rio de Janeiro, 07 de Maio de 1944a.

ANÚNCIO Colégio Ibituruna. **A Manhã**, edição 01130, p. 10. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1945.

ANÚNCIO Colégio Ibituruna. **Correio da Manhã**, edição 15164, p. 9. Rio de Janeiro, 11 de abril de 1944b.

ANÚNCIO de filme: O Brasil no Front da Europa. **Diário Carioca**, edição 05036, p. 7. Rio de Janeiro, em 04 de novembro de 1944c.

ANÚNCIO - Torneio de Vôlei Dos Colégios Católicos. **Última Hora**, edição a01624, p. 6. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1965.

ANÚNCIOS. **Jornal do Brasil**, edição 00060, p. 22. Rio de Janeiro, 14 de março de 1943.

APEFES - Associação de Professores de Educação Física do Estado de Sergipe. **Estatuto da APEFES**. Aracaju, 15 de março de 1977.

ARNALDO Azuar o Descobridor de Algodão. **A Noite**, edição 15422, p. 16. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1956.

AS QUE SE FORMAM. **Jornal das Moças**, edição 00252, p. 35. Ano VII, número 252. Rio de Janeiro, 15 de abril de 1920.

ATLETAS sergipanos vão participar dos II jogos no Paraná. **Gazeta De Sergipe**, edição 4182 p. 3. Aracaju, 15 de julho, 1970.

AULAS de Educação Física da UFS podem ser no Batistão. **Jornal da Cidade**, ed. 1205, p. 5. Aracaju, 13 de abril de 1976.

AULAS de Natação no Parque Aquático. **Jornal da Cidade**, n 742, p. 3. Aracaju, 04 de setembro de 1974.

AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da história**, possibilidades limites e tensões. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós Graduação em História, 2010.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 93-115, 2011.

BARROS, Fabio Batalha Monteiro de. - **Fisioterapia, poliomielite e filantropia: a ABBR e a formação do fisioterapeuta no Rio de Janeiro (1954-1965).** Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2009, Rio de Janeiro : s.n. 2009.

BASQUETEBOL nas comemorações do centenário de Aracaju. **Diário de Notícias**, edição 09924, p. 61. Rio de Janeiro, 13 de março de 1955.

BERGER, Miguel André. **O Colégio Jackson de Figueiredo: Trajetória e o Cotidiano Escolar.** Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2008.

BERTUCCI, Liane Maria. **Edward P. Thompson: história e formação.** / Liane Maria Bertucci, Luciano Mendes de Faria Filho, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

BISPO, Alessandra Barbosa. **Educar A Infância Pobre em Sergipe a Cidade de Menores “Getúlio Vargas”.** Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação, p. 865-872. Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais, 2006.

BLOG DO ALENCAR. Disponível em:

<<http://clodoaldoalencar.blogspot.com.br/2009/05/academia.html>>. Acesso em: 02 dez. 2012 , 09:06.

BOLA em jogo, Manuel cobra equipe GE 71 - Fracasso. **Gazeta de Sergipe**, edição 4500, p. 5. ano XVI, Aracaju, 5 de agosto, 1971.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). Usos & abusos da história oral. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

_____. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social.** México: Siglo Veinteuno, 1997.

_____. **COISAS DITAS – Espaço social e poder simbólico.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

_____. **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Lições da aula.** São Paulo: Ática, 1988.

_____. **O poder simbólico.** Tradução: Fernando Tomaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 73-79 (3. ed., 2001).

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. **The forms of capital**. In: RICHARDSON, J. (Comp.). Handbook of theory and research for the sociology of education. New York: Greenwood, 1985.

_____. “What Makes a Social Class? On the Theoretical and Practical Existence of Groups,” Berkeley Journal of Sociology 32: 1–17, 1987.

BRASIL. 10 de novembro de 1937. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil da Organização Nacional**. Rio de Janeiro: Senado Federal. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/92067/constituicao-dos-estados-unidos-do-brasil-37>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.642**, de 2 de Setembro de 1942 – Dispõe sobre as bases de organização da instrução pré-militar. Senado Federal – Subsecretaria de Informações. Brasília, 1942.

BRASIL. **Decreto nº 49.639**, de 30 de Dezembro de 1960 – Aprova novo Regimento da Divisão de Educação Física, do Departamento Nacional de Educação. Senado Federal – Brasília, 1960.

CAMPUS universitário depende de recursos. **Jornal da Cidade**, n.1229, p. 8. Aracaju, 16 e 17 de Maio de 1976.

CAPITAL nordestina do vôlei. **Jornal da Cidade**, n.840, p. 11. Aracaju, 8 de janeiro de 1975.

CARTA de Sergipe. **Jornal O Paiz**, edição 16391, p. 7. Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1929.

CASTIGO demais. **Diário Carioca**, edição 06390, p. 4. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1949.

CENTRO de Educação Physica do Exército. **A Noite**, edição 07146, p. 11. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1931.

CICLO de palestras sobre olimpíadas começa amanhã: RJ. **Correio da Manhã**, edição 232061, caderno I, p. 23. Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1968.

COMISSÃO do FASC ouve americanos de R. Island. **Jornal da cidade**, ano 2, número 364, p. 12. Aracaju, 25 de maio, 1973.

CORREIO Esportivo Basketball – Campeonato Ginásio Colegial. **Correio da Manhã**, edição 15366, p. 26. Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1944.

CORREIO Sportivo – Confederação Brasileira de Desportos. **Correio da Manhã**, edição 09848, p. 9. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1927.

CRUTAC leva esporte ao interior. *Jornal da Cidade*, n. 743, p. 6. Aracaju, 6 de Setembro de 1974.

CURSO internacional de volley terminou ontem. **Jornal da cidade**, edição 544, p. 12. Aracaju, 28 de dezembro, 1973.

D'ÁVILA, Félix. **Entrevistas** concedidas em 20 de maio de 1997 a José Américo dos Santos Menezes, em Aracaju. In: MENEZES, José Américo Santos. **Escola de educação física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1997.

_____. **Entrevista** concedidas em 20 de agosto de 2007 a Osmário Santos, em Aracaju. In.: SITE www.osmario.com.br. (ATHENAS CONSULTORIA, 2009).

_____. **Entrevistas** concedidas em 10 e 14 de janeiro de 2008 a Néviton Felipe da Silva, em Aracaju.

_____. **Entrevistas** concedidas em 23 e 24 de outubro de 2012 a André Augusto Andrade, em São Paulo.

_____. **Escola de educação física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1997.

_____. O Esporte em marcha – Agoniza o Basket Ball sergipano. **A Cruzada**, edição 1076, p. 3. Aracaju, 24 de janeiro de 1959a.

_____. O Esporte em marcha – Moralizar, incentivar e garantir. **A Cruzada**, edição de Natal, ano XXIII, edição 1072, p. 12. Aracaju, 24 de dezembro de 1958.

_____. O Esporte em marcha – Os estatutos da Federação Sergipana de Desportos. **A Cruzada**, edição 1073, p. 3. Aracaju, 3 de janeiro de 1959b.

DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil** – Lazer e esportes em Aracaju-SE. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

DALLABRIDA, Norberto. **A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário**, Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago, 2009.

DANTAS JÚNIOR, Hamílcar Silveira. **Da “escolarização do esporte” à “esportivização da escola”**: tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964 – 1995). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. São Cristóvão, 2008.

_____. **Estado, Educação e Hegemonia**: reflexos da pedagogia experimental na Educação Física em Sergipe (1947 – 1951). Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-

Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

DEF apresentou Programa para 71. **Gazeta de Sergipe**, edição 4390, p. 8. Aracaju, 23 de março de 1971.

DELEÇÃO do C. M. visitou reitoria. **Gazeta de Sergipe**, edição 4530, p. 8. Aracaju, 7 e 8 de setembro, 1971.

DESFILÉ Escolar Empolgou. **Correio de Aracaju**, edição 6602, p. 1. Aracaju, 12 de setembro de 1961.

DESFILÉ Inaugural dos “jogos colegiais” será domingo. **Última Hora**, edição a01370, p. 5. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1964.

DEZESSEIS colégios convidados para o torneio de voleibol. **Diário de Notícias** – Seção esportiva, edição 07035, p. 14. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1945.

DIÁRIO escolar. Competição colegial feminina de atletismo. **Diário de Notícias**, edição 05781, p. 6. Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1941.

DIRETOR administrativo da mentora. **A Cruzada**, edição 1130, p. 5. Aracaju, 20 de fevereiro de 1960.

DIRETOR de educação física do MEC ensinará na UFS. **Gazeta de Sergipe**, Edição 4217, p. 1, Aracaju, 25 de agosto, 1970.

DIRETOR DO DEF estará chegando amanhã em Aracaju. **Jornal da cidade**, edição 446, p. 12. Aracaju, 30 de agosto, 1973.

DIVERSOS colégios chamados à inspetoria de Tiros de Guerra. **Jornal Gazeta De Notícias**, edição 00036, p. 5. Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1944.

DIZEM POR AI... e por isso o C.T. da liga de natação quis saber, cordialmente, se Maria Lenk era profissional.... **O Imparcial**, edição 01842, p. 9. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1941.

DOU. Diário Oficial da União. 8 de janeiro de 1970, página 148, seção I, parte 1.

DOU. Diário Oficial da União. 17 de abril de 1963, página 33, seção I, parte 1.

DOU. Diário Oficial da União. 23 de outubro de 1933, página 23, seção 1, 20357.

DOU. Diário Oficial da União. 30 de maio de 1969, página 4615, seção I, parte 7.

DOZE garotas lutar o pelo basket do Brasil. **Jornal do Brasil**, edição 00238, p. 25. Rio de Janeiro, 12 de outubro, 1957.

EDUCAÇÃO e ensino – Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Jornal do Brasil**, edição 00047, p.9. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1942.

EDUCAÇÃO e ensino – Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Jornal do Brasil**, edição 00062, p.06. Rio de Janeiro, 17 de março de 1943.

EDUCAÇÃO física é ruim. **Gazeta de Sergipe**, Edição 4061 p. 1. Aracaju, 15 e 16 de Fevereiro, 1970a.

ELÓI empossa presidente do CRD: Niterói. **Jornal Correio da Manhã**, edição 23198, caderno 2, p. 5. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1968.

EM PÉ-DE-GUERRA os alunos da Escola de Educação Física. **Última Hora**, edição 02127, p. 5. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1957.

EMBARCARÁ hoje o Botafogo Rumo à Capital Sergipense. **Diário de Notícias**, edição 09926, p. 17. Aracaju, 16 de março de 1955.

EMPOLGANTE o Desfile da Juventude Brasileira. **Diário Carioca**, edição 04057, p. 5. Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1941.

ENCERRA-SE hoje o III Estágio Internacional de Educação Física. **Correio da Manhã**, edição 20328, segunda seção, p. 3. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1959.

ENSINO Secundário em Sergipe. **A Cruzada**, edição 1188, p. 3. Aracaju, 11 de Fevereiro de 1961.

ESCOLA Nacional de Educação Física e Desportos – Edital de inscrição em concurso de habilitação. **Diário de Notícias**, edição 08355, p. 12. Aracaju, 15 de janeiro de 1950.

ESCOLA Nacional de Educação Física e Desportos. **Diário de Notícias**, edição 05932, p. 8, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1942.

ESCOTEIROS Terão Sede Própria. **A Cruzada**, edição 1156, p. 2. Aracaju, 3 de setembro de 1960.

ESPORTE por esporte-colegial. **Jornal Diário do Paraná**, edição 3714, p. 12. Paraná, 30 de novembro de 1967.

ESTUDANTES de direito viajaram para Pernambuco. **Gazeta de Sergipe**, edição 4275, p. 3, Aracaju, 01,02 e 03 de novembro, 1970.

EVERALDO CONFIRMA: Batistão será mesmo alterado. **Jornal da Cidade**, p. 12, edição 1271. Aracaju, 20 de Novembro de 1976.

EVERALDO DIZ que não recua: vai mesmo mutilar o Batistão. **Jornal da Cidade**, edição 1271, p. 1. Aracaju, 20 de novembro de 1976.

EXAME de admissão ao Ginásial. **A Manhã**, edição 00906, p. 7. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1944.

EXCURSIONARÁ a Minas o Grêmio do Ginásio Piedade. **A Manhã**, edição 01764, p. 15. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1947.

EXEMPLO A IMITAR – Como se pode construir um educandário modelo. **Jornal Gazeta de Notícias**, edição 00136, p. 9. Rio de Janeiro, em 14 de junho de 1945.

ÊXITO no Congresso: Alunos de Educação Física Vão Hoje ao MEC. **Última Hora**, edição 02244, p. 7. Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1957.

FON FON Jornal. AZA. Anno XXIV, n1, p. 57. Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1930.

FRANCO, Cornélio Souza Lima. **Jogos Estudantis Brasileiros** in Revista Brasileira de Educação Física. Ano 5, n. 21. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1974.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “**Vestidas de azul e branco**” um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristovão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2004. 251 p (Coleção Educação é História, 3).

FSV já elaborou programa de visitas de João Havelange e Geronimo. **Gazeta de Sergipe**, edição 4189, p. 5, Aracaju, 23 de julho, 1970.

FSV convoca jogadores. **Jornal da Cidade**, Aracaju, edição 521, p.12, 1 de dezembro de 1973a.

FSV homenageia hoje Roberto calçada. **Jornal da Cidade**, n. 841, p, 11. Aracaju, 9 de janeiro de 1975.

FSV promove torneio aberto de voleibol. **Jornal da Cidade**, Aracaju, ano 2, número 333, p. 11, 12 de abril, 1973b.

GENTE - Maria Feliciano dos Santos. **Jornal do Brasil**, edição 00096, p. 9, Rio de Janeiro, 29 de julho, 1971.

GHIRALDELLI, P. **Educação física progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GIANSANTE, Sérgio. Entrevista concedida a André Augusto Andrade, em 30 de agosto de 2012.

GISÉLIO Gonçalves: Sergipanos são ídolos no Recife. **GAZETA DE SERGIPE**, edição 4069, p. 5, Aracaju, 25 de Fevereiro, 1970.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de néon: ginásios e Aracaju dos anos dourados**. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira; SOUZA, Josefa Eliana; SANTOS, Betisabel Vilar de Jesus. **A cartilha do barnabé: a educação pública municipal no governo Conrado de Araújo (1959-1963)**. PMA-SEMED, (Coleção História da Educação Municipal de Aracaju) 1996.

GRANDES perspectivas para Educação Física no Brasil. **Jornal do Brasil**, edição 19, p. 40. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1938.

GRUNENVALDT, Ana Carrilho Romero – **A Educação Física, as normalistas e as professoras**: a Educação Física na Escola Normal de Sergipe. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1999.

GRUNENVALDT, José Tarcísio – **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: o projeto de uma época. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1997.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

HOBBS, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOMENAGEM estudantil aos professores do ginásio <<Pio Décimo>>. **Diário de Sergipe**, ano XIII, n. 2934, p. 2. Aracaju, 21 de novembro de 1958.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**; regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

I JOGOS ESTUDANTIS. **Diário de Notícias**, edição 14326, p. 12. Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969.

INFORME GS – Educação física. **Gazeta de Sergipe**, edição 4533, p. 4. Ano XVI, Aracaju, 11 de setembro, 1971b.

INFORME GS. **Gazeta de Sergipe**, edição 4493, p. 4. Aracaju, 28 de julho, 1971a.

INICIADAS AULAS de Educação Física no campus da UFS. **Jornal da Cidade**, edição 1191, p. 2. Aracaju, 26 de março de 1976.

INSPEÇÃO de saúde de professores particulares. **Correio da Manhã**, edição 19168, p. 7. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1955.

INSTALADO o III Estágio Internacional de Educação Física. **Diário de Notícias**, edição 11228, p. 4, segunda seção, Rio de Janeiro, 24 de junho 1959.

INTERIOR e justiça. **Jornal Gazeta de Notícias**, edição 00229, p. 4. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1912.

IOGA vai pra frente. **Gazeta de Sergipe**, edição 4089, p. 5. Aracaju, 21 de março, 1970.

JOGOS BRASILEIROS terão início amanhã em Niterói. **Diário de Notícias**, edição 14324, p. 27. Rio de Janeiro, 20 e 21 de julho de 1969.

JOGOS da Primavera: Piva fez o convite. **Gazeta de Sergipe**, edição 4194, p. 2. Aracaju, 29 de julho, 1970a.

LÍDERES do sul estarão reunidos – Educação Física. *Diário do Paraná*, edição 7794, p.14, Curitiba, 09 de maio de 1981.

LITERÁRIA – II Festival de Arte de São Cristóvão, **Jornal da Cidade**, edição 360, p. 6, Aracaju, 20 e 21 de maio de 1973.

LITERÁRIA – Alencar filho apresenta o Festival de São Cristóvão. **Jornal da Cidade**, Aracaju, número 147, p. 6, 21 e 22 de agosto, 1972.

MACEDO, José Andrade. Entrevista concedida a André Augusto Andrade, em 10 de setembro de 2012.

MAIS CANDIDATOS dos Estados à Escola Nacional de Educação Física. **Gazeta de Notícias**, edição 00040, p. 2, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1945.

MANGUEIRA, Francisco Igor de Oliveira – **Collegio Tobias Barreto: escola ou quartel? (1909-1946)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

MARCOS Pinheiro por uma Educação Física. **Gazeta de Sergipe**, edição 4471, p. 1. Aracaju, 07 de julho, 1971.

MEC criará Centros Esportivos no País. **Gazeta de Sergipe**, edição 4346, p. 8. Aracaju, 28 de janeiro, 1971.

MELLO, Victor Andrade de. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas-SP, 1996.

MENEZES, José Américo Santos. **Escola de educação física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1997.

MISS Sergipe quer é ser engenheira. **Diário Carioca**, edição 09183, p. 12, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1958.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho. **José Calasans: a história reconstruída**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa e Pós-Graduação em História. Salvador, 2004.

_____. **A imprensa estudantil em Sergipe:** os jornais da década de 30 do século XX. Editado em 14 de dezembro de 2005 – Disponível em: <http://jorge.carvalho.zip.net/arch2005-12-11_2005-12-17.html>. Acesso em: 23 dez. 2012.

NASCIMENTO, Randeantony da Conceição. **O Atheneu Sergipense e a educação física:** (1916-1950) memórias. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2001.

NO BASQUETEBOL - Mantida a anulação do conselho pelo conselho da FMB. **Diário Carioca**, edição 07753, p. 10. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1953.

NO SETOR colegial - o melhor campo de atividade - Melhores dias para a natação. **O Imparcial**, edição 01858, p. 5. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1941.

NOVOS PROFESSORES do Colegio Pedro II. Última Hora, edição 00548, p. 15. Rio de Janeiro, 26 de março de 1953.

NOVOS profissionais do Direito. **Diário de Notícias**, edição 07858, p. 8. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1948.

NOTÍCIAS da marinha – Centenas de estudantes visitarão, amanhã, o Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras. **Diário de Notícias**, edição 05774, p. 4. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1941.

NUNES, Maria Thetis. **História da educação em Sergipe;** prefacio de José Sebastião Witter. 2. Ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.

NUNES, Martha Suzana Cabral; ARAGÃO, Fabiano dos Santos. **A educação secundária no século XX:** a realidade brasileira e sergipana do ensino ginásial. V- colóquio internacional educação e contemporaneidade. Aracaju, 21 a 23 de setembro de 2011.

O BOQUEIRÃO do Passeio nas festas da inauguração da piscina do Ginásio Piedade. **A batalha**. Edição 04270, p. 6. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1940.

O COLÉGIO Independência promoverá um torneio de voleibol colegial. Jornal **Diário de Notícias**. Edição 07033, p. 14. Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1945.

O GINÁSIO inacabado. **Jornal da Cidade**, edição 1259, p. 1. Aracaju, 5 de novembro de 1976.

O APRIMORAMENTO do valor racial da mocidade – Sergipe e a Educação Physica Systematica. **Gazeta De Notícias**, edição. 00233, p. 10. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1936.

OLIMPÍADA colegial de nova Iguaçu com seis municípios. **Última Hora**, edição 00809, p. 10. Rio de Janeiro, 22 de março de 1962.

OLIVEIRA, Márcia Terezinha Jerônimo. **A feminização no campo jurídico:** alunas pioneiras da faculdade de direito de Sergipe (1951 a 1955). II Seminário Nacional Gênero e

Práticas Culturais, Culturas, Leituras e Representações. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para pesquisa histórica em educação**. II congresso Brasileiro de História da Educação. Natal-RN: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2002.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **Políticas públicas para a Educação Física Escolar no Brasil durante a ditadura militar**: uma só representação? Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, p.151-178, jan./jun.2003.

OUTROS esportes voleibol. **Jornal do Brasil**, edição 283, p. 28, Rio de Janeiro, 18 de janeiro, 1975.

PARADA, Maurício. **Corpo e poder**: a criação do Departamento de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde (1937/1945). Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

PEDRO II aprova professores. Correio da manha, edição 23691, p. 4, 10 de julho, 1970.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **O Colégio “Jackson De Figueiredo” e a transmissão da cultura escolar**. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2008.

PING PONG – Giansante. **Jornal da Cidade**, edição 1142, p. 5. Aracaju, 24 e 25 de janeiro de 1976.

PRESENÇA de Havelange deve ser aproveitada. **Gazeta da Sergipe**, edição 4190, p. 5, Aracaju, 24 de julho de 1970.

PRESIDENTE: jogos estudantis acaba desfile oneroso. **Gazeta da Sergipe**, edição 4202, p. 8. Aracaju, 7 de agosto de 1970.

PRIMEIRA JORNADA de Educação Secundária. **A Cruzada**, edição 1121. p. 1. Aracaju, 12 de dezembro de 1959.

PRIMEIROS JOGOS Metropolitanos Ginásio Colegiais. **Jornal do Brasil**, edição 00163, p. 10. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1945.

PROF. FÉLIX d’Ávila. **A Cruzada**, Edição 1097, p. 5, Aracaju, 20 de Junho de 1959.

PROFESSOR assumiu o centro de educação física da UFS. **Gazeta da Sergipe**, edição 4255, p. 8, Aracaju, 9 de outubro, 1970a.

PROFESSOR de Rhode Island ensinou basquete a sergipanos **Jornal da Cidade**, ano 2, edição 432, p. 10, Aracaju, 14 de agosto, 1973.

PROFESSOR fala dos jogos estudantis. **Gazeta da Sergipe**, edição 4222, p. 8. Aracaju, 30 de agosto, 1970b.

PROFESSOR Veio assinar Convenio na SEC. **Gazeta da Sergipe**, edição 4081, p. 8. Aracaju, 11 de março, 1970c.

PROFESSOR vem ministrar curso. **Jornal da Cidade**, edição 481, p. 11. Aracaju, 11 de outubro, 1973.

PROFESSORES em Educação física agora querem emprego. **Gazeta da Sergipe**, edição 4067, p. 3. Aracaju, 22 e 23 de Fevereiro, 1970b.

PROFESSÔRES têm mais especialização. **Gazeta da Sergipe**, Edição 4040, p. 1. Aracaju, 20 de Janeiro de 1970.

PROJECTO de regulamento da universidade do Rio de Janeiro – Discussões e Controversias. **Correio da Manhã**, edição 07903, p. 3. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1920.

QUEREM obter em um mês o que os outros conseguem em três anos... protestam os alunos da Escola Nacional de Educação Física - contra deliberação do diretor da divisão de Educação Física e do C.N.D. – O absurdo da portaria 258. **Correio da Manhã**, edição 19694, p. 15. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1957.

REGRESSARAM os Universitários. **Correio de Aracaju**, edição 6396, p. 1-4. Aracaju, 31 de maio de 1960.

RELAÇÃO de professores habilitados para as escolas técnicas e industriais. **Diário de Notícias**, edição 10122, segunda seção, p. 4. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1955.

REUNEM-SE comissões para o II FASC. **Jornal da Cidade**, edição 441, p. 3, Aracaju, 24 de agosto, 1973.

REVISTA DA SEMANA. **No mundo literário**. Edição 00021, p. 38. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1941.

REVISTA DA SEMANA. **A revista nos Estados**. Edição 00038, p. 26, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1918.

RUAS de recreio funcionam no Rio. **Correio da Manhã**, edição 19878, p. 2. Rio de Janeiro, 14 de janeiro, 1958.

S.O.S. Salvemos o Basquetebol Sergipano! **A Cruzada**, edição 1124, p. 5. Aracaju, 09 de Janeiro de 1960.

SANTOS, José Américo Menezes; GRUNENVALDT, José Tarcísio. **História do curso de educação física**. UFS – História dos cursos de graduação. Organização de Maria Stella Tavares Rollemberg e Lenalda Andrade Santos. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1999.

SANTOS, Maria Ieda Rosa dos. Entrevista concedida a André Augusto Andrade, em 11 de setembro de 2012.

SATISFAZEM plenamente – aprovadas pelo Conselho técnico da liga de natação a piscina e as instalações da A. A. Ginásio Piedade. **O Imparcial**, edição 01860, p. 9. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1941.

SERGIPANOS farão educação física. **Gazeta da Sergipe**, Edição 4047, p. 6. Aracaju, 11 de Fevereiro de 1970.

SERGIPE faz promoção cultural. **Jornal do Brasil**, edição 00117, p.14. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1972.

SERGIPE – Teve morte súbita. **Jornal do Brasil**, edição 00198, p. 13, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1931.

SERGIPE Universitário campeão invicto. **Correio de Aracaju**, edição 2582, p. 1-4. Aracaju, 25 de julho de 1961.

SERGIPE. **Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa de Sergipe pelo presidente do Estado Coronel José Joaquim Pereira Lobo**. Edição 01, p. 18. Aracaju: Typ. do Estado de Sergipe, 7 de setembro de 1920.

SERGIPE. **Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa de Sergipe pelo presidente do Estado General Manuel P. de Oliveira Valladão**. Edição 01. p. 16. Aracaju: Typ. do Estado de Sergipe, 20 de junho de 1916.

SERVIDORES transferidos receberão a diferença na segunda. **Diário de Notícias**, edição 13698, p. 10, Rio de Janeiro, 14 de julho, 1967.

SESI – Encerramento do Curso de Recreação. **A Cruzada**, Edição 1230, p. 8. Aracaju, 02 de dezembro de 1961.

SILVA JR, Adhemar Lourenço. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940)**. Tese de doutorado - Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

SILVA NETO, Casimiro Pedro da. **Década de 1930 – Os anos de incertezas: a origem da primeira Lei de Segurança Nacional / Casimiro Pedro da Silva Neto**. Câmara dos Deputados: Brasília, 2006.

SILVA, Néviton Felipe. **Professor Félix d’Ávila: 80 anos de uma história de poder a serviço da Educação Física**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. V. 1 (1913), n. 38, p. 203-236. Aracaju, 2009.

SILVA, Patrícia de Sousa Nunes. **Antonio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Diretoria de Pesquisa e Extensão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes. Aracaju, 2012.

SOUZA, Suely Cristina Silva. **Uma história da disciplina matemática no Atheneu Sergipense durante a ação da Reforma Francisco Campo (1938-1943)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2011.

SUBVENÇÕES concedidas a Entidades Esportivas no Exercício de 1957. **Diário de Notícias**, edição 10811, p. 50. Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1958.

SUL-AMERICANO COLEGIAL traz dois no dia 10. **Diário do Paraná**, edição 3563, p. 11. Paraná, 7 de junho de 1967.

SUL-AMERICANO DÁ trabalho para ter tudo pronto. **Diário do Paraná**, edição 3663, p. 11, Paraná, 29 de setembro de 1967.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. “**Uma vez normalista, sempre normalista**”: cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico – (Escolar Normal Catarinense – 1911 / 1935) – Florianópolis: Insular, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981a.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Companhia das letras, 1998.

_____. Desencanto ou apostasia? In: _____. Os românticos. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2002, p. 56-57.

_____. **The Politics of theory**. In: SAMUEL, Raphael. People's history and socialist theory. London: Routledge, 1981b.

TORNEIO colegial - convocação de jogadores do Ginásio Piedade para o torneio de hoje no Campo do Botafogo. **O Imparcial**, edição 01863, p. 9. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1941.

TREZENTOS e sessenta e quatro atletas colegiais em desfile. **A Manhã**, Edição 01864, p. 10. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1947.

UFS cria comissão para o Festival de S. Cristóvão. **Jornal da Cidade**, edição 231, p. 11. Aracaju, 3 e 4 de dezembro, 1972.

UMA GLORIA alagoana. **Jornal Gazeta de Notícias**, edição 00090, p. 4. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1923.

TARUMÃ está se preparando para o Brasil X China. **Diário do Paraná**, edição 7207 p.13, Curitiba, 1 de junho de 1979.

UNIVERSIDADE do Brasil – Educação Física concurso de habilitação. **Diário de Notícias**, edição 09898, p. 13. **Rio de Janeiro**, 9 de fevereiro de 1955.

UNIVERSIDADE do Brasil. Educação Física. **Diário de Notícias**, edição 10942, p. 21. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1958.

UNIVERSIDADE encerra curso de natação. **Jornal da Cidade**, edição 299 p. 3. Aracaju, 1º de março, 1973.

UNIVERSIDADE envia diretor para curso. **Gazeta de Sergipe**, edição 4133, p. 8. Aracaju, 16 de maio, 1970.

UNIVERSIDADE vai instalar centro de extensão cultural. **Gazeta de Sergipe**, edição 4426, p. 8, Aracaju, 6 de maio, 1971.

VAGO, Tarcisio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação physia e gymnastica como praticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 a 1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAGO, Tarcisio Mauro. **Histórias de praticas educativas**. / Tarcisio Mauro Vago, Bernado Jefferson de Oliveira, organizadores. - Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.

VAI participar da abertura dos Jogos. **Gazeta de Sergipe**, edição 4257, p. 2. Aracaju, 11 e 12 de outubro, 1970.

VASCO acertou nas matinées. **Diário de Sergipe**, Ano XIII, n. 2936, p. 3. Aracaju, 3 de dezembro de 1958.

VIEIRA, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Thompson e Gramsci: história, política e processos de formação**. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 519-537, abr.-jun. 2010.

VISITA de Colegiais ao Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras. **Diário Carioca**, edição 04048, p. 3. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1941.

VOLEI: Sergipanos estreiam hoje. **Jornal da Cidade**, edição 843, p. 11, Aracaju, 11 de janeiro, 1975.

ANEXOS

Anexo A – Entrevistas a Félix d'Ávila, por Néviton Felipe

ENTREVISTAS

10/01/2008 E 14/01/2008

Realizadas pelo professor Néviton Felipe da Silva. A transcrição a seguir não consta na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 38/2009. PROFESSOR FELIX DÁVILA: 80 anos de uma história de poder a serviço da educação física 203 *Néviton Felipe da Silva*

Entrevistado: Félix d'Ávila

1 – Como era o seu ambiente familiar?

R- Muito bom, nós éramos em dez irmãos e o convívio sempre foi muito bom entre todos. Meu pai era um advogado sergipano. Minha mãe (Alice Ferreira Cardoso) foi a primeira mulher sergipana que se formou em Direito. Depois dela foi a Maria Rita e ela foi a primeira. Todos os dois eram advogados sergipanos, ele de Propriá e ela de Estância. Os dois extremos. Os dois como eram advogados tinham uma visão muito pra frente da época. Eu nasci em 1928. Tivemos todos nós uma educação com vistas para o futuro. Eles sempre nos deram muita liberdade de atuação, muita responsabilidade como pessoa até adulto e nós tivemos sempre muita liberdade de convívio, de confissões até com os dois. Tanto meu pai quanto minha mãe. Existia uma rigidez de honestidade e de responsabilidade, de estudo. Por isso é que todos nós os dez, não só eu, obtivemos êxito.

2 – Como foi a sua infância?

R- Veja bem, eu nasci na Rua de São Cristóvão esquina com Lagarto. A casa está lá até hoje, entendeu? Então as opções de brincadeira de crianças eram restritas, vamos dizer, a cavalo de pau, boi de barro, de cerâmica. O esporte só existia praticamente alguma coisa no colégio. O esporte que só existia na minha época aqui em Aracaju, era só Futebol, não existia mais nada na minha época de infância e adolescência. Só o Futebol que existia e assim muito restrito a Sergipe, Cotinguiba, Riachuelo, talvez o Paulistano, uma coisa, mas era somente o Futebol que existia. Natação ainda existia alguma coisa por causa do rio, mas muito tipo veraneio. Naquela época a Atalaia existia, mas não se ia pra lá. A Atalaia Nova nem se falava. Então era a Praia Formosa onde era o Iate Clube. Tudo aquilo era Praia Formosa. Era a praia daquela época aqui em Aracaju.

3 – De que forma o senhor relata as suas primeiras experiências na escola?

R- Muito boas. Eu fiz o primeiro ano primário no Tobias Barreto. O diretor ainda era o professor José Alencar Cardoso, o professor Zezinho. O segundo com a criação do Jackson de Figueiredo, eu fui aluno do Jackson. Eu fui aluno fundador do Jackson Figueiredo em 1939 e lá estudei até o admissão. Estudei com Judith, com a professora Nair Galvão, irmã da Bernardete do colégio Salvador, foi minha professora no admissão. Então, eu estudei o segundo, terceiro e quarto primário no Jackson de Figueiredo que era ali na Praça Olímpio Campos e fiz o admissão no Ateneu que era o prédio que é patrimônio ali na Rua da Frente com a Martinho Garcez. Era o Ateneu Pedro II, não era nem Ateneu Sergipense. No primário

pratiquei Futebol que era na Atlético onde era a famosa Areinha onde agente jogava Futebol, a garotada né? No colégio nós fizemos Ginástica. Nós tivemos um professor do Rio trazido. Na época não existia Secretaria de Educação. Era Inspeção de Educação e o inspetor era o professor Franco Freire e ele trouxe um professor do Rio para dar Educação Física nos colégios, já mostrando a Educação Física de outra forma ligada mais ao método Francês. A calistenia era mais, vamos dizer. No Rio, por exemplo, eu fui professor da ACM que os uruguaios trouxeram para o Brasil nas ACM's. aqui era mais o método francês, hoje é a ginástica pura e simplesmente.

4 – Qual era a sua relação com a Educação Física nos tempos da escola?

R- Não, O pensamento era só jogar Futebol. Não se tinha aquele conceito ainda da atividade física, nada disso ainda. Eu fiz admissão e, logo depois da admissão meus pais se mudaram para o Rio e eu fui para o Rio. A parte de esporte, de Educação Física, já era bem melhor lá que no Nordeste. No Nordeste não existia nada. Acho até que talvez mais em Manaus, já existia alguma coisa lá, mas mais voltado para o esporte.

5 – Em que momento se deu e porque a escolha pelo Curso de Educação Física?

R- Veja bem. Eu fui atleta juvenil. Joguei Futebol no juvenil do Madureira e depois fiz um pouco de Atletismo no Vasco lá em São Januário com um professor argentino que era o Rapapó. Então eu fazia 100 metros rasos e salto em altura e distância. Daí então é que começou a minha tendência ao esporte, mas não a ser professor de Educação Física, mas simplesmente de praticar o esporte. Eu morei em Realengo muito tempo, joguei num clube de lá, era um clube jovem, mas sem outra perspectiva, como um clube de subúrbio. Já jovem, não mais adolescente, eu comecei a jogar Basquetebol e Voleibol. Basquetebol, eu joguei no Aliados em Campo Grande e Voleibol no Bangu. Eu morava em Realengo que era perto de Bangu, longe de Campo Grande, mas foi onde eu comecei a prática do Basquete e do Voleibol. Eu fui da época Algodão, do início do Basquete e aí surgiu o interesse em fazer o Curso de Educação Física, não sei se com o interesse mais de lecionar ou de me aprimorar tecnicamente, me condicionar fisicamente. Eu sempre tive um grande condicionamento físico, mas dentro da escola é que agente cria o desejo realmente de se direcionar para o magistério e pro magistério da Educação física e do Desporto.

6 – Como foi o processo seletivo para o ingresso no Curso de Educação Física?

R- Era um vestibular onde nós fazíamos uma prova de Português, Ciências, Conhecimentos Gerais, Matemática e a prova prática. Tínhamos uma prova prática que era correr, saltar, arremessar, um teste de aptidão física. Nas corridas tinha-se um tempo delimitado, na distância, uma extensão e na altura também. Era de caráter eliminatório e ainda tinha a parte de Natação, você tinha medidas diferentes para homem e para mulher. Era diferenciado e a Natação que era atravessar a piscina como soubesse. Agora tinha que saber nadar. Se não soubesse não dava. A grade curricular do curso tinha muita coisa boa. Nós tínhamos Anatomia, nós tínhamos Fisiologia, nós tínhamos Cinesiologia, nós tínhamos a parte profissional que era a parte desportiva entendeu? Nós tínhamos História da Educação física e a parte de matérias profissionais que eram as matérias de esporte.

7 – De que maneira se apresentava e era organizada a estrutura do Curso de educação Física?

R- Eram três anos no total com dois anos de Anatomia, um ano de Cinesiologia, um ano de Fisiologia. Essa só coisa de período só veio aparecer com a Reforma Universitária. História da Educação Física com Inezil, o primeiro estudioso de História da Educação Física.

O Inezil era um apaixonado pela Grécia e ele tinha um irmão Ilmar Penna Marinho que era Embaixador do Brasil na União soviética na época e ele mandou para ele, o Embaixador deu de presente a ele uma máquina datilográfica com as letras gregas. Ele era um apaixonado pela Grécia. Ele era um grande professor. Inezil foi um grande professor. Foi o primeiro que escreveu sobre Educação Física no Brasil e teve uma passagem fabulosa.

8 – Como era a relação Professor-Aluno no Curso de Educação Física na sua época?

R- Ah muito bom, muito bom. Nós tínhamos professores como Inezil, Latorre, Alberto Latorre de Faria que era outra expressão na Educação Física. Nós tínhamos o Areno que era o diretor da escola. Ele era médico, era da área médica, foi professor de Anatomia e diretor da escola depois do Pelegrino. Grandes professores. Ernesto Santos no Futebol. Oswaldo Gonçalves no Atletismo que foi técnico da Seleção Brasileira de Atletismo, o Vítor Melo no Voleibol, no Basquete era o Jonas. Natação na parte feminina era Maria Lenk e na parte masculina era o Almendra e o Marluiz. Deram ao Parque Aquático no Pan o nome dela. É muito elogiosa essa homenagem que deram a ela. Ela morreu dentro da piscina do Flamengo praticamente. O convívio com os professores era muito bom. O pior que nós tivemos foi com o diretor da escola que era o Pelegrino Júnior que não era um homem da área. Era um homem que era um imortal da Academia Brasileira de Letras e não queria nada com a Educação Física, mas como na época era Universidade do Brasil e ser professor da Universidade do Brasil de qualquer curso era status, quanto mais ser diretor de uma instituição de ensino que na época fazia parte da Universidade do Brasil e hoje a UFRJ é a mesma coisa, é status ser professor lá, não tanto como na época na Universidade do Brasil. Depois da Revolução, foi tirado o nome de Universidade do Brasil e regionalizou para Universidade Federal do Rio de Janeiro.

9 – Como se desenvolveu a sua participação e desempenho no Curso de Educação Física?

R- Um aluno mediano, um aluno normal. Nem fui mau aluno e nem fui um aluno excepcional. Nunca fiquei reprovado, nunca fiquei dependente em nenhuma disciplina. Um aluno normal. Eu estudava, trabalhava. Morava no subúrbio. Eu me acordava às 5 Horas da manhã. Eu morava em Marechal Hermes e pegava um trem na Central do Brasil pra saltar na Praça da República e pegava outro para ir lá para Botafogo na escola. Sete e meia tinha que estar lá de tênis, meia e uniforme para começar as aulas até meio dia. Meio dia terminava e eu saía correndo e ia almoçar no restaurante dos estudantes. Nós o chamávamos de “morte lenta” e saía para as 13 e 30 entrar na caixa do banco e trabalhar até às 18 horas e saía do banco correndo para jantar no Calabouço e fazer a outra faculdade que era Serviço Social no turno da noite. Fui um aluno normal sem defasagens e sem excessos. Eu trabalhava e estudava. Os professores cobravam muito, pois eles tinham um nome a zelar na escola de Educação Física dentro de uma instituição altamente teórica e burocrática que era a Universidade do Brasil, mas que da minha época eu fiz o curso e tinha como reitor um homem fabuloso que era o professor Pedro Calmon. O meu diploma é assinado por ele. Pedro Calmon era uma inteligência.

10 – De que forma se deu a sua primeira experiência como professor de Educação Física?

R- A primeira experiência como profissional foi em Aracaju porque eu era bolsista do estado e quem era bolsista tinha a obrigação de após o término do curso voltar para o estado e passar no mínimo dois anos porque nós éramos bolsistas do estado. Quando eu me formei em 1957, voltei para Aracaju e aqui fui nomeado professor de Educação Física do Colégio

Estadual e fui contratado como professor do Colégio Jackson de Figueiredo, Pio X e Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e aí se deu o início da minha formação profissional realmente. Todo ele no ensino médio, até porque curso superior em Aracaju, só existia Direito, pois na época não existia Universidade. Isso só veio aparecer em 1978, 1979.

11 – Quais as suas referências como professor no início da sua formação profissional?

R- Realmente eu não segui nenhum modelo, o pessoal tem até uma pequena biografia minha do José Américo Menezes que diz que eu fui resultado da Revolução, e eu disse olha aqui José Américo você precisa mudar seus conceitos, você precisa trocar isso, isso é uma mentira, é uma inverdade Eu não sou resultado de Revolução nenhuma. Quando eu vim pra cá foi realmente na época, mas não tem nada haver. Eu sempre fui, sou e serei sempre um profissional consciente de minha responsabilidade, sou disciplinador e na minha profissão eu não sou inflexível porque não sou burro também, mas eu sou livre profissionalmente. Não tem nada de “milico” e eu só fiz o que tinha obrigação que foi servir o exército só entende? Então eu não tive nenhuma influência que ele disse na área militar não. Eu sou eu. Eu sempre fui eu. Voltando a resposta, eu tive alguns professores que admirasse, não espelhasse. Professor Alberto Latorre de Faria, era professor de Judô, de boxe e era um homem que tinha um curso a Sourbone na França entendeu? Era uma cultura muito grande o Latorre. Eu tive professores muito bons, por exemplo, no Futebol Ernesto Santos, era ele no Brasil, o Stábile na Argentina, era o top dos técnicos, vamos dizer assim, voltado para o Futebol e outros professores que eu tive na Faculdade na área teórica de Anatomia, O Inezil Penna Marinho foi meu professor de História da Educação Física e antes era Metodologia do Ensino da Educação Física que ele também ministrava. Então, eu tive realmente grandes profissionais. Agora como referência a nível de cultura e de pessoas exponenciais na área de Educação Física no Brasil, o Inezil para mim foi o primeiro que escreveu sobre a História da Educação Física no Brasil.

12 – Quais as suas principais dificuldades encontradas no início da profissão como professor de Educação Física?

R- Olha eu não posso dizer nem que existia dificuldade. Quando eu voltei me apresentei ao governo. No caso, a Educação era vinculada à Secretaria de Justiça e o Secretário de Justiça à época era o doutor Eribaldo Vieira. Me apresentei a ele e ele de imediato me encaminhou ao diretor do Colégio Ateneu Sergipense que era o professor Vítor do Espírito Santo e eu me apresentei imediatamente como profissional O único problema que eu encontrei é que quando eu vi a minha nomeação o meu salário era menor do que o dos outros professores e aí eu voltei ao Doutor Eribaldo e disse olha doutor eu sou um profissional com curso superior entendeu? E o meu salário é menor do que os outros professores e eu gostaríamos de saber por quê. Ele me disse. Existe isso? e eu disse existe sim e ele de imediato ele aumentou e eu passei a ganhar como um profissional de Educação Física com um salário igual ao dos outros professores. Na época formado, aqui só tinha o professor Edilberto que era professor do Ateneu e da Escola Técnica. Agora tinha professoras com Curso de Educação Física infantil que atuavam prioritariamente na Escola Normal que era Elodir, a Rosália, a Conceição e mais tarde a Maria Augusta Moura que vieram com o Curso de Educação Física aqui para Aracaju. Eu vim com a Licenciatura Plena.

13 – Como se deu a criação do Curso de Educação Física no estado de Sergipe?

R- Bem, o curso superior de Educação Física foi realmente um trabalho muito bom, sem muita dificuldade porque o Reitor na época era uma pessoa excepcional. Era João Cardoso e depois Luís Bispo seguiu a linha do João Cardoso que foi o primeiro. E a criação do curso que foi o Conselho de Ensino e Pesquisa bem como no Conselho Universitário não

teve nenhuma contestação até porque já se sentia falta de um curso de formação de professores de Educação Física. Já se sentia falta disso. E aí foi trabalhado, eles faziam parte do Conselho de Ensino e Pesquisa e foi feita sem nenhum a criação do curso de Educação Física.

14 – De que forma aconteceu a formação do corpo docente do Curso de Educação Física?

R- Veja bem ,eu abri concurso, obviamente só podia ser por concurso. Já existiam dois professores aqui. Esses foram aproveitados com a criação da Universidade que foi o professor Cândido Augusto Sampaio Pereira e a professora Maria Edma de Barros. Estes foram aproveitados pela Universidade e eu, o Reitor João Cardoso foi a Brasília, eu dirigia divisão de Educação Física do ministério na época e ele perguntou se eu não gostaria de vir para aqui para organizar e tal e eu vim e depois ele não me deixou mais voltar e aí pediu ao ministro que na época era o Jarbas Passarinho me colocou totalmente transferido com direitos altos porque eu era Inspetor de Ensino do ministério e aqui eu fui encaixado como na época todos como professores regentes e depois nós todos passamos a professores titulares. Na época quem era regente, passou todos os professores, todos eles eram professores porque todos contratados como professores regentes que era na época como se fazia essa contratação.

15- De que forma o senhor avalia a sua participação na criação do Curso de Educação Física?

R- Bem, é lógico que eu tinha o apoio de todos os professores da área e como eu fazia parte do Conselho de Ensino e Pesquisa e o Reitor também tinha interesse que foi na época que saiu o Decreto Lei 69450 que criou o Magistério Público Federal e os profissionais de Educação Física foram encaixados e a partir daí nós começamos realmente a trabalhar na criação do Curso de educação Física. Não houve contestação, foi uma criação muito tranqüila do curso e obviamente a participação minha foi muito grande porque eu tinha uma influência muito grande, mas tive colegas meus do próprio conselho como a turma da Odontologia, o João Andrade Garcez que foi Governador do Estado, o Afonso pai do Afrânio que é professor de Natação e eu da Educação Física que fazíamos um grupo muito interessante e foi um trabalho até porque contávamos com o apoio do Reitor.

16 – Qual era perfil profissional que a Universidade pretendia formar no Curso de Educação Física?

R- Olha eu não posso dizer que era muito bom. Eu posso dizer o seguinte. Aqueles que estão formados aí são referências. Por exemplo, Gustavo Laporte foi da primeira turma. Hoje também é advogado. Josafá outro também exemplo. Quem mais? Foram só quatro. Gustavo, Josafá e não me lembro os outros dois. Então, aqueles que saíram nas primeiras turmas são hoje em Sergipe referências como profissionais de Educação Física porque a formação do profissional de Educação Física, ela a partir de uma certa época na própria Federal por influências e ideologias políticas do Maurício (ex Professor do Departamento de EDF) e uma menina que veio de Santa Catarina aí depois eles voltaram tiveram uma influência muito grande na divisão do Curso de Educação Física por questões ideológicas e aí a coisa ficou meio bagunçada. Depois que eles foram embora, tentou-se organizar, mas o Chefe do Departamento à época não tivera nenhuma condição de reestruturar e hoje o curso é um curso dividido. O pessoal que é da Licenciatura ou que é do Bacharelado, como se fossem coisas diferentes, como se não fossem Educação Física, mas infelizmente é isso. Eu acho que isso é uma idiotice daqueles estão lá dentro. Já disse isso a Pedro Jorge (atual Chefe do Departamento de EDF), que falta até pulso trazer esse pessoal e dizer aqui é assim ou vocês vão. Ah não quer bota a disposição da Diretoria de Pessoal no Departamento de Pessoal e não

interessa mais aqui, mas o curso hoje é dividido que isso de uma tremenda idiotice e ainda mais uma atitude contra a profissão. Eles são anti-profissionais de Educação Física e se quiserem vou lá para dizer isso a quem quiser e como quiser e quando quiser.

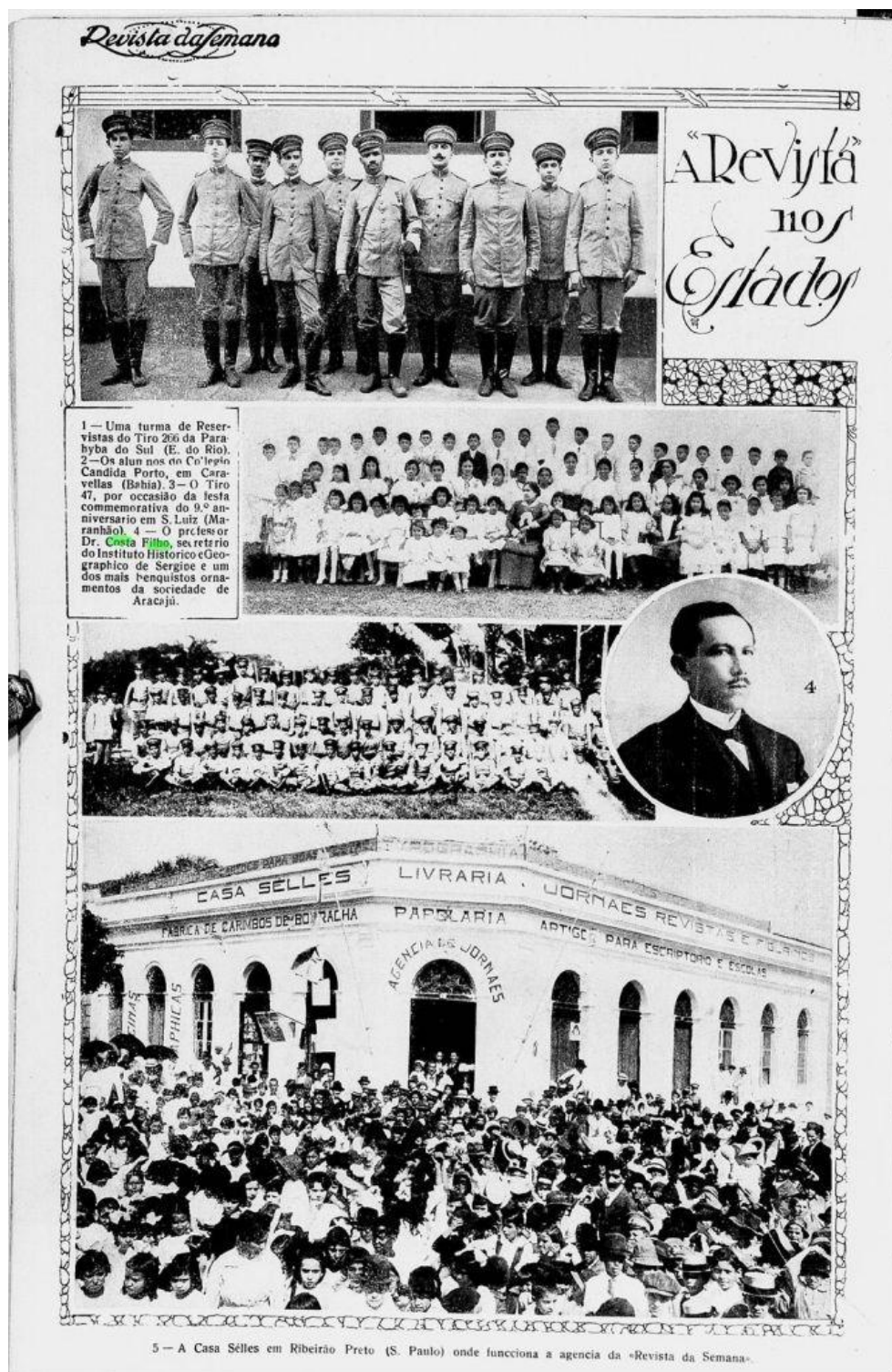
17 – Qual a sua avaliação do quadro de professores na época da criação do Curso de Educação Física?

R- Na época eram professores muito bons. Nós temos vários que são referência até hoje, o Sérgio Giansante, por exemplo, o Shizuka que já faleceu no Judô era um homem que tinha um nome nacional, a Conceição na Dança, a Edma na Natação feminina, o Melo no Voleibol e no Handebol, o Plínio na Natação e nos Saltos Ornamentais. Eram professores que foram referências e que são referências ainda da época. Isso no meu entender. Eu nunca fui convidado para um debate na UFS e aceitaria de muito bom grado com qualquer um dos profissionais da área lá para discutir a profissão.

18 – Qual a sua opinião a respeito do Curso de Educação Física da UFS nos dias de hoje?

R- O curso hoje está completamente dividido. Existe uma divisão como eu já disse há pouco. Uma divisão idiota de anti-profissão. Eu acho o seguinte, em vez de se dividir, eles tinham que se unirem. Um é de Bacharelado e outro é da Licenciatura. Por quê? Todos são o que? A Licenciatura e hoje a graduação, o nome não é mais Bacharelado. Elas são o que? Não são Educação Física hein. Por que essa divisão? O que é que um tem melhor do que o outro? Não tem nada, os dois são iguais. O profissional de um ou do outro são totalmente iguais. Esse de que eu sou mestre, PHD, para mim não tem nenhuma validade. Validade para mim é conhecimento. Têm muitos PHD's e mestres que eu digo que o conhecimento deles da área é muito pouco, até porque muitos deles fizeram o mestrado em Educação, não foi em Educação Física como existe. Não só o mestrado como o doutorado em Educação Física. Então o conhecimento não é aquilo que se deseja da profissão e isso é a minha visão. Eu falo sempre. Eu tenho uma coluna no jornal e já disse isso e continuo dizendo. Se quiserem bater papo comigo. Prontamente quando quiserem, mas eu acho.... Hoje o Curso de Educação Física é um curso separado que só depõem contra a própria profissão.

Anexo B – Luiz José da Costa Filho na Revista da Semana em 1918



Fonte: REVISTA DA SEMANA, edição 00038, p. 26, em 26 de outubro de 1918.

Anexo C – Equipe de basquetebol do Vasco Esporte Clube, campeã em 1952.



Fonte: SESI-SE, 2011, p. 326.

Anexo D – Embarque do almirante Paulo Martins Meira em 1955

Seguiu, ontem, a bordo de um avião "Convair-340" da CRUZEIRO DO SUL, com destino a Aracaju, o Almirante Paulo Martins Meira, presidente da Confederação Brasileira de Basquetebol e Patrono do Basquetebol Brasileiro.

A Federação Sergipana de Basquetebol, apoiada e animada pelo atual Governador do Estado, Dr. Leandro Maciel, prestará uma homenagem de gratidão e reconhecimento ao Almirante Paulo Martins Meira pelas suas realizações em prol do desporto da cesta no Brasil.

A gravura fixa o Almirante Paulo Martins Meira e Senhora, momentos antes do embarque.

Fonte: EMBARCARÁ, 1955, p. 17.

Anexo E – Basquetebol nas comemorações do centenário de Aracaju em 1955

Diário de Notícias
esportivo

DOMINGO, 13 DE MARÇO DE 1955

BASQUETEBOL NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE ARACAJU
Homenagem ao Presidente da C. B. B. com
Vários Jogos Interestaduais

No ano em curso, que se comemora o Centenário da Cidade de Aracajú, não poderia o basquetebol ficar ausente das festividades. Animados pela oportunidade que se apresenta, resolveram os dirigentes da Federação Sergipana de Basquetebol prestar uma homenagem de gratidão ao almirante Paulo Martins Meira, presidente da Confederação Brasileira de Basquetebol e patrono do basquetebol brasileiro. Assim sendo, a Federação Sergipana de Basquetebol programou diversos jogos que se realizarão durante a estada do almirante Paulo Meira, em Aracajú, contando para isso com a colaboração dos clubes Itapagipe, da Bahia; Flamengo, de Maceló, e Barroso, de Recife.

O almirante Paulo Meira, acompanhado do representante sergipano junto à Confederação Brasileira de Basquetebol, **Félix d'Avila**, seguirá dia 15 do corrente para Aracajú, onde será hóspede oficial do governo do Estado.

Após as homenagens que lhe serão prestadas em Aracajú, o almirante Paulo Meira empreenderá uma visita de cordialidade a diversas filiadas, tais como as de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia.

Fonte: BASQUETEBOL, 1955, p. 61.

Anexo F – Protestam alunos da Escola Nacional de Educação Física em 1957

13
**QUEREM OBTER EM UM MÊS O QUE OS OUTROS
 CONSEGUEM EM TRÊS ANOS . . .**

Protestam os alunos da Escola Nacional de Educação Física — Contra deliberação do diretor da Divisão de Educação Física e do C.N.D. — O absurdo da Portaria 258

Alunos da Escola Nacional de Educação Física estão empenhados num movimento de protesto contra deliberações do diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e do Conselho Nacional de Desportos que facultam direitos aos leigos em prejuízo dos que fazem o curso daquela unidade da Universidade do Brasil. Esse protesto abrange a criação do Curso de Treinadores Esportivos sugerido pelo C.N.D., havendo, mesmo, em curso na Câmara dos Deputados, um projeto nesse sentido. Mas não é só. Também a portaria 258, de 22 de outubro de 1955, incide no justo movimento de indignação e revolta dos alunos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos porque cria cursos avulsos pelo interior do país com o objetivo de formar professores de Educação Física no curto espaço de trinta dias quando, na Escola da Praia Vermelha, são exigidos três anos para a concessão desse diploma universitário. Os alunos não podem, de modo algum, admitir — foi o que nos disseram

na visita ontem feita ao "Correio da Manhã" — que os oficiais e sargentos da Força Pública do Estado de São Paulo, diplomados a partir de 1943, tenham as mesmas regalias que os que se diplomam pela Universidade do Brasil. Disseram-nos os acadêmicos que não, apenas, os professores daquele instituto universitário mas, também, o próprio Reitor — prof. Pedro Calmon — estão solidários com esse protesto. E ainda: também a Escola de Educação Física de Minas acaba de solidarizar-se com o movi-

mento de protesto através do apoio hipotecado à Escola Nacional de Educação Física pelos acadêmicos Owalder Rollim, Tiago de Melo e Fábio Dinis Xavier, o primeiro presidente e os restantes membros do Diretório Acadêmico da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Da comissão que nos visitou fizeram parte ainda os acadêmicos Marco Antônio de Moraes e Felix d'Avila, respectivamente vice-presidente do D.A. da E.N.E.F.D. e coordenador do movimento de protesto.

Anexo G – Certificado de Exame de Admissão de Félix d'Ávila

Modelo n. 1



Ministerio da Educação e Saúde

Ateneu Sergipense

EQUIPARADO AO COLEGIO PEDRO II

Certificado de exame de admissão N. 51

Certificamos que Félix d'Ávila Costa
 filho de Luiz Eduardo Costa
 natural de Sergipe, nascido em 12 de Januário
 de 1928, foi considerado aprovado em exame de
 admissão em 24 de Dezembro de 1940, com o
 seguinte resultado:

Português: escrita	<u>85</u>	; oral	<u>80</u>	; final	<u>82</u>
Aritmetica: escrita	<u>83</u>	; oral	<u>80</u>	; final	<u>81</u>
Geografia	<u>90</u>				
Historia do Brasil	<u>90</u>				
Ciencias Naturaes	<u>90</u>				
Média geral	(<u>85</u>)				

Aracaju, 25 de Dezembro de 1940

O Inspetor, Dr. Octaviano

O Diretor, João Maria O. O. O.

Visto _____

Delegado Federal de Educação

Firma a reconhecer no tabelião _____

Fonte: CEMAS.

Anexo H – Miss Sergipe vai ao Rio de Janeiro

Miss Sergipe quer é ser engenheira

A redação do DC ganhou, ontem, a visita de «Miss» Sergipe, morena de 19 anos que se chama Maria Nilsa Ribeiro e que interrompeu, em Aracaju, o 5.º ano do curso científico para lançar-se na corrida ao título de «Miss» Brasil.

Trata-se, porém, de uma interrupção temporária, pois Maria Nilsa pretende ir até o fim em seus estudos. Quer ser engenheira e, para tanto, nada a atrapalhará, «nem mesmo o amor e o casamento».

«MISS» PELA 2.ª VEZ

A candidata sergipana contou que, antes de tornar-se «Miss» Sergipe já empunhava um cetro de beleza pois fora eleita, no ano passado, a Rainha dos Estudantes de Aracaju.

Entusiasmada com a primeira experiência, Maria Nilsa aceitou o convite dos diretores do Vasco Esporte Clube para concorrer, com suas cores, ao título de «Miss» Sergipe, que recebeu no dia 31 de maio.

VASCAINA

Lá e aqui, «Miss» Sergipe é vascaina. Mas o traje que usava ontem — vestido quase — «saco» vermelho e sapatos, luvas e bolsa pretos — contradizia, na combinação das cores, as suas preferências clubísticas.

NA MEDIDA

Segundo as dimensões por ela declaradas Maria Nilsa es-

tá na medida padrão da beleza: 83 centímetros de busto, 83 de quadris, 57 de cintura, 51 de coxa, 21 de tornozelo, um metro e 63 centímetros de altura e 52 quilos de peso.

VIDA INTELECTUAL

Nem só de ciências vive (intelectualmente) Maria Nilsa. Nas horas de repouso, dedica-se à literatura e, especialmente, aos romances de José de Alencar, seu escritor preferido. Cuida, também, de aprender inglês, língua em que consegue ensaiar algumas frases.

TODAS SÃO BOAS

Depois de falar de si mesma Maria Nilsa lembrou-se um pouco das concorrentes. Disse que acha todas belas e inteligentes, representando muito bem os seus Estados. Contudo, ainda confia vencer.

ACOMPANHANTES

Maria Nilsa, que estava acompanhada de seu pai, sr. Nilo de Brito e dos diretores do Vasco de Aracaju, sr. Félix D'Ávila, José Saturnini Santana, José da Costa D'Ávila e José da Costa Garcez, despediu-se do DC e, com sua comitiva, seguiu para o primeiro ensaio geral das «misses».

NADA ATRAPALHARÁ



«Miss Sergipe»: nada impedirá que se forme

Fonte: MISS, 1958, p. 12.

Anexo I – Delegação Sergipana Universitária nos jogos Olímpicos

Regressaram os Universitários**SERGIPE BRILHOU EM PLAGAS FLUMINENSE —
APOIO DE GARCIA**

Esteve em visita a nossa delegação o universitário Eduardo Cabral, componente da Delegação Sergipana Universitária nos últimos jogos Olímpicos realizados na capital fluminense.

Em declarações ao "CA" o jovem académico afirmou que: A Delegação de Sergipe, desta vez, elevou bem alto o renome esportivo do nosso Estado isto porque conquanto não tenhamos alcançado as primeiras colocações, pudemos classificar-nos nos em honrosos lugares em todas as modalidades de esporte em que competimos.

Se levarmos em considerações as colocações que alcançamos em olimpíadas anteriores mais se releva o valor da atual performance, acrescida ainda do alto padrão de disciplina e organização que foi sempre uma constante da nossa embaixada.

APLAUSOS AO GOVERNADOR

Interrogando sobre as atividades da FUSE na terra fluminense o jovem entrevistado declarou: A direção da nossa entidade universitária tudo fez para proporcionar o máximo conforto aos atletas sergipanos em Niterói. Da parte do Presidente Raimundo Luiz tivemos sempre o apoio e incentivo que se fazem mister em jornadas dessa natureza. Por outro lado

os departamentos médicos e técnico, a cargo do Dr. Renato Lucas e do prof. Felix D'Avila respectivamente esdesdobraram no sentido de prestar a melhor assistência aos componentes da delegação. Como salário de tudo isto, tivemos o mais honroso e decidido apoio do Gov. Luiz Garcia, que demonstrou sempre nas mais diversas oportunidades estar ao lado dos estudantes sergipanos, chegando inclusive a se dirigir pessoalmente ao Estádio Caio Martins local onde estivemos alojados afim de participar de um almoço com a nossa delegação.

Só este gesto do eminente homem público, em que foi mais

uma vez patenteada o apreço com que cerca os universitários sergipanos, valeu para que de mais a mais, envidássemos os nossos melhores esforços no decorrer das competições.

ORGANIZAÇÃO E SOLICITUDE

Concluindo o académico de Direito Eduardo Cabral ressaltou a organização dos dirigentes da CBDU e a solicitude do governador Roberto Silveira que possuidor de um espírito académico prestigiou do primeiro momento até o encerramento da Olimpíada todos os universitários, sem a mínima distinção.

Anexo J – A primeira foto de Algodão Zeny de Azevedo – no jornal “A noite”



Fonte: ARNALDO, 1956, p.16